Bliss
Um Bocado de Magia
SALAMANDRA
KATHRYN LITTLEWOOD

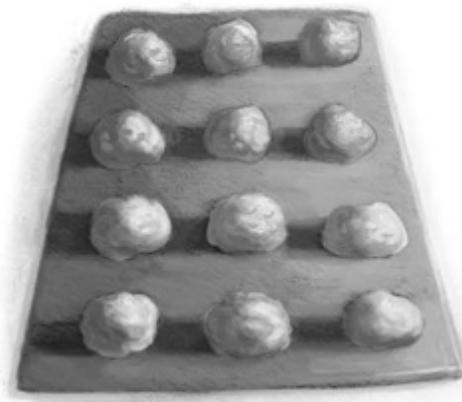
Bliss
Um Bocado de Magia
SALAMANDRA
KATHRYN LITTLEWOOD

Bliss

Um Bocado de Magia

KATHRYN LITTLEWOOD

Tradução de Marina Petroff Garcia

SALAMANDRA

Prólogo
O que for, serázzz

Os sonhos de Rosemary Bliss tinham se tornado realidade.

Era a confeiteira mais famosa do mundo. Era a mais jovem *chef* a vencer o famoso prêmio da França, a Gala des Gâteaux Grands. Era a garota de doze anos que venceu a célebre *chef* da TV, Lily Le Fay, e impediu os planos nefastos da tia. Era a garota da vizinhança que salvou sua cidade natal e resgatou o Tomo de Culinária Mágica da família Bliss. Então, por que não estava feliz?

Na décima terceira manhã depois de seu retorno de Paris, ela saiu da cama e abriu as cortinas do quarto.

Tlec. Flash. Clique. Clique.

Eis o porquê.

— Olha lá, é a Rose! — *Clique. Flash. Tlec.*

— Rose, como você se sente em relação à vitória? — *Tlec. Flash. Flash. Tlec.*

— Rose! Como é ser a melhor confeiteira do mundo? — *Tlec. Flash. Clique.*

— E somente aos doze anos? — *Clique. Flash. Snap.*

Droga, pensou Rose. *Eles ainda estão aqui*. Lá se foram os sons suaves da manhã, os sinos do vento, a corda do balanço de pneu rangendo contra o galho do velho carvalho em frente à janela. Em vez disso, os novos sons vinham produzidos pelo grupo de *paparazzi* que estabeleceram residência permanente do lado de fora da Confeitaria Siga Seu Deleite. Todas as manhãs esperavam que Rose abrisse as cortinas e então tiravam centenas de fotos, enquanto relembravam citações sobre sua prodigiosa vitória.

Rose sempre alimentara uma curiosidade secreta sobre como uma pessoa se sente quando é famosa, e agora ela sabia. Era como ser um peixinho dourado: centenas de olhos grandes arregalados te olhando, sem

ter para onde correr e nenhum lugar para se esconder, exceto talvez um pequeno castelo de plástico.

Rose puxou e fechou rápido as cortinas, pensando se já não estava farta de confeitar. Se fosse para ser *assim,* não valia a pena.

— Gostaria de não ter que preparar nada nunca mais — comentou Rose para ninguém em particular.

Uma cabeça cinza peluda, com orelhas achatadas, surgiu de um monte de roupas sujas ao pé da cama.

— Cuidado com o que deseja — alertou Gus. — Desejos feitos antes do aniversário têm uma forma estranha de se realizarem. — O gato Scottish Fold levantou uma pata e começou a lamber cuidadosamente entre cada garra retraída.

— Bobagem — respondeu Rose. — Meu aniversário é só no final do verão. De qualquer modo, não quis dizer isso realmente. — Ele ronronou quando ela lhe coçou a cabeça. — Só gostaria de ficar sem confeitar por um tempo, sabe? — Tornara-se confeiteira por amar sua família e sua cidade; confeitar estava no sangue — mas graças à vitória na Gala des Gâteaux Grands, tudo virara do avesso.

Sabia que só haviam se passado míseras duas semanas, porém os últimos 14 dias tinham sido os mais longos de sua vida. Sem paz ou tranquilidade. E sem tempo para desfrutar o verão. Confeitar deixou de ser divertido; *supunha-se* que ela o fizesse, como *lição de casa*. E isso havia perdido totalmente a graça. Temia que, a menos que algo mudasse *nesse* verão, jamais trabalharia como confeiteira de novo.

No andar debaixo, na cozinha da Confeitaria da Família Bliss, a situação não era melhor. *Flashes* de câmeras brilhavam através das cortinas fechadas, como relâmpagos que pipocavam sem parar, e os gritos dos repórteres soavam como se houvesse mil pessoas lá fora, em vez de apenas algumas centenas. Por que não a deixavam em paz?

O correio era quase pior.

Os irmãos de Rose, Sage e Ty, já estavam sentados na cozinha da confeitaria, abrindo as cartas do dia anterior, jogando as que eram sem importância em um saco de lixo preto gigante e colocando aquelas que precisavam de respostas em uma pilha. Rose sabia o que as cartas representavam para ela ("Seus fãs *nos* amam, quero dizer, *te* amam" — gostava de dizer Ty), mas ela estava cansada de ter que lê-las. Não queria ver mais outra carta, nem agora, nem nunca. Só queria voltar para sua vida normal.

— Lixo — anunciou Sage, jogando uma pilha de papel embolado dentro do lixo. O irmão mais novo de Rose, de bochechas gordinhas, acabara de completar dez anos, mas não parecia ter nem um dia a mais do que oito. Tinha cabelos encaracolados, ruivo claro, e a única coisa que tinha crescido nele no ano passado foi o número de sardas no nariz.

— O que havia nela? — perguntou Ty. O irmão mais velho e bonito de Rose *tinha* crescido, mas não o suficiente, confidenciando ultimamente a Rose estar preocupado porque seus sonhos de estrelar na NBA[1]

estavam fora de alcance.

— O presidente da Espanha quer um bolo — explicou Sage, folheando as cartas. — O Warren Buffett quer uma torta enorme em forma de gráfico pizza, com um sabor diferente para cada seção.

— O que é um gráfico pizza? — estranhou Ty.

— Quem é Warren Buffett[2]? — perguntou Rose.

— Um Zé Ninguém que gosta de torta, eu acho — esclareceu Sage, lendo outra carta. — A Assembleia Geral das Nações Unidas quer que façamos um *cupcake* para cada embaixador na sua próxima reunião — com a bandeira específica de cada país na cobertura e, escutem isso — "com o sabor da pátria de cada embaixador a cada mordida".

— Droga! — respondeu Ty. — Quando alguém *importante* vai nos escrever?

Sage abriu a carta seguinte, um envelope pesado rosa que exalava um suave perfume doce. Ele caiu no chão e apertou seu peito com força, como um homem morrendo de ataque cardíaco.

— Ai, ai! — gemeu ele, entregando a carta para Ty e Rose. Rose correu os olhos pelo delicado papel:

Querida e maravilhosa Rose e demais membros

da Confeitaria Siga Seu Deleite.

Por favor, me enviem um bolo. Por favor.

Não importa o tipo. Eu tenho que ter um de

seus bolos. Vou morrer se não tiver um. Pago

qualquer preço por ele. Vocês podem até tocar na

banda da minha próxima turnê. Mandem logo

o bolo.

Katy Perry.

— Não! — Ty suspirou. — Ela deve ter assistido à competição, me visto e se apaixonado. O *bolo* é só uma desculpa de chegar até *mim*.

Rose também suspirou. Sabia que devia estar animada, mas todas essas cartas de pessoas famosas a cansavam. Preparar bolos não significava receber recados de celebridades. Era misturar, mexer e sovar a massa, era farinha e manteiga, açúcar e sentimentos, amor e...

— Estamos ricos! — gritou Ty, segurando uma carta com a caricatura em relevo de Kathy Keegan, o nome de um grande conglomerado de produtos de confeitaria.

— Rose — começou Ty —, estão oferecendo setecentos e setenta e sete mil dólares só para fazer um comercial de trinta segundos aprovando seus produtos.

— Por que todos esses setes? — estranhou Sage.

— Tudo que você tem que fazer é comer uma Cuca-Merenda Keegan e dizer "Sou Rosemary Bliss, a mais jovem vencedora na história da Gala des Grands Gâteau" e "hum, Kathy Keegan é a minha inspiração!" — Ty repassou a carta e olhou o teto com ar de sonhador. — Se eu fosse casado com Katy Perry e você assinasse esse contrato de patrocínio... nenhum de nós teria que trabalhar de novo!

— Kathy Keegan nem é real — soltou Rose. — A Corporação Keegan foi fundada por um grupo de empresários. Como posso dizer que *alguém* é a minha inspiração se esse alguém nem sequer é uma pessoa real? Além disso, nunca comeria um Bolo Keegan. Sabe o que mamãe diz sobre bolos embrulhados em plástico. — E se afastou dali, enfiando a carta no bolso.

Estava farta daquelas cartas.

Foi quando notou que qualquer superfície disponível na cozinha estava coberta de assadeiras para *cookies*.

Sua mãe, Purdy Bliss, irrompeu pelas portas do salão da frente da confeitaria com os braços carregados de sacolas de compras. Era uma mulher robusta de rosto doce, cabelo preto encaracolado e franja caída revolta sobre a testa.

— Meninos, os *cookies*! — gritou. — Disse para preencherem todos os espaços das assadeiras e não pararem até que estivessem todos cheios!

Os meninos resmungaram enquanto cada um pegava um saco de confeitar. Purdy ajeitou os cabelos ruivos dos filhos enquanto eles, sentados, pingavam massa de chocolate sobre os espaços vazios nas assadeiras arrumadas em fileiras.

— O que está acontecendo? — indagou Rose.

— Aqueles repórteres — esclareceu Purdy, beijando Rose na testa. — Jamais voltaremos à rotina enquanto não sumirem daqui!

— Vou ajudar — decidiu Rose, sentindo-se motivada pela primeira vez em dias. Talvez ela realmente pudesse ser útil.

— Rose, querida — começou Purdy, tirando as compras —, talvez devesse subir. É você quem realmente os provoca.

— Então devo ficar em minha torre, como a Rapunzel? — queixou-se Rose, erguendo os braços. — Não mesmo! — Tomando um saco de confeitar, cheio de massa de chocolate, espremeu alguns *cookies*, enquanto seus irmãos terminavam o resto.

— Trezentos — contou Purdy. — É o suficiente. Crianças, venham aqui — pediu, puxando Rose e os irmãos para si, delicadamente, colocando os braços sobre seus ombros.

A porta da câmara frigorífica abriu, e o tatara-tatara-tatara-tataravô de Rose, Balthazar, emergiu carregando um pote azul pesado revestido com tela de arame. De dentro dele vinha um som que se parecia com dez mil escovas de dente elétricas zumbindo ao mesmo tempo.

— Pronta? — perguntou.

Purdy acenou e gritou: — Solte as abelhas!

Balthazar colocou o pote no centro do piso da cozinha, girando a tampa para abri-lo. Um enxame de abelhas explodiu para fora, enchendo a cozinha com uma horrível nuvem difusa de fumaça amarela e preta, que zumbia.

— Olhem só, o Enxame Pavoroso de Tubertine! — gritou Balthazar, puxando a barba.

— Estes são os *cookies* Não seja abelhudo — explicou Purdy falando mais alto que o som do zumbido. — Quem comer um *cookie* inoculado com uma picada do Enxame Pavoroso de Tubertine passará a cuidar da sua própria vida. Foram usados primeiro com os monges trapistas; na realidade, antes do dia fatídico, quando os monges da ordem se deliciavam com eles, ninguém podia fazer com que se calassem. *Nham nham nham!* Após devorar essas gotas, os monges tomaram os primeiros votos de silêncio na história monacal. — Purdy puxou um *kazoo*[3] do bolso do avental. — Vejam só!

Juntando os lábios em beicinho, soprou um tango rítmico. O enxame de abelhas imediatamente ficou perfeitamente parado no ar, então juntou-se, de modo que cada abelha pairou sobre um montinho de massa de chocolate. As abelhas olhavam para Purdy, com olhos arregalados e prontos. Rose podia sentir uma constante vibração do vento das asas que zumbiam.

Com o sopro seguinte de Purdy no *kazoo*, cada uma das trezentas abelhas mergulhou o ferrão em sua porção de massa. Pareceram suspirar, seu zumbido tornou-se mais silencioso, e então deixaram de olhar para

Purdy e de uma para a outra e voaram em fila única de volta para o pote.

Balthazar fechou rapidamente a tampa.

Ty e Sage saíram de baixo da mesa no canto do café da manhã, suspirando de alívio.

— Eca — disse Sage. Rose notou que as paredes e o chão estavam respingados com uma meleca amarela.

Sage passou o dedo num dos respingos. — Elas emporcalharam o lugar.

Balthazar coçou a careca, e seu dedo saiu pingando com uma coisa amarela e pegajosa. Colocou a ponta do dedo na língua. — É mel — resmungou.

Purdy e Rose empurraram assadeiras com os pedaços de massa de chocolate recém-picados para dentro do forno. Logo depois, transferiram os *cookies* quentes para uma bandeja e então Ty e Sage os saíram distribuindo para a massa fervilhante de repórteres e fotógrafos.

À medida que cada repórter mordia um *cookie*, seus olhos brilhavam como ouro, da cor do pescoço desgrenhado de uma abelha, e ele rapidamente corria para fora do gramado. Dez minutos depois, o rebanho desaparecera do quintal — câmeras, microfones de haste, *flashes* e tudo o mais.

Ty e Sage voltaram para a cozinha com suas bandejas vazias. O cabelo de Ty, que ele começara a modelar com gel em picos de sete centímetros desde a Gala, estava murcho como um maço de ervas daninhas quebradas, e Sage tinha um vergão rosa brilhante em sua testa.

— Alguém me bateu com um microfone — reclamou Sage. — Essas pessoas são uns animais. Estou dizendo, *animais*!

Ty levantou uma folha de papel laranja, dizendo:

— Quando eles se afastaram, encontrei isso na porta da frente; estão grudados pelo prédio todo. — As bordas do papel laranja tinham restos de fita colante.

Purdy pegou o papel dele e leu em voz alta:

— Por ordem da American Business Bureau[4] e por meio do Ato do Congresso HC 213, este estabelecimento comercial é declarado INTERDITADO PARA NEGÓCIOS a partir deste momento.

— Eles podem fazer isso? — perguntou Sage. — Não têm de falar conosco antes?

— Acabamos de atingir o auge! —disse Ty, exasperado. — Katy Perry quer bolo!

Purdy franziu a testa e continuou lendo.

— O Ato da Grande Discriminação de Confeitarias afirma que as confeitarias que empregam menos de mil pessoas devem suspender seus trabalhos e desistir de funcionar. As grandes confeitarias sofrem devido às vantagens desleais recebidas pelas confeitarias familiares nos Estados Unidos. Seu negócio com fins lucrativos deverá ser doravante fechado, com interrupção de venda de produtos de confeitaria. Quaisquer violações serão punidas com o máximo rigor da lei.

Rose engoliu em seco e sentiu algo macio se encostar em seu tornozelo. Ela olhou para baixo e viu o gato Gus, que a olhava.

— É nisso que dá ter desejos sem cuidado — criticou ele, se enroscando ao redor das pernas dela. — Eu avisei!

Capítulo 1
Neste mato tem gato!

Decorridos vinte e sete dias exatos, Rose acordou para encontrar seu quarto quentinho e acolhedor com um agasalho que acabou de sair da secadora.

Sofrera vinte e sete dias, acordando nas manhãs frias que preenchiam toda a casa, os fornos desligados, as vitrines da frente cerradas, a confeitaria fechada para negócios. Vinte e sete dias vivendo com a culpa de que ela, Rosemary Bliss, trouxera uma nuvem escura para a cidade, só por ter feito um pequeno e simples desejo.

Ela se espreguiçou na cama e escutou os ossos estalarem, sentindo-se grata por ser um sábado quente de junho. Não havia necessidade de se arrastar pelos corredores tristes da Escola Fundamental de Calamity Falls. Como todo mundo na cidade, seus colegas tomaram maus rumos, desde que a Confeitaria Siga Seu Deleite fechou. Os professores perderam a energia, as equipes de esportes passaram a perder os jogos — mesmo as líderes de torcida perderam o entusiasmo.

— Rá... — resmungavam nos jogos, desanimadas, balançando os pompons.

Pior de tudo, Devin Stetson também havia sido afetado; sua longa franja passou a cair lisa e oleosa sobre a testa. Rose se perguntava o que ela teria visto nele.

E Rose estava mais esgotada que todos: sozinha entre todas as pessoas em Calamity Falls, sabia ser a razão pela qual a confeitaria tinha fechado.

— Só mais uma semana — murmurou para si mesma ainda deitada.

— Psiu! — exclamou uma vozinha ao seu lado. — Dormindo!

Rose levantou rápido os cobertores, expondo uma trouxa de pijamas que roncava: sua irmã mais nova, Leigh, em posição fetal no espaço onde a cama encontrava a parede. — Leigh — criticou Rose —, precisa

parar de vir para a minha cama!

— Mas tenho medo — reclamou Leigh, pestanejando os cílios escuros, fazendo com que Rose se sentisse culpada novamente. Era provável que os medos súbitos noturnos da irmã de quatro anos também fossem culpa dela.

— Outra semana para quê? — ronronou outro alguém. Bem enrolado contra as costas da cama estava Gus. Tinha aberto um olho verde e olhava para ela. Fora falante desde que Rose o conhecera; de fato, desde quando comera uns Biscoitos Tramela Tagarela que seu tatara-tatara-tataravô preparara. Mas ficava chocada toda vez que o gato abria sua pequena boca bigoduda e falava.

— O gato comeu sua língua? — perguntou ele.

— Para a escola permanecer fechada nas férias de verão — disse Rose. — Não aguento mais. Todos estão tão tristes! — Inspirou uma grande lufada de ar e se sentiu confortada pelo suave aroma de canela e noz-moscada. — Tem alguém assando alguma coisa! — exclamou.

Gus estendeu as patas dianteiras e inclinou-se para a frente, com o rabo subindo em linha reta, como um ponto de exclamação. — Isso *é* uma confeitaria, sabe.

— Mas, mas, mas... — fomos fechados! Por ordem do governo!

Leigh piscou e coçou as orelhas cinza dobradas de Gus. Desde que fora libertada do feitiço horrível de Lily que a levava a elogiar sua tia sem cessar, Leigh assumira uma serenidade de Buda — raramente abria a boca a não ser para falar a verdade.

— Fechados — repetiu a garotinha calmamente, tocando a ruga na testa de Rose —, é só uma oportunidade para sermos abertos de forma diferente.

Rose fez um carinho no seu rosto.

— Bem, abertos ou fechados, se estamos confeitando, significa que estamos infringindo a lei — avaliou. — É melhor descermos.

Vestindo uma camiseta vermelha e uma bermuda bege, Rose entrou na cozinha com Leigh e Gus, no momento exato em que Chip entrou na confeitaria — Chip era um ex-fuzileiro naval que geralmente ajudava os clientes na loja. Rose não sabia o que fariam sem ele.

— Não entendo por que estou aqui — disse ele. — O anúncio na frente diz FECHADO. As cortinas ainda estão fechadas. As luzes ainda estão apagadas.

— Bom, Chip — começou Purdy, mãe de Rose. — Agora, pegue uma cadeira para que eu explique a todos o que está acontecendo.

Ele sentou em um banquinho na cabeceira da mesa no canto do café da manhã, onde os pais e os irmãos de Rose, junto com Balthazar, se amontoavam ao redor com a enorme pilha de cartas de fãs. Albert, pai de

Rose, segurava a carta oficial que viera do governo dos Estados Unidos, lendo-a repetidas vezes, como se esperasse encontrar uma nota de rodapé minúscula que negasse a coisa toda.

— Essa lei não faz sentido, não faz sentido algum! — murmurou, soltando a respiração. Leigh rastejou debaixo da mesa do café da manhã e ressurgiu no colo da mãe. Rose deslizou para o lado de seus irmãos.

— Concordo, não faz sentido — anunciou a mãe de Rose. — Eis por que, a partir de hoje, a Confeitaria Siga seu Deleite volta a funcionar.

— Mas, Purdy! — protestou Albert. — Isso seria violar a lei!

— Querida, o governo diz que *não podemos* funcionar — observou Balthazar, passando o lenço na careca. — Esse documento é perfeitamente claro: a menos que empreguemos mais de mil pessoas, estamos fechados. Aquele advogado chique, Bob Solomon, não foi capaz de encontrar uma única brecha. E nossa congressista, a grande Neil Katey, bem, ela ainda não fez nenhum progresso com os outros políticos lá em Washington. Eles têm bom coração, os dois, mas aqui enfrentamos algo traiçoeiro.

Gus arqueou as costas e emitiu um som de chiado. Começou a arranhar o tampo de madeira da mesa do café como se fosse uma gaiola cheia de ratos.

— Gus — pediu Purdy gentilmente. — Nada de arranhar, por favor.

Gus desceu para o chão, torcendo-se miseravelmente até deitar de costas.

— Desculpe. Essa é a forma que os Scottish Folds enfrentam os traiçoeiros.

— A lei diz que não podemos funcionar *com fins lucrativos* — explicou Purdy com um estranho brilho nos olhos. — Não diz nada sobre operarmos como uma organização de caridade. Temos que parar de *vender* produtos de confeitaria, mas não temos que parar de prepará-los!

O queixo de Ty caiu. — Não está sugerindo que nós...

— ...entreguemos nossos produtos de graça! — finalizou Sage.

Ty pôs a cabeça entre as mãos cuidadosamente, para não estragar o penteado.

— Não acredito no que ouço. Assim *jamais* ficaremos ricos!

— É exatamente o que estou sugerindo, dar nossos doces — continuou Purdy. — Nosso trabalho não se resume meramente a lucros. Calamity Falls precisa de nós.

Sage gemeu de modo teatral.

Ao seu lado, Albert sorriu e dobrou a carta.

— Não seremos capazes de doar nossos produtos Bliss para sempre, não podemos fazer isso. Podemos, porém, fazer isso até encontrar um modo de contornar esta lei ultrapassada.

— Só sei que isso é culpa da Lily. — Balthazar levantou-se da mesa de café e começou a andar ao redor da sala, coçando a barba. — Que nenhum de vocês esqueça jamais: Lily nunca devolveu os Apócrifos de

Albatroz. Aposto um pedação do Bolo de Banana Bandone a Si Mesmo que Lily está usando as receitas sinistras daquele livreto para causar estragos no governo. Eu devia tê-lo destruído em 1972, quando tive a oportunidade.

O tatara-tatara-tataravô de Rose gostava de alertar a família sobre os perigos dos Apócrifos do Albatroz, um livreto de receitas particularmente intrometidas e desagradáveis, escritas há muito tempo por uma ovelha negra da família Bliss. Geralmente, os Apócrifos ficavam guardados em um envelope na parte de trás do Tomo de Culinária Bliss, mas, quando Lily devolveu o Tomo depois de perder a Gala des Gâteaux Grands em Paris, os Apócrifos haviam desaparecido.

— Não temos certeza disso, Balthazar — protestou Albert, embora Rose observasse que ele mais parecia tentar convencer a si mesmo que a Balthazar. O tata-tatara-tatara-tataravô de Rose só limpou a garganta.

— Nada disso importa! — Ty gritou. — A solução para os nossos problemas é tão óbvia! Tudo o que Rose precisa é de um comercial das Cucas-Merenda de Kathy Keegan e poderemos todos nos aposentar no Taiti. Nenhum de nós terá que chegar perto de um forno de novo. *Eles* estarão confeitando para *nós*! — Ele e Sage fizeram um "toca aqui" com as mãos.

— Não é pelo dinheiro, Thyme — observou Purdy, dando um peteleco em sua cabeça. — É pelas pessoas desta cidade. Elas precisam de nós. E nós precisamos delas. Confeitar é a nossa grande missão.

— Além disso — emendou o pai — podemos nos sustentar, por enquanto. Sempre economizamos para os momentos de emergência. E isso? Isso definitivamente é uma emergência como Calamity Falls nunca viu.

Em algum lugar, bem no fundo de si, Rose sentiu uma pequena chama acender, um fogo de esperança e um desejo de fazer algo bom da única forma que sabia.

— O que faremos? — perguntou à mãe.

Purdy sorriu e Rose sentiu a melancolia dos últimos vinte e sete dias se extinguir como uma nuvem ao nascer do sol.

— Agora somos a Confeitaria Secreta Bliss — anunciou Purdy. — Passaremos noite e dia preparando e, a partir de amanhã de manhã, entregaremos pessoalmente bolos, tortas e *muffins* para todos na cidade. As pessoas de Calamity Falls nos apoiaram durante os nossos tempos difíceis, quando não tínhamos o Tomo. Agora nós os apoiaremos.

Albert rasgou até o meio a carta oficial do governo com um ar dramático.

— Acho que essa é a melhor ideia que já tivemos.

Purdy transferiu Leigh para o colo do pai. Em pé, começou a andar pela cozinha abarrotada da confeitaria.

— Chip fará uma grande compra na mercearia — avisou Purdy, olhando seu robusto assistente. — Albert, pode inventariar nossos ingredientes mágicos? — Determinada, acrescentou: — Não vamos parar.

— Vou ajudar — avisou Rose, feliz pela oportunidade de reverter seu desejo descuidado e, pela primeira vez em quase um mês, relaxar e confeitar, sem câmeras, sem jornalistas, apenas três gerações dos Bliss, fazendo o que sempre fizeram de melhor.

Fazendo magia na cozinha.

Eram três da manhã.

O calor na cozinha parecia tão denso, quase palpável. Rose quebrou o ovo vermelho de um periquito mascarado em uma tigela de massa de *Muffins* do Amor para o Sr. e Sra. Bastable-Thistle, que, sem a intervenção mágica da Confeitaria Bliss, tornaram-se tímidos e distantes um para o outro.

— Mãe, olhe — pediu Rose, misturando o ovo, vendo a massa engrossar e assobiar conforme pequenos corações de farinha explodiam no ar.

Purdy, porém, não conseguia ouvir Rose. Não depois de juntar o grito confiante do Tucano da Sorte da Malásia em uma tigela cheia de creme de ovos e usá-lo para rechear as Carolinas de Creme Coral para o Coral da Comunidade de Calamity Falls, cujas vozes eram fracas e finas sem elas.

— O que foi, querida? — indagou Purdy.

— Não importa — respondeu Rose, trabalhando a massa do *muffin* enquanto Balthazar liberava o olhar de um Terceiro Olho medieval sobre a massa de Fudge Pai-Filha, para o Sr. Borzini e sua filha, Lindsey — depois de comer o *fudge*, cada um conseguiria perceber qual era a intenção do outro.

— Nunca olhe um Terceiro Olho diretamente no, hã, olho — comentou Balthazar para Rose. — Ele pode cegá-la...

Nota mental, pensou Rose. *Não fique cega.*

A família tinha trabalhado por 16 horas, e a lista de Purdy de produtos a serem confeitados ainda estava pela metade.

A cozinha em si estava repleta de potes azuis cheios com diversos soluços e roncos, fadas e gnomos, lagartos antigos e cogumelos falantes, olhos esbugalhados e moscas assustadoras e vibrantes borbulhas brilhantes de todos os tipos.

Os aromas de canela, noz-moscada e baunilha pairavam no ar, e todos os sons vindos da cozinha faziam Rose desejar que os vizinhos não pensassem que os Bliss cuidavam de um zoológico.

Albert trouxera frascos e frascos de ingredientes mágicos do porão secreto sob a câmara frigorífica — cuidado para não bater a cabeça! — até as prateleiras de madeira escura ficarem quase vazias.

Ty e Sage já estavam na cama há tempos. Tinham descido para um lanchinho em certo momento, mas,

vendo o caos mágico — dentes que roíam, coelhos voadores e explosões de cor saindo de dezenas de tigelas metálicas —, correram de volta para cima.

Havia Biscoitos da Verdade para a terrível mentirosa Sra. Havegood, Crepes Sossega-Leão para a Sra. Carlson, babá escocesa, raivosa e estressada, e Pastéis Aventureiros de Maçã para a liga das retraídas Senhoras Bibliotecárias.

Havia Bolinhos de Manteiga o Olho-que-Vê para Florence, a florista, quase cega, Bolo Frugal de Framboesa para o dono do restaurante francês Pierre Guillaume, notório comprador inveterado, e até mesmo algo para Devin Stetson, o menino loiro em quem Rose pensara ao menos duas vezes por dia há cerca de um ano, cinco meses e onze dias. Ela lhe preparou Bisnaguinhas Grudentas de Bem Respirar, para ajudar com sua sinusite frequente, que, pelo que Rose soubesse, era a única coisa errada com ele.

Lá pelas quatro da manhã, Rose sentiu que o calor dos fornos lhe pressionava a cabeça. Disse a Purdy que precisava descansar um minuto, se aconchegou no banco da mesa do café da manhã e adormeceu de imediato.

Rose acordou com o brilho amanteigado do sol e um tapinha de Gus, o gato Scottish Fold.

— Entregas, Rose! — disse ele, dando uma palmadinha no ombro com sua pata grossa. — A lista está completa!

Rose saltou para encontrar a mãe, o pai e Balthazar roncando no chão. Todas as superfícies da cozinha estavam cobertas de caixas brancas de confeitaria amarradas com barbante retorcido de vermelho e branco.

Ty e Sage já haviam começado a carregar a parte traseira da perua da família Bliss com as caixas. Leigh ajudava ficando sentada ao lado das caixas e dando-lhes palmadinhas com suas mãos sujas de glacê.

— Bolo-bolinho, muito gostosinho — repetia ela seguidas vezes.

Sage a afivelou em sua cadeirinha no carro, sentando ao seu lado.

— Eu guio — avisou Ty, orgulhoso. Ele gostava de lembrar a todos que aos dezesseis anos tinha idade suficiente para dirigir[5]; enfiando a mão no bolso de trás dos jeans escuros, puxou para fora a habilitação. A foto na frente capturou toda a altura de seu cabelo vermelho espetado, embora cortasse todo o resto abaixo do lábio superior.

— Ufa — suspirou ele. — Só para verificar minha licença. Minha carteira de *motorista*.

Rose revirou os olhos.

— Vamos, *hermana* — chamou. — Eu guio.

— Na verdade, acho que vou fazer algumas entregas pessoais em minha bicicleta, se for possível — respondeu Rose.

Lançando um olhar de esguelha, Ty deu de ombros.

— O que a *hermana* quiser, *hermana* terá. — Desde as aulas de espanhol da escola, Ty começara a acrescentar palavras estrangeiras para o que dizia ser um esforço para soar como estrangeiro e sofisticado.

Sage chamou pela janela da perua.

— Você sabe que não existe ar-condicionado em uma bicicleta, certo?

— Sei — respondeu Rose. Enquanto seus irmãos esperavam, vasculhou a traseira da perua e pegou algumas das caixas. Arrumou-as no cesto da frente da bicicleta e cuidadosamente colocou uma caixa especial na mochila. Quando estava prestes a partir, Gus pulou dentro da cesta.

— Avante! — gritou ele.

— Pare em frente à Fonte Calamity Reginald, querida Rose, para que eu possa apanhar um pouco de café da manhã para mim.

A bolinha difusa e cinzenta da cabeça de Gus surgiu de dentro da cesta de Rose enquanto ela pedalava pelas ruas.

— Gus, não há nenhum peixe na fonte — advertiu Rose —, apenas moedas que as pessoas jogam lá dentro para dar sorte. É uma tradição.

— Bem, então recolherei as moedas e comprarei um delicioso peixe defumado para mim.

Sem parar na fonte, Rose estacionou a bicicleta na frente do bangalô coberto de hera, propriedade do Sr. e da Sra. Bastable-Thistle.

— Nada de conversas, Gus — avisou, abrindo sua mochila. Gus saltou para dentro, enrolou-se em torno de si mesmo até ficar confortável e, então, tirou a cabeça para fora. — Ah, eu sei — suspirou. — Que pena que só de ver um gato falante os humanos já tenham desmaios violentos.

Rose puxou de lado o tapete de hera e apertou a campainha em forma de sapo.

Após um instante, o Sr. Bastable, vestindo uma camiseta com desenho de sapo, com os dizeres BEIJE-ME, abriu a porta.

— Olá, Rose — cumprimentou. Ele parecia um pouco recurvado, embora seu cabelo grisalho estivesse tão selvagem como sempre. — O que a traz aqui? — Rose observou o capacho de boas-vindas, que dizia SAPOS E CERTOS SERES HUMANOS SÃO BEM-VINDOS.

— Como sabe, a confeitaria Bliss foi fechada — explicou ela —, mas queríamos agradecer por nos apoiarem enquanto estávamos fora, na Gala, então trouxemos um pouco do seu Amor favorito... quero dizer, *muffins* de abobrinha.

— Ora, ora — disse ele calmamente. Rose podia dizer pelo suave brilho nos olhos que ele ficou tocado, mas o Sr. Bastable sempre fora tímido, daí a necessidade do *Muffins* do Amor.

O Sr. Bastable notou as orelhas dobradas de Gus, espreitando da mochila da Rose.

— Ei, é um gato? O que há de errado com suas orelhas? — Rose sentiu o corpo tenso de Gus dentro da mochila.

— Ah, nada! Ele é de uma raça chamada Scottish Fold, que tem orelhas dobradas.

— Ah — falou ele pensativo, dando uma mordida distraída em um dos *Muffins* do Amor. — De certa forma parece uma orelha de sapo, toda dobrada sobre a cara.

Gus enterrou as garras nas costas de Rose.

— Aai! — ela gritou, dando um pulo.

— O que foi? — indagou Bastable.

— Nada — disfarçou Rose.

Ignorando-a, Bastable deu outra mordida, espalhando farelo ao redor, e engoliu ruidosamente. De repente, seus olhos mostraram um brilho verde, suas costas se endireitaram e ele limpou a garganta.

— Felidia! — gritou. — Preciso namorar minha amada Felidia mais uma vez, pois ela é uma mulher suprema e mulheres supremas devem ser cortejadas diariamente! Estou indo, Felidia!

Então o Sr. Bastable deu as costas a Rose, com a caixa de *muffins* enfiada debaixo do braço, e bateu a porta em sua cara.

— Acho que funcionou — observou Rose, embora não quisesse pensar o que estava prestes a acontecer dentro do bangalô Bastable-Thistle.

— Orelhas de *sapo* — resmungou Gus. — Que disparate mais ridículo!

Florence, a florista, pensou que Rose fosse um assaltante. Até que mordeu um pedaço do Bolinho de Manteiga do Olho-que-vê.

— Ah! Rose Bliss! — gritou e suspirou aliviada porque os Bliss não a haviam esquecido.

Rose pegou Pierre Guillaume em seu dia de folga.

— *Sacré bleu*![6] — exclamou ao morder um pedaço de Bolo Frugal Framboesa, que prontamente o dissuadiu de comprar um iate no eBay[7]. — Aquela sua mãe, a Purrrdy, está semprrrre cuidando de mim — agradeceu ele.

Caixa por caixa, Rose andou pela cidade, evitando por pouco pequenos desastres, até restar apenas uma, aquela em sua mochila, que ela realmente queria entregar, porque todas as outras tinham sido apenas uma desculpa.

Pedalou até a subida incrível da Colina Sparrow e estacionou a bicicleta na frente do Donuts e Automecânica Stetson.

Rose se perguntou se Devin tinha visto seu novo corte de cabelo. Tinha feito o que o cabeleireiro

chamava de "franja lateral", o que significava que a franja preta agora descia de um lado de sua testa para o outro, em vez da linha reta de costume que arrumava em frente ao espelho do banheiro. Rose não disse uma palavra para Devin na escola, mas pensara que talvez ele tivesse visto sua franja no jornal ou no noticiário da TV. Odiava admitir o quanto a franja de lado fazia com que se sentisse uma mulher sofisticada, mas não podia evitar. Era esse o sentimento.

Caminhando de modo sofisticado, Rose entrou como que sem rumo na loja, carregando a caixa de Bisnaguinhas Grudentas de Bem Respirar. Eram umas almofadinhas pegajosas de massa doce cobertas com um glacê de canela grudenta. Bem no centro de cada uma havia um montão de creme misturado com o Vento Ártico — as bisnaguinhas instantaneamente limpavam os pulmões e seios nasais de qualquer meleca indesejada. Purdy costumava fazê-las para Rose, quando ela ficava doente em casa e faltava na escola, sempre com o nariz entupido; eram muito mais divertidas de comer do que canja de galinha.

Rose avistou Devin atrás do balcão. Ele ostentava a sua própria franja de lado, só que a dele era espessa, loira e clara feito areia. Para ela, os fios pareciam de ouro. Suas narinas estavam bem vermelhas e os olhos enevoados e sem graça. Ele assoou o nariz em um lenço.

— Ele parece uma versão doentia daquele personagem, o Catatau, amigo do Zé Colmeia — sussurrou Gus de seu poleiro na mochila.

— Psiu! — cochichou ela, deslizando em direção ao balcão. Reunindo todas as suas forças e respirando fundo, Rose cumprimentou: — Oi, Devin.

Devin limpou rápido o nariz e então alisou a franja.

— Oi, Rose — respondeu tristemente.

— Você está bem? — perguntou Rose. — Doente de novo?

— Sim, você me... atchim! — respondeu ele, espirrando e fungando. Nervoso, tamborilou os dedos sobre o tampo de vidro do balcão. — Você é, assim, tipo uma celebridade. É estranho.

O coração de Rose afundou.

— Estranho ruim ou estranho bom?

Devin se atrapalhou para responder.

— Estranho bom. Ah, com certeza estranho bom. Eu.... hã... — se perdeu. Seus olhos dispararam entre o rosto de Rose e um canto vazio do teto.

Será que ele está nervoso?, pensou Rose. *Quem fica nervosa geralmente sou eu*. Em voz alta, ela disse: — Vim porque, mesmo estando a confeitaria fechada, queria lhe trazer os seus favoritos: Bisnaguinhas Grudentas! Para que você não fique desamparado sem elas.

Rose quase se chutou quando as palavras saíram de sua boca. Desamparado? Por que ela disse isso? Parecia

uma vovozinha de 90 anos de idade. Ele deve ter pensado que ela era uma idiota obcecada por palavras.

Devin abriu a caixa e enterrou os dentes em uma almofadinha gorducha.

— Mmmmmmmm! — exclamou. — Nossa, é uma bisnaguinha magnífica. — Os *emes* e os *enes* soaram claros. — Que estranho! Posso respirar novamente! — sorriu ele, e seus olhos perderam o jeito sonolento.

— Estranho bom ou estranho ruim? — provocou Rose.

— Estranho bom — confirmou Devin, sorridente.

***

— Ele nem é tão bonito — sussurrou Gus lá fora, enquanto Rose saltitava em direção à bicicleta, os pés tão leves que se sentia como se estivesse recebendo ajuda de fadas invisíveis.

— Ah, vá! — grunhiu Rose, já revendo o momento dentro dela, como um DVD preferido.

— O cesto de sua bicicleta é decididamente desconfortável para viagens — criticou Gus, olhando o cesto vazio. — E frio. O vento, sabe?

— Gostaria de ir na minha mochila? — perguntou Rose.

— Pensei que jamais perguntaria.

Ela se ajoelhou, abriu a tampa e Gus pulou dentro. Da escuridão, podia ouvi-lo se mexendo e dizendo:

— Muito mais quente! Agora está bem melhor!

Recolocando a mochila nas costas, quase pegou a bicicleta, mas ouviu uma voz a chamar da cerca de vigia, no alto da colina.

— Você é Rose Bliss?

Ao se virar, Rose viu uma silhueta corpulenta contra o céu da tarde. A única pessoa que ela já vira com ombros deste tamanho era Chip, mas este homem com certeza não parecia ser o Chip. Ela se aproximou.

— Você é Rose Bliss, não é? — repetiu a voz profunda e rouca.

O homem tinha um rosto agradável, ao menos para alguém da idade de seu pai — austero, com uma cabeça enorme, um queixo quadrado e estreito, olhos brilhantes. O cabelo era preto e grosso, o agasalho com felpas de veludo marrom-avermelhado. Os dedos e a frente do agasalho pareciam cobertos com uma camada leve de farinha.

— Não gosto disso — sussurrou Gus. — O que é aquilo nos dedos dele? Que tipo de homem adulto veste um agasalho de veludo marrom?

Os pais de Rose sempre lhe disseram para não falar com estranhos, mas, desde que ela vencera a Gala des Gâteaux Grands, todo mundo sabia quem ela era. Não havia sentido em ignorá-lo.

— Sim, eu sou Rose Bliss.

— Imaginei que fosse. — O homem gesticulou por sobre os pastos tranquilos de Calamity Falls. — Você sabe o que é uma farsa, Rose? A nova lei das confeitarias.

— Sim, não faz sentido algum — relaxou Rose.

— Aquelas pessoas lá — prosseguiu o homem com paixão — precisam de bolos e tortas, *cookies* e *donuts*. Apenas uma coisinha doce de vez em quando faz uma pessoa lembrar o quanto a *vida* é doce. — Ele descansou a mão no peito, como alguém que está prestes a cantar o Hino Nacional.

Rose assentiu com a cabeça. Pensou nas vidas para as quais trouxera luz nessa manhã. As pessoas que ela e a família haviam ajudado. Mas por quanto tempo seriam capazes de mantê-las? Naquela manhã, os Bliss supriram a cidade com magia suficiente por uns dias, mas não poderiam realmente continuar confeitando e entregando tudo para as pessoas sem serem pagos. Não estavam falidos, ainda não, mas não poderiam sustentar a cidade inteira.

— A vida sem uma fatia ocasional de bolo é... é uma vida vazia — prosseguiu ele, se aproximando mais. — Olhe lá — exclamou, gesticulando novamente para Calamity Falls. — Vazio. Isso é o que todas aquelas pessoas sentirão.

Gus esticou uma pata de dentro da mochila e deu um tapa na orelha de Rose.

— Não gosto disso! — sussurrou.

O estranho homem gigante inclinou-se para olhar bem em seus olhos.

— Você gostaria... quero dizer, você quer ajudar essas pessoas?

— Claro! — respondeu Rose. Lembrou-se do desejo que fizera. Não acreditava no que o gato lhe tinha dito (ou acreditava?). Um desejo não podia mudar o mundo (ou podia?). Mesmo assim, ela o aceitaria de volta, se pudesse. — É o que eu mais quero no mundo.

— Que bom! — disse o homem. — Nesse caso...

Ele estalou os dedos.

Antes que Rose pudesse inspirar profundamente para gritar, a escuridão fechou-se sobre ela e Gus, conforme foram envoltos em um saco vazio gigante de farinha.

Capítulo 2
Tirando o "Mostxssimo" proveito de uma situação ruim

As duas horas que Rose passou presa dentro do saco de estopa com Gus foram de longe as piores de sua vida.

Em primeiro lugar, ninguém gosta de ser sequestrado por estranhos e jogado dentro de um saco. Perguntas como *Aonde estão me levando?* e *Será que voltarei algum dia*? surgem naturalmente. Em segundo lugar, ficar presa em um saco de estopa no interior de um veículo em movimento *no verão*, de fato, é como ficar em um forno que ainda faz você se coçar. Um forno que pula, empurra e *se move*. Em terceiro lugar, a farinha que restou nas paredes do saco misturava-se ao seu suor, formando uma pasta nojenta. Ela arranhava com as unhas a abertura do saco, mas ele permanecia firmemente amarrado.

E ainda tinha a questão do Gus. — Tenho garras — murmurava ele. — Lembre-se disso, Rose. São armas de destruição em massa essas garras.

Por sorte, o homem que a enfiara no saco não parecia ouvir os sussurros do gato Scottish Fold, abafados pelo zumbido da perua e as buzinas do tráfego. Tudo o que Rose podia fazer era manter-se equilibrada e às vezes berrar: — Para onde vamos? Deixe-me sair daqui! — sem jamais obter resposta alguma.

Quando a perua finalmente parou, um par de braços robustos retirou o saco contendo Rose e Gus do carro. Ela ouviu portas se abrindo e sentiu uma súbita lufada de ar condicionado. Em seguida, os braços sentaram-na em uma cadeira e o saco de estopa foi retirado.

Luzes fluorescentes a cegaram momentaneamente.

Estava sentada em uma cadeira de metal enferrujada, no centro de uma sala feita de concreto cinza. Uma luz fraca espreitava através de pequenas janelas perto do teto. Em uma extremidade da sala ficava uma mesa de metal cinza coberta de pastas de arquivo. A parede atrás da mesa era forrada de armários de arquivo de metal enferrujado cinzento. As linhas de luzes fluorescentes retangulares que pendiam do teto soltavam faíscas e zumbiam de maneira horrível como as luzes fluorescentes fazem, como se na verdade fossem prisões de milhares de vagalumes radioativos.

O quarto tinha cheiro de metal e desinfetante, e Rose, de repente, sentiu uma onda de saudade dos aromas de casa: manteiga, chocolate e bolos que acabaram de sair do forno.

— Não gosto deste lugar — sussurrou Gus, escavando com suas patas a farinha debaixo das orelhas amassadas. — Parece um escritório de um filme sobre... como os escritórios são horrorosos.

Ela acariciou a cabeça do gato.

— Está tudo bem. Você tem aquelas garras, lembra?

— Realmente — ronronou o gato. Rose sacudiu o cabelo. Espanou farinha da camiseta vermelha, das pálpebras e detrás das orelhas. Tirou ainda um pouco das axilas.

— Onde estou? — berrou.

Quando ninguém respondeu, Rose virou para trás e viu dois homens em pé ao lado de um refrigerador de água sujo e vazio, no lado oposto da sala. Um deles era o cavalheiro corpulento, estrábico, de agasalho marrom de veludo que se aproximara dela no alto da Colina Sparrow. O outro era um homem alto de óculos, de rosto pequeno e cabeça branca em forma de bulbo, totalmente sem cabelo. Parecia uma ilustração de um alienígena usando um terno.

— Olá? — gritou ela novamente. — Onde estou? — Nenhum dos homens sequer se virou para olhá-la; continuaram a conversa ao lado do refrigerador de água, bebendo em pequenos cones de papel.

— O que é isso? — indagou o careca, gesticulando para Rose, de modo que a água espirrou do pequeno cone de papel para o chão. — Você deveria conseguir o LIVRO.

— O livro melou, chefe — contou o homem de agasalho. — A confeitaria está fechada. Não pude entrar lá. Então, em vez disso, trouxe a *cozinheira*.

Rose engasgou. Estes dois estavam atrás do Tomo de Culinária da Família Bliss, mas o que queriam com ele? Já tinha sido ruim o suficiente quando tia Lily pôs as mãos no Tomo, mas, quando o devolveu, Rose pensara que ela e a família estavam a salvo.

O homem calvo e rígido voltou a encher seu cone de água.

— Não, não a *cozinheira*, o *livro.* Precisamos mesmo é do livro.

O homem corpulento exalou com raiva.

— Mas, senhor, a cozinheira é a melhor coisa depois do *livro*. Ela ganhou aquele concurso francês de confeitar. Ela consegue.

O careca fixou os olhos em Rose.

— Mas ela é tão jovem! — avaliou em voz aguda e baixa. — Tão magrinha! E tem um gato na mochila, com as orelhas quebradas!

— Eu consigo ouvi-lo, sabia? — espumou Rose. — Estou bem aqui. E se você não me disser onde estou, vou mandar meu gato atacá-lo.

Gus saltou para fora da mochila e sentou-se sobre as patas traseiras, sibilando e dando golpes com as patas dianteiras estendidas e as garras à mostra. Parecia um louva-a-deus.

— E suas orelhas *não são* mal formadas — acrescentou Rose. — São uma característica que distingue a raça.

— Não se preocupe, senhorita — disse o homem magro. — Explicaremos tudo, só acalme esse gato velho.

Rose olhou Gus com uma expressão séria. Ele deu de ombros e retraiu as garras.

— Gatinho bonzinho — disse ela, puxando Gus para o colo e fazendo carinho nele até que começasse a ronronar. — Isso — elogiou Rose. — Agora, repito: onde estou?

Os dois homens avançaram ao longo do perímetro do quarto na direção da mesa, mantendo-se o mais longe possível de Gus.

O careca se sentou na cadeira atrás da escrivaninha e o homem de agasalho de veludo se ajeitou atrás, encostando na fileira de gabinetes de arquivos enferrujados de metal.

— Você está... — disse o homem magro — na melhor confeitaria do universo: a Sociedade Anônima Bolo Merenda Mostess. — Ele tamborilou os longos dedos indicadores um no outro e encarou Rose através dos óculos. Parecia não ter lábios, era como se a pele debaixo do nariz e acima do queixo decidissem parar de existir. — Eu sou o Sr. Butter, e meu associado musculoso, a quem já teve o prazer de conhecer, é o Sr. Kerr.

— Mostess, hein — analisou Rose. Tinha ouvido falar dos Bolos Merenda Mostess, claro. Todos tinham. Eram aqueles com a vaquinha branca no canto da embalagem.

Na escola, os amigos de Rose às vezes traziam pacotes de Bolos Merenda Mostess para o almoço — pequenos bolos de chocolate recheados com *marshmallow*, *cupcakes* pretos cobertos de pontos brancos, bolos de baunilha recheados com creme de chocolate — cada um com um nome diferente que não tinha nenhuma semelhança com o bolo em si, como Bolos Boleca, Tortas Tontas e Coisas do Rei. Rose nunca pensou em experimentar um pedaço das Bolecas ou Coisas do Rei de seus amigos, porque sua mãe sempre

embrulhava uma guloseima feita em casa e, de qualquer modo, os bolos merenda eram devorados, sumindo em duas mordidas.

— Senhores Butter e Kerr, da Corporação Mostess de Bolo Merenda — repetiu Rose. — Entendi. Agora posso dizer à polícia quem me sequestrou.

O Sr. Butter abriu seus lábios ausentes e soltou um nítido *ha–ha*.

— Sequestrada! Ouviu isso, Sr. Kerr? A coitada acha que a *sequestramos*!

O Sr. Kerr olhou nervosamente para Rose. — Hum — respondeu.

— Você me carregou para cá em um saco de farinha — protestou Rose. — Contra a minha vontade.

— Ora, interpretou mal os acontecimentos do dia, Srta. Bliss — prosseguiu suavemente o Sr. Butter. — Não a *sequestramos*, nós a trouxemos aqui para lhe oferecer um *emprego*!

Rose franziu a testa.

— Um emprego? Que tipo de emprego?

— Precisamos de ajuda com as nossas receitas — disse o Sr. Kerr sem rodeios, esfregando as mãos no veludo macio do agasalho.

O Sr. Butter lançou um olhar penetrante para o Sr. Kerr por um momento e então voltou-se para Rose, todo sorrisos.

— Em essência, é isso — concordou ele, batendo os dedos na mesa. — Veja, Rose, nós aqui na Sociedade Anônima Bolo Merenda Mostess ficamos tão horrorizados quanto você com a aprovação do Ato da Grande Discriminação de Confeitaria. Claro, a lei de fato beneficia nossa confeitaria, já que empregamos bem mais de mil pessoas. Então, queríamos ajudar uma confeiteira como você, recém-desempregada, de uma pequena cidade colocando-a para trabalhar para nós.

Gus se mostrou inquieto no colo. De repente, Rose lembrou que nenhum deles visitara um banheiro há horas.

— Pense nisso como um programa de intercâmbio — acrescentou o Sr. Kerr com naturalidade. Sua voz era tão profunda que parecia que sua garganta estava tentando engolir as palavras antes que escapassem. — Como vocês jovens fazem na escola.

— *Exatamente* — concordou o Sr. Butter. — Veja, Rose, temos algo maravilhoso para oferecer uns aos outros.

— Temos? — estranhou Rose.

— A Mostess tem as melhores instalações de confeitaria no mundo, milhares de metros quadrados de espaço, as mais modernas máquinas e uma equipe de milhares de profissionais de confeitaria qualificados. — O Sr. Butter parou por um momento para saborear a ideia. — É o que lhe falta. *Você*, Rosemary Bliss, é

uma confeiteira sem uma confeitaria.

Rose baixou a cabeça. O Sr. Butter estava errado. A família Bliss tinha uma confeitaria; só não tinham permissão legal para operá-la. Ela pensou sobre a noite anterior, sobre como a pequena cozinha estava apertada e quente e o pouco que realmente poderiam fazer para atender às necessidades da cidade em termos de produtos de confeitaria; como ela e seus pais estavam exaustos. Não poderiam continuar assim.

— O que *nos* falta é o tipo de atenção que vocês, confeiteiros de cidade pequena, podem se permitir dispensar para cada pão, cada bolinho, cada volta de glacê de *cupcake*, cada...

— Entendo — interrompeu Rose.

O Sr. Butter se enfureceu: — Você sabe tão bem quanto eu que nada adoça a vida como uma sobremesa perfeita. Pessoas em cada cidade, alunos em cada escola, de todos os estilos de vida, todos dependem do pouco de bondade que podem encontrar dentro, digamos, de uma Torta de Frutas Bliss. Ou uma fatia de bolo.

— Ou um *muffin* — continuou o Sr. Kerr. — Ou *croissant*. Ou *clafouti* [8]. Ou...

— Já entendi — retorquiu Rose.

O Sr. Butter limpou a garganta e correu os dedos ao longo dos arcos sem pelos, onde as sobrancelhas deveriam estar. — Na Sociedade Anônima Bolo Merenda Mostess acreditamos que nossos bolos merendas são quase perfeitos, mas nosso relatório de vendas não tem refletido isso. Nossos bolos merenda não podem competir com o amor e a... como posso chamá-la... a magia que vocês, pequenas confeitarias, proporcionam.

Rose observou o Sr. Butter com desconfiança e sentiu algo se agitar nervosamente em seu estômago. *Magia*? Pensou. *Não é possível que ele saiba sobre a magia.*

— Por acaso não deveriam todas as cidades ter o que Calamity Falls tem? Guloseimas à disposição, sempre frescas, fabulosas, deliciosas? — continuou o Sr. Butter. — Antes de sua chegada fortuita, tivemos...

— Você me *sequestrou* — repetiu Rose. Em seu colo, Gus rosnou.

— Tivemos a ajuda de uma mestre confeiteira que quase aperfeiçoou nossas receitas. Infelizmente, ela competiu em um concurso de confeiteiros em Paris e depois dos eventos de lá nunca mais voltou. — Rose imediatamente soube que havia apenas uma pessoa de quem ele poderia estar falando: sua desonesta tia Lily. — E é por isso que precisamos de você — esclareceu o Sr. Butter. — Para aperfeiçoar as receitas. Para fazer os nossos bolos merenda os melhores do mundo. Para terminar o que o diretor anterior começou, mas não conseguiu terminar.

Rose olhou para Gus, que a contemplou com os olhos arregalados, como se dissesse *Não se atreva*. A ponta de sua cauda chicoteou.

— Por que eu? — quis saber Rose. — Por que não qualquer um dos outros confeiteiros em qualquer uma das milhares de confeitarias em todo o país que acabaram de serem colocados fora do negócio por essa nova lei louca?

O Sr. Butter tamborilou o dedo na ponta de seu nariz largo.

— Você foi muito bem recomendada.

— Por quem?

— Bem... Jean-Pierre Jeanpierre, da Gala des Gâteaux Grands, claro. Ele a escolheu como a vencedora do concurso de confeitaria mais prestigiado do mundo, não foi? Não faria sentido que buscássemos sua ajuda acima da dos outros?

Rose corou. Era lisonjeiro, se não altamente suspeito. Aparentemente ela nunca iria conseguir se livrar daquela maldita competição.

— Mas você disse antes que queria o livro em vez da cozinheira. De que livro estava falando?

— Ouvimos falar que na Confeitaria Bliss vocês usam um... livro especial que torna seus deleites magicamente deliciosos — observou o Sr. Butter. — Que o segredo de seu sucesso se deve ao...

— Não! — mentiu Rose. *Como poderiam saber sobre o Tomo*? — Nenhum livro especial! Fazemos todas as nossas sobremesas de memória. Quem citou um livro estava lhe pregando uma peça. Fazendo gozação. Mentindo descaradamente...

— E é precisamente por isso que a trouxemos aqui — afirmou o Sr. Butter. — Você é nossa única esperança, Rosemary Bliss. Precisamos desesperadamente de ajuda. Não só por nós, mas para o bem de alguém que já procurou esperança e felicidade em um doce bem assado. — Ele tirou os óculos e cutucou seus olhos com o canto de seu lenço. — Você vai nos ajudar nisso, no nosso momento de maior necessidade?

O Sr. Butter obviamente se preocupava com o preparo de doces, Rose pensou. É verdade, ele a *tinha* raptado, mas sua mãe jamais a deixaria ir, de qualquer forma, então, o Sr. Butter não tinha escolha se desejava o conhecimento de Rose.

E sua família precisaria do dinheiro.

Quem sabe ela poderia fazer o bem e ganhar algum dinheiro para a família? É verdade, ela tinha formulado aquele desejo de deixar de preparar produtos de confeitaria, mas talvez o preparo não estivesse pronto para se livrar dela.

— Eu posso ajudá-lo — concordou Rose. Gus enterrou as garras em sua perna, o que fez Rose uivar de dor. — *Eu não terminei de falar* — murmurou para o gato, por entre os dentes. Virando-se para o Sr. Butter acrescentou: — Só posso ajudar se me deixar ligar para os meus pais para lhes dizer onde estou.

Devem estar muito preocupados agora.

— Claro, você pode ligar para seus pais — concordou o Sr. Butter. — Depois que preparar os bolos.

O cabelo na nuca de Rose se arrepiou.

— Então sou sua refém!

— Refém! — riu o Sr. Butter. — Nem sei o significado dessa palavra. Você é livre para ir a qualquer momento. — Ele examinou as unhas da mão direita. — Depois de terminar seus deveres, é claro.

— Você não pode me manter aqui contra a minha vontade! — gritou Rose.

— Contra sua vontade? — o Sr. Butter descartou a ideia com um aceno de mão. — Não estamos segurando você aqui. Pode ir e vir como quiser... assim que nossas cinco receitas forem aperfeiçoadas.

Rose não estava tendo sucesso com esse homem. Pensou nos pais, como Ty e Sage já teriam retornado das entregas a essa hora. Albert e Purdy perguntariam onde Rose estava, e eles diriam que ela quis fazer algumas entregas de bicicleta. Seria possível que Rose estivesse ainda por aí. Sua família talvez não começasse a se preocupar até o anoitecer. Ela poderia terminar os preparos até lá, ou pelo menos encontrar um telefone.

— Bem — disse ela finalmente, agarrando Gus muito forte, para que ele soubesse que não devia arranhá-la. — Vou cozinhar primeiro.

— Venha — instruiu o Sr. Butter com um sorriso. — Deixe-me mostrar-lhe onde nós trabalhamos.

O Sr. Butter levou Rose por um corredor brilhante com o Sr. Kerr na retaguarda. De dentro da mochila, Gus inclinou-se para a frente, pôs ambas as patas no ombro esquerdo de Rose; o som de seu ronronar, baixo e constante, soava como um conforto no ouvido dela.

O Sr. Butter abriu uma porta de aço e Rose foi atingida pelo aroma de açúcar, chocolate e bicarbonato, o calor dos fornos que rugiam, e o assobio, agitação e zumbido, nas batidas de uma indústria.

O Sr. Butter conduziu-os para fora por uma passarela de aço, com grades, é claro, com vista para uma vasta fábrica de aço inoxidável brilhante. Pás gigantes de metal agitavam enormes cubas de chocolate. Dezenas de trabalhadores com redinhas sobre os cabelos colocavam gotas brancas em centenas de *cupcakes* de chocolate, carregados em uma correia transportadora, como a bagagem no aeroporto. Uma prensa mecânica monstruosa selava um bolo merenda após o outro em embalagens de plástico, então outra esteira deixava cair os pacotes dentro de caixas.

Rose olhava a cena com desgosto. Estava acostumada a embalar individualmente cada bolo precioso em uma caixa branca e amarrá-la com barbante de confeiteiro.

— Lindo, não é? — perguntou o Sr. Butter, inspirando profundamente e abrindo os braços majestosamente. — Produzimos oito mil merendas de um tipo ou de outro a cada minuto. Nossas instalações aqui são maiores que o Pentágono, e temos mais caminhões de entrega trabalhando para nós que

o Serviço Postal dos Estados Unidos.

Quando alcançaram o final da passarela, o Sr. Butter conduziu Rose e Gus para dentro de um pequenino quarto de paredes de vidro, precariamente suspenso sobre o piso da fábrica. Ela olhou para baixo, para a desordem agitada das correias transportadoras, e lembrou do sentimento de estômago embrulhado que teve quando olhou por cima da grade, no topo da Torre Eiffel.

A sala suspensa estava vazia, exceto por um pedestal de vidro iluminado, sobre o qual se assentava uma cúpula de vidro. Dentro havia um pequeno hemisfério de bolo de chocolate, recheado com creme branco de ovos. De imediato, ela o reconheceu como um Bolo Boleca.

— Por que um quarto inteiro dedicado a um Bolo Boleca? — indagou ela.

— Não é *apenas* um Bolo Boleca — informou o Sr. Kerr, envesgando os olhos escuros.

— Por baixo dessa abóbada santificada — começou o Sr. Butter, como se estivesse lendo um sermão — reside a verdadeira gênese da Sociedade Anônima Bolo Merenda Mostess. Nosso império foi construído sobre o Bolo Boleca. Todo ano, uma pessoa comum nos Estados Unidos devora mais que três quilos de Bolecas.

— Eca! — reagiu Rose, lembrando do modo que algumas crianças na escola costumavam devorar os bolos em duas mordidas. — Então, por que esse bolinho está em uma redoma?

— Esta — contou o Sr. Butter, tornando a erguer os óculos e limpar os olhos — é a primeira Boleca que fizemos. E cada pedacinho é fresco como no dia em que foi fabricada por meu avô, em 1927.

Rose ficou horrorizada. O Bolo Boleca tinha quase um século de idade, já deveria ter apodrecido. — Isso é terrível.

— É *sensacional* — retorquiu o Sr. Butter, pressionando os braços esguios nos lados do corpo. — É o poder dos conservantes, algo que seus biscoitos não possuem. Dois dias depois de fazerem um bolo, ele resseca e acaba no lixo. Mas, com conservantes, cada Boleca tem a garantia de estar tão deliciosa quanto no dia em que a pessoa a comprou, não importando quando for comê-la. Os bolos são de certo modo imortais.

Gus, que estava encarando o Bolo Boleca, começou a dar demonstrações de estar enjoado.

— Oops! Meu gato está com uma bola de pelo! — exclamou Rose, arrastando ao mesmo tempo Gus para fora do quarto e o colocando com cuidado sobre a passarela, onde ele continuou a sentir enjoo.

— Eu gostaria de sair agora — disse ele baixinho para que só Rose pudesse ouvi-lo.

— Também quero ir para casa — disse Rose, igualmente baixo. — Mas temos que encontrar um jeito de sair daqui.

— Também queremos que vá para casa! — afirmou o Sr. Butter, que tinha saído de dentro do santuário de vidro da Boleca exatamente a tempo de ouvir Rose. — Mas há trabalho para fazer primeiro, então agora

vamos levá-los para a nossa principal Cozinha Experimental. É o lugar mais feliz na Terra.

— Pensei que fosse a Disneylândia — cochichou Gus.

O Sr. Butter colocou o braço fino ao redor do ombro de Rose.

— Sua missão, que já aceitou, será aperfeiçoar as receitas para nossos cinco produtos principais. Depois disso, estará absolutamente livre para ir. Com os nossos agradecimentos, claro.

— Claro — disse Rose, engolindo em seco. — Aperfeiçoar algumas receitas deve ser fácil — ela olhou para Gus.

Mas o gato só balançou a cabeça e suspirou.

Capítulo 3
PCIA

Fora do edifício principal da fábrica, o Sr. Butter e o Sr. Kerr apressaram Rose e Gus a sentar no banco de trás de um carrinho de golfe.

— Vamos partir! — berrou o Sr. Butter. — Para o lugar onde a magia acontece!

— Magia? — repetiu Rose. *Havia mágicos de cozinha aqui? Não, não era possível... ou era?*

— Modo de dizer — ironizou o Sr. Butter. — Refiro-me à magia da indústria, é claro!

— Ah — suspirou Rose com alívio. De sua mochila, o gato sussurrou: — Me poupe, por favor.

O Sr. Kerr guiou o carro passando por dezenas de armazéns em forma de caixa, todos pintados de um cinza sem vida. Rose olhou as passagens entre os armazéns e tudo o que conseguia ver eram outros armazéns, como se tivesse entrado em um labirinto cinza de blocos, dos quais não havia como escapar. Os edifícios eram tão altos e tão próximos que até o sol do fim de tarde não conseguia chegar até o chão, e as ruas da Sociedade Anônima Bolo Merenda Mostess estavam escuras como a noite.

O sol iria se por em uma hora, mais ou menos, e ela sabia que seus pais começariam oficialmente a se preocupar por ela não ter retornado. Considerou pular fora do carrinho e correr, mas em qual direção? Os prédios pareciam não ter fim.

— Quantos edifícios existem aqui? — perguntou Rose, tentando parecer casual.

— Mais de cento e setenta e cinco unidades só nesse complexo — respondeu o Sr. Butter com orgulho. — Há ainda as nossas outras instalações de produção no Canadá. Aquela tem apenas cento vinte e cinco edifícios.

Depois do que parecia ser um longo trajeto, o Sr. Kerr parou o carro na frente de um armazém cinza

com o número 67 pintado em tamanho gigante na lateral. Ele puxou um radiotransmissor do bolso do paletó e falou suavemente nele.

— Marge, desembarque PCIA, câmbio.

De repente, uma parte da parede do armazém subiu até o telhado, como uma porta automatizada de garagem, e o Sr. Kerr guiou o carrinho através da abertura. A porta se fechou atrás deles, travando o carro de golfe em uma caixa com ar condicionado, escura como breu.

Quando o piso embaixo fez um estrondo, Rose percebeu que estavam em um elevador. Após um minuto, o carro emergiu no piso de uma cozinha gigante com lajotas de linóleo cor de ferrugem, mesas de aço inoxidável para preparo e uma linha de fornos *top de linha*.

O perímetro da sala estava forrado com toda a aparelhagem de cozinha possível: batedeiras de mesa de tamanho industrial, fritadeiras, torradeiras e liquidificadores, grelhas, panelas e caçarolas de aço inoxidável e um *rack* contendo vinte espátulas de vários tamanhos e cores.

Rose engoliu em seco. Não havia gostado de ser trazida até ali contra a vontade, mas certamente não tinha nada contra a cozinha em si. Era quase perfeita, a única coisa que faltava era uma despensa secreta com potes azuis mágicos como tinham em casa.

— Que coisa, não é? — perguntou o Sr. Butter. — Esta é a nossa Cozinha Experimental.

Ele estalou os dedos e uma fileira de homens e mulheres em jalecos brancos de laboratório, aventais e chapéus de *chefs* entrou marchando pela pequena porta que ficava no canto oposto da sala, sobre a qual havia uma placa onde estava escrito: ACOMODAÇÕES DOS CONFEITEIROS. Em perfeita sintonia, os seis confeiteiros se perfilaram atrás da fileira de mesas metálicas de preparo e lá ficaram de prontidão.

Os seis confeiteiros tinham quase a mesma altura, ou seja, o mais baixo era quase tão alto quanto a própria Rose. E eram todos redondos. Podia não se notar caso se olhasse somente um dos confeiteiros, mas vendo-os todos juntos, em fila, ficava claro que eram todos parecidos: estavam todos acima do peso.

Além disso, todos sorriam. Não como homens e mulheres felizes de verdade, mas mais como pessoas cujas bocas estavam sendo esticadas por anzóis invisíveis de ambos os lados.

— Por que são tão redondos? — sussurrou Gus, embalado nos braços de Rose. — Parece que vão rolar com apenas um empurrão.

— Psiu — pediu ela. — Não sei.

O Sr. Butter inspecionou as mesas de preparo inclinando-se para olhar mais de perto.

— Uma mancha — sorriu ele, apontando a superfície de inox perfeitamente limpa. — Alguém esqueceu uma mancha.

Então estalou os dedos.

Um dos confeiteiros arfou, correu para a parede de trás e agarrou uma toalha fresca e um borrifador. Ele apressou-se de volta para a mesa e esfregou vigorosamente o lugar.

O Sr. Butter sacou uma lupa do bolso e examinou o tampo da mesa.

— Melhor — elogiou. Voltando a se endireitar, limpou a garganta de maneira teatral e se dirigiu para Rose. — Esses são os nossos melhores confeiteiros, especialistas em todas as facetas de criação da nossa grande linha de produtos. Agora todos eles se reportam a você, Rosemary Bliss.

— Hum, certo — disse Rose. Os olhos dos confeiteiros se voltaram do Sr. Butter para Rose. Um deles, na extremidade mais distante dela, engoliu em seco.

— E essa é a nossa Confeiteira Principal, Marge.

A mulher que estava mais perto de Rose tinha bochechas redondas cor-de-rosa e cabelo castanho curto espetado por baixo do chapéu de *chef*. Seus lábios eram gordos como cerejas ao marrasquino, e seu nariz parecia um pequeno *cupcake*. Os bolsos do avental se expandiam de tão cheios de papel e cartões de receitas.

— Sou a Marge, e estou no comando — afirmou. — Deixe-me apresentá-la aos nossos especialistas. Esse é Ning, nosso especialista de Tecnologia do Glacê.

Ning, um cavalheiro com cabelo curto preto, sobrancelhas pontudas e uma grande verruga acima do lábio, fez uma saudação para Rose.

— Essa é Jasmine, nossa MTB — Modificadora de Textura de Bolo — apresentou Marge, movendo-se ao longo da fila. Jasmine, uma mulher com duas longas tranças pretas, acenou com a cabeça, e o falso sorriso estampado em seu rosto cresceu para tornar-se ainda maior. — A textura de um bolo é, tenho certeza que já sabe, a coisa mais importante.

— Depois temos Gene, nosso PV dos Recheios, tanto os de *marshmallow* quanto os frutados. — Gene tinha um bigode marrom e cabelo comprido e encaracolado, preso em uma rede de cabelo.

— E lá no fundo — prosseguiu Marge — temos as gêmeas, Melanie e Felanie. Maestrinas dos Cubos de Nozes e Polvilhados, respectivamente.

No final da fila estavam em pé duas jovens mulheres sardentas com cabelo loiro curto. Elas acenaram para Rose e sorriram tanto que Rose conseguiu ver suas gengivas.

Estas pessoas estão sorrindo de medo, pensou Rose.

Percebeu que estavam todos apavorados com o Sr. Butter.

— É isso — concluiu Marge. — Essa é a gangue.

— E essa — anunciou o Sr. Butter com um floreio da mão ossuda, branca da cor de um peixe — é a Srta. Rosemary Bliss, sua nova diretora de PCIA.

— É muito mais jovem que a última — comentou Marge, apressando-se em acrescentar —, mesmo assim

merece nosso respeito!

Rose franziu a testa.

— PCIA? O que é isso? Parece o som do espirro que Gus faz quando fica entupido com uma bola de pelos.

Os confeiteiros começaram a rir, bem humorados.

— PCIAs — esclareceu o Sr. Butter — são as coisas que preparamos. Os produtos. Bolecas, Coisas do Rei, todos eles são diferentes tipos de PCIAs: Produtos de Consumo — Imitação de Alimento.

— Imitação? — questionou Rose.

— Por causa da mistura de conservantes e produtos químicos que usamos em nossas deliciosas guloseimas, o governo as classificou não como Alimento, mas Imitação de Alimento. — O Sr. Butter encolheu os ombros, como se falasse sobre um constrangimento sem importância. Ele piscou para Rose. — Mas você e eu sabemos que o governo comete erros o tempo todo, não é?

Rose pensou sobre a lei equivocada que tinha fechado a Confeitaria Siga Seu Deleite e fez que sim com a cabeça.

— Com certeza.

Marge deu a volta por trás dela e viu a bola de pelo cinzenta aninhada nos braços de Rose.

— Uau! Um gato! — arrulhou, pegando Gus de seus braços e embalando-o como uma criança. — Não há nada que eu ame mais nesse bolinho doce e triste de planeta que um gato gordo engraçado, com olhos estranhos, e orelhas amassadas.

Gus assumiu um olhar de puro desprezo enquanto fitava os olhos da confeiteira com a cabeça redonda.

— Sem gatos na cozinha — alertou o Sr. Kerr, puxando Gus dos braços de Marge e recolocando-o dentro da mochila de Rose. Ela ouviu o Scottish Fold suspirar profundamente sob o zíper.

— Começo o preparo agora? — quis saber Rose, ansiosa para ter essa charada resolvida, para que então pudesse retornar para sua família. Sabia que estavam preocupados.

— Esse é o espírito — afirmou o Sr. Butter. — Mas não hoje, é tarde demais. Começará de manhã.

— Espera que eu *durma* aqui? — indignou-se Rose. — Isso não fazia parte do acordo.

Sr. Butter cerrou os dentes, mas respondeu alegremente.

— Se aperfeiçoar as cinco receitas em cinco dias que atribuímos a você...

— Cinco dias?! — repetiu Rose, chocada. Ela esperava passar algumas horas ali, no máximo — não *dias*.

— Não é tempo suficiente para um confeiteiro médio, eu sei — comentou o Sr. Butter, acariciando os lábios —, mas você não é a grande — tossiu ele dentro de sua mão — Rosemary Bliss? A confeiteira mais jovem a ganhar a Gala... blá blá blá?

— Foi a Gala des Gâteaux...

— Sim, eu sei o nome. Disse "blá blá blá" para mostrar que não estou impressionado. Como estava dizendo, para aproveitar ao máximo os cinco dias, até que... bem, os cinco dias que reservamos para você, ficará aqui. Seu quarto fica lá em cima, no escritório com vista para as cozinhas de desenvolvimento PCIA. Amanhã começará, e Marge e a equipe executarão suas ideias maravilhosas. A equipe está sempre aqui. Se tiver um sonho inspirador e surgir algo brilhante às três da manhã, é só despertar Marge e a equipe se reunirá para lhe dar suporte.

— *Todos* os confeiteiros vivem aqui? — duvidou Rose, olhando inquieta ao redor.

— Claro — afirmou o Sr. Butter. — Bem ali, nas Acomodações dos Confeiteiros. Onde mais viveriam?

— Na cidade, talvez? Com suas famílias? — sugeriu Rose.

— Ora — riu o Sr. Butter, como se Rose tivesse contado uma piada engraçada. — Céus, não. Estamos em crise de receitas aqui, Rose, e crises de receita requerem atenção vinte e quatro horas por dia. O que são famílias e lares quando há bolos-merenda para aperfeiçoar? Nada! A única coisa que importa para mim é a Sociedade Anônima Mostess, e para você, que as receitas sejam aperfeiçoadas. — Ele deixou cair uma das mãos ossudas sobre o ombro de Rose; era como ter um saco de cabides pendurado nas costas. — Os confeiteiros não vão a lugar nenhum até que nosso probleminha esteja resolvido. Tampouco você, por falar nisso. Boa noite, Rose. Nos veremos pela manhã.

Rose subiu a escada de aço inoxidável em espiral no canto da Cozinha Experimental, que a levou para um quarto suspenso do canto do teto. Podia ouvir Gus roncar dentro da mochila, então sabia que ele estava bem.

O quarto tinha paredes de vidro e vista para fora, para a Cozinha Experimental, como um aquário na prateleira, com Rose, o peixe. Marge tinha desligado as luzes e os confeiteiros retornaram para seus aposentos na parte de trás das cozinhas. O quarto de Rose tinha uma pequena janela para o mundo exterior, um quadrado de trinta centímetros, acima da cama. Através dela o crepúsculo de junho se infiltrava no quarto e brilhava sobre as mesas de preparo na cozinha abaixo, às escuras.

O quarto estava mobiliado com uma cama individual com um edredom branco, uma mesa de metal, um abajur de mesa e um pequeno armário de madeira. Depois da porta na parede do fundo havia um banheiro com azulejos brancos, completado com pequenas toalhas bordadas com monograma. MOSTESS, diziam os fios vermelhos. Em cima da mesa havia um copo de leite e alguns biscoitos com cara de secos. *Jantar*? pensou Rose.

Rose respirou profundamente, o quarto tinha um cheiro estranhamente familiar, embora ela não pudesse precisar do que era. Será que era o vestígio de perfume antigo? Uma fraca lembrança florida de... não se

lembrava de onde ela conhecia este aroma. Talvez fosse apenas o antigo e fiel cheiro de uma confeitaria?

Havia cortinas brancas amarradas em feixes nos cantos do quarto; Rose desamarrou-as, cobrindo as paredes de vidro para ter privacidade. Então abriu o zíper da mochila e Gus caiu para fora sobre a cama.

— Ah! — disse ele, acordando da soneca. — Já estamos em casa? — Ele olhou para os lados e, em seguida, sentou e enrolou o rabo em torno das patas. — Tinha esperança de que esse lugar fosse apenas um sonho mau.

— Pena que não — lamentou Rose. Pegou um biscoito e o partiu ao meio, deixando um dos pedaços em sua boca e dando o outro para Gus. Depois, tomou um gole de leite.

— Está tudo bem, Rose — disse o gato, mastigando. — Vamos triunfar! Não somos gatos? Não somos os mais astutos, inteligentes, surpreendentes de toda a criação? Não somos...

— Você é um gato — corrigiu Rose, franzindo a testa. — Eu sou uma garota.

— Detalhe técnico — retrucou Gus. — O que quis dizer, porém, era simples. Conseguiremos superar isso tudo. Temos um ao outro — bocejou ele.

Rose escancarou a janela acima da cama e esticou a cabeça para fora. O quarto era muito alto. Tudo o que podia ver eram os topos dos outros armazéns. Eles pareciam não ter fim. À beira do horizonte estava uma cerca de arame farpado. Não haveria nenhuma maneira de escapar através dessa janela.

O céu era de um roxo escuro, cor de uma ameixa de verão, com pequenos riachos brilhantes cor de laranja serpenteando através das nuvens profundas. Agora seus pais estariam certamente em pânico. Avisariam a polícia, revistariam Calamity Falls, encontrariam sua bicicleta fora de Stetson, da Colina Sparrow, e Devin Stetson lhes diria que ela tinha feito a entrega final em torno de três naquela tarde. Saberiam que estava desaparecida desde então.

Rose deu um suspiro trêmulo. Só queria ir para casa. Sentia falta da irmã e dos pais, Balthazar e Chip; sentia falta até mesmo dos irmãos!

— Quem me dera eu nunca tivesse feito esse desejo... — murmurou. — De parar de cozinhar. Então, nada disso teria acontecido.

— Isso não está acontecendo com você por causa de um pequeno desejo — disse o gato. — Pare de se martirizar por causa disso. Tenha apenas uma boa noite de sono. Dormir: essa é uma solução felina para tudo, sabe? A coisa certa a fazer fica sempre óbvia pela manhã. Ah, e a propósito você considerou compartilhar o seu leite?

Rose encarou o copo semivazio.

— Desculpe, Gus. Que indelicadeza de minha parte. Ela virou o copo no chão e deixou Gus lamber o resto. — Oh não — Rose gemeu, olhando as suas roupas. — Não tenho pijama...

— Nem eu — brincou Gus, olhando para ela. — Mas você não me vê reclamando disso!

Rose revirou os olhos e foi até a cômoda e puxou as gavetas para abri-las. Estavam cheias com calças brancas de linho de todos os tamanhos, casacos brancos de *chef*, chapéus brancos de *chef* e cuecas de menino.

— É sério? — revoltou-se, segurando um pacote fechado de cuecas. — Eu tenho que usá-las?

Gus esforçou-se o máximo para torcer a cabeça e conseguir limpar as costas.

— Droga! Fora, fora, mancha! Estive limpando desde que chegamos aqui, e *ainda* tenho farinha presa no pelo.

Rose voltou a sentar-se na cama, bem perto de Gus. Os dois se aconchegaram juntos e Rose pensou o que sua família estaria fazendo agora se ela estivesse em casa.

Leigh, tendo se livrado das calças e camiseta imundas, demonstraria sua infelicidade em voz alta até que tivesse seu zíper do pijama fechado. Sage estaria usando o abajur de mesa de Rose para criar um holofote e depois se apresentar na frente do feixe de luz, contando as piadas que tinha escrito e depois levantando as mãos para acalmar o público inexistente. Ty estaria fazendo planos para o que ele chamava "*o Grand Finale*": as acrobacias que pretendia apresentar durante a última semana de aula. E os pais dela...

Isso era demais. Rose piscou para conter as lágrimas. Sabia que a família não estaria fazendo nada disso. Estariam todos acordados, tão preocupados com Rose que seriam incapazes de comer o jantar, quanto mais ir dormir. Ela tinha que encontrar uma maneira de contatá-los.

Através das cortinas, Rose olhou para baixo, para os utensílios sombrios que se avultavam na Cozinha Experimental e procurou em vão por algo que pudesse usar para obter ajuda.

— Há algo muito errado com este lugar... — comentou.

— Eu sei o que é — respondeu Gus. — Piso de linóleo com mesas de preparo de aço inoxidável? Terrível.

— Além disso — continuou Rose, coçando debaixo do queixo de Gus, para que ele ronronasse e fechasse os olhos — os confeiteiros têm medo daquele Sr. Butter. E as coisas que eles fazem aqui: produtos de consumo que *imitam* comida? Um produto de confeitaria é natural e saudável. É comida, não um produto de consumo que é *como* alimento.

— Para não falar do fato de eles terem nos sequestrado — relembrou Gus.

— Não quero consertar seus PCIAs estúpidos — lamentou Rose. — Precisamos escapar. Talvez se encontrarmos o botão para o elevador, conseguiríamos chegar ao piso térreo.

— E então o quê? — interrompeu Gus. — Suponho que pretenda escalar a cerca de arame farpado lá longe?

Rose ficou quieta e o gato abriu os olhos e retomou a limpeza das costas.

— Poderia acender essa lâmpada, Rose? Não consigo ver o que estou fazendo por aqui.

— Pensei que os gatos pudessem ver no escuro! — exclamou Rose.

— É só algo que dizemos para impressionar as pessoas. Na verdade, minha visão noturna é tão ruim quanto a sua — admitiu Gus.

Rose ligou a lâmpada e então espiou pela janela. Agora estava escuro como breu lá fora.

— Meus pais devem estar enlouquecendo agora — lastimou Rose. — É provável que pensem que estou morta. — Ela virou-se e enterrou a cabeça no travesseiro. Gus parou sua limpeza e sentou-se sobre a cabeça dela, em uma forma de dizer que não sabia exatamente *o que* dizer.

Então, depois de um momento, pulou atravessando para o outro lado do quarto, pousando na cômoda.

— O Caterwaul! — exclamou.

— O quê? — indagou Rose, se virando.

Gus sentou sobre as patas traseiras e bateu palmas com as dianteiras.

— Não acredito que me esqueci do Caterwaul! Não a tirará daqui, mas levará um recado à sua família de que está segura. Presa, mas segura. Então, não irão se preocupar.

— Bom! — se alegrou Rose, sentindo um alívio envolvê-la. — Mas o que *é* cay-ter-wall?

Caterwaul é uma rede — explicou Gus. — Em algum momento da nossa história felina, todas as raças se uniram e decidiram que enquanto cada um de nós possa sentir, em particular, que sua própria raça é a melhor, o que é bobagem, já que a Scottish Fold é objetivamente a raça superior, em tempos de crise devemos nos unir para o bem comum. Muito antes do Facebook, formamos a primeira rede social do mundo. E a chamamos Caterwaul.

— Se eu passar uma mensagem para qualquer gato — prosseguiu Gus —, ele a levará para outro gato, e a mensagem será passada de gato para gato até que, finalmente, caia nas orelhas certas. Demora um pouco para levar as informações para lá e para cá, mas funciona.

Rose temia que Gus pudesse estar inventando isso só para acalmá-la e, de fato, fez com que se acalmasse.

— Pensei que fosse o único gato que fala — comentou, desconfiada.

— A estreiteza de sua visão é cativante. A maioria dos gatos não fala *inglês* como falo — disse Gus. — Mas todos os gatos falam *Felino*. Você não pode ouvi-lo, mas está sendo falado.

Rose estava feliz demais, aprendendo sobre o Caterwaul, para se sentir envergonhada. Se não podia sair dessa prisão de fábrica terrível, pelo menos sua família saberia que ela estava segura.

— Como transmitirá o recado para os outros gatos? — quis saber Rose. — Onde encontrará um nesse lugar?

— Tenho que sair daqui, obviamente.

— Mas como sairá daqui?

Gus pulou sobre o parapeito da janela e olhou para baixo. Então se moveu ao longo da parede de vidro que dava para a Cozinha Experimental. — Lá embaixo! — indicou ele. — Vê a mangueira?

Rose espiou para fora, para o chão escurecido da Cozinha Experimental e viu que havia, de fato, uma mangueira branca flexível enrolada em um lado da parede.

— Quer que eu pendure a mangueira para fora da janela para você descer por ela? — indagou ela.

— Não! — exclamou Gus. — Não descerei pela mangueira! Posso quebrar uma garra. Você vai amarrar a mangueira na alça de sua mochila e descê-la cuidadosamente para o chão comigo dentro!

Pouco tempo depois de Gus fornecer detalhes do plano, Rose se viu espreitando por cima do peitoril da minúscula janela, vendo-o pular para fora da mochila e desaparecer na escuridão, com a cauda ereta.

Desejava que ele não tivesse ido. Gus geralmente dormia com a irmã mais nova, Leigh, mas seu ronronar noturno era tão alto e gutural que conseguia sempre ouvi-lo do outro lado do quarto, como o marulhar calmo do oceano à noite. Não havia necessidade de sons relaxantes para dormir com Gus em casa.

Talvez eu também devesse tentar descer pela mangueira, raciocinou.

Mas o prédio onde estava era muito alto, e a entrada para o recinto estava muito longe. Para onde deveria ir uma vez que estivesse fora, *se é que* conseguiria sair? Nem sabia da localização do complexo. Sua casa ficava para o sul? Oeste? Tudo o que tinha que fazer para ganhar a liberdade era aperfeiçoar algumas receitas. Seria difícil? Talvez até conseguisse fazê-lo em menos de cinco dias.

Rose puxou a mangueira de volta pela janela, recolocou-a na cozinha escura e enroscou-a em torno de seu gancho, rezando para que nenhum dos confeiteiros acordasse.

Seu estômago resmungou. Estava em uma cozinha, não é? Deve haver *algo* aqui para encher a barriga. Mas uma busca rápida mostrou somente os ingredientes para guloseimas doces, e ela não queria sobremesa para jantar. Ficou brevemente tentada quando, em um canto da cozinha mal iluminada, deu de encontro com uma pirâmide de Bolos Bolecas, embrulhados individualmente. Devia ter uma centena deles na pilha. Mas quanto mais ela via como eram identicamente perfeitos, mais percebia que não gostaria de comer um. Havia algo de profundamente misterioso sobre tal perfeição feita à máquina, algo que fez Rose pensar no Sr. Butter e tremer de repugnância.

Subindo de volta até seu quarto, arrastou-se para a cama e adormeceu com fome.

Capítulo 4
Torta Tonta da Insaciabilidade

Rose foi acordada na manhã seguinte por uma luz amarelo-esverdeada desagradável que se filtrava através das paredes de vidro do quarto e rolou para fora da cama.

— Acorda, Gus — disse automaticamente. Ouviu sons de metal batendo embaixo; os confeiteiros movimentando-se pela cozinha e freneticamente esfregando todas as superfícies de metal, que, se não estava enganada, estavam ainda brilhando de limpeza na noite anterior.

Gus não respondeu, e então ela se lembrou de que Gus tinha ido passar uma mensagem pelo Caterwaul. Espreitou pela janela, mas não havia nenhum sinal do Scottish Fold cinza no asfalto abaixo. Ainda não tinha retornado.

De alguma forma, a ausência de Gus fez Rose sentir ainda mais tristeza e solidão.

Voltou sua atenção para a cozinha e, olhando por uma das paredes de vidro do quarto, viu Melanie, Felanie e Gene esfregando a bacia de uma fritadeira enorme, grande o suficiente para três adultos poderem nela nadar com conforto. Jasmim e Ning limpavam as frentes dos fornos.

— Assobiem enquanto trabalham! — ordenou Marge com um sorriso largo, disparando para a frente e para trás entre eles. De imediato, todos os confeiteiros começaram a assobiar melodias alegres. Periodicamente, paravam e batiam palmas em uníssono, retomando a canção mais uma vez. Observando os rostos, Rose reparou que todos ostentavam um sorriso largo idêntico: dentes ligeiramente separados, lábios esticados. Por que pessoas que viviam em uma fábrica sorririam tanto?

Rose escolheu o menor casaco e as menores calças de *chef*. Já que as calças eram tão grandes, vestiu seus

próprios shorts por baixo, como um lembrete secreto de casa.

Sentia-se estranha, como uma criança brincando de se vestir em vez de uma Diretora adequada de Produto de Consumo — Imitação de Alimentos. De fato, jamais usara uma roupa de *chef* antes, e sentiu que esse gorro branco inflado lhe conferia certo poder, quase como o chapéu de um feiticeiro.

Rose desceu a escadaria em espiral de aço devagar, com cuidado para não tropeçar nas bainhas das calças muito longas.

— Ahhhhh! — Marge gritou. — A Diretora está vindo! Preparem-se!

Melanie e Felanie correram para encontrar Rose na parte inferior da escada e com uma mesura e braços estendidos a levaram até uma mesa de preparo, uma extensão de aço inoxidável enorme, vazia, tão grande quanto uma porta de igreja. Ning e Jasmine trouxeram-lhe uma bandeja com café, uma cópia do jornal *Wall Street* e um bolinho com manteiga e geleia.

Prestes a dar uma mordida, Rose percebeu que os seis confeiteiros a olhavam com os mesmos sorrisos estampados nos rostos.

— Não precisam sorrir para me agradar — esclareceu Rose.

Instantaneamente, os confeiteiros transformaram os sorrisos em idênticas carrancas.

— Tampouco precisam fazer cara feia — observou Rose.

Alguns dos confeiteiros voltaram a sorrir, outros sorriam e depois franziam a testa; todos, porém, pareciam confusos.

— Ei, gente! — irritou-se Rose. — Se quiserem, sorriam; façam cara feia se preferirem! Ou não demonstrem expressão alguma. Isso não me importa. Honestamente.

Os confeiteiros se entreolharam e relaxaram. Alguns deram um sorriso fácil e o que se chamava Ning ergueu as sobrancelhas. Pela primeira vez os rostos pareciam normais, como o de pessoas comuns.

— Assim é melhor — avaliou Rose. Dando uma mordida no bolinho, estremeceu: era tão seco que sugou toda a umidade de sua boca. Agarrou a caneca de café, deu um grande gole e obrigou-se a engolir. Tudo isso no café da manhã.

— Tenho 12 anos. Deveriam me dar leite ou suco, não café.

— Oh! — exclamou o de cabelo encaracolado, que se chamava Gene. — Foi mal. — Ele franziu a testa novamente.

— Tudo bem — disse Rose, afastando o prato.

— Temos de começar o trabalho, de qualquer modo. Marge, o que devemos fazer primeiro?

— Aqui — disse Marge, entregando para Rose uma caixa colorida com o rótulo “TORTA TONTA”, com a figura da marca Mostess da vaquinha sorrindo no canto. — Essa é a primeira PCIA na nossa lista:

Tortas Tontas. As vendas caíram ao longo dos anos, então nós começamos a mexer com uma nova receita, mas está inacabada. Isto é o que temos até agora, deixado para nós pela antiga *directrice*.

Na descrição no lado da caixa lia-se: TORTA TONTA. SANDUÍCHE-COOKIE DE MARSHMALLOW E AÇÚCAR, COM DELICIOSO GLACÊ DE CHOCOLATE DE COBERTURA. O topo da caixa tinha um recorte no papelão em forma de lua, selado com papel celofane. Rose abriu a caixa e puxou a Torta Tonta. Imediatamente, flocos de glacê de chocolate cobriram seus dedos.

Ela segurou a Torta Tonta com ambas as mãos e deu uma supermordida.

O gosto era de... cera. Como uma lembrança de cera do sabor que o chocolate deveria ter. E o que vinha embaixo? Gosto de *cookies* de açúcar velho. Então seus dentes e língua atingiram o centro do *marshmallow*, que tinha sabor de... argila.

Ela cuspiu no lixo tudo o que tinha na boca da Torta Tonta e limpou a língua com a mão.

— Eca! — exclamou. — Desculpem, mas isso é terrível.

E, enquanto limpava os últimos pedacinhos de cobertura de chocolate de seus lábios, percebeu que desejava imensamente outra mordida. Havia algo naquela Torta Tonta que fez Rose desejar loucamente mais.

— Estranho — comentou. — Estava horrível, mas ainda quero comê-la.

— Eu as adoro — Marge disse gravemente, com aquele sorriso assustador retornando para o seu rosto. — Mas eu poderia amá-las ainda mais. Isso é onde você entra, Rose. É para *você* torná-las melhores — e, ao dizer "melhores", apertou suas mãos juntas.

— Melhores? — repetiu Rose, boquiaberta. Como poderia melhorar esta coisa melhor se, para começar, nem boa ela era?

— Nossa diretora anterior da Cozinha Experimental de PCIA — contou Marge —, que gostava de ser chamada de *Directrice,* estava no meio dos ajustes à receita. Mas, tragicamente, jamais terminou! — Marge tirou de seu bolso uma pilha de cartões de receita presos por um elástico e entregou o de cima para Rose. A receita tinha sido escrita à mão com uma letra bonita cursiva usando tinta púrpura. — Isto é tudo o que foi capaz de fazer.

No canto do cartão havia uma imagem em relevo de um rolo de massa, com feixes de luz irradiando do centro para fora. Parecia familiar, mas Rose não conseguiu lembrar onde tinha visto aquele rolo de massa radiante antes.

Mas a letra, ela reconheceu imediatamente: era da Lily. Como suspeitava, a "Directrice" e sua tia malvada eram a mesma pessoa. A receita do cartão estava dividida em três seções.

Cookies de açúcar

2 ½ xícaras de farinha, 1 colher de chá de bicarbonato de sódio, 1 xícara de manteiga, 1 ½ xícara de açúcar refinado, 2 ovos, 1 colher de chá de baunilha. Levar ao forno a 190º C por 8-10 min.

Nada de especial aqui, pensou Rose. Nada incomum, tampouco. Nada que fosse a causa para a Torta Tonta ter um sabor *tão errado*.

Glacê de Chocolate Amargo

Derreta 1,1 kg de chocolate meio amargo com 2 xícaras de leite e 2 xícaras de parafina.

Nojento!, pensou. Parafina na cobertura em vez de manteiga. Não é de admirar que fosse tão brilhante. Ainda assim, isso não explica o gosto peculiar. A terceira seção, porém, fez Rose ficar sem fôlego.

CREME DE MARSHMALLOW: para os habitantes da cidade da Praça Delhaney, ferveu três punhados de água com três punhados de açúcar e, em seguida, esfriou essa mistura e despejou sobre claras batidas em neve de doze ovos de galinha, então bateu por algum tempo, até quase se tornar um creme de marshmallow.

Ela adicionou quatro pelotas do QUEIJO DA LUA.

Rose abaixou o cartão e olhou para Marge, sem palavras. Esta receita de creme de *Marshmallow* tinha sido retirada do Tomo de Culinária Bliss! Ela mesma a tinha visto lá. Mas, no Tomo, o Creme de *Marshmallow* tinha o efeito mágico de fazer uma pessoa ser capaz de flutuar no oceano, e o ingrediente mágico era o sopro de uma sereia — não o Queijo da Lua, o que quer que fosse isso. Purdy fizera os *marshmallows* uma vez quando a família viajou para o litoral, de modo que nenhuma das crianças correria perigo de se afogar.

A receita Bliss não só tinha sido roubada, como também adulterada.

— Isso é do Tomo de Culinária da minha família! — afirmou Rose, chocada.

— Não pode ser! — irritou-se Marge, pressionando a mão forte no coração.

— Onde você arrumou isso? — exigiu saber Rose. Lily tinha copiado do Tomo de Culinária e deixado uma cópia aqui, ou...

Marge correu a ponta dos dedos sobre a superfície do cartão, como se fosse um objeto precioso.

— Esta receita foi criada pela nossa diretora anterior, nossa querida Directrice. Foi *seu* trabalho, *sua* inspiração, *sua* sempre surpreendente... genialidade, *sua*...

— Pare! — gritou Rose. Os elogios fora do controle da Marge lhe eram familiares. A irmã de Rose, Leigh, tinha sofrido um destino semelhante depois de comer uma das misturas de Lily. — Essa Directrice chamava-se... Lily?

Os confeiteiros se entreolharam, confusos.

— Ela se chamava Directrice, é claro! — respondeu Marge. — Se tinha outro nome, certamente não sabíamos.

— Talvez "A Gloriosa" — sugeriu Felanie com um suspiro.

— Ou "Belíssima" — acrescentou Melanie baixinho.

Rose ficou olhando para o cartão, confusa. O Tomo de Culinária Bliss deveria ser imune a tentativas de ser copiado. Desfazer a encadernação destruiria as receitas, e tirar fotocópias não funcionava. Teria Lily copiado muitas receitas antes de devolver o Tomo? Nesse caso, por que as receitas não estavam funcionando? Ela bateu o dedo contra o cartão. Talvez tivesse a ver com estes ingredientes estranhos que Lily tinha substituído.

— Que diabos é o Queijo da Lua? — quis saber.

Marge estalou os dedos e Jasmine e Ning enfiaram a mão na geladeira e trouxeram um pequeno pote com um material gorduroso branco.

Em vez de um pote de vidro azul, o Queijo da Lua estava em um pote quadrado vermelho com tela de galinheiro embutido no vidro. Rose tinha visto um pote assim em algum lugar antes, mas não se lembrava onde.

Ela o pegou e cutucou o Queijo da Lua com o dedo. Não havia muito no pote, apenas uma fina camada no fundo. Mais denso que qualquer queijo que já tinha visto, parecia uma bola de lama quase seca.

Tornou a olhar o cartão de receita. Sabia instintivamente que quatro pelotas deste material, fosse o que fosse, eram *demais* para o creme de *marshmallow*. Não admira que tivesse o sabor de giz. Distraidamente, aproximou uma caneta vermelha do cartão com a receita e riscou "quatro pelotas" escrevendo "uma pelota".

— Gente, não sei de que fábrica vocês conseguiram esse queijo — disse Rose, balançando a cabeça —, mas só precisam de um pouco disso para os *marshmallows*. Acho que sei como resolver isso.

— Ah, dia celestial! — exclamou Marge, os olhos enormes como pires.

Todos os confeiteiros inclinaram-se juntos, observando Rose sem piscar, os sorrisos de volta aos rostos, todos radiantes.

— Caras — pediu Rose. — Parem já com isso! Estão me deixando muito assustada.

Mais tarde, sem dizer uma palavra, Gene colocou uma bandeja com suco de laranja e torrada em frente a Rose. Ele deu uma piscadela, depois juntou-se ao resto dos confeiteiros, que se puseram a trabalhar. Ning e Jasmine começaram com os *cookies* de açúcar, enquanto Gene e as gêmeas prepararam um ganache de chocolate para a cobertura com manteiga, não parafina. Por último, Rose e Marge trabalharam juntas no Creme de *Marshmallow*.

Primeiro, Marge bateu uma dúzia de claras, enquanto Rose fazia uma calda simples. Então Rose derramou a calda resfriada sobre as claras, enquanto Marge batia, até que alcançassem o ponto de *marshmallow*.

— Hora do Queijo da Lua — avisou Rose.

Rose tentou retirar apenas uma pelota do Queijo da Lua do pote vermelho com uma colher de medida, mas a colher ficou presa lá dentro.

— Preciso afinar isso — avaliou. Derramou um pouco de água no pote e tentou mexer, mas o Queijo da Lua seguiu tão denso como antes. Por mais que tentasse cavar com a colher, o queijo não se mexia.

— O que *é* esse troço?

Foi então que uma pilha de tigelas metálicas vazias para mistura caiu da mesa de preparo, vindo a aterrissar bem no pé de Marge. Todos os outros confeiteiros observaram horrorizados enquanto Marge agarrou o pé e uivou.

— Aaaai!!! Ai ai ai aaaai!!!!

Rose estava prestes a correr em auxílio de Marge quando percebeu que o Queijo da Lua derreteu de repente, como que por magia. Assumiu a consistência perfeita de uma cobertura de *cream cheese*.

— Ora — falou Rose baixinho.

— O quê? — perguntou Marge, estremecendo de dor.

— Eu... não importa... — era muito bobo para dizer em voz alta. Será que os lamentos de Marge derreteram o queijo de alguma forma?

Ela rabiscou sobre o cartão "*lamento/choro?/pode ser?*", perto de onde estava mencionado o Queijo da Lua.

Rose bateu uma pelota amolecida de Queijo da Lua com o Creme de Marshmallow e então recheou com a mistura outros dois quadradinhos de açúcar inteiros. Finalmente, instruiu Gene para despejar o ganache de chocolate sobre a coisa toda.

Depois que o ganache esfriou, Rose cortou a Torta Tonta em pedaços e passou-os para os outros confeiteiros. Ning comeu um pedaço com seu garfo e gritou de alegria.

— Celestial!

Melanie e Felanie provaram-na, e lágrimas começaram a rolar pelo rosto das duas.

— Como fez isso? — sussurraram ao mesmo tempo.

Marge deu uma mordida grande e seus olhos brilharam com um estranho tom de roxo.

— Nunca comi nada igual — insistiu ela. Lambeu os lábios, passando a língua neles uma vez, duas vezes e uma terceira vez. — Preciso comer mais.

— Não, *eu* preciso de mais! — gritou Gene, esfregando sua verruga vigorosamente. Ele e Jasmine empurravam um ao outro, tentando alcançar o último pedaço.

Rose retirou o prato antes que alguém pudesse alcançá-lo.

— Pessoal! Isso não é jeito de se comportar!

— Desculpe, Directrice! — gritou Ning.

— Não somos dignos de sua atenção! — falaram juntas Melanie e Felanie, curvando as cabeças em constrangimento.

— Claro, você está certa — disse Marge. — A mordida final deve ir para o gênio que chefia nossa cozinha, Rosemary Bliss!

Estes seis estão malucos, pensou Rose. Então pegou o garfo e cravou no pedaço restante de Torta Tonta. A Torta Tonta inteira estava diferente e a própria textura do Creme de *Marshmallow* estava perfeita: macia, densa e úmida. Ela deixou a torta derreter na boca. Seus pés começaram a formigar.

Em seguida, o formigamento se espalhou pelo seu corpo: havia uma sensação forte, efervescente e *viva* nos braços, mãos, pernas, dedos dos pés e até na ponta da língua. Quis outra mordida, mas não sobrou nada no prato, nem mesmo o mais ínfimo pedaço. Os confeiteiros já tinham absorvido as migalhas finais, curvando-se e pressionando os lábios contra a cerâmica, fazendo ruídos altos de quem está engolindo.

— Não acredito que fizemos só uma! — lamentou Rose, a mente divagando com visões do Creme celestial de *Marshmallow*. — Poderia comer uma dúzia delas!

Ela olhou para os seis confeiteiros e eles lhe retribuíram fixamente o olhar. Tudo o que conseguia pensar era na textura especial daquele pedaço de Torta Tonta. Serviu-se de um copo de leite e o engoliu de uma só vez, mas, mesmo depois de a boca limpa, a Torta Tonta perfeita permanecia em sua mente. Parecia pairar no ar diante dela, não importava para onde olhasse, e a guloseima diabolicamente boa, como uma lua nova e mágica no céu, voltava aos seus pensamentos.

Tentou contar até 10 em espanhol, mas acabou por pensar "*una Torta Tonta, dos Tortas Tontas, tres*

Tortas Tontas...”. Tentou relembrar o nome de sua professora do primeiro ano, Sra. Thor... ta? Isso não podia estar certo. Só conseguia pensar na palavra “Torta”.

— Temos de fazer mais delas — anunciou Rose, salivando só de pensar; então se recompôs. — Então... o Sr. Butter pode ver que consertamos a receita...

Todos os confeiteiros começaram a gargalhar.

— Ah, Sr. Butter não come doces... — avisou Marge. — Nunca sequer tocou neles. Jamais! Subsiste de uma dieta de batatas cozidas sem nada. — Ela colocou o polegar contra seu peito redondo e disse: — Sou a provadora que determina se uma receita ficou aperfeiçoada, e esta eu digo que ficou!

Marge fixou o cartão da receita alterada à superfície do aço inox da geladeira com um ímã e, em seguida, virou-se para a equipe dos confeiteiros.

— Preparem uma dúzia de Tortas Tontas! Já!

Naquela noite, depois de os confeiteiros terminarem a aplicação do glacê das Tortas Tontas e as colocarem na geladeira, e depois que Marge avisou seus colegas confeiteiros para não devorá-las, empunhando um rolo de massa e prometendo bater em qualquer um que desobedecesse, Rose retirou-se para seu pequeno quarto sobre a Cozinha Experimental. Uma Torta Tonta gorda, redonda — ou melhor, uma *lua* — ergueu-se sobre o mar de edifícios da fábrica, iluminando tudo, e a tênue luz das estrelas adentrou a pequena janela quadrada.

Ainda não conseguia parar de pensar nas Tortas Tontas. *E se eu entrar sorrateiramente na cozinha e comer apenas uma?* Perguntou a si mesma. *Ou duas? Ou cinco*?

— Rose! — uma voz gemeu. Parecia que vinha de fora.

Rose espiou por cima do parapeito da janela minúscula e viu algo pequeno e cinza andando para cima e para baixo diante do edifício, com os olhos verdes que brilhavam no escuro.

— Gus?

— Quem mais? Você está esperando outro visitante felino? Anda saindo com outro gato por trás das minhas costas?

— Gus! — exclamou Rose. — Você está de volta!

— Sim, sim, eu voltei. Rosemary Bliss, Rosemary Bliss, jogue-me sua mangueira!

Rose apanhou a mangueira de incêndio na escura Cozinha Experimental, amarrou-a à sua mochila e baixou ao pavimento.

— Obrigado! — Gus disse, quando saltava para dentro da mochila.

Ela o içou, pensando, *Gus pode se esgueirar e apanhar uma Torta Tonta para mim*.

Quando a mochila chegou ao parapeito da janela, Gus saltou pelo ar e caiu diretamente no colo de Rose,

onde ela o abraçou até ele quase parar de respirar.

— Rose! — engasgou ele. — Eu sei que você sentiu a minha falta mas, por favor, tenha cuidado. Minhas costelas não são feitas de ferro.

Rose beijou Gus na cabeça e o soltou do aperto.

— Desculpe. Estou tão feliz por tê-lo de volta. Quando vi que não estava hoje de manhã, quase fiquei com medo que tivesse inventado a história sobre o Caterwaul, só para ter uma desculpa para sair daqui.

Gus engasgou. — Como você pôde pensar uma coisa dessas?! Sua gatinha boba.

— Então... — Rose olhou nos seus olhos verdes brilhantes. — Você encontrou outro gato?

— Claro que sim — assegurou Gus, lambendo a pata com indiferença felina. — Do outro lado do grande mar negro de asfalto, eu viajei. O sol nascente não me impediu, nem a fome. Não, eu estava obstinado na minha determinação. Mas a cerca que encontrei era muito alta, mesmo para um gato com a minha famosa agilidade para transpor. Não tive outra escolha a não ser esperar.

— E um gato se aproximou da cerca? — se interessou Rose.

— Não me apresse — criticou Gus contraindo os bigodes. "Um conto, como uma cauda, deve ser longo, forte e interessante. Agora, onde eu estava?"

— Cerca — disse Rose. — Espera.

— Ah sim! A noite tinha passado, e lá aguardei o dia todo sob o calor do sol. A cada hora que passava, minha energia diminuía. Precisava de um pedaço gordo de atum, ou uma lata de frango. Mas não podia abandonar o meu dever!

— Finalmente, quando estava começando a mergulhar em um cochilo que poderia ter sido meu descanso final, apareceu um lince das pradarias vizinhas.

— Pradarias? — repetiu Rose.

O gato encolheu um pouco os ombros. — Ele saiu do arbusto, se quer saber.

— Gus, ele concordou em passar a mensagem?

— No final, sim.

— E esse é o fim da sua história? — perguntou Rose.

Gus virou em torno de si fazendo vários círculos apertados na cama antes de se assentar. — Menos a parte em que eu voltei. Foi mais fácil, uma vez que eu sabia aonde estava indo, é claro.

— Obrigada — agradeceu Rose. — Pelo menos meus pais saberão onde estou. — ela falou, mas o gato já estava dormindo.

Rose enfiou-se na cama e tentou ignorar o som de motor de trem do ronronar de Gus.

Tentou pensar sobre o que sua família estaria fazendo naquele momento — chorando na delegacia, sem

dúvida —, mas seus pensamentos retornavam para a Torta Tonta. Não queria se gabar, mas foi bastante impressionante o modo que tinha ajustado a receita para fazer um Creme de *Marshmallow* tão terrivelmente delicioso, tão maravilhosamente esplêndido, que nem ela conseguia parar de pensar nisso. Foi pura feitiçaria culinária de um tipo que até sua mãe admiraria.

Magia! De repente lembrou como os gritos de dor da Marge pareceram amolecer o Queijo da Lua. Parecia haver uma ligação aí, mas, por mais que tentasse desvendá-la, ela lhe escapava.

Gus acordou e se lamentou — Por favor, pare de soluçar. Não posso dormir.

— Não estou chorando! — retrucou Rose.

— Então quem está? — perguntou Gus. — Minhas orelhas dobradas detectam sons de angústia. — Rose saiu da cama e olhou para fora, para a escuridão na Cozinha Experimental iluminada pelas estrelas. Sentada sobre um banquinho diante de uma das mesas de preparo estava Marge, rosto e mãos manchados de chocolate derretido. — Acabaram! — gemia ela. — O que farei? Comi todas elas. Não sobrou mais nenhuma!

Capítulo 5
Na geleia de damasco

— Marge? — chamou Rose, descendo na ponta dos pés pela escada de aço em espiral para a Cozinha Experimental.

— Você está bem?

— Tortas Tontas! — gemeu a confeiteira chefe. — Preciso de mais Tortas Tontas!

— Por que não acende a luz para eu não tropeçar? — pediu Rose. — E então falaremos sobre as Tortas Tontas.

Fungando, Marge rolou da cadeira e patinou até a parede, acendendo a única lâmpada suspensa, que deixou a maior parte da cozinha escura, exceto a área ao redor da mesa de preparo. Os dedos de Marge estavam cobertos de chocolate e migalhas de *cookies* e tudo o que tocava (o interruptor, a boca, o avental, o cabelo, por baixo dos olhos) também ficava lambuzado.

Rose sentou-se à mesa e alisou o ombro roliço de Marge.

— Agora, Marge, o que aconteceu com a dúzia de Tortas Tontas que fizemos antes de todo mundo ir para a cama?

— Se foram, todas — Marge respondeu com um estalar dos lábios. — Cem por cento estão no meu estômago agora. Comi. Todas as doze. Levei cerca de três minutos. — Marge tamborilou os dedos pegajosos na mesa. — Tentei fazer mais, mas não consegui derreter o Queijo da Lua como você fez! Você é realmente é um gênio raro, e vou servi-la para sempre se simplesmente fizer para mim mais uma dúzia de Tortas Tontas.

Rose observou o Queijo da Lua no pote. O que sobrou se solidificou em uma densa camada pedregosa.

Rose não sabia se poderia fazê-lo derreter novamente.

— Temia que isso acontecesse — disse Marge. Olhou para Rose, os olhos enormes cheios de lágrimas.

Rose franziu a testa. — Temia que acontecesse?

— Que o Sr. Butter encontrasse um modo de fazer as guloseimas Mostess tão perfeitas que escravizariam pessoas que as comem! Elas sempre tiveram um ingrediente secreto que fazia você querer comer mais — disse Marge, acariciando a barriga —, mas agora... *uau*. Quem será capaz de comer qualquer outra coisa? Uma mordida e está viciado. O mundo está realmente em apuros.

— Espere — disse Rose, colocando uma mão no pulso largo e úmido de Marge. — O Sr. Butter está tentando criar confeitos que, no ato, a pessoa não consiga parar de comer?

— A única coisa que vai saciar a fome... — Marge começou, olhando ao redor.

— É outra Torta Tonta — completou Rose.

— Sim! Mas já falei demais! — Marge inclinou-se para a frente e disse: — Não temos permissão para falar sobre isso.

— E se eu dissesse que gostaria de fazer mais Tortas Tontas? — questionou Rose. — *Então* me contaria?

Marge assentiu com a cabeça e imediatamente lançou-se em um sussurro de fofoqueira. — Uma vez que as receitas estiverem aperfeiçoadas, as novas Tortas Tontas entrarão em escala de produção e serão enviadas para todos os lugares. Haverá tantas Tortas Tontas! Imagine só! — Ela olhou fixamente para o armário vazio.

Rose estalou os dedos. — Concentre-se, Marge.

Engolindo em seco, Marge continuou. — E as pessoas comerão mais e mais delas e então todo o mundo cairá na rede. Eles *terão* que continuar comprando guloseimas Mostess, começando com a Torta Tonta que você aperfeiçoou na forma mais divina de escravização jamais imaginada!

— Espere! — disse Rose. — Não é isso que eu fiz! Eu só consertei as proporções em um pouco de Creme de *Marshmallow*!

— Sim — disse a Marge. — Um Creme de *Marshmallow de destruição em massa*! — Ela soltou um pequeno arroto. *Nham*! — O olhar de Marge voltou-se para o pote quase vazio de Queijo da Lua. — Não acha que deveria pré-aquecer o forno, se for fazer mais?

— Claro. — Rose suspirou e se moveu para a linha dos fornos. Teria que fazer uma nova fornada para mostrar ao Sr. Butter, caso contrário ele nunca a deixaria sair da fábrica. — Por que a Directrice iria querer ajudar Mostess, de qualquer forma? — O que havia aqui para Lily?

— A Directrice — *que seus bolos cresçam sempre! Que a massa de suas tortas seja sempre crocante!* — trabalhava para o Sr. Butter e o Sr. Butter trabalha para... — Marge parou de repente. — Não posso dizer

mais nada! — gritou, enfiando um punhado de farinha na boca. Ela se jogou e caiu sentada silenciosamente na cadeira.

— Marge! — disse Rose bruscamente. — Se quiser um pouco de Torta Tonta que estou prestes a fazer, é melhor continuar a falar!

Marge cuspiu a farinha na pia. Com o rosto polvilhado de branco, ela deixou escapar: — O Sr. Butter trabalha para a Sociedade Internacional do Rolo de Massa!

Rose já tinha ouvido esse nome antes, mas onde? — A Sociedade o quê?

— A Sociedade Internacional do Rolo de Massa — explicou Marge temerosa, olhando ao redor na cozinha para certificar-se de que ninguém a escutava. — A ordem negra dos confeiteiros que governam o mundo por meio do que comemos. Obesidade? Sua obra diabólica. Diabetes? Um de seus planos secretos. Cáries? Nunca houve até eles providenciarem. Já fizeram crianças saírem da escola, rendimentos caírem, e nações irem à guerra — Marge piscou para Rose. — Não deveria já estar preparando o Creme de *Marshmallow*?

— Já, já — respondeu Rose. — Mas qual é a relação entre as pessoas do Rolo de Massa com a Mostess?

— O Sr. Butter e o Sr. Kerr trabalham para a sociedade, e estão usando a Mostess para criar uma nação de zumbis viciados em Bolecas.

Rose pensava que não pudesse haver ninguém pior do que a sua tia Lily, com suas maquinações em causa própria, que era o pior tipo de feiticeira da culinária. Ela usava as receitas e feitiços do Tomo de Culinária Bliss para levar as pessoas a adorá-la e se tornar rica e famosa. Mas o que o Sr. Butter e a Sociedade Anônima Mostess estavam fazendo era muito, muito pior: tentavam escravizar uma nação inteira. Era uma visão horrível, um país cheio de obesos, robôs com olhos de Tortas Tontas, que somente comiam Bolos Merenda Mostess. O Sr. Butter e sua sociedade tinham que ser detidos, e Rose sabia ser a única pessoa que poderia fazê-lo.

— Marge — avisou Rose, apertando a mão da mulher mais velha —, sou uma confeiteira. — Dizendo isso, Rose sentiu que era verdade: era uma confeiteira — e uma feiticeira da culinária — até o âmago. — Venho de uma longa linhagem de confeiteiros que tentam melhorar a vida das pessoas através de nossos... produtos *especiais*. Essa receita de Torta Tonta de hoje me lembrou muito uma das receitas no meu livro secreto de receitas de família. Agora, tem certeza de que essa Directrice não usou um livro?

Marge olhou mais uma vez com um olhar de culpa. — Na verdade *era* um livro — sussurrou. — Não um livro completo, mas um *livreto*. Um livro fininho. Um livro de papel velho e escrita borrada. Uma noite eu a vi de relance pelas janelas naquele quarto em cima, folheando as delicadas páginas, lendo as receitas em voz alta para si mesma. — Marge estava simulando na ponta dos pés. — Tentei chegar mais

perto para ver o que era, mas eu estava andando no escuro e esbarrei em uma pilha de tigelas de metal. Que barulho!

— O que ela fez, então?

— Remexeu algo na cômoda, desceu e me mandou ir dormir.

O coração de Rose pulou dentro do peito. — Já volto — avisou e correu para o quarto.

— O que há de errado com aquela mulher coberta de chocolate? — perguntou Gus, bocejando.

— É viciada em Tortas Tontas — murmurou Rose, distraída. — Porque consertei a receita para o Sr. Butter, que está tentando escravizar o mundo em nome da Sociedade Internacional do Rolo de Massa, que é perversa.

Enquanto falava, abriu cada gaveta da cômoda, verificou sob a roupa e tateou o fundo. Nada.

— Acho que podem estar usando magia, mas não sei de que tipo. Fora isso, Marge está *bem*.

— Rolos de Massa — resmungou Gus, lambendo a pata esquerda e arrastando-a para a frente, por cima da orelha. — Balthazar costumava falar sobre isso em seu sono. "Cuidado com o Rolo de Massa!" gritava ele. Sempre achei que tinha pesadelos porque assara demais.

— Aparentemente, era mais que isso. — Rose espiou atrás da cômoda, então encostou o ombro contra o lado e empurrou-a para longe da parede.

— Arrá! — exclamou.

Enfiada no espaço atrás da cômoda estava uma pilha de folhas de papel cinza presa por um elástico e coberta de pó. Rose limpou e observou fixamente os papéis, com o estômago revirando. Sabia exatamente o que eram e de onde vieram.

— O que é isso? — Gus bocejou.

— São os Apócrifos de Albatroz — esclareceu baixinho. Exatamente como suspeitara. Virou os papéis para o outro lado e encontrou uma inscrição horrível com tinta roxa atravessando o verso da página:

Propriedade de Lily Le Fay,
Noviça
Sociedade Internacional do Rolo de Massa

Eis onde ela tinha ouvido da Sociedade Internacional do Rolo de Massa: Lily tinha deixado a mesma inscrição na parte de trás do Tomo de Culinária Bliss, no bolso onde os Apócrifos eram mantidos normalmente. A família só tinha descoberto a nota de Lily depois de ela ter devolvido o Tomo e desaparecido. Na ocasião, Balthazar avisara Rose dos perigos da Sociedade Internacional do Rolo de Massa, mas Rose ainda estava em choque para ouvi-lo direito.

Acreditaram que Lily levara os Apócrifos naquela noite, mas talvez não estivesse na parte de trás do Tomo. Talvez Lily tivesse escondido os apócrifos aqui para ter algumas receitas, no caso improvável de Rose ganhar a Gala.

Rose sorriu para si mesma. A tia Lily tinha medo de perder para ela, mesmo com o Tomo de Culinária em seu poder.

Então, depois de perder, Lily deve ter ficado muito envergonhada para retornar à Sociedade Anônima Mostess. Deixara trabalho por fazer aqui, nem se importando em voltar para buscar os Apócrifos.

— Tia Lily — Rose murmurou.

Gus olhou ao redor da sala com olhos apertados, as garras recém-limpas estendidas.

— Onde?

— Ela trabalhou aqui, na Mostess. Há tempos, bem antes de nos raptarem. — Agachada contra a parede ao lado da pequena cômoda, Rose voltou-se para a primeira receita nos Apócrifos de Albatroz, algo chamado Cupcake Sem Graça de Fundo Preto. Inventado em 1717 por Albatroz Bliss para arruinar o casamento de seu irmão na pequena ilha escocesa de Tyree, os *cupcakes* eram claramente sinistros e precisavam de gotas de Lágrimas do Olho de um Warlock.

Já usara Lágrimas do Olho de um Warlock antes e lembrou a visão nauseante daquele globo de olho preservado, flutuando dentro de um frasco reforçado com tela de galinheiro.

— Tela de galinheiro. — ela disse.

— O quê? — resmungou o gato, no meio de uma lambida. Acabara de limpar a orelha esquerda e cuidava do lado direito.

— No nosso porão secreto, lá em casa — Rose disse —, todos os ingredientes realmente desagradáveis ficavam em potes verdes reforçados com tela de galinheiro!

— E daí?

— O Queijo da Lua estava num pote vermelho reforçado com tela de galinheiro!

— Verde e vermelho — resmungou Gus. — Coloque os dois juntos e terá o Natal.

Rose folheou com cuidado as páginas dos Apócrifos, rachadas e vincadas por serem antigas. No canto de uma delas, algo lhe chamou a atenção: a gravura de uma meia-lua, com um homem pequenino, cavando com uma pá a superfície. Na receita lia-se o seguinte:

CREME DE OVOS PARA UM FREGUÊS PERMANENTE:

para a garantia mágica de Lealdade do Cliente

Foi em 1745, na cidade romena de Dragomiresti, que um primo distante de Albatroz Bliss, Bogdan Tempestu, notou que a popularidade de sua confeitaria declinava depois de ele começar a substituir farinha por serragem, a fim de aumentar seus lucros. Criou esse creme de ovos e o colocava em todas as tortas de frutas, e logo após seus clientes tornaram-se terrivelmente viciados em seus bolos.

O Sr. Tempestu misturou em uma panela de cobre dois punhados do mais fresco leite de vaca com um punhado de açúcar branco. Bateu as gemas de seis ovos de galinha com três pelotas de farinha branca. Quando a mistura quase esfriou, pediu a seu lobo enjaulado, Dracul, que uivasse na beirada do pote do Queijo da Lua, depois bateu quatro pelotas do Queijo da Lua derretido com o creme de ovos.

— Esta deve ser a receita que Lily estava adaptando — raciocinou Rose. — Em vez de usar o Queijo da Lua no creme de ovos, o adicionou ao Creme de *Marshmallow*. Mas usou todas as proporções erradas.

Então o Queijo da Lua não era afinal de contas uma espécie de queijo processado de fábrica — era um ingrediente mágico da família Bliss. Mas não era um ingrediente suave, como o primeiro vento de outono, um que poderia ser armazenado em um simples frasco azul. O Queijo da Lua exigia um recipiente reforçado, algo apropriado para um ingrediente que só pode ser ativado pelo uivo de um lobo.

Ou um confeiteiro com um dedo do pé esmagado.

Nas margens havia um bilhete escrito com a caligrafia inconfundível de Lily: *Tentei inserir quatro pelotas de Queijo da Lua no Creme de Marshmallow. Textura toda errada. Não tinha nenhum lobo uivando — tive que usar o micro-ondas em vez disso. O queijo estava espesso e rançoso. Eca*!

Rose sorriu sem querer. Ela tinha feito o que Lily não pôde — ajustar a quantidade de Queijo da Lua, reconhecendo que quatro pelotas seriam demais para o Creme de *Marshmallow*. E foi só um golpe de pura sorte que o uivo de Marge levou o Queijo da Lua a derreter. Leu o resto da receita:

** Os habitantes da cidade de Dragomiresti, doravante viciados em bolos do Sr. Tempestu, exigiam cada vez mais, até que ele já não conseguiu mais atender a demanda; eles então atacaram a confeitaria com um furor esfomeado, arranhando-o até a morte e ateando fogo ao local. Somente o lobo Dracul sobreviveu.*

Enquanto Rose lia, a cabeça de Marge apareceu na abertura do chão. Ela subira a escada particular de Rose; suava e arranhava os braços.

— Preciso de minhas Tortas Tontas! TOOORTAS TOOOONTAS! Se não tiver esse doce de *marshmallow* na barriga AGORA vou arrancar os OLHOS de alguém!

Gus congelou no terror, fingindo ser uma estátua de Scottish Fold.

Obrigada pela ajuda, Rose pensou para ele. Então ela sorriu para o rosto de olhos esbugalhados de Marge.

— Está bem, Marge — afirmou ela. — Por que não assa duas dúzias de *cookies* de açúcar de acordo com a receita e prepara a cobertura de chocolate, e eu faço o Creme de *Marshmallow*?

Marge assentiu com a cabeça e sumiu de imediato, seus pés batendo nos degraus e soando como uma tropa inteira de confeiteiros.

Gus pulou sobre a cômoda.

— Ela já foi? Minha Nossa! Que lunática. Louca por uma Torta Tonta.

— *Todos* no mundo agirão assim se a Mostess colocar essa receita em produção — contou Rose ao Gus. — Isto pode ser ruim. *Realmente* ruim.

— Acho que deveria se preocupar primeiro em *reajustá-la* — ponderou Gus, apontando a janela com a pata cinza peluda. Embaixo, Marge saltava pela cozinha, batendo ingredientes em tigelas e jogando-os para arrumá-los em uma linha na mesa de preparo.

— Como?

— Se bem me lembro de quando ouvia os murmúrios de Balthazar durante a tradução — contou Gus —, os antídotos estão sempre lá. Basta olhar no verso da página.

Rose virou a página e viu outra receita em letras extremamente miúdas:

GELEIA DE DAMASCO

DE DRAGOMRESTI:

para cessar os efeitos do CREME DE OVOS

PARA UM FREGUÊS PERMANENTE

O bom confeiteiro Nicolai Bliss preparou uma geleia de Damasco que injetou nas tortas de frutas de Bogdan Tempestu, depois que os habitantes da cidade assassinaram Bogdan Tempestu e atearam fogo em sua confeitaria e outras partes da cidade. A geleia tinha o efeito milagroso de fazer o povo da cidade ansiar por damascos em vez dos confeitos cremosos. Após reconstruir a cidade amada, o povo de Dragomestri tornou-se o primeiro exportador de damascos da Romênia.

O Sr. Bliss misturou em uma panela de cobre dois punhados de damascos frescos com um punhado de açúcar branco. Adicionou então UM conto de alguém que conhecera o amor mais ardente, CONTADO PELO AMANTE, misturou e deixou as conservas esfriarem.

— Isto é pior que inútil — lamentou Rose. — Quem conheceu o amor mais ardente? Claro que não fui eu. — A interação mais tórrida que ela e Devin Stetson já tiveram foi quando ele acidentalmente lhe tocou a mão ao dar o troco na Donuts e Automecânica Stetson.

— Eu conheci — afirmou Gus com uma lambida suave dos lábios. — Apanhe um pote.

Ao som suave dos roncos que vinham do Acomodações dos Confeiteiros, eles trabalharam a noite toda. Em um momento, Rose percebeu seu estômago resmungando e quase chorando *Quero Comer!*, mas então encontrou um pacote de biscoitos que tinha sido deixado de fora para ela na sua primeira noite. "*CROCANTES KATHY KEEGAN*", estava escrito. Pegou um, deu uma mordidinha e ficou surpresa ao descobrir que gostava do sabor. Poderia tomar um pouco de leite, mas este biscoitinho era melhor que tudo

que tinha comido na fábrica Mostess. Devorou dois e deu um jeito na fome.

Dentro de um armário na cozinha de preparo, Rose encontrou um pote vermelho vazio. Ela revestiu o interior com uma camada fina de manteiga de amêndoa e o levou para cima, para Gus, que tornou a contar, dentro do pote, é claro, a história de seu primeiro relacionamento amoroso.

— Seu nome era Isabella — começou — e ela era uma Manx italiana com um hipnotizante pelo malhado. Aquela felina sedutora virou a cabeça de muitos gatos, deixando apenas as marcas das garras em seus corações. Certa tarde, deitado ao sol sobre os tijolos de uma igreja romana, eu a vi e me apaixonei perdidamente. Queria que ela me amasse, mesmo que isso me levasse à morte. — Após uma pausa dramática para coçar o pescoço, acrescentou: — E foi o que quase aconteceu.

O conto de Gus envolveu uma viagem para a América, um siamês rico, mas brutal, de quem Isabella estava noiva e muitos olhares roubados em um tombadilho[9], iluminado pelo luar. Quando a história terminou, Rose só ficou olhando.

— Uau, Gus. O que aconteceu com Isabella?

— Ah, nós vivemos juntos por um tempo. Mas não era para ser. Uma Manx e um Fold jamais se dão bem. Somos ambos muito teimosos, orgulhosos demais. Mas foi lindo enquanto durou. Nosso amor era como um forno de pizza: repleto de chamas durante a noite, mas frio e não utilizado durante o dia. Amar Isabella fez de mim o Scottish Fold triste que vê hoje.

Rose tampou o frasco e, enfiando-o debaixo do braço, atirou-se sobre o balcão de metal onde estava a tigela de conservas de damasco — triste, pegajosa e imóvel. Rose ficou parada, olhando a massa laranja, então cuidadosamente abriu o frasco de vidro vermelho e deixou que a essência do amor ardente de Gus por Isabella escoasse no prato.

E então ela esperou.

— Oh meu Deus! — gritava Marge ao correr pela cozinha, preparando os *cookies* de açúcar, as bochechas balançando enquanto corria.

— O que há de errado? — questionou Rose, olhando para Marge, que limpava tufos de cabelos da testa.

— Nada! — berrou Marge. — Estou tão animada! Preparar confeitos me dá uma pressa! Sinto-me como uma garotinha na manhã de Natal, prestes a abrir todos os presentes — e tudo o que quero é uma Barbie nova, e *sei* que há uma nova Barbie escondida em uma das caixas, em algum lugar. — Marge parou no meio da cozinha, segurando três ovos e uma xícara de açúcar. Seu lábio inferior começou a tremer. — Só que nunca houve uma Barbie. Não para mim, Rose. Não para mim.

— Puxa, sinto muito, Marge — disse Rose, voltando o olhar para a tigela de geleia de damasco.

Então, seus olhos quase saltaram das órbitas.

A geleia não estava mais mole e parada. O amor ardente de Gus a tinha engrossado e tornado em um vermelho brilhante. A mistura estava esquentando, borbulhando e chiando, as bolhas quase se derramando acima das laterais da tigela.

Pop!

A conserva parecia zangada. Começou a rodar em pequenos círculos, cada vez mais rápido, como um furacão em miniatura. Em segundos, assumiu a forma de um gigantesco coração vermelho. Rose olhou Marge de relance, que estava ocupada enchendo o forno com a bandeja de *cookies*. Logo o coração passou de vermelho para laranja, para amarelo, como uma chama enorme e então, tão rápido quanto tinha entrado em erupção, a conserva pareceu se acalmar e cair de volta na tigela de metal em um sonoro "*glup*".

— Opa — sussurrou Rose, olhando para Gus. Ele apenas sorriu e ronronou baixinho.

Quando pareceu seguro para tocar, Rose agarrou a tigela com uma luva de forno e enfiou dentro da geladeira para esfriar. *Essa Isabella deve ter sido A GATA*, pensou consigo mesma.

— Este creme de *marshmallow* está laranja demais! — criticou Marge, desconfiada. As janelas da cozinha tinham passado do escuro como breu para um cinza morno: a longa noite estava quase no fim.

— Você quer ou não quer Tortas Tontas? — perguntou Rose, exasperada. — Porque posso simplesmente jogar fora essa mistura e...

— NÃO! — berrou Marge. — Por favor, não pare, Mestra Directrice Rose!

Finalmente, assim que um tom corado do nascer de sol apareceu através dos painéis altos das janelas da Cozinha Experimental, Rose recheou os *cookies* de Marge com a Geleia de Damasco de Dragomiresti, colocou a cobertura de chocolate e apresentou o antídoto Disfarce-à-Torta-Tonta para Marge sobre uma travessa branca.

Em todos os aspectos pareciam com as Tortas Tontas com Creme *Marshmallow* que Rose fizera um dia antes. Mesmo assim, Marge as cheirou com ceticismo, as narinas se expandindo e comprimindo.

— Não tem cheiro de Torta Tonta! — afirmou. Eu quero a VERDADEIRA Torta Tonta!

— É a mesma coisa, Marge. APENAS COMA.

— Não! — respondeu Marge e cruzou os braços.

— Sim! — mandou Rose.

Marge fechou a boca apertando os lábios e abanou a cabeça violentamente; então, Rose fez aquilo que devia fazer: pisou no pé de Marge.

— Aaai!!!! Ai ai ai ai!!! — uivou Marge.

E, enquanto ela uivava, Rose enfiou a Torta Tonta antídoto na boca aberta de Marge.

Submetida pela necessidade de uma Torta Tonta, Marge mastigou e engoliu. Limpou a boca para tirar o

chocolate e então soltou um enorme arroto — um tão forte, que o cabelo de Rose voou para trás, como um ventilador, e sacudiu o vidro nas janelas.

— Oh, meu Deus! — exclamou Marge. Seus olhos brilharam na cor laranja com clareza súbita. — O que aconteceu comigo? É como se eu estivesse louca por Tortas Tontas! E elas nem mesmo são boas! — Marge correu a língua em torno da parte interna dos lábios e arrotou novamente, mais como um pequeno soluço, desta vez. — Mas bem que eu gostaria de comer uns damascos, de qualquer modo.

— Bem-vinda de volta — sorriu Rose. Seu esforço e a memória de Gus valeram a pena. — Preparei para você um antídoto para as Tortas Tontas. Pode desejar damascos por um tempo, mas fora isso estará bem.

De repente, Marge abraçou Rose com os braços cobertos de farinha, e, apesar de ter sido difícil respirar, o abraço foi gostoso. De alguma forma ele a fez lembrar de sua mãe, o que fez Rose sentir mais falta ainda da família.

— Você... você me salvou! — engasgou Marge e largou Rose, indo para trás em pânico. — Espere! Se eles souberem que mudou a receita, jamais a deixarão ir para casa!

Oh, não, pensou Rose. *Isso não é bom*.

Então teve uma ideia.

— Não lhes contaremos sobre o antídoto — avisou Rose. — Pelo que sabem, não existe mais nenhuma Torta Tonta porque você comeu todas elas. Você é a prova que a receita funciona. O Sr. Butter terá de contentar-se com isso.

— Mas não quero comer mais Tortas Tontas! — Marge fez uma careta. — Comi uma dúzia delas. Acho que vou ficar enjoada.

— Eles não saberão que está curada — rebateu Rose. — Apenas seja... maluca.

— Quer que eu minta para o Sr. Butter? Finja que ainda sou louca por aquelas Tortas? — indagou Marge. — Puxa, nunca menti em minha vida. — Ela colocou as mãos firmemente nos quadris largos e soprou um cachinho desgarrado de cabelo para longe do rosto.

— Nenhuma vez? — checou Rose.

Marge pensou por um segundo e, então, encolheu-se de medo. — Ora, nossa! Acabei de mentir que nunca menti! Eu *menti* sim. Uma vez. Quando era menina, para minha mãe. Ela fez tranças em meu cabelo antes de um baile de Sadie Hawkins[10] e perguntou se eu gostava; disse que sim, embora na verdade não gostasse! Eu as odiei! — Marge deu um longo suspiro. — Sou uma pessoa horrível.

— Não, não é não — discordou Rose, colocando a mão reconfortante no ombro de Marge. — Não há nada de errado com uma mentirinha sem importância.

— Não há? — piscou Marge.

— Não, se ajudar alguém — assegurou Rose. — E, se disser ao Sr. Butter que é obcecada por Tortas Tontas, ele pensará que eu fiz o que pediu. Então terão sobrado somente quatro receitas e ele me deixará ir para casa. Para a minha família.

Marge assentiu obedientemente.

— Aceitarei o desafio — afirmou, falando em um estranho sotaque britânico. — Será um *papel*. Uma atuação que os palcos nunca viram! O desempenho da minha vida!

— Claro — concordou Rose, cortando outro pedaço da Torta Tonta antídoto e o comendo também. Deveria ser cuidadosa.

Gus trotou escada abaixo do quarto de Rose e saltou sobre a mesa.

— Pensei que gostaria de saber: eles estão a caminho! Eu os vi pela janela.

Marge encarou Gus, estupefata.

— É um dos efeitos colaterais da Torta Tonta antídoto que eu tenha alucinações com gatos falantes? Está tudo bem se é; eu sempre quis um gato falante, só quero estar preparada para isso. — Rose imediatamente arregalou os olhou para Gus, como quem diz: *Por que falou na frente dela?*

Oh, céus... ela teria que contar a verdade a Marge, agora.

— Não, este gato realmente fala — admitiu Rose. — Mas não conte a ninguém, nem mesmo aos outros confeiteiros.

Marge jogou Gus alegremente para cima, segurando-o no ar como uma boneca. Ela apertou o rosto contra sua barriga e esfregou-lhe as costas para a frente e para trás, fazendo barulhos de *cutie cutie*.

— Como isso é possível, jovem gato?

— Eu sou um gato muito *velho* que comeu um biscoito mágico quando era jovem — explicou Gus. — Por favor, coloque-me no chão.

Marge depositou-o sobre a mesa e coçou por baixo do queixo de Gus. — Que gatinho desobediente você era.

Luzes vermelhas piscaram em cada canto da sala e uma sirene insistente tocou, como o relógio de alarme mais alto do mundo.

Marge engoliu em seco. — Eles estão aqui.

Capítulo 6
Vídeos de cair o queijo

Assim que o carrinho de golfe com o Sr. Butter e o Sr. Kerr apareceu pela abertura do assoalho, os cinco outros mestres confeiteiros marcharam de seus quartos na parte de trás da Cozinha Experimental.

Rose espiou o relógio na parede: eram 7 horas da manhã. Ela e Marge tinham cozinhado a noite toda. Era, oficialmente, a manhã do terceiro dia de sua estadia no complexo Mostess.

— Melhor não deixar que ele o veja — sussurrou Rose para Gus, que se escondeu atrás de um dos fornos.

— É um novo dia! — celebrou o Sr. Butter, deslizando do banco de passageiro do carrinho de golfe e se dirigindo com passos lânguidos para a mesa de preparo.

— Como vai a receita número um da Torta Tonta? (Na verdade, ele disse *Torta Tontaaaaaa*).

— Elas são, hum, perfeitas — afirmou Rose, segurando um bocejo. — Estão aperfeiçoadas. As melhores Tortas Tontas que o mundo já viu!

Sr. Butter apontou para a mesa de preparo vazia.

— Engraçado, Srta. Bliss, mas não vejo nenhuma Torta Tonta. Onde estão?

— Não sobrou nenhuma — contou Rose. E era a verdade.

— Não entendo. — O Sr. Butter coçou a cabeça calva em forma de bulbo com cuidados exagerados. — Pensei que queria ir para casa, para sua família, assim que seus pezinhos pudessem carregá-la. Mas concordamos que não sairia até aperfeiçoar essas Tortas Tontas. Então, onde elas estão?

Foi então que Marge emergiu detrás do resto dos confeiteiros com os braços abertos. Suas bochechas estavam cobertas de chocolate, seus lábios estavam cobertos de chocolate, até mesmo as pálpebras tinham manchas de chocolate. O chocolate recobriu sua língua e depositou-se nos espaços entre os dentes. O avental, anteriormente branco, estava pontilhado de farelos de *cookies* de açúcar e cada um de seus dedos tinha uma cobertura branca como um chapéu de creme de *marshmallow* endurecido.

Aparentemente, isto foi o que Marge considerou *vestir a camisa*.

— As Tortas Tontas sumiram! — trovejou em um vibrato operístico. — Não há mais, porque comi todas! — Marge entrelaçou as mãos e balançou nos pés como se estivesse se preparando para se lançar em um monólogo de Shakespeare. — Foram as melhores coisas que já enfiei goela abaixo! Não consigo parar de comê-las! *Nham nham nham nham!* — Agora, Marge estava cantando, em um alto falsete. — Morrerei se não puder comer outra agora! Despeça-me se quiser, mas não me arrependo de nada!

Nervosa, Rose olhou para o Sr. Butter. Sua expressão era tão difícil de interpretar, principalmente porque, bem, seu rosto era tão estranho. Será que estava acreditando?

Após alguns segundos, o Sr. Butter virou-se para o Sr. Kerr com um olhar azedo, que se dissolveu em um sorriso anormalmente grande. — Que coisa — disse baixinho. — Isso é realmente notável. Eu não lhe disse que ela conseguiria, Sr. Kerr?

— Na verdade — respondeu o Sr. Kerr —, se bem me lembro, fui *eu* quem disse que ela conseguiria. *A confeiteira*, não o *livro*.

O Sr. Butter limpou a garganta e desfocou os olhos, mostrando um brilho extra por trás dos óculos.

— Srta. Bliss, deve-se orgulhar de si mesma. Vamos colocar imediatamente em produção a nova Torta Tonta. Pode me dar o cartão da nova receita?

Rose retesou-se. O cartão com a receita ainda estava fixado na frente da geladeira. Se o Sr. Butter o tivesse, poderia começar a produção das perigosas Tortas Tontas, do tipo que dizimou a aldeia de Dragomiresti.

— Ah, aqui está — disse ele antes que Rose pudesse pensar em uma resposta. O Sr. Butter flutuou até a geladeira e arrebatou-a. — Interessante — comentou, lendo as notas de Rose.

Ela se virou rápido para o frasco vermelho de Queijo da Lua. *Está quase vazio!* Se alegrou em segredo. *Não poderão preparar mais porque está quase vazio*!

— Sinto muito, Sr. Butter — declarou Rose —, mas na verdade usei o resto do Queijo da Lua naquelas Tortas. Não temos mais. Temo que o senhor terá que interromper a produção.

O Sr. Butter soltou uma risadinha vil com o espaço minúsculo dos lábios apertados.

— Rose, minha querida — ironizou —, nós aqui na Sociedade Anônima Mostess nunca, *jamais*, ficamos

sem ingredientes. Você acha que eu deixaria uma coisa como um pote vazio de Queijo da Lua se interpor no caminho dos americanos em todos os lugares desejosos de apreciar o sabor de sua perfeita Torta Tonta? Acho que não. Siga-me. — Rose não podia se mover. Todo esse trabalho de criação de um antídoto e ela iria deixar a receita maléfica cair nas mãos desse homem malévolo.

— Venha comigo. — Caminhando até o carrinho de golfe, fez um sinal com o dedo pontudo para que se aproximasse.

Rose viu uma cabeça cinza desaparecer em sua mochila, pendurou-a no braço e então subiu no carrinho de golfe.

— Ah, e Marge? — O Sr. Butter chamou a Confeiteira Chefe esgotada, coberta de chocolate. — Marge, querida, limpe a si mesma e a cozinha. Você sabe como eu odeio bagunça.

O Sr. Kerr levou o Sr. Butter e Rose entre os armazéns por uma distância que pareceu ser de quilômetros. O sol nascente derramava sua cor dourada em tudo, e Rose sentiu um pouco de esperança penetrar em seu desespero. Era uma manhã bonita, e o Sr. Butter *ainda não* colocara a receita em produção.

No início, eles passaram por diversas caixas cinzas, como o armazém da Cozinha Experimental, mas depois de algum tempo começaram a surgir tipos diferentes de edifícios. Havia um edifício elegante com escritórios, onde Rose podia ver homens nas janelas traçando esquemas nas pranchas de projetos, e a entrada da frente tinha a forma de uma vaquinha Mostess gigante.

— Esses são os nossos artistas gráficos — esclareceu o Sr. Butter. — Não foram os que criaram originalmente a *vaquinha*, claro. Contratamos todos novos. Estamos trabalhando em algumas ideias novas de embalagens, algo... mais moderno.

Passaram por um outro edifício de escritório coberto de cartazes com *slogans* da Mostess espalhados pela frente. FAÇA O *MOSTSSIMO* DE SEU DIA... COMA UM BOLO BOLECA E SORRIA O DIA INTEIRO!

— Com o *marketing* certo — explicou o Sr. Butter — pode-se levar uma pessoa a fazer algo que ela nem quer fazer, como comer um Bolo Boleca. É como... *magia*! Mas é a magia que faz dinheiro!

Rose rangeu os dentes e permaneceu calada. Não deveria jamais ter ajudado com a receita da Torta Tonta. Por outro lado, o Sr. Butter não lhe deu muita escolha. Desejou que a mãe estivesse lá: Purdy Bliss saberia o que fazer.

Mas, pensando bem, Rose estava feliz que sua mãe não precisasse ver o que ela tinha feito. Seu desapontamento teria sido insuportável.

— Ah, aqui estamos — celebrou o Sr. Butter assim que o carrinho de golfe estacionou diante de um edifício em forma de um bolo de casamento. — Despensa Mostess, por assim dizer.

Era uma pilha de andares redondos com vidros fumê, com cada andar progressivamente menor que o anterior. No topo do mais alto e menor havia uma estátua gigante de uma vaca sorridente. O Sr. Kerr levou o carrinho de golfe para uma enorme porta giratória, que virou até que o carrinho de golfe estivesse em segurança dentro do *lobby*.

Rose pensou ter ido ao futuro — ou ao pesadelo de alguém sobre o futuro. Em vez de algo que parecesse com a despensa da Confeitaria Bliss, apenas maior, viu homens de jalecos brancos de pé diante de um painel de controle gigante, que por sua vez ficava em frente a uma enorme parede de potes vermelho-escuros. A parede tinha pelo menos cinco andares de altura, com uma escada rolante que se movimentava ao longo do topo para alcançar os potes nas prateleiras superiores, raciocinou Rose.

— Isto é o que chamamos de laboratório — afirmou o Sr. Butter com orgulho. — É onde armazenamos todos os ingredientes.

— Não seria mais um armazém, então? — indagou Rose. — Armazenamos coisas em um armazém. Criamos coisas em um laboratório.

O Sr. Butter acenou como que dispensando o comentário.

— Você diz *tcheco*, eu digo *checo*. Também fazemos experimentos aqui — como conseguir receitas que fiquem boas, isso, aquilo e muito mais. Além disso, a palavra "laboratório" parece mais sofisticada do que "armazém", não é?

Rose não podia discordar disso. Em vez de discutir com o Sr. Butter, voltou a atenção para a parede de potes: havia frascos demais para se contar, mas Rose estimou que deviam chegar a pelo menos mil. Era difícil ver dentro deles, mas seus conteúdos sacudiam, brilhavam, rosnavam e faziam um som estridente.

— Sem dúvida você deve ter percebido agora, Rose, que a nossa fábrica não é comum — sugeriu o Sr. Butter. — Provavelmente imaginou que a sua era a única cozinha equipada com potes mágicos, mas não. Nós, como você, usamos ingredientes especiais.

Então Lily traíra *mesmo* todos os segredos da família. Rose já descobrira muitas coisas, mas ainda lhe doía o coração ouvir o Sr. Butter dizer isso tão claramente.

— Sim, nós também usamos magia — continuou o Sr. Butter, esfregando o topo da cabeça totalmente careca —, mas, ao contrário da família Bliss, maximizamos os efeitos da magia com o poder da tecnologia.

O Sr. Butter se aproximou do painel de controle gigante e pegou um megafone.

— Sr. Mecânico! Precisamos de mais Queijo da Lua. Suficiente para produzir dez milhões de Tortas Tontas!

Nesse momento, um robô cor de lavanda, cuja forma só poderia ser descrita como de um polvo, flutuou pelo ar e pairou sobre a cabeça de Rose. Os braços mecânicos retorciam-se e tiniam enquanto se movia,

como oito cordas de latas de metal.

— A seu serviço — sussurrou a coisa através da malha de prata de uma grelha.

— Aqui está a receita — disse ele, segurando o cartão com as notas de Rose. Um dos braços segmentados do Sr. Mecânico retiniu e se alongou, descendo em direção ao Sr. Butter. Fazendo um som estranho de alguém que parece estar engolindo, o cartão ficou preso a uma das centenas de pequenas ventosas sob o tentáculo mecânico. O robô enrolou o tentáculo sob a barriga e pareceu estar engolindo toda a receita do cartão.

— Recebido — confirmou o Sr. Mecânico. Sua voz era mais alta do que Rose teria esperado de um robô-polvo voador. Soava assustadoramente real, como uma voz humana.

— Onde conseguem todo aquele Queijo da Lua? — se interessou Rose. — O que é, na verdade, o Queijo da Lua? Quero dizer, sei que é um ingrediente mágico, mas o que é?

O Sr. Butter deu uma batida no ombro do Sr. Kerr e riu.

— O que é o Queijo da Lua, ela pergunta! Ela nunca ouviu falar sobre o Queijo da Lua! Ah, esses pobres confeiteiros de interior. Por que não explica, Sr. Kerr?

O Sr. Kerr ajoelhou-se ao lado de Rose sobre um joelho maciço. Sua cabeça era tão maciça quanto o corpo inteiro. — A lua — explicou em voz profunda — é feita de queijo.

Rose segurou a risada. — Sr. Kerr, com todo o respeito, acredito que a lua seja composta de rocha.

— Não! É de *queijo* — contradisse o Sr. Kerr. — Queijo verde, de fato.

Gus enrolou os bigodes com a pata. Rose podia dizer que ele também discordava.

— Não é queijo *de verdade* — corrigiu o Sr. Butter. — Não na forma feita de leite de vaca coalhado. Ao contrário, é uma substância semelhante ao queijo com propriedades mágicas. Essas propriedades mágicas eram conhecidas por descendentes de Filbert e Albatroz Bliss por um bom tempo, devido à queda ocasional sobre a Terra de algum pedaço de rocha lunar. Mas ninguém teve a tecnologia para aproveitar as propriedades mágicas de Queijo da Lua em grande escala — até agora.

— Sr. Mecânico — continuou o Sr. Butter —, por que não mostra para a Srta. Bliss o vídeo do queijo?

O Sr. Mecânico estendeu um dos tentáculos para o painel de controle e puxou uma alavanca vermelha. O armário gigante de potes vermelhos se partiu ao meio, revelando uma tela de cinema tão alta quanto o próprio edifício. O Sr. Mecânico apertou uma série de botões e um vídeo começou a passar com um trio de robôs em forma de polvo fazendo sanduíches de queijo grelhado sobre uma fogueira de acampamento. Uma trilha sonora de música clássica tocava baixinho.

— Não — exasperou-se o Sr. Butter. — O outro.

Outros botões foram pressionados e um novo vídeo surgiu na tela, dessa vez de outro robô em forma de

polvo, mergulhando uma torrada em uma panela de fondue.

— O *outro* vídeo, Mecânico!

Um terceiro vídeo apareceu na tela, uma vista da Lua, através do para-brisa de uma nave se achegando. O satélite foi crescendo na imagem à medida que a nave se aproximava da superfície e Rose viu que não se tratava de pedra cinza sombria que esperava. Em vez disso, parecia sacudir-se como um vasto mar cinzento e branco de gelatina.

Então a exibição se alterou para uma câmera montada sob a nave. Com a aproximação, algo se estendeu debaixo: um enorme braço robótico com um furo na extremidade do tamanho de um ônibus escolar, que mergulhou abaixo da superfície e puxou uma fatia de queijo branco denso.

— Você vê, Rosemary Bliss — comentou o Sr. Butter —, há Queijo da Lua em abundância para se obter mais que suficiente para alimentar todas as pessoas do país com uma de suas maravilhosas Tortas Tontas.

— Ótimo — disfarçou Rose, sentindo enjoo. — Isso é ótimo.

— Maravilhoso — murmurou Gus em meio à respiração, cheio de sarcasmo.

— Sim — concordou o Sr. Kerr, sem saber que era o gato, e não Rose, que tinha falado. — É maravilhoso.

— Mas essas foram as imagens antigas da nossa última busca de queijo. Como estamos agora com o lançamento atual, Mecânico? — perguntou o Sr. Butter.

— Todos os sistemas prontos — informou o Sr. Mecânico, que se abaixou na placa de controle e puxou uma alavanca.

Primeiro, nada parecia acontecer.

Então, sobre a enorme tela de vídeo, Rose viu o edifício em forma de bolo do lado de fora. De seu topo, redemoinhos de fumaça branca enrolavam-se para o ar.

— O que é isso? — perguntou.

— Uma plataforma de lançamento — respondeu o Sr. Butter.

— Para quê? — tornou a perguntar Rose.

O Sr. Butter lançou um olhar com profundo desdém. — Para o foguete. Que estamos lançando agora. Que vai para a Lua. Nos trazer mais queijo. — Seu sorriso largo, fino, reapareceu. — Fácil. Como. Torta.

Rose apertou Gus com força. Os potes começaram a se agitar nas prateleiras, e havia um turbilhão de ruído. A fumaça na tela ficou espessa, o chacoalhar intensificou, ficou mais forte e feroz e então, de repente, parou. Por um momento, Rose pensou perceber um pequeno foguete subindo no céu de azul escuro da tela de vídeo, mas não tinha muita certeza.

— Lá vai ele — celebrou o Sr. Butter com um suspiro exultante. Beliscou as próprias bochechas e estalou

os lábios inexistentes.

— Ficaremos todos cobertos de queijo em duas semanas, mais ou menos.

O coração de Rose afundou. Com sua ajuda, não haveria impedimento algum na aliança profana da Sociedade Anônima Mostess e a Sociedade Internacional do Rolo de Massa.

— Venha, Rose — chamou o Sr. Butter. — Isso não é nem a atração principal. Ainda tem mais!

— Mais? — repetiu Rose debilmente. — Isso não é suficiente?

O Sr. Butter sacudiu um dedo fino feito galho. — Há outra coisa que preciso lhe mostrar. Algo muito importante. — Curvou-se para voltar a sentar no banco da frente do carrinho de golfe e franziu as sobrancelhas. — Não fique com essa cara triste! Rapidinho teremos a sua Torta Tonta lá fora, no mundo!

É disso que eu tenho medo, Rose pensou consigo mesma, mas entrou na parte de trás do carrinho sem dizer mais nada.

Ainda não era nem meio-dia, mas Rose podia ver as ondas de calor emanando da estrada quando o Sr. Kerr parou diante de outro prédio. Esse tinha a forma de um saco de confeitar gigante, cheio na parte inferior, estreitando até uma ponta de vidro em bico no topo.

— Vai gostar disto, Rose — ele afirmou quando o Sr. Kerr estacionou fora das portas de vidro que se elevavam.

— Se é o que diz — murmurou Rose, seguindo o Sr. Butter e o Sr. Kerr pelo grande *lobby* do edifício. No lugar de arranjos de flores, havia buquês de doces e biscoitos. — Isso parece quase um hotel — ela disse.

— É porque isso *é* um hotel. — disse o Sr. Kerr.

— E ainda dizem que as crianças não são observadoras! — ironizou o Sr. Butter.

— Um hotel para quem? — indagou Rose. — As famílias dos confeiteiros?

— Certamente não — respondeu o Sr. Butter.

— Este é um hotel para os hóspedes do complexo.

Entraram em um elevador de vidro na parede de trás do *lobby*.

— Para o topo! — anunciou o Sr. Butter, pescando uma chave de seu bolso. Era uma miniatura de um rolo de massa prateado serrilhado, com entalhes esculpidos. Ele a inseriu em uma fechadura, girou e então pressionou o botão mais alto.

A caixa de vidro começou a subir de imediato, lenta no início, ganhando velocidade aos poucos. Uma parede dava para o *lobby* do hotel, mas mostrava o exterior. Rose podia ver a extensão inteira do complexo Mostess, a plataforma de lançamento de foguetes no topo do armazém que o Sr. Butter chamara de laboratório, o deserto cinza de armazéns, a selva de prédios de marketing, laboratórios de ingredientes e acres de caminhões de entrega estacionados em filas.

No canto mais distante do complexo, ela percebeu uma curiosidade, algo completamente fora de lugar na desordem toda industrial: um pequeno chalé vermelho, com chaminé de tijolos e varanda dianteira em ruínas, assentado em um pedacinho de grama, do tamanho de seu próprio quintal em casa, em Calamity Falls. Era como se o Sr. Butter tivesse recortado algo das páginas de um conto de fadas e plantado no canto de seu império espacial.

— O que é aquilo? — perguntou Rose, apontando para a casinha de campo. — Aquela pequena cabana lá atrás?

O Sr. Kerr olhou nervosamente para o Sr. Butter. — O quê? Não vejo nada.

— Não é nada — cortou o Sr. Butter rigidamente, ajustando os óculos. — Faz tanto tempo que não vou lá naquele canto do complexo que acabo esquecendo o que tem lá.

— Mas alguém mora lá? — indagou Rose.

— Já disse, não importa! — sibilou o Sr. Butter, os olhos esbugalhados e selvagens. Ele apertou firme os punhos, como se estivesse angustiado, e Rose não fez mais perguntas.

O elevador tilintou ao chegar ao andar 34.

— Chegamos — sorriu Sr. Butter, alisando os vincos nas calças. — Surpresas emocionantes, não é? — Ele parecia transbordar de alegria, completamente recuperado da súbita raiva da casinha estranha.

As portas se abriram para um corredor de pelúcia, com carpete em tons de ouro e vermelho, iluminado por castiçais de parede dourados. Uma música suave tocava baixinho, acompanhando-os até que bateram na porta do quarto 3405.

Rose bocejou. Tendo cozinhado a noite toda, estava exausta demais para se preocupar com o que o Sr. Butter tinha atrás da porta. Neste momento, que diferença faria uma surpresa a mais vinda dele? Ele não poderia ser muito pior do que já era.

E então a porta se abriu de repente, revelando Purdy, Albert e Balthazar, parecendo tão surpresos quanto Rose.

— Mãe. Pai. Vovô. — Rose permaneceu parada na porta, sem ter certeza do que fazer.

— Vá em frente — disse o Sr. Butter. — Fale com sua família. Vamos lhes dar um momento de privacidade. — Com um forte empurrão, ele a fez entrar e fechou a porta.

O choque de Rose deu lugar a um doce alívio, quando a família se aproximou e a rodeou, abraçando-a em ordem, depois todos juntos, de forma que ela mal podia respirar.

— Não acredito que estão aqui! — exclamou Rose, deixando cair a mochila no chão e voltando a abraçá-los. — Pensei que nunca mais iria vê-los!

Gus rastejou para fora da mochila. — Você me *largou* — reclamou ele.

— Estávamos tão preocupados! — disse Purdy, abraçando tão forte a filha que Rose mal conseguia respirar. — Fizemos a polícia te procurar. Todos ficaram mal. Então Jacques entrou correndo do quintal dizendo que tinha conversado com o gato persa do vizinho, e o gato tinha ouvido uma história sobre a garota Bliss de Calamity Falls sendo mantida cativa na Sociedade Anônima Bolo Merenda Mostess.

— O Caterwaul! — proclamou Gus. — Eu bem disse, querida Rose. Nunca duvide das competências organizacionais de um bando de gatos.

— Primeiro, pensamos que Jacques estava apenas sendo francês — contou Balthazar.

De seu bolso ouviu-se uma voz fininha:

— Ah, que homem grosseiro você é, insultando o meu povo desse jeito, depois que eu o servi com tanta lealdade!

— Desculpe, Jacques — murmurou Balthazar. — Mas mesmo você admitiria que é um rato ingênuo.

Um suave "*Oui*" veio de seu bolso.

— Decidimos que essa era a nossa única pista — continuou Albert. — A polícia não estava tendo sorte alguma em sua procura, então nos enfiamos todos na van e viajamos por duas horas, e agora aqui estamos. Deixamos seus irmãos em segurança em casa com a Sra. Carlson.

— O Sr. Butter tem sido muito bom para nós — disse Purdy, cujo cabelo estava tão desarrumado com o calor e a preocupação que parecia mais um coelho angorá. — Mas ele também não explicou ainda por que você está aqui.

— Rose tem sido maravilhosa — disse o Sr. Butter detrás deles, escancarando a porta novamente e entrando na sala. — Dando tudo de si mesma e seus talentos. Auxiliando-nos em nossa hora de necessidade. Fazendo o trabalho que só ela pode fazer. — Ele limpou a garganta. — A propósito, está na hora de voltar para a Cozinha Experimental. O dia está indo embora!

— Não! — cortou Rose, ríspida. — Vou para casa com os meus pais agora, muito obrigada.

— Ah, de fato, ninguém vai para casa — esclareceu o Sr. Butter. — Todos aproveitarão estas acomodações luxuosas e gratuitas até Rose terminar de formular as receitas.

— E que receitas são essas? — indagou Purdy.

Rose olhou por cima dos ombros dos pais para o Sr. Kerr, que lhe sorriu e passou um dedo pela garganta, como uma faca.

— Hum — Rose disse. — Apenas algumas receitas. Para as guloseimas Mostess.

— Posso ter uma palavra com você lá fora, Rosemary Bliss? — chamou o Sr. Butter, conduzindo-a para fora, de volta ao corredor, com uma reverência suave e um floreio de braço.

O Sr. Kerr segurou os pais de Rose enquanto ela e o Sr. Butter voltavam ao corredor. Uma vez no tapete

tão macio, o Sr. Butter falou: — Curioso, Rose. Quando essa boa gente surgiu em nossa porta, primeiro considerei dizer-lhes que não tinha ideia de quem você era e mandá-los para casa. Mas então percebi que sua presença me deu uma vantagem tática única.

— Vantagem tática? — repetiu Rose, engolindo em seco.

— Tenho em meu cativeiro — esclareceu o Sr. Butter — a coisa com que Rosemary Bliss mais se preocupa no mundo: sua família. Agora, se você deixar de aperfeiçoar as receitas restantes, tenho o poder de levar embora aquela família.

— Mas eles podem me ajudar! — disse Rose. — Somos todos magos-confeiteiros!

— Acho que não — disse o Sr. Butter mal humorado. — Quero inteligência suficiente na cozinha para consertar as receitas; não o suficiente para me enganar e sabotar a empresa.

— Eu sabia — lamentou Rose. — O que aconteceu com todo aquele lixo que o senhor me disse sobre tentar alegrar a vida das pessoas com produtos de confeitaria? Eu acreditei no senhor! Eu teria ajudado o senhor! Eu o teria ajudado a fazer bolos merenda melhores!

— Quero *mais* que bolos merenda melhores — grunhiu o Sr. Butter. As linhas de seu rosto pareciam ficar mais profundas e os cantos dos lábios pouco visíveis curvaram-se para baixo. — Não é suficiente ter bolos merenda melhores. Tenho planos maiores, uma visão mais grandiosa. — Estendeu seus braços para os lados. — Os Bolos Merenda Mostess devem ser tão bons que as pessoas queiram *matar* por eles.

Algo escuro brilhou em seus olhos, e o Sr. Butter apontou um dedo torto diretamente para Rose.

— E você vai fazê-los serem assim, senão...

Capítulo 7
O coelho e a bruxa

Depois que o Sr. Kerr e o Sr. Butter levaram Rose de volta para a Cozinha Experimental, ela subiu silenciosamente as escadas para o seu quarto, ignorando as perguntas de Marge e dos outros confeiteiros, até mesmo ignorando Gus, e dormiu até às três da tarde. Normalmente desaprovava pessoas que dormissem durante o dia (por *pessoas* ela subentendia *Sage e Ty, no fim de semana*), mas por preparar o antídoto para as Tortas Tontas e salvar Marge de arrancar o seu próprio cabelo, não tinha dormido toda a noite anterior.

E ficou triste ao ver seus pais serem mantidos em cativeiro.

Já era ruim o suficiente que Rose fosse obrigada a ajudar a perversa Sociedade Anônima Mostess a dominar o mundo — mas o fato de sua família estar agora em perigo por sua causa era demais para suportar. Se Rose não fizesse exatamente o que o Sr. Butter queria, da forma exata que queria que fizesse, quem sabe o que ele faria com os pais e com Balthazar?

Estava sonolenta e confusa quando finalmente acordou com o travesseiro molhado de baba. Ao esfregar o rosto e se sentar, lembrou-se de tudo. Tinha que resgatar seus pais, impedir a Sociedade Anônima Mostess e, de alguma forma, pôr em ordem Calamity Falls.

Rose balançou a cabeça. Era muito para se pensar. Nesse momento, o som da voz de Marge na Cozinha Experimental chegou até ela.

— Rose! — chamava Marge lá fora em um tom impetuoso, alto. — Por favor, desça e comece a trabalhar! Essas Bolinhas Brilhantes não vão se consertar sozinhas!

Pela janela de vidro do quarto, Rose podia ver Marge segurando uma bandeja de Bolinhas Brilhantes,

pequenas almofadinhas de bolo de chocolate cobertas de coco que brilhavam em diferentes cores: azul *néon*, verde *néon*, laranja *néon* e rosa *néon*. Rose pensou que pareciam mais luminosos na vitrine de uma lanchonete decadente do que algo para comer.

— Não quero — respondeu Rose, olhando para as paredes de vidro do quarto, que a cada segundo mais se parecia com uma prisão.

Nesse instante, Gus saltou do peitoril da janela. — Ora, ora — disse o gato, balançando o rabo. — Olha quem acordou.

Rose tapou os olhos com o braço para bloquear o mundo.

— Não quero consertar as receitas, Gus. Não quero ajudar o Sr. Butter e seu povo do Rolo de Massa. Quero que soltem Mamãe, Papai e Balthazar, e quero ir para casa.

— Droga! — lamentou Gus. — Você é exatamente como o Moisés.

— Moisés? — repetiu Rose. — Como o da Bíblia? Do Velho Testamento?

Gus sentou-se sobre o peito de Rose e seu calor pesado e peludo foi como um bálsamo sobre seu coração preocupado.

— Moisés era um escravo hebreu, nascido no Egito — explicou o gato. — Mas sua mãe mandou-o rio abaixo em uma cesta e ele foi encontrado pela esposa do Faraó e criado como um filho do Faraó.

— Em que sentido isso o torna igual a mim? — interrogou Rose. Ela amava o gato — amava de verdade —, mas às vezes ficava cansada do tempo que ele levava para dizer qualquer coisa.

— Espere aí, Rose — falou o gato, pressionando uma pata em seus lábios. — Moisés era o próximo da fila para se tornar o faraó, e ficou emocionado, veja bem, *emocionado* — até descobrir que na verdade era um escravo hebreu.

— De novo — pediu Rose — fique à vontade para me explicar de novo que relação isso tem comigo.

— Paciência! — protestou Gus, esticando uma de suas patas. — Agora, é claro, sendo ele mesmo um escravo hebreu, Moisés queria libertar o resto dos escravos. Então ele perambulou pelo deserto. E voltou para a corte do Faraó muito tempo depois, implorando-lhe para libertar os escravos, e teve que passar por todo tipo de problemas para consegui-lo. Havia sapos, gafanhotos e furúnculos e o Mar Vermelho que se abriu em dois, e uma jornada de quarenta anos, e, francamente, a coisa toda foi um caos. — Gus torceu o nariz e coçou atrás da orelha. — Entendeu?

Rose franziu a testa:

— Que a escravidão é o maior mal da civilização, a justiça é duramente conquistada, e os gatos são prolixos?

— Sim — concordou Gus, mostrando os dentes afiados. — Tudo isso é verdade. Mas o que quero dizer

é: não acha que teria sido mais fácil para Moisés se, em vez disso, só tivesse trabalhado *dentro do sistema*? Não é mais fácil libertar os escravos, depois de se *tornar o faraó*?

Rose suspirou e se enrolou sobre si mesma em posição fetal, desalojando o gato, que se remexia sobre o seu quadril.

— Não sou um faraó e isto aqui não é o Egito e não vejo o que *isso* tem a ver comigo.

Gus deu um passo à frente e sentou-se na cabeça de Rose, o que ele fazia quando realmente queria provar seu ponto de vista.

— Se quer mesmo derrubar a Sociedade Anônima Mostess, você tem duas opções: pode tentar salvar sua família e ir embora, como Moisés, arriscando sua própria vida e a vida de todos os outros; *ou*, pode fingir cooperar enquanto planeja seu ataque, fazendo as receitas que o Sr. Butter deseja *e* seus antídotos, e então aparecer de repente por detrás e estragar toda a operação. — Ele fez uma pausa. — Qual plano soa melhor para você?

— O segundo — disse Rose, removendo o gato da cabeça e colocando-o ao seu lado. Ela se sentou. — Tenho que fazer isso.

Gus colocou uma pata na testa de Rose.

— Você deve, é verdade. Não tem escolha. Não, se quiser manter sua família segura.

— Rose, por favor! — gritou Marge. Sua voz parecia preocupada e fina. — As Bolinhas Brilhantes!

Rose olhou para Gus e resmungou. — Está bem, vamos fazer algumas Bolinhas Brilhantes perversas.

— E? — perguntou Gus.

O cantinho da boca de Rose curvou-se para cima. — *E* o antídoto.

Rose e os confeiteiros se debruçaram sobre a mesa de preparo, olhando para baixo, para a bandeja de Bolinhas Brilhantes de chocolate, exatamente das mesmas cores dos marca-textos que Rose usava na escola.

— Cara, eu quero uma dessas — disse Gene, salivando. — Parecem muito melhores que aquelas Tortas Tontas.

— Tortas Tontas são nojentas — estremeceu Felanie.

— Nojentas é pouco — corrigiu Melanie. — São... *nojentérrimas*.

Rose olhou confusa para Marge enquanto arregaçava as mangas brancas do uniforme de confeiteira.

— Eles não estão mais sob o feitiço da Torta Tonta?

Marge apontou orgulhosamente para o fogão.

— Fiz um pouco de Geleia de Damasco de Dragomiresti! Todos comemos bolinhos com Geleia de Damasco no café da manhã, e agora estamos nos sentindo muito menos *tontos*, se entende o que quero dizer.

— Embora eu *esteja* com desejo por damascos — confessou Ning, acariciando a barriga redonda. — Damascos doces, deliciosos.

— É uma troca, Ning — disse Marge. — Vai firme.

— Mais que isso, desejo algumas dessas Bolinhas Brilhantes aqui — disse Ning.

— Eu também — disse Jasmine. Ela piscou e seus olhos pareceram crescer. — Há algo na maneira como elas *brilham*... Eu realmente as quero.

Rose notou que ela própria também sentia um forte desejo de comer uma Bolinha Brilhante, mesmo sabendo serem apenas pedaços de porcaria marrom. Ainda assim, de perto, as massas cobertas de cocô pareciam irresistíveis. As cores eram tão brilhantes — as azuis tão azuis, as verdes tão verdes — que cada Bolinha Brilhante parecia uma enorme joia de néon.

— Bonitas — disse Felanie respirando fundo.

— Como a, éé, Directrice — declarou Rose —, vou provar a Bolinha Brilhante.

— *Sortuda* — sussurrou Melanie.

Rose se esticou para as bolas néon e jogou um pedaço de uma de cor laranja na boca. A cobertura tinha gosto de lenço de papel desfiado, o bolo de chocolate tinha sabor de cinzas grudentas e o recheio cremoso, de saliva espumosa e superaquecida. E tudo era melado de doce.

— Eca! — reclamou Rose, cuspindo na pia. — Odiei — comentou, perplexa. — Odiei mesmo. — Enxaguou a boca e voltou a enxaguar. — Mas quero comer outra agora. Talvez.

— É por isso que a receita precisa ser revista — lembrou Marge. — Não é *perfeitamente* viciante.

Rose estremeceu só de pensar o que poderia acontecer se fossem.

— Está bem — concordou. — Mostrem-me como preparam estas.

Gus ficou sentado no ombro de Rose enquanto ela assistia aos confeiteiros recriando a receita de Bolinha Brilhante de Lily.

Marge segurava mais um dos cartões de receita de Lily de cor creme, lindamente copiado, e gritava ordens. Jasmine fez as bolas macias de bolo de chocolate, enquanto Gene, o Vice-Presidente dos Recheios, puxou uma mangueira de incêndio da parede e acoplou uma longa varinha de metal à extremidade. Parecia uma enorme agulha hipodérmica.

— O que você está fazendo com essa mangueira de incêndio, Gene? — perguntou Rose.

— Mangueira? — Intrigado, Gene olhou para o objeto em sua mão. — Puxa, cara — ele disse. — Você pensou que isso era uma mangueira de incêndio? Não, isso é um Bico de Conservação.

Rose viu que a mangueira estava ligada a um tanque de agitação de uma substância espessa e clara, que se parecia muito com muco, o que ela não tinha percebido antes. Eca.

Como se tivesse feito isso milhares de vezes antes, *o que provavelmente fez*, pensou Rose. — Gene trouxe a mangueira até a bandeja de bolas quentes de bolo de chocolate e injetou cada uma com uma pequena dose da gosma branca, que se agitava.

— *Esse* é o recheio que vai dentro das Bolinhas Brilhantes? — o estômago de Rose embrulhou-se ligeiramente. — Aquela meleca estranha?

— Não, não, esses são os conservantes — esclareceu Gene. — É um componente imprescindível de PCIA. Uma pelota disto garante que as Bolinhas Brilhantes não estraguem até depois que a terra for herdada por zumbis e baratas. Mantém o sabor tão bom quanto no dia em que foram feitas, mesmo daqui a mil anos. — Ele sorriu orgulhosamente.

Rose pensou no Bolo Boleca exposto por baixo de uma redoma nas instalações principais de produção.

— Algumas coisas não deveriam ser possíveis — disse a Gus, que se sentou ao seu lado na impecável mesa de preparo de aço. Ele assentiu.

Depois que Gene recheou todas as Bolinhas Brilhantes com a meleca conservante, Ning e Felanie prepararam quatro tigelas separadas de simples glacê branco de baunilha. Então, trouxeram um pote vermelho que continha um grande besouro preto. O besouro se virava em círculos dentro do vidro, como que procurando uma saída. Parecia mais nojento que mágico; era, porém, como o Queijo da Lua.

— O que é *isso*? — perguntou Rose.

— O Besouro que Cega — respondeu Marge, distribuindo capacetes pretos de soldagem para Rose e o resto dos confeiteiros. — Vai querer colocar isso.

Rose tinha visto capacetes como esses nos trabalhadores de construção do lado de fora da biblioteca de Calamity Falls, que fixavam vigas de aço com faíscas brancas quentes. Pareciam um pouco pesados e fora de contexto para uma confeitaria.

Colocou o dela na cabeça. Era como se alguém tivesse apagado as luzes.

— Não posso ver nada — disse Rose — e mal posso respirar. É realmente necessário?

— Sim — afirmou Ning, abrindo o pote e despejando o Besouro que Cega na bacia de mistura.

Rose ficou parada no escuro total, ouvindo a própria respiração, até que de repente o besouro começou a brilhar como um fogo de artifício, correndo em torno das laterais da tigela e a pulverizando um rastro de faíscas laranja crepitantes, que ela, Sage e Ty acendiam no quintal todo ano, no dia quatro de julho[11] — tudo eram sibilos, estalos e explosões.

Ning transferiu-o para a tigela seguinte, onde ele começou a brilhar na cor néon verde, disparando jorros de faíscas verdes. E então, em outra tigela, tornou-se uma mancha rosa fosforescente no escuro. E então, na última tigela, onde queimou órbitas de azul metálico. Mesmo através da máscara de soldador, o brilho era

quase demasiado forte para se olhar. Trilhas de luz serpenteavam pela visão de Rose, fazendo-a piscar e desviar o olhar.

Quando o besouro voltou a escurecer, Ning o prendeu e o colocou de volta dentro do pote vermelho, fechando rápido a tampa.

Rose tirou a máscara, limpando as gotas de suor de sua testa e viu que as quatro tigelas de cobertura eram agora um néon azul, verde, rosa e laranja. Dentro do pote, o despretensioso besouro preto rastejava parecendo exausto.

— Ora, ora, ora — disse Marge, piscando rapidamente.

— Interessante — avaliou Rose, folheando os Apócrifos. Procurava qualquer menção do Besouro que Cega e finalmente chegou na página que dizia:

Foi em 1832, na vila tailandesa de Songkram, que o comerciante britânico Deveril Shank, um descendente de Albatroz Bliss que visitava o lugar, descobriu o Besouro que Cega na mata selvagem do Sudeste Asiático. Ele usou as faíscas mágicas produzidas pelo Besouro que Cega para colorir a cobertura de um bolo envenenado e forneceu à família real de Songkram, que ameaçara expulsá-lo. A família real comeu o bolo, mesmo sendo envenenado, por ficarem completamente encantados com a cobertura de glacê.

— Isso é horrível! — disse Marge, apoiada no ombro de Rose e também lendo os Apócrifos.

— Pode crer — concordou Rose.

Marge baixou os olhos novamente para o cartão da receita deixada por Lily.

— Nunca vi a receita original, apenas a versão que a antiga Directrice nos deu. — Ela inspirou o ar dramaticamente e meneou a cabeça. — Albatroz Bliss *envenenava* pessoas! O que há de errado com a sua família?

— Eles não são minha família — disse Rose, sentindo-se um pouco na defensiva: não havia tempo suficiente para explicar a árvore genealógica da família Bliss e como uma rixa nunca resolvida entre dois irmãos, Filbert, de bom coração e Albatroz, de coração negro, levou aos dois tipos de magia culinária. Havia a magia útil, realizada pela mãe de Rose (e por Rose, também, ela lembrou a si mesma). E havia a magia

negra, que Albatroz e seus descendentes executavam.

— Mas deixa pra lá. Mesmo porque eles são terríveis — Rose apontou para as várias tigelas em sua frente —; não há nada tão horrível quanto eles.

— O que quer dizer? — perguntou Gus, pulando sobre a mesa. Ele estremeceu e todo seu pelo arrepiou-se nas pontas. — Eu realmente *odeio* besouros.

— Essa receita só faz as Bolinhas Brilhantes irresistíveis do lado de fora — explicou Rose. — Elas precisam ser irresistíveis *por dentro*.

Foi então que Gene veio mancando para o grupo. Rose passou o dedo pelos lábios, como se fechasse um zíper e acenou para Gus ficar quieto.

— Ela realmente sabe das coisas! — disse Gene, afagando Rose nas costas.

— Claro! — Melanie e Felanie falaram simultaneamente, olhando para uma das tigelas de cobertura.

Rose abriu um sorriso de alegria, enquanto folheava as páginas dos Apócrifos, tendo encontrado outra receita, que parecia *perfeitamente* horrível.

BOLO DA FOME

Para o terror das cidades

Foi em 1742, na cidade irlandesa de Ballybay, que o nefasto descendente de Albatroz, Callum O´Frame, preparou tortas pequenas que, quando comidas, faziam o povo sentir um grande vazio na barriga. Eles comeram tanto alimento quanto podiam, mas nada fazia a fome passar. Comeram todo o alimento que tinham, então vagaram procurando alimento, assassinando seus vizinhos em troca de batatas cozidas e escondidinho de carne moída com cebolas. Os ballybaynos transformaram-se em bestas vorazes.

O Sr. Callum O´frame misturou dois punhados de farinha com um punhado de chocolate em pó e um

punhado de açúcar branco. Adicionou um bocado de manteiga de vaca com dois ovos de galinha e um punhado de leite, uma pelota de baunilha e o lamento de uma Bruxa da Névoa, que superou até mesmo o lamento dos estômagos dos aldeões.

— Então, se fizermos essa receita, nos tornaremos bestas? — quis saber Marge. Ela tirou seu toque de *chef*, que já não estava mais exatamente branco, mas sujo com pedaços de corante alimentício e açúcar mascavo. — Não quero me tornar uma bruxa lamuriosa.

— Isto vai te curar — disse Rose, apontando para as letras pequenas na parte de trás da página.

PÃES DOCES DO COELHO

Para cessar os efeitos do BOLO DA FOME

O confeiteiro itinerante Seamus Bliss testemunhou a fome assassina que acometera os aldeões perfeitamente bem alimentados de Ballybay e lhes preparou pães doces que fizeram com que se sentissem perfeitamente saciados sempre que tocavam o pelo de um coelho puro e meigo.

O Sr. Bliss misturou três punhados de farinha com uma pelota de fermento, um punhado de leite de vaca, um ovo de galinha e um punhado de açúcar. Ele acrescentou a bênção do Coelho Beneditino.

Depois disso, os habitantes da cidade passaram a usar pés empalhados de coelho em torno do pescoço, recolhidos de coelhos que haviam morrido de causas naturais, é claro — para sempre tocar o pelo de um coelho puro e doce.

— Uau! — exclamou Gene, cujas sobrancelhas subiram quase até o topo da cabeça. — Talvez essa seja a

origem dos chaveiros de pé de coelho! Eu os adoro! Tenho uma caixa cheia deles debaixo da cama!

— Mas onde conseguiremos o Coelhinho Beneditino? — Rose se perguntou em voz alta. — Quanto mais uma Bruxa da Névoa!

Enquanto os confeiteiros permaneciam ao redor pensando, Gus pulou nos braços de Rose e cochichou em seu ouvido.

— Parece que eles têm todos os ingredientes possíveis naquele armazém em forma de bolo — disse baixinho. — Aquele, com os robôs. Tenho certeza que lhe dariam a Bruxa da Névoa. O Coelhinho Beneditino, por outro lado, pode causar certa desconfiança. Você provavelmente terá que roubá-lo.

— Boa ideia — sussurrou Rose no ouvido do gato. Deixou Gus pular no chão e então repetiu a ideia dele palavra por palavra.

— Eu vou — disse Gene assim que Rose acabou de falar. Ele estufou o peito. — Costumava fazer grandes furtos quando adolescente, antes de me endireitar e me encontrar na confeitaria. Tenho certeza de que poderia fazer esse Coelhinho Beneditino desaparecer como um coelho na cartola.

— Gene, meu amigo, todos nós já fizemos coisas das quais não nos orgulhamos — comentou Marge, dando uma tapinha em suas costas. — Uma vez roubei um cavalo de uma pista de corrida. É uma longa história — ela arreganhou os dentes. — O fato é: serei sua assistente.

— Não! — exclamou Felanie. — É muito perigoso.

— Roubar um coelhinho? — estranhou Melanie. — É uma coisa muito doce para se roubar! — Ela se virou para Jasmine, que estava quebrando uma barra de chocolate e dando os pedaços para Ning. — Ouviu isto, Jasmine? Marge e Gene vão roubar um coelhinho!

— Hum? — perguntou Jasmine, olhando para ela.

— Nada disso importa — afirmou Marge. Foi até Jasmine e tirou dois pedaços de chocolate de sua mão. Com um deles, desenhou linhas escuras sob os olhos, como um jogador de futebol faria[12]. Com o outro pedaço, fez o mesmo em Gene. — Agora — disse Marge — estamos basicamente irreconhecíveis. Vamos lá, Gene.

Ela jogou os quadradinhos de chocolate na boca e piscou para Rose. — O dever nos chama.

Rose, Gus e o resto dos confeiteiros ficaram para trás na Cozinha Experimental preparando duas versões da receita de Bolinhas Brilhantes de Chocolate: uma para o lamento da Bruxa da Névoa e outra para a bênção do Coelhinho Beneditino. Fizeram porções gigantes de massa em duas cubas de metal do tamanho de tambores que Jasmine puxou sobre rodas para fora de um armário de armazenamento.

— Pobre coelhinho — resmungava Melanie. — Coitadinho do coelhinho.

Pobre de mim, pensou Rose. Se não fosse por Felanie, Ning e Jasmine darem duro, teria arruinado os dois

lotes de mistura. Não importa o quanto tentasse se concentrar na receita, continuava a errar. Continuava a ver os pais e Balthazar naquele quarto de hotel, rodeado por guloseimas da Mostess. E continuava ouvindo o Sr. Butter dizendo "*senão...*" — O que ele faria com eles, se ela falhasse?

— Talvez devesse fazer uma limpeza nessa receita? — sugeriu Jasmim delicadamente, entregando-lhe uma tigela cheia até a borda com itens melecados.

— Boa ideia — concordou Rose.

Enquanto lavava a massa fina de bolo de chocolate da colher de mistura gigante, Marge e Gene regressaram. Pareciam um pouco cansados, mas com um sorriso feliz estampado no rosto. As linhas de chocolate sob os olhos deviam ter saído com o suor, deixando as bochechas parecendo um pouco enlameadas. Mas uma coisa estava clara: estavam excitados.

— Como foi? — indagou Rose.

Marge empurrava um carrinho com dois potes vermelhos. Um deles tinha um metro e vinte de altura por sessenta centímetros de largura. Através do vidro vermelho translúcido, ela pôde ver uma mulher velha e fantasmagórica à espreita. O outro pote tinha o tamanho padrão e continha um adorável coelhinho cor creme vestindo uma coleira de cor preta e branca.

— Um sucesso! — exclamou Marge, erguendo o punho fechado no ar. Os outros confeiteiros reuniram-se em torno do carrinho, produzindo exclamações de espanto na frente dos potes de conserva. Enquanto estavam distraídos, Rose agachou para ter uma breve conversa com Gus, que estava puxando seu avental com uma garra estendida.

— Eu teria cuidado com essa Bruxa da Névoa — sussurrou Gus, enquanto Gene se esforçava para empurrar o pote para a mesa de preparo. — Ouvi dizer que elas são muito... incontroláveis.

— O que ela é? — perguntou Rose, observando a mulher fantasmagórica no pote. Tinha o cabelo grisalho pegajoso, pele branca enrugada, nariz longo e pontiagudo. Rose não poderia dizer se a bruxa estava olhando através dela ou direto para ela. Isso era inquietante, para dizer o mínimo.

— A Bruxa da Névoa — começou Gus, limpando a garganta — é fenômeno principalmente galês. São criaturas do vazio, feitas de bruma. Dizem que aprisionam os corações de inocentes. Elas se lamentam por causa do tremendo vazio em seus estômagos e da terrível dor em seus corações, uma dor que nunca pode ser preenchida, não importa quantas almas devorem.

— Isso não parece bom — disse Rose, e então se levantou. Ela repetiu essa nova informação para o grupo.

— Parece meu ex-marido — falou Marge com um gemido baixo.

Rose cobriu uma cuba de massa de chocolate e fez a outra deslizar para a frente.

Abrindo o pote grande, que continha a Bruxa, Marge falou: — É todo seu, Bruxinha!

A Bruxa emergiu do pote, crescendo em alguns segundos até o seu tamanho normal. Era tão grande quanto os confeiteiros, embora nem de longe tão gorda. Seus olhos negros disparavam ao redor da sala. Ergueu as mãos de garra para o teto e soltou um lamento de cortar os ouvidos.

O som sacudiu os misturadores de mesa, e as placas de linóleo no piso enrolaram nas bordas. Pedaços de gesso caíram do teto. Rose fechou os ouvidos com os dedos, mas o grito ímpio da Bruxa queimou seus tímpanos como um ferro atiçador em contato com a brasa.

Incitada pelo grito, a massa de chocolate agitou-se para fora da tigela de mistura e começou a girar no ar, os giros se transformando em uma esfera gigante inclinada. O raio de giro tornava-se cada vez mais amplo, criando uma casca oca, o chocolate girando em uma velocidade tão intensa que mal parecia se mover.

No momento seguinte, a bruxa soluçou e o lamento parou.

Uau, Rose pensou. *Aquilo tinha sido dez milhões de vezes pior que os gritos de Marge. E eu que os achei horríveis!*

No mesmo instante, a massa parou de girar, e em um piscar de olhos voltou à tigela com um som de massa molhada caindo. Um fedor de podridão e um hálito particularmente desagradável de uma lanchonete cheia de gente com fome subiu da tigela.

— Eca! — comentou Ning, abanando o ar do seu rosto.

A Bruxa da Névoa cheirou ao redor da sala, à procura de algo, e seus olhos negros vazios fixaram-se em Rose. *Um coração inocente*, percebeu Rose. *Ela quer devorar o meu coração*. — Peguem o pote! — exclamou Rose. — Me ajudem!

Capítulo 8
Devorando Bolinhas Brilhantes

Rose escondeu-se atrás dos seis confeiteiros enquanto Marge virou a boca do pote na direção da Bruxa.

— Mantenha-a longe de mim! — gritou Rose. Ela fechou os olhos, porém tudo o que podia ver eram as íris negras e brilhantes da Bruxa. Focadas nela. Desejando devorá-la.

— Não tenha medo, Rose — falou Marge. — Nós a protegeremos!

— Apenas tente, Bruxinha — exclamou Felanie, curvando um dedo. — *Apenas tente*.

— Sim, venha pegar — Melanie ronronou. — Venha. Pegar.

A Bruxa da Névoa rosnou tão longa e profundamente que o chão tremeu. Todo o cabelo de Rose pareceu levantar-se em sinal de atenção, quando a Bruxa cresceu na sua direção.

Mas os confeiteiros nem se moveram. Ficaram em posição e lançaram à frente o pote de vidro, capturando-a bem na frente de Rose, no último segundo. Felanie fechou imediatamente a tampa e Melanie travou o fecho, prendendo a Bruxa, que bateu o rosto no fundo com tanta força, que se dissipou em névoa novamente.

— Ufa — disse Rose com um arrepio. — Essa passou perto.

Gus levantou a cabeça por trás da tigela de um dos misturadores de mesa. Seu pelo estava todo em pé, como se tivesse sofrido uma carga de eletricidade estática.

— Aquela coisa está presa outra vez? — perguntou baixinho.

— Tudo trancado — confirmou Rose, aliviada. Os confeiteiros colocaram o pote em um canto da sala. Enquanto todos eles olhavam, o pote ainda se sacudiu por alguns segundos e então parou.

— Ufa — disse Ning. — Aquela coisa era mais assustadora que a minha própria avó.

Assim que todos se acalmaram, Melanie e Felanie começaram a distribuir às colheradas a massa de chocolate alterada nas pequenas latinhas com forma de Bolinhas Brilhantes. Enquanto isso, Marge descobriu o outro barril de chocolate.

— Agora para o antídoto — disse ela.

Rose puxou o outro pote de vidro.

— Tem alguma coisa nesse aqui com que eu preciso me preocupar? — perguntou ao gato.

Gus deu de ombros.

— Esse é ridículo demais para ajudar, mas quem sabe? Afinal, é um coelho.

Rose desatarraxou a tampa do segundo pote e tirou o Coelhinho Beneditino. Ficou parada segurando-o e acariciando o pelo sedoso.

Seus olhos, como da Bruxa da Névoa, eram negros, mas, em vez de uma frieza vazia, irradiaram inocência, calor e luz. Era a coisa mais doce que já tinha visto, e Rose foi tomada por um desejo de embalar o coelho nos braços para sempre. Todos os confeiteiros pararam o trabalho e ficaram olhando, fascinados por um sentimento de total paz e tranquilidade.

— Lindinho — disse Jasmine. — Esse é o coelhinho mais lindo que já vi.

— É um fofo! — sussurrou Melanie.

Todos estavam tão ocupados olhando para o Coelhinho Beneditino que não perceberam a Bruxa da Névoa cheirando freneticamente dentro do pote, os olhos vazios perfurando o vidro escarlate na direção do coelhinho inocente.

Rose embalava o coelhinho perto da massa de chocolate. — E agora? — sussurrou, não querendo incomodar a criatura perfeita.

— Você está com sorte — disse Gus. — Tenho noções básicas de *coelhês*. Vou pedir-lhe que abençoe a massa.

Gus ronronou uma série de gemidos longos e curtos, algo como o código Morse. O coelho pareceu sorrir e acenar com a cabeça, então pulou por cima da borda da mesa de preparo e sentou-se sobre as patas traseiras, levantando as macias patas dianteiras no ar. Ele fechou os olhos e proferiu uma série de guinchos, que pareciam para Rose com a música mais doce que já tinha ouvido.

Atrás dela, o pote vermelho contendo a Bruxa da Névoa começou a chocalhar. Ele tremeu e tremeu e então foi bater contra o chão. O vidro rachou e um minúsculo fragmento caiu fora. A Bruxa da Névoa se espremeu triunfante pelo orifício minúsculo no vidro e, com um lamento, arremeteu para o Coelhinho Beneditino. O Coelhinho continuou seu encantamento, alheio.

Rose cobriu os ouvidos e se jogou na frente da Bruxa, mas a figura branca enevoada passou através dela. Jasmim pulou na frente do Coelhinho, mas a bruxa também a atravessou, como uma flecha quase invisível.

— O coelhinho! — exclamou Melanie.

— O quê? — gritou Felanie acima do som do lamento da Bruxa.

— O COELHO!

A Bruxa parou à curta distância diante do Coelhinho Beneditino e abriu a boca, cada vez mais, até que essa se transformou em um poço negro redondo e grande como o resto de seu corpo. Ela começou a inalar com o som de um aspirador industrial.

O Coelhinho começou a deslizar lentamente pelo aço frio da mesa de preparo em direção à boca da Bruxa.

— Não! — berrou Rose. — Pare!

Gus saltou em cima da mesa e agarrou o rabinho felpudo do Coelhinho, agarrando-se à borda da mesa com as patas. A Bruxa, porém, era muito forte. Gus também, lentamente, começou a deslizar para a frente.

Rose olhou freneticamente ao redor da sala e se deparou com o tanque de conservantes.

— Gene! — gritou. — A mangueira!

Os olhos de Gene aumentaram em sinal de compreensão. Rapidamente, ele agarrou o bico longo em forma de agulha e o atirou para Rose, que o apanhou e enfiou na boca escancarada da Bruxa.

Então Rose apertou o gatilho.

Quando o jato de conservante mucoso atingiu o interior da Bruxa, seus olhos negros vazios tornaram-se mais largos.

Com medo, Rose percebeu. A Bruxa estava com medo.

O conservante gorduroso parecia solidificar-se dentro da névoa, criando uma figura sólida de terror cinza. A Bruxa tornava-se cada vez mais sólida, afundando finalmente no chão sob seu próprio peso, até que finalmente estourou em uma explosão de imundície cinza que cobriu as paredes, teto e todos os utensílios de aço inoxidável. Marge cobriu o segundo barril de massa de chocolate a tempo de protegê-lo.

— Eca — exclamou Felanie. — Nojento.

O Coelhinho terminou sua bênção e abriu os olhos, um sorriso ingênuo no rosto. Então ele se sentou sobre seus quadris e torceu o nariz.

— Graças a Deus — disse Melanie. — Graças a Deus o Coelhinho está seguro.

Gus suspirou e olhou para a Rose.

— Parece que precisarão de uma nova bruxa.

Lá pelas cinco e meia da tarde, o Coelhinho Beneditino estava em segurança de volta ao seu pote e as duas

versões diferentes de Bolinhas Brilhantes repousavam sobre bandejas na mesa de preparo, cobertas com quatro tipos de cobertura de néon.

Rose ergueu a bandeja de antídoto de Bolinhas Brilhantes.

— Vou esconder essas em algum lugar na cozinha — avisou à equipe de confeiteiros. — Se as Bolinhas Brilhantes sinistras funcionarem como devem, ficarão tão desesperados para ter mais que vão vasculhar a cozinha inteira, até as encontrarem. Esse será o teste. Agora, não olhem!

Os confeiteiros fecharam obedientemente os olhos enquanto Rose escondia o antídoto de Bolinhas Brilhantes por baixo de uma tigela de metal virada para baixo, sobre a mesa de preparo mais distante. Quando terminou, subiu pela escada para o quarto e deixou os confeiteiros pairando sobre a bandeja de Bolinhas Brilhantes perigosas.

— *Comeeer!* — gritou.

Foi um massacre de Bolinhas Brilhantes. Os confeiteiros caíam sobre a bandeja de Bolinhas Brilhantes de néon, empurrando um ao outro para abrir caminho e enfiando uma atrás da outra na boca até suas bochechas ficarem tão gordas que pareciam esquilos. Estavam lambuzados de recheio e flocos de cobertura de néon e coco, que decoravam seus rostos como confete.

— Sinto enjoo só de observá-los — disse Gus.

— Olhe só quem fala — disse Rose. — Eu vi o que você faz com as latas de atum.

— Aquilo, minha querida, é um conhecedor saboreando uma boa refeição. Isso… é um frenesi.

Para sua própria segurança, Rose estava contente que as Bolinhas Brilhantes estivessem fora de alcance. Se fossem tão viciantes quanto as Tortas Tontas, ficaria em apuros apenas por provar.

Depois que a degustação cessou, Marge e o resto dos confeiteiros deitaram no chão digerindo, lambendo os lábios. Então começaram a rolar.

Marge agarrou a barriga. — Estou morrendo de fome — gemeu. — Preciso de mais Bolinhas Brilhantes! Meu estômago é um buraco negro que nada consegue preencher!

Ning ficou em pé e caminhou com passo de ganso pela cozinha, clamando.

— Eu falei primeiro! Primeiro eu encho o vazio da minha barriga, e então vamos falar sobre a sua, Marge. — Ele olhou por dentro e por baixo de tudo que encontrava — armários, tigelas, toalhas de papel. — Eu sei que a Directrice fez mais dessas maravilhas, as Bolinhas Brilhantes docinhas, onde estão?

Jasmine e Gene estavam satisfeitos demais para ficar em pé, então se arrastaram pelo chão, cheirando as placas do piso e sob os aparelhos de aço inoxidável como cães de caça.

Melanie e Felanie contentavam-se apenas em lamber as migalhas das assadeiras, chorando o tempo todo. — Não tem mais! Não tem mais! Ah, por que não tem mais?

Rose observava os confeiteiros com horror. Se essas Bolinhas Brilhantes forem liberadas pelo país, não haveria trégua para a Sociedade Anônima Mostess. A falsa sensação de fome que as Bolinhas Brilhantes criavam levaria as pessoas a saquear lojas, dispostas a fazer qualquer coisa para obter mais produtos Mostess. Qualquer coisa que o Sr. Butter — ou a Sociedade Internacional do Rolo de Massa — quisesse que fizessem.

— Isso é terrível — lamentou Rose.

— Parece que a Bruxa da Névoa fez o seu pior — sussurrou Gus.

— Espero que o antídoto das Bolinhas Brilhantes funcione — respondeu. — Vamos, Coelhinho Beneditino, não nos decepcione.

Jasmine bateu forte a cabeça contra a mesa de preparo onde Rose tinha escondido o antídoto de Bolinhas Brilhantes. A mesa de preparo tombou no chão, espalhando as Bolinhas Brilhantes escondidas. Elas rolaram pelas placas do piso, uma dúzia de bolas de cor brilhante, e os seis confeiteiros engasgaram e congelaram no lugar.

— Elas são minhas! — gritou Marge, pulando em cima de outra mesa de preparo e deslizando para baixo ao longo de seu comprimento.

— Por cima do meu corpo gordo! — gritou Gene, rolando para a frente.

Melanie e Felanie apenas rugiram incompreensivelmente e se arrastaram pelo chão, chorando e rindo ao mesmo tempo.

Todos se encontraram batendo com as cabeças sobre o antídoto de Bolinhas Brilhantes; os gritos eram tão altos que Rose teve que cobrir as orelhas e se afastar. Ficou olhando para ter certeza de que cada confeiteiro pegasse pelo menos uma Bolinha Brilhante, então aguardou para que o antídoto fizesse efeito e para que sua equipe de índole doce voltasse de qualquer lugar maléfico que as sinistras Bolinhas Brilhantes os tinham levado.

E então a briga parou.

Os confeiteiros se olharam enquanto limpavam os restos de migalhas e lambiam as últimas manchas de cobertura de seus dedos.

Marge foi a primeira a falar.

— Preciso comer mais — sussurrou. — Se vocês, pequenos porquinhos, não tivessem comido tudo, haveria mais para mim! — Então ela se atirou para a frente.

— Você é a porquinha! — berrou Ning, jogando-se sobre Marge. Em breve Jasmine estava socando Ning com um par de batedores de ovos, Gene batia em Felanie com uma assadeira e Melanie puxava os aventais das pessoas sobre suas cabeças e os batia com uma colher de pau.

Rose virou-se para Gus com terror.

— O que aconteceu? — gritou. — Segui a receita exatamente como escrita! Por que eles ainda estão loucos?

Pegando o cartão, tornou a lê-lo rapidamente.

— Oh não — disse e leu em voz alta: *Desde então, os habitantes da cidade usavam pés preservados de coelho em torno dos pescoços... para que pudessem sempre tocar o pelo de um coelho puro e doce.*

— Isso nunca vai dar certo se todos têm que ficar com aquele coelho de olhar envidraçado — disse o Gus. — Não há coelhos suficientes para todos.

Rose abanou a cabeça. — Gene disse que tinha uma caixa de chaveiros com pés de coelho, lembra? Isso deve funcionar. Tenho que pegá-los!

Rose começou a descer as escadas, mas Gus galopou na frente dela e bloqueou o caminho.

— Não — disse. — É muito perigoso. Eles vão rasgá-la em pedaços. — Agachou-se, dizendo: — Esse é um trabalho que só um gato pode fazer. Permita-me. — Virou-se e correu degraus abaixo como uma listra peluda cinza, arremessando-se como uma flecha em torno das bordas da sala e desaparecendo nas Acomodações dos Confeiteiros.

Cinco minutos mais tarde — a essa altura Rose começou a temer que os confeiteiros pudessem realmente se machucar uns aos outros —, Gus saiu das Acomodações, carregando seis chaveiros de pé de coelho na boca. Ele correu diretamente para o centro da luta dos confeiteiros.

— O gato tem mais Bolinhas Brilhantes! — gritou Rose. — O gato tem Bolinhas Brilhantes!

Por um momento, nada aconteceu, os confeiteiros apenas continuaram a luta lenta sobre o piso. Mas então, devagar, o arquejar e os empurrões rarearam e os seis confeiteiros se soltaram, dispersando-se pelo piso de azulejo, cada um segurando um pé de coelho em seus dedos sujos de cobertura. Gene arrotava alto o suficiente para fazer estremecer as panelas sobre uma mesa de preparo nas proximidades e de repente todos os confeiteiros estavam gemendo em voz alta.

O gato sentou-se no centro vazio do piso, examinando as manchas de cobertura no pelo.

— Rose, você terá de limpar este material venenoso de mim. Não quero perder o controle das minhas garras, sem poder me defender.

— Nunca mais vou comer de novo — disse Marge. — É isso. Esta é a última vez.

De repente, as luzes vermelhas nos cantos do quarto piscaram, e ouviu-se o gemido da sirene.

— O Sr. Butter está vindo! — gritou Rose, correndo escada abaixo para o piso da cozinha. — Lembrem-se todos: ainda são viciados em Bolinhas Brilhantes! Vocês têm que fingir.

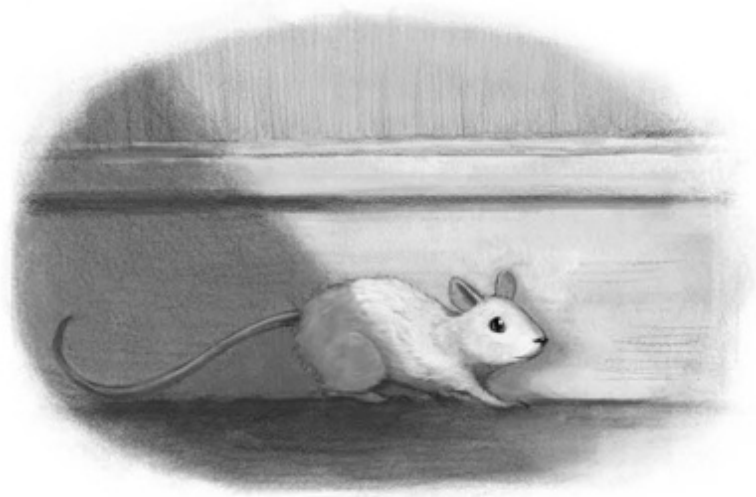
— Não posso! — Jasmine gemeu. — Nem consigo *fingir* que quero comer!

Os confeiteiros rolavam no chão, como focas se aquecendo nas pedras ao sol.

— Pessoal, por favor! — exclamou Rose. — Se o Sr. Butter ouvir vocês gemendo, dizendo que jamais voltarão a comer outra Bolinha Brilhante, ele pode machucar os meus pais! E meu avô! Por favor, levantem-se!

Nesse momento, o alçapão deslizou para o lado assim que o elevador chegou ao andar. Lá estavam duas figuras, mas elas não estavam sentadas em um carrinho de golfe.

— E aí, *hermana*?

Os irmãos de Rose, Ty e Sage, estavam parados sobre a plataforma do elevador.

Capítulo 9
Dois irmãos, com confeitos por cima

Rose se inclinou, agarrando-se a Ty e Sage, que, desajeitados, lhe afagaram a cabeça. Fazia tempo que os três não faziam isso, se é que já se tinham se abraçado todos juntos alguma vez. Foi estranho, mas maravilhoso, e Rose piscou, segurando as lágrimas.

— O que fazem aqui? — indagou. — Libertaram a mamãe e o papai? Cadê a Leigh?

O cabelo vermelho espetado de Ty estava em pé como a crista de um galo. As bochechas sardentas e rechonchudas de Sage pareciam esferas brilhantes. Os meninos estavam em pé com os braços orgulhosamente cruzados na frente das camisetas brancas iguais. Rose pensou que eles pareciam anjos; jamais ficou tão contente em ver duas pessoas em sua vida.

— Quem são estes belos jovens? — perguntou Marge. Ela arrotou, então colocou a mão sobre os lábios. — Desculpem — disse ela. — Comi demais Bolinhas Brilhantes.

Sage acenou para a Confeiteira Chefe inchada:

— Acontece nas melhores famílias.

— Marge, estes são meus irmãos — apresentou Rose. — Thyme e Sage; e estes — continuou ela, indicando os confeiteiros espalhados pelo chão — são os Confeiteiros-chefes da Sociedade Anônima Mostess. Mas... contem — pediu ela — como chegaram aqui.

— Vim dirigindo — disse Ty com orgulho, erguendo a mão como se reprimisse aplausos. — O carro da

Sra. Carlson. Com minha habilitação.

— Ela não queria que viéssemos — contou Sage —, então tivemos que esperar até que ela estivesse assistindo suas novelas.

— Ela gosta daquela, do médico manda-chuva, nas forças armadas — completou Ty. — "*Hospital General*".

— De qualquer forma, mamãe e papai vieram atrás de você quando Jacques nos contou onde estava — explicou Sage. — Não deixaram que viéssemos com eles, mas, quando não ligaram de volta, concluímos que havia algo errado.

— A Sra. Carlson dirige uma perua de trinta anos — avaliou Ty. — Confesso que foi difícil de dirigir, mas, com apenas alguns probleminhas, dei conta.

— Batemos na traseira de um caminhão de entrega no posto de gasolina — cochichou Sage.

— Foi estratégia — insistiu Ty —, parte do meu plano, o caminhão era da Mostess, entende?

— O motorista foi supersimpático — sorriu Sage. — Deixou que eu olhasse na cabine do caminhão enquanto anotava as informações de seguro do Ty. Então o seguimos até aqui.

— Chegamos hoje de manhã e esperamos lá fora até que um caminhão diferente parasse na guarita — contou Ty —, então entramos andando pelo outro lado.

— Foi fácil — comentou Sage. — Os guardas estavam se empanturrando com este monte de *cookies-marsh-mallow* cobertos de chocolate, e nem nos notaram.

— Ah, não — lamentou Marge. — Parece que estão dando suas novas Tortas Tontas aos guardas, Rose.

— Como descobriram que eu estava neste prédio? — perguntou Rose.

— Encontrei um mapa — relatou Sage. Enfiou a mão no bolso de trás do jeans e pescou algo, um papel amarfanhado. — Estava no porta-luvas do motorista do caminhão.

Ao desdobrar o papel ela viu o mapa de todo o complexo Mostess. Cada prédio tinha um nome: FÁBRICA DE TORTAS TONTAS Nº 3, LABORATÓRIO MOSTESS, HOTEL SACO DE CONFEITAR e outros. No centro, circulado, havia a COZINHA EXPERIMENTAL.

— Jacques avisou que o gato que trouxe a mensagem de Gus disse algo a respeito de Cozinha Experimental, então viemos direto para cá — relatou Sage, que dobrou o mapa com um floreio e o recolocou no bolso.

Rose tornou a abraçar os irmãos.

— Já chega, então — concluiu Ty erguendo os braços. — Cuidado com meu cabelo!

— Mas o que você está fazendo aqui? — questionou Sage. — E onde estão mamãe e papai?

Rose explicou tudo aos irmãos: o sequestro, como os pais e o tatara-tatara-tataravô haviam sido feitos

reféns e os planos do Sr. Butter e da Sociedade Internacional do Rolo de Massa de escravizar o mundo pelo poder dos doces.

— Tudo por causa da Lily — concluiu Rose, tirando o livreto cinza de dentro do casaco. — Ela usou os Livros Apócrifos para aperfeiçoar as receitas.

— Então, depois de Paris, ela veio para cá? — interessou-se Sage. — Está aqui agora?

— Não, esteve aqui antes de Paris. Escondeu os Livros Apócrifos aqui e não voltou mais depois de perder o Tomo, na Gala. Acho que ficou com vergonha.

— Estou muito desapontado com a *Tia* Lily — declarou Ty estalando a língua. — Se tivesse terminado seu trabalho aqui, você não seria mantida prisioneira.

— Este não é o problema, Ty — irritou-se Rose. — Todos nos Estados Unidos correm o risco de se tornar zumbis comedores do Bolo Merenda Mostess, a menos que encontremos um modo de impedir essa gente.

— Deveríamos libertar mamãe e papai — sugeriu Sage. — Eles saberão o que fazer.

— Vamos esperar a polícia chegar — respondeu Rose, aliviada. Seus irmãos estavam lá. Ajudariam — *de algum jeito* — a resgatar seus pais. Foram dias malucos, mas agora acabaram.

— Polícia? — estranhou Ty. — Estão aqui também?

— Vocês não chamaram a polícia? — perguntou Rose, dando uma tapinha em seu braço.

— E dizer para eles *o quê*? — observou Ty. — Que um rato com sotaque francês nos contou onde você estava?

— E o que, *précisément*[13], há de errado com isso? — ouviu-se uma voz francesa fininha.

Jacques se esgueirou de um bolso dos shorts cáqui de Sage e se acomodou entre seus cachos vermelhos, no topo da cabeça. Gus lhe deu um aceno imponente.

Ao verem um roedor, todos os confeiteiros gritaram.

— Rato! — vociferou Marge.

— Mate-o! — berrou Jasmine.

— Gene, bata com a frigideira na cabeça daquele cara! — mandou Ning.

Gene se pôs em pé e bamboleou em direção a uma frigideira de ferro fundido em uma prateleira de metal.

— Não! — gritou Rose. — Parem! Este não é um camundongo comum! Ele é o Jacques!

Jacques espiou detrás dos grandes cachos de Sage.

— Não me batam na cabeça com uma frigideira! — exclamou Sage.

— Ninguém vai bater nada em ninguém — apaziguou Rose, se apressando até Gene para acalmá-lo. —

Gene, este é nosso amigo Jacques. Ele é um camundongo, porém... um camundongo bom!

Foi aí que as cores vermelhas do canto brilharam e uma sirene soou. A pronúncia lenta, sulista, do Sr. Butter assobiou pelo alto-falante.

— Olá, confeiteiros! Estamos subindo aí agora. É melhor que haja bastante ação de Bolinhas Brilhantes aí em cima.

O alçapão deslizou, à medida que o teto do carrinho de golfe surgia acima do piso.

Rose empurrou os irmãos em direção aos Alojamentos dos Confeiteiros, enxotando-os em direção à escada como se fossem moscas.

— Eles estão chegando! Escondam-se!

— Finjam que ainda são loucos por Bolinhas Brilhantes! — cochichou Rose aos confeiteiros. — Mãos com as patas de coelho dentro dos bolsos do avental!

Rose puxou cada um dos confeiteiros até ficarem em pé.

— Arrumem-se! — alertou ela, e Melanie, Felanie, Jasmine, Gene e Ning limparam a frente dos aventais, aprumaram os chapéus de *chef* e fizeram o que podiam para ajeitar as calças, mas não adiantou: estavam um lixo, cobertos com farinha, glacê e manchas de chocolate.

Gene piscou.

Bagunçados, talvez, mas alegres. Rose sorriu para ele e tomou seu lugar na cabeceira da fila. Esperava que Ty e Sage tivessem o bom senso de fechar a porta dos Alojamentos dos Confeiteiros atrás de si.

A fenda no chão se abriu, e o carrinho de golfe subiu até ficar na altura do piso da cozinha. O Sr. Butter emergiu do lado do passageiro, com o Sr. Kerr ao seu lado, como sempre.

— Como estão saltitando aquelas belas Bolinhas Brilhantes? — questionou. — Hein?

— Eu diria que deve ver por si mesmo — sugeriu Rose apontando o polegar para os confeiteiros —, mas os amadores que vocês me designaram comeram todas, até a última. — Atrás dela, os confeiteiros se cutucaram mutuamente.

— Eu quero mais! — exclamou Marge. — Meu estômago parece um poço sem fundo.

— O meu é mais sem fundo que o seu! — rosnou Ning.

— O meu é o mais sem sem sem fundo ainda! — gritou Melanie.

— Você quer dizer o mais sem fundo de todos — corrigiu Felanie.

— Eu quis dizer o que disse e digo o que quero — berrou Melanie —, e quero comer TODAS as Bolinhas Brilhantes!

— Cada um já comeu uma dúzia delas — cochichou Rose ao Sr. Butter, sorrindo como se fosse seu braço direito. — Pensei que bastaria, mas subestimei quantas guardariam.

— Eu diria que a receita funciona! — murmurou o Sr. Butter, batendo palmas. Rose se empertigou quando ele se encaminhou para as duas cubas gigantes com sobras de massa de chocolate. — Mas certamente você pode preparar mais — comentou ele —, pois vejo que há duas destas.

— Uma deu errado — explicou Rose. — Tive que testar antes para dosar corretamente os ingredientes. É o tonel da direita que está cheio da massa certa.

O Sr. Butter enfiou o dedo na cuba que a Bruxa contaminara e lambeu a massa de chocolate.

— *Nham*! — suspirou. — Nossa, *nham*, *nham*, é tão... Acho que preciso experimentar um pouco mais. — Ele estendeu outro dedo e então, no último momento, afundou as duas mãos na massa, até os pulsos. — E eu nem gosto de doces! Na verdade, detesto!

Quando ergueu as mãos cobertas de massa até a boca para lambê-las de novo, o Sr. Kerr gritou:

— Pare já!

Chocado, o Sr. Butter estancou, piscando os olhos.

— Quem se atreve a me dizer o que fazer?

O Sr. Kerr correu até a pia e agarrou um balde com água cheia de sabão. Ele o trouxe até o Sr. Butter e alertou:

— Senhor, eu recomendo que lave as suas mãos, senhor.

— Mas eu quero experimentar mais deste delicioso confeito.

— Butter — tossiu o Sr. Kerr. — Ele não é para você. Lembra?

Os olhos do Sr. Butter se arregalaram e ele imediatamente enfiou as mãos na lata com água e sabão. Ele as esfregou até que estivessem livres de massa e então, para ter certeza, enfiou o rosto dentro do balde e esfregou a boca e os lábios. Ao se erguer de novo, trilhas de espuma escorriam de sua grande careca.

— Essa foi por pouco! — constatou, cuspindo água com sabão. — O tantinho que provei foi suficiente para declarar que esta massa está divina! Bom trabalho, Senhorita Rosemary Bliss.

O Sr. Butter desfilou pela cozinha e, por trás das lentes dos óculos, seus olhinhos pequenos se arregalaram de novo.

— Seu talento é extraordinário, Srta. Bliss. Estou quase tentado a dizer que preparou estas receitas bem demais, mas então lembro da razão de estarmos aqui. Sim, pois as coisas que posso fazer com essas Bolinhas Brilhantes são...

Ele parou e ergueu um dedo, então guinchou:

— Rato!

Capítulo 10
A pequena casa no asfalto

Rose arquejou ao ver Jacques encolhido em um canto.

O Sr. Butter agarrou uma frigideira e disparou em direção ao camundongo, pronto para acertá-lo, quando Gene apontou para ele e gritou:

— Ele tem Bolinhas Brilhantes!

Imediatamente, todos os confeiteiros saltaram em cima do Sr. Butter, e Jacques sumiu de vista.

— Saiam de cima de mim, seus patetas! — berrou o Sr. Butter. — Eu não tenho nenhuma Bolinha Brilhante!

O Sr. Kerr se apressou a dispersar os confeiteiros como se fossem meros aventais vazios e ajudou o Sr. Butter a ficar em pé; o careca espanou seu terno, demonstrando claramente sua irritação em cada gesto.

— Eu estava falando *sobre* Bolinhas Brilhantes. Eu não disse *que tinha alguma*.

— Ora, perdão — desculpou-se Gene, tímido, baixando a cabeça. Voltando-se para Rose, encolheu os ombros.

— É melhor que eu não veja outro camundongo nesta cozinha — ameaçou o Sr. Butter, limpando os óculos sujos. — Sei que não conseguem trabalhar sem bagunçar, com todas essas brigas pelas delícias Mostess, e isto é maravilhoso. Mas sabem o quanto prezo a limpeza. Então façam o favor de varrer todas essas migalhas daqui.

— Com certeza — assegurou Rose. — Sinto *tanto*, Sr. Butter. Não voltará a acontecer!

O Sr. Butter olhou em volta e viu o frasco vermelho que continha a Bruxa da Névoa.

— Suponho que precisará então de outra Bruxa da Névoa?

Rose encolheu os ombros.

— Sinto muito, senhor. Ela... ficou fora de controle.

— Elas sempre ficam! — riu o Sr. Butter. — Enviaremos uma equipe para o País de Gales e apanharemos mais algumas. Sem problemas.

— Sr. Butter — alertou o Sr. Kerr, dando tapinhas no relógio. — Nosso tempo é curto. Eles chegarão em breve.

O Sr. Butter fez uma careta.

— Bom, eu adoraria ficar mais e conversar, mas temos que ir andando — explicou, seguindo o Sr. Kerr de volta ao carro de golfe e dobrando seu corpo magro no banco do passageiro.

— Ah, e Rose!

— Sim? — indagou ela, curiosa.

— Você está se saindo tão bem, que tal tentarmos apressar nossa proporção de aperfeiçoamento de receita, hein? Aposto que consegue dar um jeito na receita número três, as Rosquitas, até a noitinha. — Ele olhou o relógio. — Ah, ainda nem são sete. A noite é uma criança!

— Eu não sei... — começou Rose.

— Tenho certeza de que seus pais adorariam isto — acrescentou ele, sorrindo, enquanto o carro de golfe se perdia de vista. — Voltarei para ver como está indo antes da hora de dormir. Tchauzinho!

As portas no chão chiaram ao fechar, e todos na sala respiraram fundo, sentando no chão.

— Bom trabalho, gente — Rose parabenizou os confeiteiros, que deixaram escapar um gemido coletivo de indigestão.

De repente, duas figuras emergiram do enorme tonel de confeitos de bolo que ficava junto à parede. Uma das cabeças exibia pontas com confeitos: Ty. A outra era Sage. Ambos estavam totalmente cobertos, da cabeça aos pés, de confeitos coloridos. Eles limparam o espaço onde deveriam estar os olhos e piscaram para todos na sala.

— Por que vocês não se esconderam, simplesmente, como eu disse, nos Alojamentos dos Confeiteiros? — questionou Rose, enquanto Ty e Sage tentavam sair do tonel, pingando como animais do pântano.

— Não dava tempo — alegou Ty.

— Não foi tão ruim nos escondermos nos confeitos — avaliou Sage. — Dá para respirar lá no meio, só que não pelo nariz e desde que não se abra demais a boca. — Colocando um dedo em uma narina ele soprou um montinho de confeitos da outra.

— Eca, Sage! — reclamou Rose. — Vamos lá. Precisamos pegar papai, mamãe e Balthazar e sair daqui.

Com uma concha, Rose colocou um pouco da massa de Bolinhas Brilhantes contaminada pela Bruxa em

uma forma de *muffin* e empurrou para dentro do forno ardente.

— Para que serve isso? — perguntou Ty, lambendo os confeitos dos dedos.

— *Isso* — enfatizou Rose — vai nos conseguir um carro.

Rose e os irmãos pegaram o elevador até o andar térreo. Durante a lenta descida, Sage e Ty a alertaram sobre os dois guardas na entrada.

— Eles não estavam lá antes — afirmou Rose. Não deveria ser surpresa o Sr. Butter colocar um guarda na Cozinha Experimental, mas ainda assim ela estranhou. Como confiar que ele realmente a libertaria com os pais após aprontar as cinco receitas?

— Os guardas não são tão espertos — disse Ty.

— Como vocês passaram por eles? — quis saber Rose.

— Usando Jacques — esclareceu ele, abrindo o bolso dos *shorts* cáqui.

O pequeno camundongo ergueu a cabeça cinzenta e disse:

— *Oui*, é verdade que arrisquei a vida para desviar a atenção. Fiquei em um canto e toquei serenata com minha flauta...

Rose imaginou a cena — a aguda melodia espectral flutuando pelas alamedas de asfalto entre os armazéns, os guardas se encaminhando para a música como as ratazanas seguindo o Flautista de Hamelin[14].

— Mas eles não viram o Jacques — continuou o camundongo. — Música tão imponente só pode vir de uma pessoa imponente! *C'estuntruc! Equetruque!* Ninguém pensa em procurar um camundongo. Mas até a menor das criaturas pode ter o maior dos talentos.

— É verdade, Jacques — sorriu Rose.

— Era o mínimo que eu poderia fazer — agradeceu o camundongo, fazendo uma mesura. Ele tinha vindo com eles para o caso de precisarem enviar uma mensagem a Gus, que havia ficado para trás com os confeiteiros.

— Preciso renovar minha energia — explicou o gato.

— Você vai é tirar uma soneca — riu Sage.

— Você chama de soneca — ronronou o gato, se espreguiçando — e eu de *siesta*.

Ao chegarem ao andar térreo, o camundongo voltou a se esconder no bolso. A enorme porta de entrada surgiu à frente deles. Havia duas pessoas de uniforme escuro, postadas em cada lado da porta, um homem e uma mulher. Além da porta aberta estava um carro de golfe vazio.

— Ei, vocês dois! — gritou Rose acenando uma mão. Na outra havia uma tigela cheia de Bolinhas Brilhantes. — Venham aqui.

O homem, que era alto e loiro e parecia com o homem do tempo que Rose vira na TV, veio sorrindo de

modo muito falso.

— Senhorita, você não deve sair do prédio! É perigoso lá fora. — Ele se aproximou de Rose, Ty e Sage, os olhos fixos na tigela com os bolinhos de chocolate.

Rose lhe entregou uma Bolinha Brilhante, ainda quente do forno.

— Sobraram alguns, e pensamos em não desperdiçá-los.

— Esta não é uma Bolinha Brilhante característica — analisou ele. — Cadê o glacê néon?

— Estávamos testando apenas a parte *do bolo*; experimente — ofereceu Rose.

O homem colocou o bolo quente na boca e mastigou.

— *Nham*! — avaliou — Incrível! — mastigou um pouco mais. A cada movimento da mandíbula seus olhos brilhavam mais, até parecer que uma camada leitosa cobria as íris de seus olhos.

— Você também — chamou Rose, estendendo a tigela para a guarda.

— Não me importo em provar — disse a mulher. Ela pegou um bolo e deu uma mordida. — *Ma-ra-vi-lho-so*! — declarou, deixando a língua pender para fora da boca. — Quantos você tem aí dentro?

— Sim — concordou o homem, se adiantando — vejo que você tem mais aí na tigela.

Rose ergueu os braços, estendendo a tigela em direção aos dois, mas tropeçou e a jogou no último momento. As Bolinhas Brilhantes, perfeitamente redondas, voaram, caíram no asfalto e começaram a rolar para longe.

— Ah, não! As Bolinhas Brilhantes — gritou o homem, correndo freneticamente atrás delas.

— Não, você não! — reclamou a mulher, pulando e o interceptando na porta. — Aquelas lá são minhas! — Passando à frente, tentou pegá-las, enquanto ele a agarrou pela perna soluçando — Minhas, são minhas, minhas!

Rose e os irmãos se esgueiraram para o carro de golfe e se jogaram nos assentos.

— Foi sopa! — comentou Sage, sorrindo.

Rose virou os olhos e consultou o mapa.

— É aqui que vamos — disse ela, apontando o hotel em formato de saco de confeitar.

— Eu dirijo — disse Ty, dando um tapinha no bolso onde estava a carteira de motorista.

Rose guiou Ty e Sage para o saguão do grande hotel, com seus buquês de balas e *cookies*.

— Posso lhes ser útil? — perguntou o recepcionista, um adolescente magrelo que não parecia mais velho que Ty.

— Não, obrigada — respondeu Rose.

— Eles são seus convidados, Srta. Bliss? — indagou o rapaz.

— Estes dois? — Rose apontou para Ty e Sage. — Hum. São fãs, de uma organização que ajuda crianças

que têm... vozes esquisitas. As crianças podem passar um dia com seu ídolo favorito. O Sr. Butter não lhe contou? Estou mostrando nossas instalações durante o dia.

— Ah, tá — respondeu o recepcionista. — É claro, por favor, sinta-se à vontade para mostrar tudo.

— O que vocês acham, rapazes? — continuou Rose.

Ty e Sage responderam cuspindo e gemendo com vozes guturais estranhas: — *Ppprigadu*!

— Esta foi boa, Rose — murmurou Sage quando os três já estavam perto do elevador. — Boa demais.

— Sinto muito. Foi a única ideia que tive — se desculpou Rose, entrando no elevador e apertando o número 34.

— Use a chave — ouviu-se uma voz robótica. — Favor inserir a chave.

Rose olhou o painel do elevador e viu, ao lado do botão que indicava 34, um pequeno entalhe no metal, em forma de um rolo de massa serrilhado. *Figuras*, pensou ela.

— Droga — reclamou Ty, franzindo a testa. — Onde vamos conseguir a chave, *hermana?*

Rose não conseguia se lembrar de o Sr. Butter usar uma chave no elevador. Mas lembrou o modo como ele ficou ansioso quando ela apontou um pequeno chalé vermelho no canto do complexo.

— Não tenho certeza onde podemos conseguir a chave — analisou Rose —, mas tenho uma ideia.

Meia hora mais tarde, os três finalmente pararam o carro de golfe em frente ao chalezinho vermelho que ficava em um recanto do complexo.

A casa parecia ter sido tirada de outra era: uma cerca branca circundava um campo verde e uma bandeira ondulava acima da varanda no ritmo do tilintar suave de sinos de vento. Duas cadeiras de balanço vazias na grande varanda convidavam a um relaxamento.

— Que lugar é este? — indagou Sage.

Rose apontou para o nome impresso sobre a caixa de correio à moda antiga: FAMÍLIA BUTTER.

— Acho que o Sr. Butter cresceu aqui — concluiu.

Atravessando o portão branco, Rose guiou Ty e Sage pelo caminho de tijolos cercado de flores, passando pela varanda e pela porta da frente. As venezianas verdes estavam fechadas sobre as janelas da sala de estar sombria, mas o tapete estava pintado com listras de luz vespertina. Ao lado de um piano empoeirado havia uma poltrona de veludo puído, com uma cesta com um tricô inacabado aos pés.

— Parece um museu — sussurrou Sage.

— O mais sem graça do mundo — completou Ty.

Sobre a lareira, numa moldura, via-se uma foto desbotada. Um pai e uma mãe usando chapéus de *chefs* cercavam um menino gorducho roliço com cabelo cortado à escovinha.

— Quem é? — se interessou Ty.

— Deve ser o Sr. Butter — analisou Rose.

— O magricelo careca esquisito? — perguntou Sage. — Acho que andou fazendo esteira um bocado.

— Acha mesmo que a chave está aqui, *hermana*? — continuou Ty.

— Não sei — confessou Rose. — Mas deve haver *algo* aqui que vale a pena encontrar. O Sr. Butter entrou em parafuso quando lhe perguntei a respeito desta casa.

— Eu me pergunto por que ela ainda está aqui — divagou Ty. — Se eu tivesse tanto dinheiro quanto ele deve ter, construiria uma casa enorme. Uma grande o bastante para mim, Katy Perry e sua banda inteira.

Rose guiou os irmãos subindo uma escada de madeira estreita, que rangia. Ao lado de um banheiro com papel de parede floral e arandelas rachadas havia um dormitório pintado de azul-claro. Um acolchoado com motivos náuticos cobria uma cama de casal e aeromodelos pendiam do teto.

Sobre uma escrivaninha de madeira viam-se alguns vidros com tinta seca, uma fila de modelos da Primeira Guerra Mundial pintados pela metade e um livro com capa de couro marrom. “DIÁRIO” — lia-se na capa.

— Bingo! — exclamou Sage, agarrando o livro.

— Você não pode ler isso — criticou Rose. — Isto é espionar!

— Rose — discordou Ty, pondo uma mão no ombro da irmã. — O cara te *sequestrou*, sem mencionar nossos pais. Acho que temos todo o direito de ler seu diário.

Muito justo, pensou Rose, abrindo o diário na primeira página. As letras eram grandes e trêmulas.

O diário de Jameson Butter III, idade: dez anos.

1º dia

Hoje encontrei este diário antigo na lixeira do Sr. Sansibel. Não sou de escrever, mas mamãe diz que é triste desperdiçar coisas, então escreverei o que acontece todos os dias. Hoje, vovô assou suas Bolecas (bolo-panqueca), e mamãe e papai trabalharam no balcão da confeitaria e todos na cidade vieram para comer uma. Outra bola dentro da Confeitaria Mostess! Na escola, o Raymond Kerr voltou a beliscar meu nariz; chegando em casa, contei para a mamãe e ela me deu um Bolinho Boleca.

— De-mais! — comentou Ty com sarcasmo. — Onde ele fala sobre garotas?

Rose pulou algumas páginas.

45º dia

Raymond Kerr e o resto do Bando Pine Ridge roubaram meu macacão enquanto eu nadava e deram para a Polly Rainer; ela berrou, o derrubou e soltou cobras e lagartos. Quando saí da água, o macacão estava cheio de lama e folhas e tive que ir para casa com a roupa enlameada. Quando cheguei, mamãe brigou por eu entrar com sujeira na confeitaria. Contei o que aconteceu e ela me deu três Bolinhos Bolecas dizendo para eu me acalmar.

— Parece que ele comia muitos Bolinhos Bolecas — comentou Rose.
— Sabe *quem* eu aposto que adora os Bolinhos Bolecas? — perguntou Ty.
— Quem? — Sage encolheu os ombros.
— Katy Perry — respondeu Ty e seus olhos pareceram piscar.

162º dia

Meu macacão não me serve mais. Mamãe me levou na loja para comprar um maior e quem estava lá, adivinhem? Raymond Kerr. Ele me chamou de balofo e beliscou meu nariz. Eu derramei uma lágrima e busquei a mamãe, mas em vez de me apoiar ou dar um abraço, ela enfiou um Bolinho Boleca na minha boca.

— Legal — avaliou Ty. — Parece que todos os Bolinhos acabavam nele de qualquer modo. — Ele suspirou. — Vamos pular para a frente. Já percebemos que Raymond Kerr é um idiota.
— Uau, realmente ele era ruinzinho para escrever diário — comentou Rose, lendo as datas. — Resume anos inteiros em poucas linhas — lamentou, apontando várias anotações com títulos: *13 anos — HORRÍVEIS. 14 anos — Deixe para lá! — 15 anos — Cresci. Já é alguma coisa. Mas, no geral? HORRÍVEIS.*
Ela virou mais algumas páginas.

2920º dia

Hoje é meu aniversário de 18 anos. Papai perguntou o que eu queria de presente e respondi que gostaria que ele e vovô se aposentassem para que eu pudesse assumir a cadeia de confeitarias que vovô estabeleceu no decorrer dos anos. Papai e vovô estão contentes com dezesseis confeitarias, mas lhes falta visão. Talvez seja porque eles ainda comem nossos doces e ainda são gordos balofos como eu costumava ser. Na semana passada recebi uma carta de algum lugar chamado Sociedade Internacional do Rolo de Massa. Ao que parece, sou descendente de um grande confeiteiro chamado Albatroz Bliss. Vou me inscrever nesta Sociedade e usar o conhecimento que me derem para

construir uma enorme empresa. As pessoas que vou empregar serão tão baixas e gordas quanto fui quando garoto e vou me tornar tão importante e ganhar tanto dinheiro que farei Raymond Kerr trabalhar para mim e fazer o que mando. Há há há! Um dia ele estará à mercê da Confeitaria Mostess.

Este é o meu sonho.

— Isso é tudo — disse Sage, fechando o diário. — É o fim. Caramba.

— Uau — respondeu Ty. — Não dá para acreditar que o Sr. Butter seja descendente do Albatroz Bliss. Isto faz dele meio que...

— Não diga isto, Ty — criticou Rose, interrompendo o irmão mais velho.

— *Família* — completou Sage, baixinho.

— Então, espere aí — ele andou usando mágica o tempo inteiro? — interrogou Ty.

— Acho que não — respondeu Rose. — É provável que ele até quisesse, mas não sabia como. Tinha apenas aqueles poderosos conservantes industriais — acrescentou, lembrando do histórico Bolinho Boleca. — Então tia Lily se juntou a ele e ela usou os Apócrifos para tornar as receitas Mostess perigosas.

Perceberam a verdade nua e crua. Rose olhou a parede mais distante, onde um minúsculo relógio de cuco começou a badalar. Eram nove horas! O Sr. Butter dissera que voltaria mais tarde, e mais tarde era... agora.

— Gente! — exclamou Rose, espiando por uma das janelas. Sentiu um estranho peso na boca no estômago. — Não encontramos a chave do hotel, então precisamos aperfeiçoar as Rosquitas *hoje à noite* ou nossos pais já eram!

Capítulo 11
Rosquitas de Zumbificação

Rose, Ty e Sage voltaram para a Cozinha Experimental, agora impecavelmente limpa graças aos atenciosos confeiteiros.

As gigantescas cubas haviam sido cobertas e colocadas de lado, e os confeiteiros conversavam reunidos ao redor de uma das mesas de preparo feitas de aço. Ning e Jasmine bebiam café expresso; Melanie e Felanie escovavam o cabelo uma da outra.

No canto, Gus cochilava, enrolado em uma bola cinza por cima de uma pilha de sacos de farinha. Marge foi a primeira a vê-los.

— Aí estão vocês! Garotos, conseguiram apanhar seus pais?

Ty e Sage balançaram a cabeça. *Não*.

— Há uma chave no elevador e não conseguimos encontrá-la — contou Rose. — Mas o Sr. Butter disse que tínhamos que aperfeiçoar as Rosquitas antes da hora de dormir. Então cá estamos.

Algo macio lhe empurrou a perna, ela olhou para baixo e viu as orelhas dobradas e a cabeça felpuda e cinzenta do gato. Rose ficou de joelhos e lhe coçou suavemente atrás das orelhas.

— Você está bem? — cochichou.

— É claro — respondeu o gato. — Estes tolos me dão tédio, mas estou bem. — Ele ficou em pé e se alongou. — Devido à urgência de nossa situação aqui, abandonei a ideia de cochilar e me atirei em nosso esforço conjunto.

— Como? — indagou Rose.

— Li os Apócrifos e acredito que já localizei a receita necessária, Rose.

Rose deu um beijo rápido entre as orelhas enrugadas de Gus.

— Que bom!

Então se aprumou, limpou os joelhos e arregaçou as mangas brancas de seu uniforme de confeiteira, que tinham se desenrolado e caído abaixo dos pulsos.

— Aqui estão as Rosquitas da Directrice — apresentou Marge, estendendo para a Rose dois pacotes com seis minirrosquinhas. Algumas estavam cobertas com açúcar branco de confeiteiro, *como pó de giz de lousa*, pensou Rose, e outras com glacê de chocolate que parecia cera. Todas as rosquinhas eram duras e borrachudas.

— E aqui está a receita — Marge entregou um cartão de receitas de cor creme que exibia a caligrafia familiar em tinta roxa de Lily. A única instrução mágica listada do cartão era "*adicionar a voz de Drimini"*.

Antes que alguém pudesse impedi-lo, porém, Sage agarrou uma rosquinha e a mordeu. Imediatamente ele a cuspiu.

— É como morder uma pedra — reclamou. — Embora não seja tão gostosa.

Rose deu um tapinha no ombro do irmão e se voltou para Marge.

— Então, o que há de errado com elas, além de terem a textura de concreto?

— Nada — retrucou Marge, enxugando a palma suada na testa. — Experimentei dezenas delas e não sinto nenhum efeito mágico.

Rose deu uma batidinha no cartão.

— Onde está este ingrediente, esta coisa do Drimini?

— A Directrice usou isto — Marge mostrou à Rose um frasco vermelho de argila, que parecia vazio. — Talvez seja por isso que as rosquinhas não fazem nada. Está vazio.

— Está ficando tarde — observou Sage. — Estou cansado.

— Você não pode ficar cansado — Rose alertou o irmão mais novo. — Ainda temos muito a fazer.

Enquanto isto, Gus saltou em uma das mesas de preparo, sentou sobre os Apócrifos e abriu em uma receita.

— Esta foi inspiração de Lily — ponderou ele.

BRIOCHEZINHOS DE TITEREIROS

Para manipular os cordéis

Foi em 1932, no vilarejo italiano de Montecastello, que o famoso descendente de Albatroz, Vesúvio D'Astuto, assou uma cesta de brioches, que serviu no aniversário de quatro anos do garoto vizinho, Arlecchio. O menino e todos os seus amigos comeram os broiches que os transformaram em marionetes controlados pela pessoa que os mandou "obedecer a seu comando de voz" — o nefasto Vesúvio D'Astuto, que os instruiu a roubarem dos ricos e lhe entregarem o que conseguissem.

Rose examinou a receita para encontrar o ingrediente mágico:

O Sr. D'Astuto embebeu sua massa com a voz tranquilizante de Grigory Drimini, o famoso hipnotizador.

Rose comparou a receita com o cartão de receita de Lily.

— Por que não deu certo? — ponderou ela.

— Talvez este seja o Grigory Drimini errado? — sugeriu Sage.

Rose abriu o frasco e o levou ao ouvido. Ouviu uma voz melodiosa de tenor cantando uma ária. Ela olhou o rótulo com os olhos apertados. Era quase impossível de enxergar, mas quase teve certeza de que a anotação desbotada dizia GRIGORY DRIMINI, MÚSICO.

— Bela sacada, Sage — elogiou Rose. — Marge, você tem aí *outros* frascos vazios?

Decorridos vinte minutos, depois de o frasco vermelho correto de argila ter sido localizado e a voz do grande hipnotizador Grigory Drimini ter sido adicionada à massa das Rosquitas, Rose tirou uma assadeira do forno e deu seis delas para os confeiteiros.

Imediatamente, seus olhos vidraram e eles permaneceram parados, esperando.

— Diga-lhes para fazer algo — sugeriu Sage. Então arregalou os olhos com alegria. — Faça-os dançar Gangnam Style[15]!

Rose não queria se aproveitar dos confeiteiros, tivera um dia longo mas, bom, um pouco de dança nunca fez mal a ninguém, certo?

— Obedeçam a meu comando de voz! — ordenou aos confeiteiros, e os seis se aprumaram e fixaram nela

o olhar vazio. — Hum... estiquem os braços.

Imediatamente, os confeiteiros ergueram os braços esticados, como se a voz de Rose fosse um cordel invisível de marionetes.

— Bom, *hermana* — elogiou Ty, visivelmente impressionado.

Rose teve que pensar um momento antes de lembrar o próximo passo.

— Cruzem as mãos na altura dos pulsos — instruiu ela, sendo obedecida. — Agora finjam estar cavalgando um cavalo invisível, puxando as rédeas.

Os confeiteiros moveram as mãos para cima e para baixo. Alguns moveram os braços inteiros, outros somente as mãos.

— Você esqueceu o movimento das pernas — protestou Sage, agachando e se erguendo.

— Isto é terrível — lamentou Rose.

— Eu sei — concordou Ty, carrancudo. — Eles são os piores dançarinos da história. Não têm ritmo algum. Pior que o papai.

— Deixa disso — reclamou Sage. — A dança não é só isso. — Ele ergueu a mão direita e girou o pulso como se rodopiasse um laço invisível.

— Não — explicou Rose —, não é isso. É terrível que o Sr. Butter esteja tentando transformar todo mundo em um exército de zumbis que querem comer apenas os Bolos Merenda Mostess!

Ty coçou a cabeça.

— É — concordou ele, depois de alguns segundos. — Isso também é ruim.

Os confeiteiros continuavam bamboleando as mãos para a frente e para trás em silêncio.

— Chega — comandou Rose. — Parem todos! — Os confeiteiros pararam onde estavam, com os braços estendidos.

Rose se abaixou e cochichou no ouvido de Gus.

— Gus, qual é o ingrediente do antídoto?

Gus virou a página e apontou com a pata a parte inferior.

— Ah! — observou Rose, virando para Sage e Ty. — Precisamos de algo chamado “Cápsulas do Tempo”.

Rose se voltou para a Marge-zumbi, a postos, com os braços estendidos.

— Marge, vocês têm algum frasco com Cápsulas do Tempo aqui na cozinha?

— Não, não temos nada — respondeu Marge, com a voz inexpressiva, os olhos enevoados como bolinhas de gude.

— Está bem, eu sei onde obter estas cápsulas — disse Rose. — Talvez eles tenham lá também a chave do hotel. Eu, Ty e Sage vamos sair. Vocês todos fiquem aí. — Ela observou os confeiteiros imóveis. — Baixem

os braços e relaxem. — Eles obedeceram, mas ainda assim não pareciam muito normais.

Para Gus e Jacques ela avisou: — Rapazes, vocês estão no comando.

Eles se entreolharam com malícia. Ou melhor, com a malícia que um Scottish Fold e um camundongo francês poderiam aparentar.

— Não os obriguem a fazer nada idiota — pediu Rose. — Estão totalmente em seu poder.

Uma tempestade de trovões começou enquanto Ty levava Sage e Rose para o laboratório e depósito em forma de bolo que abrigava os frascos vermelhos.

Ty puxou a camisa por cima da cabeça para proteger da chuva seu maravilhoso cabelo espetado. Sage e Rose se amontoaram juntinhos embaixo da cobertura do carro de golfe enquanto o céu noturno se enchia de nuvens de tempestade de um roxo profundo com clarões ocasionais de relâmpagos e uma cortina de gotas de chuva grandes e frias.

Passaram rápido pelos escuros escritórios de marketing e pelo prédio abandonado de *design* gráfico e diminuíram a velocidade ao se aproximar do laboratório/depósito. As ruelas estavam cheias de carros estacionados, com longas filas de reluzentes limusines pretas e carros esportivos vermelhos lustrosos.

— O que está acontecendo? — quis saber Sage.

— Supostamente é um depósito de ingredientes mágicos — explicou Rose, observando o exterior do laboratório totalmente iluminado, como um museu à noite. — Não sei bem por que todas essas pessoas estão aqui.

Um tapete vermelho agora levava da rua até a entrada da frente, onde centenas de homens e mulheres de toques, aventais e roupas de *chefs* de um branco imaculado entravam.

Acima, duas faixas gigantes ostentavam o logotipo com um rolo de massa reluzente que Rose reconheceu dos cartões de receitas de Lily. Outra faixa de cor creme tampava toda a extensão do segundo pavimento do prédio e dizia CONFERÊNCIA ANUAL.

— Uau! — cochichou Rose. — Deve ser uma convenção da Sociedade Internacional do Rolo de Massa!

— A tia Lily não é membro dela? — interrogou Ty. — Você acha que ela estará aí? Eca. Tremo em pensar nela, não importa o quanto seja linda.

— Não acredito que ela volte aqui — comentou Rose. — Não retornou depois de ter perdido a Gala e foi por isso que me sequestraram. E mesmo que dê as caras, não temos escolha. Precisamos das Cápsulas do Tempo para fazer os confeiteiros deixarem de ser zumbis e da chave para o andar 34 do hotel. Acho que tudo isso está aqui.

— Vamos lá, cara — encorajou Sage. — Não quer ouvir os planos maquiavélicos que eles têm?

— Não sei se quero — confessou Ty, cruzando os braços e observando o céu escuro e nublado. — Mas

com certeza não quero ficar aqui fora na tempestade, então acho que não tenho escolha. Esta chuva está estragando meu cabelo.

Rose e os irmãos vestiram toques dos *chefs* e tentaram se misturar à multidão, rastejando pelas portas da entrada para o saguão.

O laboratório estava decorado com luxuosos arranjos de doces e *cupcakes*, e uma máquina gigante que preparava *donuts*. Enquanto a plateia assistia, anéis de massa eram fritos, retirados do óleo por mãos robóticas, rolavam por uma rampa e eram salpicados com chocolate granulado ou açúcar de confeiteiro antes de, finalmente, cair por uma fenda sobre uma travessa.

Um palco e um pódio tinham sido montados diante do painel de controle. O Sr. Mechanico e os homens de capacetes de segurança não estavam à vista, mas o gabinete de cinco andares de altura com os frascos vermelhos brilhava com luzes fortes.

Rose arrastou Ty e Sage pelo meio da multidão em direção à rampa circular que espiralava para cima ao redor do pátio central. A rampa estava no escuro, e os três puderam se esgueirar até o segundo pavimento sem serem notados. Subiram na ponta dos pés dando voltas até chegar perto do topo do prédio, olhando para baixo, para a multidão no saguão.

Abaixo, uma mulher alta de vestido roxo de paetês e luvas de cetim branco subiu ao palco. Seu cabelo negro, longo e ondulado, tinha uma mecha branca de cada lado do rosto. Ela buscou abaixo do pódio e retirou um rolo de massa feito de ouro cintilante. Imediatamente a multidão silenciou.

Uma tela preta gigante desceu do teto. Nela, via-se a inscrição SOCIEDADE INTERNACIONAL DO ROLO DE MASSA.

— Boa noite — cumprimentou a mulher, de voz profunda e sotaque carregado que estendia cada vogal como caramelo sovado.

— Sou Eva Sarkissian, sua presidente!

Todos aplaudiram.

— Muito obrigada — continuou Eva Sarkissian. — Decidimos realizar nossa reunião anual na sede da Mostess porque a Sociedade Anônima Bolo Merenda Mostess foi a que mais fez pelo avanço dos interesses de nossa organização no último ano.

A multidão aplaudiu animada.

— A Sociedade Anônima Mostess, sob a liderança do ilustre membro da Sociedade, Jameson Butter, deu grandes passos na área de doces irresistíveis para adultos, crianças, idosos... até recém-nascidos! Quem é responsável pelas cáries?

— Somos nós! — se animou a multidão.

— Obesidade?

— Nós!

— Compulsão por açúcar? — continuou Eva.

— Nós! Nós! Nós! — Uma mistura de aplausos e soluços suaves se espalhou pela multidão. Alguns homens se curvaram e mulheres fizeram reverência.

— Na história dos Estados Unidos, ninguém fez mais para promover a nossa causa que o Sr. Jameson Butter — avaliou Eva Sarkissian. — Graças ao apoio secreto de sua Sociedade Anônima Mostess, finalmente tivemos sucesso em fazer o Congresso aprovar o Ato de Discriminação da Grande Confeitaria.

Rose arquejou, horrorizada.

— É claro que a Sociedade está por trás desta lei insana!

— Psiu! — sussurrou Ty.

— Graças a essa lei — continuou Eva —, nossos concorrentes fecharam. Nossos agentes, como a Sociedade Anônima Mostess, não precisam mais competir com pequenas confeitarias pelas papilas gustativas dos americanos!

A multidão rugiu aprovando.

— Correção — disse Eva com ternura, interrompendo-os. — *Quase* todos nossos competidores. Há *uma única* confeitaria com mais de mil empregados que se interpõe entre a soberania mágica completa da Mostess — e nossa — sobre esta nação. É claro que me refiro à insidiosa Corporação Kathy Keegan.

Um coro alto de vaias partiu da plateia quando um desenho de Kathy Keegan pipocou na tela de vídeo. Ela era mostrada como uma loira jovial de cabelo curto e bochechas vermelhas. Segurava uma torta fumegante e vestia um avental azul.

— Ninguém conhece a aparência real da Sra. Keegan — contou Eva —, mas conhecemos seus produtos, não é? Eles se gabam de que as Cucas Keegan são feitas apenas com ingredientes naturais, produzidos por uma rede de confeitarias menores. Seus clientes são leais; os bolos são saudáveis. — As vaias quase abafaram Eva, mas ela silenciou a sala com uma batida forte do rolo de massa. — Em outras palavras, Kathy Keegan deve ser eliminada.

— Pensei que Kathy Keegan fosse apenas outra fábrica grande — cochichou Rose aos irmãos. — Não sabia que empregava pequenas confeitarias para fazer seus produtos.

Eva ergueu o Rolo de Massa Dourado.

— Nosso orgulhoso anfitrião, Sr. Jameson Butter, está aqui para discutir o problema de Kathy Keegan e sua salubridade diabólica.

O Sr. Butter subiu ao pódio, e Eva lhe entregou o Rolo de Massa Dourado. A plateia aplaudiu.

— Como sabem, passamos os últimos seis meses aperfeiçoando nossas cinco receitas principais — relatou o Sr. Butter, ajeitando seu lenço de seda branco no bolso do paletó do *smoking* preto impecavelmente engomado. — Por pouquíssimo tempo, a Mostess empregou a bela e talentosa Lily Le Fay, uma das poucas mestras das receitas sombrias contidas no lendário Tomo de Culinária Bliss. Infelizmente, após sua surpreendente derrota na Gala des Gâteaux Grands este ano, ela resolveu não retornar para o nosso serviço. — Ele limpou a garganta. — Ela desapareceu e levou com ela a perícia mágica de que tão desesperadamente precisávamos.

— Mas havia outra confeiteira na Gala que nos chamou a atenção, uma com real entendimento dos princípios da cozinha mágica. Ela foi gentil o suficiente para se juntar a nós em nosso trabalho. Graças aos seus esforços, em três dias teremos alcançado o impossível! Cinco receitas verdadeiramente viciantes! E, graças ao Ato da Grande Discriminação de Confeitaria, não haverá outros produtos de confeitaria no mercado! Nada, nem ninguém, será capaz de nos segurar.

— *Bravo!* — gritou um homem que parecia suspeitosamente com um famoso cantor de ópera.

— Ninguém, com exceção de Kathy Keegan. — O Sr. Butter tossiu, empurrando os óculos mais para cima no nariz. — Mas temos um plano para cuidar dela também. Kathy Keegan já aceitou um convite para visitar nossa fábrica daqui a três dias para uma coletiva de imprensa conjunta. Lá, cada um experimentará os confeitos do outro, em um ato de amizade, e o nosso primeiro cliente das receitas aperfeiçoadas não será ninguém mais do que a própria Kathy Keegan!

Ouviu-se um rumor de murmúrios confusos pela sala.

— Assim que comer uma dessas guloseimas — explicou o Sr. Butter — se tornará um zumbi obcecado pela Mostess! Então tomaremos seu negócio e o destruiremos!

A plateia explodiu em aplausos entusiasmados.

— Oh, não! — lamentou Rose, com um sussurro aflito. — Temos que alertar a Kathy Keegan!

— Pensei que tinha dito que ela não era real — respondeu Ty, em um sussurro também aflito. — Disse que não faria seu comercial porque a Corporação Kathy Keegan era administrada por um grupo de homens de negócios.

— Parece que eu estava enganada — reconheceu Rose. — Se ela existe, temos que salvá-la, ou não sobrará ninguém para combater a Mostess.

O Sr. Butter devolveu o Rolo de Massa Dourado a Eva Sarkissian, que alisou as dobras do vestido com lantejoulas.

— Jameson generosamente propôs a todos nós que visitássemos agora à noite estas instalações de laboratório, onde recentemente adquiriu todos os ingredientes mágicos usados nos Apócrifos de Albatroz.

Dirijam-se rampa acima, em direção ao topo do edifício, e a visita começará.

A sala se encheu de conversas alegres e a multidão inundou a rampa curva, dirigindo-se para onde Rose, Ty e Sage estavam agachados, no segundo piso. O Sr. Butter e Eva Sarkissian lideravam o bando.

— Precisamos sair daqui — disse Sage.

— Para onde? — arquejou Ty.

— Só podemos subir — constatou Rose, conduzindo os irmãos pela rampa em espiral.

Correram o mais rápido que podiam até finalmente chegar ao último andar, onde a rampa se abria em um saguão curto, com três portas. Uma era a do banheiro, uma tinha uma placa que dizia: LABORATÓRIO — ACESSO RESTRITO A FUNCIONÁRIOS e a outra: ORIFÍCIOS DE ROSQUINHAS.

— O que acham que é? — indagou Ty.

— Não pode ser o que diz ser — raciocinou Rose, com a mão na maçaneta. — Quem guardaria orifícios de rosquinhas?

Abrindo a porta de supetão, Rose foi arremessada de volta, contra a parede, por uma torrente de bolas de massa doce frita. Se não estivesse segurando firme a maçaneta, com Ty agarrado em sua outra mão e Sage apertando a perna de Ty, os três teriam sido empurrados para longe.

Milhares e milhares de pequenas bolinhas de baunilha e chocolate e massa com gosto de fruta desabaram detrás da porta, uma torrente interminável da altura e largura do batente. Havia miolos de rosquinhas com glacê, sem nada, com açúcar de confeiteiro. Eles fluíam da porta aberta e saltavam rampa abaixo com um ronco baixo, como de uma corredeira.

— Segurem-se — gritou Rose, sentindo Ty afrouxar o aperto. Sua mão escorregou e ele agarrou os cordões de seu avental.

Passados uns bons cinco minutos, o avanço dos miolos das rosquinhas diminuiu até um “gotejamento” que chegava até os tornozelos e eles puderam voltar a ficar em pé.

— Não esperava tantos — comentou Rose. — E por que foram empilhados atrás da porta?

— Quem se importa por que estavam aí — reclamou Sage. — Estavam aí e pronto.

Ele buscou um miolo açucarado de rosquinha e o enfiou na boca no mesmo instante em que Rose lhe dizia: — Sage, não coma.

— Por que não podemos comer um, *hermana*? — interrogou Ty.

— Porque é provável que estejam velhos — esclareceu Rose. — Devem ter anos!

— Sei — observou Sage, mastigando. Ele lambeu os lábios. — Pelo gosto parecem ter sido feitos ontem!

— São conservantes poderosos — retrucou Rose enquanto Sage enchia os bolsos dos *shorts* cáqui com

dezenas de miolos de rosquinhas.

— Sage! — criticou Rose, lembrando-se do tanque de conservantes, na Cozinha Experimental. — Pare! Você não vai gostar deles.

— Estou morrendo de fome — reclamou Sage, continuando a mascar os miolos de rosquinhas. — Não tivemos uma boa refeição nos últimos dias. Você sabe como a Sra. Carlson cozinha!

— *Es la verdad, hermana!* — Ty encolheu os ombros. — Quer dizer, é verdade, irmã.

Até lá, o *tsunami* de miolos de rosquinhas rolou rampa abaixo até onde o Sr. Butter, Eva Sarkissian e o resto da Sociedade Internacional do Rolo de Massa se encontravam, subindo a rampa. Ouviram o barulho antes de avistar os miolos das rosquinhas.

— O que será este barulho? — cantarolou o cantor de ópera, mas era tarde demais. Foram todos engolfados.

A multidão estava bem compacta e a rampa estreita demais. Os miolos das rosquinhas preencheram o espaço de parede a parede até a altura do peito.

— *Mamma mia!* — cantarolou o cantor de ópera, até ficar soterrado pela torrente. Os membros da Sociedade desapareceram embaixo do dilúvio de massa, gritando e berrando ao serem empurrados e rolarem rampa abaixo.

Do andar de cima, Rose, Ty e Sage espiavam e viram o rio furioso de convidados e miolos de rosquinhas se espalharem pelo andar térreo.

— Tão constrangedor! — alguém gritou.

— Tão delicioso — outra pessoa gritou em resposta, com a boca cheia.

— Vamos lá — decidiu Rose, lembrando de novo dos pais. — Não temos tempo a perder. — Empurrando os irmãos pela porta marcada LABORATÓRIO — ACESSO RESTRITO A FUNCIONÁRIOS. — Temos que encontrar aquelas Cápsulas do Tempo antes que o Sr. Butter nos ache.

Capítulo 12
Nas asas dos esquilos

Rose empurrou Ty e Sage para dentro do laboratório escuro que, felizmente, estava destrancado, trancando a porta atrás de si. A única luz no cômodo vinha do brilho tênue de vários botões vermelhos no painel de controle e do crepitar ocasional de um relâmpago, visível através de uma claraboia bem alta.

Rose ouvia a batida incessante da chuva no telhado e o zunido da sala de controle. Mal conseguiu distinguir a forma imponente, parecida com um polvo, do Sr. Mechanico, que surgiu do nada, com os olhos brilhando um vermelho escuro.

O robô flutuou na direção de Rose e os irmãos.

— Directrice Bliss — disse ele. — Boa noite. — Ele ondulou todos os oito braços segmentados, que estalavam em sequência como uma fila de dominós de aço inoxidável.

— O que é *isso*? — perguntou Sage.

— Eu poderia perguntar o mesmo de você — respondeu o Sr. Mechanico. Eu sou o Sr. Mechanico. O responsável pela Aquisição e Organização dos Frascos Vermelhos, aqui no Laboratório Central. E quem poderiam ser vocês dois?

Sage limpou a garganta e adotou um sotaque gutural ritmado alemão.

— Somos embaixadores alemães para a Sociedade Internacional do Rolo de Massa, é claro. Requisitei à Directrice Bliss que nos levasse numa visita particular neste laboratório.

— É claro — concordou o Sr. Mechanico, seus olhos brilhantes focando o cabelo espetado de Ty e os

shorts esportivos de Sage. — Fiquei confuso, pois estão vestidos como empregados de baixo nível de um clube de campo. — Esclareceu, voltando-se para Rose. — Directrice Bliss, como posso lhe ser útil esta noite?

Rose estava para pedir "Cápsulas do Tempo", quando Sr. Mechanico lhe disse:

— Está aperfeiçoando as Rosquitas, não é?

— Correto — respondeu ela, pensando rápido. Ele sabia muito sobre as receitas com as quais ela trabalhava e, se pedisse as Cápsulas do Tempo de imediato, ele poderia suspeitar que estivesse inventando um antídoto. O melhor era distraí-lo.

— Eu deparei com uma mudança ousada na receita — alertou ao robô.

— Sim? — indagou em voz monótona, flutuando mais baixo. — Diga-me de quais ingredientes precisa e os apanharei, e ainda ajudo a calcular a proporção correta para suas receitas.

— Eu preciso de... — Rose avaliou rapidamente. Onde seria mais fácil distrair o robô assistente? A sala escura se iluminava com as descargas azuis da tempestade lá fora. — Relâmpago, Sr. Mecânico. Eu preciso de relâmpago.

— Uma escolha ousada, com certeza. — Os olhos vermelhos do robô pareciam mais vermelhos ainda. — Isto não será problema. Posso conseguir um relâmpago fresquinho agora mesmo. — Ele ergueu os oito braços e as pontas brilharam ao mesmo tempo em que um assobio agudíssimo soou de uma grade de alto-falante de malha de aço debaixo dos olhos. — Hora de trabalhar — avisou ele.

Abriram-se fendas na parede e outros cinco robôs semelhantes a polvos flutuaram para dentro da sala e se puseram a trabalhar. Surpresa que o Sr. Mechanico não a questionasse mais, Rose passeou pelos corredores de frascos vermelhos, as mãos atrás das costas, lendo rótulos o mais rápido possível: OLHAR DE BASILISCO, CORAÇÃO DE COMETA, LAGARTA DO AMOR, MELECA DE CHULÉ DESTRUIDORA.

Eca — pensou Rose após ler o último. Com certeza *não* era o que procurava.

— Vocês têm uma coleção tão grande — disse ela alto, por cima do ombro.

— A maior do mundo — o Sr. Mechanico flutuou se afastando para um painel de controle, emitindo cliques baixinhos ao se mover. O painel tinha muitos botões grandes brilhantes com indicações. Um dizia LANÇAMENTO DE FOGUETE, outro, PORTAL DE DEFENESTRAÇÃO e, ainda, REDEFINIÇÃO PREPARADA e CONTAGEM REGRESSIVA. Ao seu redor os outros robôs planavam acima do chão como se sustentados por cordões invisíveis.

— Há muitos deles, *hermana* — sussurrou Ty, agarrando-lhe o braço. — Se eles se voltarem contra nós...

— Psiu! — criticou Rose, se soltando. — Tenho um plano. Acho. — Ela seguiu entre as fileiras de

frascos. Onde estavam as Cápsulas de Tempo?

OCASIÃO MAIS SOMBRIA lia-se em outro frasco, no qual um homenzinho sentado, do tamanho de um punho, parecia soluçar com as mãos no rosto. ESQUILOS ELEVATÓRIOS aparecia nos frascos seguintes, cada um com pequenas bolas de pelo. ESCAMAS DE KRAKEN parecia escrito no próximo, embora tudo o que conseguia ver fosse um enorme punho com garras, flexionando sem parar. Parecia se erguer bem no fundo do frasco. Rose teve um arrepio e seguiu adiante.

Enquanto isso, o Sr. Mechanico pressionou um quinto botão do painel de controle, este marcado com COLHEITA DE ELETRICIDADE. Rose estacou com um guincho que soou no cômodo: treze longas hastes telescópicas desceram de um anel ao redor da claraboia enquanto treze antenas se estendiam do telhado para o céu trovejante.

O Sr. Mechanico e os outros cinco robôs-polvo juntaram frascos vermelhos — dois para cada um, exceto o Sr. Mechanico, que segurava três. Flutuando em círculo ao redor da convergência das treze antenas, ergueram os bocais abertos dos frascos. — Isto pode demorar um pouco — disse ele.

— Muito há... gentil de sua parte — agradeceu Rose. Ty lançou um olhar, como se perguntado: *o que um relâmpago tem a ver com Cápsulas do Tempo?*

— Não é incômodo algum — respondeu o Sr. Mechanico. — Acontece que estávamos com poucos relâmpagos guardados.

— Uau! — exclamou Ty, dando um passo para trás e apontando um dedo para Rose. — Seu cabelo! Está em pé!

— Está? — se espantou Rose. O de Ty parecia completamente normal, mas o dele estava sempre em pé. Ao verificar seu reflexo na claraboia escurecida, viu que o cabelo estava esticado como a penugem de um dente-de-leão. *Estranho.*

Sage espiava em torno de um conjunto de armários de metal no perímetro do laboratório. Retirou um par de grossas luvas brancas salpicadas com remendos de metal nas juntas. As luvas se esticavam e cobriam o antebraço inteiro de quem as vestia e a palavra MESTRE se destacava na transversal, em grossas letras pretas.

— O que é isto? — perguntou ele e se alongou para fechar uma gaveta — quando uma centelha repentina de luz brilhou. — Ai! — gritou, caindo para trás. — Aquele armário me deu um choque.

— É apenas um pouco de eletricidade estática — esclareceu o Sr. Mechanico. — Nada de preocupante, Embaixador. Acontece sempre que colhemos relâmpagos.

— Ah, sim! — Sage deu uns tapinhas no próprio tórax. — Embaixador, sou eu. — Deu uma risada gutural, enfiou as luvas em um bolso e arrastou os pés ao se aproximar dos irmãos. Alegremente, esticou um dedo bem perto do braço de Rose. Um arco de eletricidade azul brilhante partiu do dedo de Sage para o

ombro de Rose.

— Ai! — gritou ela, indo para trás. — Pare com isto!

— Relaxa, *hermana*, quero dizer, *Schwester* — aconselhou Ty, lembrando-se de ser o mais alemão possível. — É só eletricidade estática.

Sage esfregou os pés no carpete industrial azul e apontou o dedo eletrificado na direção de Ty. Um minúsculo raio saiu do dedo e aterrissou no meio da floresta de cabelos espetados de Ty.

— Ai! — gritou ele, caindo no chão. — Cuidado com o cabelo.

Sage se vangloriou como um jovem mágico, esfregou os pés de novo e apontou o dedo eletrificado na direção do Sr. Mechanico e dos outros polvos mecânicos. O Sr. Mechanico percebeu o que aconteceria no momento em que um raio de luz partisse do dedo de Sage.

— Não! — disse, severo, o Sr. Mechanico. — Não enquanto colhemos raios. Isto gera um nível perigoso de eletricidade...

Mas era tarde demais.

A faixa de eletricidade azul crepitou do dedo de Sage para o círculo de robôs, envolvendo o Sr. Mechanico como uma rede azul brilhante, saltando em uma série de arcos para cada um dos outros cinco.

— Pare! — berrou o Sr. Mechanico, sua voz cada vez mais aguda e baixa. — Pare! Pare! Pare! Pare! — até se tornar apenas um guincho baixinho.

Os seis robôs caíram devagar para trás, ainda segurando os frascos vermelhos, aterrissando no chão em uma pilha de metal retorcido e fumegante. Soltaram um alto chiado coletivo — como o de uma chaleira recém-tirada do fogão.

— Sage — gritou Rose. — Você quebrou os robôs!

— Opa, acho que sim. Mas, espere! — arfou ele. — Não necessariamente!

Sage pescou as estranhas luvas brancas do bolso.

— Talvez *elas* controlem os robôs!

Vestindo uma das luvas, ergueu as mãos devagar, como um maestro preparando a batuta para o início de uma sinfonia. — Ressuscitem dos mortos! — entoou em voz arrepiante. — Ressuscite, meu exército robótico!

Sage moveu os braços em círculos malucos, mas os robôs continuaram a soltar fumaça e a crepitar, os fios desgastados explodindo dos tentáculos como ossos de um braço quebrado.

— Parece que não está dando certo, mano — constatou Ty.

— Então elas não servem para nada — lamentou Sage. Tirou as luvas, juntando-as, e as enfiou no bolso lateral dos *shorts*.

De repente, ouviu-se uma batida enérgica do outro lado da porta.

— Sr. Mechanico? — gritou uma voz. Rose reconheceu o sotaque sulista do Sr. Butter. — Deixou aberto o portal dos orifícios das rosquinhas?

Rose e os irmãos congelaram, olhando a porta aferrolhada do laboratório.

O Sr. Butter bateu mais forte.

— Sr. Mechanico! — insistiu ele. — Por que trancou esta porta? Você sabe que não deveria fazer isto!

— Temos que sair daqui — cochichou Rose.

— Mas não encontramos nenhuma Cápsula do Tempo! — desesperou-se Ty. — Não foi por isso que viemos aqui?

— Sim, mas é tarde demais — lamentou Rose. — Temos que ir embora. *Agora.*

— Como? — perguntou Sage. — A única saída é a porta. A que o Sr. Butter está esmurrando.

— Não é a *única* — disse Rose com uma careta determinada.

Ela apertou o botão no painel de controle principal intitulado PORTAL DE DEFENESTRAÇÃO e, como esperava, a grande janela panorâmica que se estendia na frente do cômodo, como o painel de instrumentos de uma nave espacial, partiu-se ao meio. Um vento frio e úmido soprou para dentro, levando o mau cheiro dos robôs queimados.

Rose entregou a cada um dos irmãos um frasco vermelho que continha algo que parecia um esquilo.

— O que é isso? — interrogou Sage.

— Esquilos elevatórios — explicou Rose, retirando cautelosamente o dela de dentro do frasco e se dirigindo para a janela.

— Espere, *hermana* — pediu Ty. — Quer que pulemos da janela e voemos nas asas deste pequeno roedor? Ele é do tamanho de uma carta de baralho! Da última vez que tive notícias, esquilos voadores não seguem as regras da Aeronáutica. Não têm *brevê* — acrescentou ele, batendo no bolso da carteira de habilitação.

— Não são esquilos *voadores* — corrigiu Rose —, são esquilos *elevatórios*. Há uma grande diferença. Acho que descobrirá que a envergadura das asas das criaturinhas é maior do que acredita.

O Sr. Butter arremeteu contra a porta, possivelmente com o ombro.

— Sr. Mechanico! — berrou. — O que está acontecendo?

— Não há tempo a perder — avisou Rose, tirando o cabelo dos olhos. — Vocês têm que confiar em mim. Mamãe me contou sobre quando ela e o papai estavam na Amazônia e tiveram que trepar em uma árvore para escapar de uma sucuri e pegaram carona com alguns esquilos elevatórios. Tenho que admitir que sempre acreditei que fossem um pouco maiores, mas não importa. Neste momento são nossa única opção.

— Está certo, *hermana* — concordou Ty. — Que seja.

Sage acenou concordando.

Os três passaram as pernas por cima da borda e sentaram nela. O coração de Rose batia forte ao contemplar o perigo de saltar da janela de um prédio de seis andares, segurando nada além de uma pequena bola de pelo. Nem o chão conseguia enxergar, de tão alto que estavam. A chuva ensopou seu cabelo e ela começou a duvidar se era *mesmo* um bom plano. Será que levaria todos à morte?

— Como usamos estas coisas? — perguntou Sage, segurando seu esquilo tão apertado que só dava para ver sua cabeça assustada. O esquilo guinchou. — Onde nos agarramos?

— Eu não sei — confessou Rose. Ela abriu as mãos e o esquilo se alongou como uma pessoa acordando de um longo cochilo. Ao redor de seu pescoço havia uma prega grossa de pele solta. Rose a puxou e o esquilo não pareceu se importar. Ela enfiou os dedos no pelo e ele chilreou e pareceu acenar. — A prega no pescoço — instruiu ela.

De repente, o minúsculo Esquilo Elevatório desfraldou as patas dianteiras. Elas pareceram esticar e, com um sonoro *flap*, desdobraram-se em um par de asas gigantes — tão alvas e largas quanto a vela de um navio pirata. O esquilo planou no ar, com Rose montada em suas costas minúsculas, os joelhos apertando a base das asas. A chuva açoitava seu rosto, mas ela não se importava, pois estava voando.

— Uau! — gritou, agarrando-se com toda força enquanto o esquilo planava suavemente sobre a extensão molhada e escura do complexo Mostess. Estava com frio e molhada, mas naquele momento pouco importava: estava *voando*.

Rose olhou para trás e viu Ty e Sage também se elevando no ar.

— Iuhuu! — celebrou Sage. — Quero levar este carinha lá para casa!

— Buááá! — choramingou Ty. — Quero IR para casa!

Rose notou que seu esquilo se dirigia para a cerca elétrica à direita; puxou o lado esquerdo da prega, então o animalzinho virou para a direção contrária.

— Sigam-me! — gritou Rose para os irmãos.

Apesar da chuva, os sinais dos letreiros sobre cada um dos depósitos cinzas eram fáceis de se ver lá em cima. Rose conduziu o voo para o depósito rotulado COZINHA EXPERIMENTAL.

Aos poucos, o Esquilo Elevatório de Rose perdeu altura e pousou devagar no asfalto entre os prédios, com Ty e Sage baixando ao chão bem atrás dela. Ainda chovia, mas agora estavam tão ensopados que um pouco mais de água pouco importava.

Assim que seu esquilo aterrissou, Rose pulou de suas costas e, livre de seu peso, ele bateu as pesadas asas e se elevou no ar novamente.

— Grata — agradeceu Rose baixinho, mas não soube dizer pela pequena carinha se ele a ouviu ou entendeu. Batendo as asas, lá se foi, em direção à distante cerca elétrica. Logo, era apenas uma sombra mais escura na noite chuvosa.

O esquilo de Ty seguiu logo atrás e o de Sage também teria voado, se ele não estivesse agarrado tão fortemente à prega em seu pescoço.

— Não — gritou, tirando água da testa. — Não vá embora! Seria o mais extraordinário animal de estimação do universo. Poderia me dar carona para a escola!

O esquilo abriu as minúsculas mandíbulas e chiou para Sage e, ao fazê-lo, sua boca foi crescendo, as presas crescendo mais ameaçadoras. Sage o soltou rápido. Então o esquilo voltou ao tamanho normal, chilreou alegremente, bateu as asas e se elevou no ar, afastando-se.

Ty deu uns tapinhas na cabeça molhada do irmão.

— Se você ama algo, mano, tem que libertá-lo. Do contrário, ele vai te arrancar a mão fora.

Sage teve um arrepio e observou o esquilo desaparecer.

— Poderíamos ter nos divertido tanto juntos!

— *Poderíamos* resgatar nossos pais e dar o fora daqui — lamentou Ty.

— Não creio. Meu esquilo mal conseguia me carregar, o que dizer de mim com o tatara-tatara-tataravô Balthazar — raciocinou Sage arrepiado, virando-se para a porta. — De qualquer forma, está *frio* aqui. Tenho certeza de que estou com hipotermia.

Dentro da Cozinha Experimental, Rose vestiu rapidamente uma jaqueta extra de *chef*.

Ela e os irmãos ainda estavam ensopados de chuva, mas precisava trabalhar rápido antes de o Sr. Butter retornar. Estava cansada e todos estavam com fome, mas não havia tempo para nada, exceto assar o antídoto para as Rosquitas.

Só que, aparentemente, os outros confeiteiros não sentiam o mesmo tanto de pressão que ela.

— Olá — disse ela, mas os confeiteiros, ainda sob o efeito das Rosquitas, não lhe deram atenção. Gus e Jacques os puseram para trabalhar: o Scottish Fold e o camundongo do campo marrom sentaram sobre uma das mesas de preparo em suas cadeiras de descanso em miniatura e bebericaram pequenos copos de chá gelado. Gene os abanava com assadeiras para *cookies*, enquanto Melanie e Felanie lhes friccionavam as patas peludas. Ning e Jasmine faziam cafuné nos dois e Marge lia em voz alta um romance chamado *Crepúsculo*.

— Legais, vocês dois — Rose criticou Gus e Jacques. — Fazer de empregados estes pobres confeiteiros zumbificados. Poderia esperar isto de você, Gus, mas Jacques?

Jacques alongou as patas rosadas atrás da cabeça e soltou um suspiro relaxado.

— O que posso dizer? Gosto de coisas refinadas.

Ty cochichou no ouvido da Rose: — Você precisa mesmo curar os confeiteiros agora? Estou com as costas tensas e acho que aquelas gêmeas loiras poderiam ser de grande ajuda.

— De jeito nenhum, Ty! — Rose franziu as sobrancelhas. — Vou curá-las já. Assim que descobrir como.

Rose folheou os Apócrifos procurando por uma receita *antizumbificante* que não precisasse das elusivas Cápsulas do Tempo. Enquanto isso, Ty afastou Melanie e Felanie do gato e do camundongo e mandou que lhe esfregassem a tensão nas costas.

— Como desejar — responderam com voz inexpressiva e monótona.

— Muito obrigado, senhoras — agradeceu ele. — Isto é tudo para mim. Ando tão tenso ultimamente.

Sage olhou o irmão com desprezo, enquanto descarregava duas dúzias de miolos de rosquinhas de seus *shorts* cáqui. Jogou um na boca e distribuiu o resto sobre uma assadeira de *cookies* em cima de uma das mesas de preparo.

— Eca, não consigo comer outro destes — disse ele. — Estou cheio. Confeiteiros. Obedeçam meu comando! Por favor, se livrem destes.

Imediatamente, Melanie e Felanie pararam de esfregar o ombro de Ty e se encaminharam para a mesa de preparo com o resto dos confeiteiros, que, aos atropelos, empurravam os miolos das rosquinhas boca adentro.

— Não os faça comê-los — pediu Rose, mas era tarde demais. Os confeiteiros haviam devorado a pilha branca e preta de miolos de rosquinhas, lançando-as nas bocas como se suas gargantas fossem latas de lixo. — Não é justo, Sage. Eles não conseguem se defender. Não sabem que estão comendo miolos de rosquinhas desagradáveis e velhos. São zumbis.

— Quem é um zumbi? — perguntou Margie, sacudindo a cabeça. Ela apertou os lábios e os estalou algumas vezes. — Preciso de um copo de leite.

— Não permiti que parasse de friccionar meus pés — reclamou Gus a Ning. — Obedeça à minha voz! Preciso que complete minha bebida.

— Complete você mesmo! — respondeu Ning, indignado.

— Jasmine — chamou Rose. — Obedeça à minha voz! Faça dez polichinelos!

— Por quê? — interrogou a mulher, piscando e esfregando os olhos como se tivesse acordado de uma soneca muito longa, com a cor voltando ao rosto. — Obedeça você mesma!

Marge abafou uma risada, claramente voltando a ser o que era. Rose apertou em um abraço os ombros gordinhos da Confeiteira Chefe.

— Você está de volta!

— Onde estive? — Marge quis saber.

— Você era um zumbi — contou Rose. — Fazia tudo o que lhe pedissem. Leu *Crepúsculo* para um gato!

— Não seria a primeira vez — suspirou Marge.

— Não entendi — confessou Rose aos irmãos. — O que os curou?

— Fui eu — se orgulhou Sage. — Eu os alimentei com os velhos miolos de rosquinhas e eles se curaram miraculosamente. Parece que tenho o toque mágico.

— Sage, eu te amo! — disse Rose. — Mas deve haver algo *dentro* daqueles miolos.

— Essas coisas velhas? — indagou Marge, atirando outro miolo de rosquinha na boca.

Rose arregalou os olhos para Marge e aí desandou a falar: — É claro! Essas coisas VELHAS! Os miolos das rosquinhas são Cápsulas do Tempo. São bocados preservados do passado. — Podiam estar secos e sem gosto, mas, graças a todos os conservantes na massa, os miolos tinham mágica própria — cada um era uma porção adocicada de um doce passado.

— Sorte *eu* ter tido o bom senso de trazer alguns comigo, em meu bolso — se gabou Sage.

Naquele momento, as sirenes soaram e as luzes vermelhas do canto brilharam. Rose olhou no relógio da parede. Passava das onze da noite.

— O Butter está de volta — constatou, sentindo de repente a exaustão do dia inteiro em seu corpo, até os dedões do pé.

— Confeiteiros, vocês conhecem o exercício. Comportem-se como zumbis inconscientes e façam tudo o que eu mandar. Entenderam?

Marge fez cara de paisagem: — Sim, mestre — respondeu.

— ...e então os miolos das rosquinhas rolaram rampa abaixo e cobriram meus convidados! — O Sr. Butter falava e falava, andando para a frente e para trás sobre o chão de linóleo da Cozinha Experimental. Ele não se calou desde que disparou do elevador, numa explosão de energia ansiosa. — A Sociedade Internacional do Rolo de Massa inteira foi atingida por uma inundação relâmpago de miolos de rosquinhas! — Manchas de rosquinhas salpicavam seu *smoking* e o topo de sua careca.

— Isso é... horrível — reagiu Rose, cautelosa.

— E você não sabe sobre isso? — o Sr. Butter fez uma pausa e a perscrutou. — Por que está tão molhada?

— Suor, Senhor. — explicou Rose, desejando ter enxugado a chuva. — Estive aqui assando e trabalhando feito louca a noite toda.

— Entendo — avaliou ele. — Vim aqui, pois só consigo pensar em uma pessoa no complexo Mostess que pudesse fazer coisas tão nefastas. Soltar uma sala cheia de miolos de velhas rosquinhas por cima de um grupo de membros distintos da Sociedade? Destruir meu ajudante mais confiável, o Sr. Mechanico? Apenas uma pessoa é tão esperta, tão astuta, tão... independente. Essa pessoa é você, Rosemary Bliss. — Ele esticou

um longo dedo que passou feito um rodo, tirando um pouco de água de sua cabeça. — Suor, não é?

— Alguém *quebrou* o Sr. Mechanico? — perguntou Rose, fingindo estar incrédula.

— Sim! — uivou o Sr. Butter. — Aquele robô era um amigo querido. Ele me lembrava minha mãe. Eles eram ambos... frios. Metálicos. — Os óculos do Sr. Butter começaram a embaçar. — Ele era reconfortante.

— Talvez ele possa ser consertado — sugeriu Rose.

— Talvez — concordou o Sr. Butter, encolhendo os ombros com tristeza. — Nem mesmo sei o que aconteceu com ele!

— Bom, eu tenho boas notícias — se animou Rose. — Aperfeiçoei a receita das Rosquinhas. Correto, confeiteiros?

Os seis confeiteiros em fila como soldados acenaram sim com a cabeça, os olhos vidrados e brilhantes como uma Rosquinha com glacê fresco.

— Esse é um sim maravilhoso — celebrou o Sr. Butter, distraído. Ele se voltou para o Sr. Kerr. — Está vendo? Não foi ela. A Rose é leal. Esteve aqui a noite inteira. Pois ela sabe que, se tivesse qualquer coisa a ver com o fiasco de hoje à noite, isto significaria o fim de sua amada família. — Ele estalou os dedos. — Você sabe disso, não é, Rose?

— É claro — respondeu ela, com um sorriso rígido.

— Isto quer dizer que temos um intruso neste complexo, alguém que pode estar solto — concluiu o Sr. Butter. — Sr. Kerr? Você o encontrará e o esmagará, correto?

— Como um inseto. — O Sr. Kerr limpou farelo de miolo de rosquinha de seu macacão de veludo.

Subitamente, houve um barulho de metal nos Alojamentos dos Confeiteiros, onde Ty e Sage se escondiam com Gus e Jacques. O quarto ficou em completo silêncio.

— Quem está lá atrás? — quis saber o Sr. Kerr.

Não, não, não, pensou Rose. *Ele encontrará Ty e Sage!*

Mas então Gus bamboleou detrás da porta, parou em frente do Sr. Kerr e lambeu a pata.

— É apenas o gato imundo da Rose — esclareceu o Sr. Butter. — Criatura sarnenta. Xô! Eu disse *xô*!

Gus correu por eles e se escondeu debaixo de uma das mesas de preparo. O Sr. Butter sacudiu a cabeça. — Primeiro camundongos e agora gatos. Teremos que chamar um exterminador para vir aqui. *Odeio* coisinhas miúdas. — De repente ele sorriu para Rose. — Exceto você, Rosemary Bliss. Você é pequena, mas não queremos *exterminá-la* ou seu gato, desde que ele se comporte.

— Nossa, obrigada — disse Rose, o sorriso ainda congelado no rosto.

— Continue aqui — o Sr. Butter olhou o relógio. — Recomendaria dormir um pouco. Precisará disso se quiser terminar no prazo.

— Temos dois dias ainda — avaliou Rose — e isso será suficiente para... — Mas o Sr. Butter sacudiu a cabeça.

— Temo que tenha que fazer algumas mudanças. É verdade, você tem duas receitas apenas para aperfeiçoar: Bolos Nobres e as Bolecas, mas agora só tem um dia para terminá-los. Devem ser preparados até o final do dia de amanhã, por gentileza, antes que este misterioso sabotador seja capaz de causar mais estragos aqui na Mostess.

— Mas não há tempo suficiente! — protestou Rose.

— Terá que haver. — O Sr. Butter se voltou para sair, então reparou em alguns miolos de rosquinhas que sobraram na assadeira de *cookies*. — Miolos de rosquinhas! — berrou ele. — Onde você os conseguiu?

— Hum... são sobras das Rosquitas que acabamos de fazer! — explicou Rose, rápida. — Só algumas sobras. Acabaram de assar.

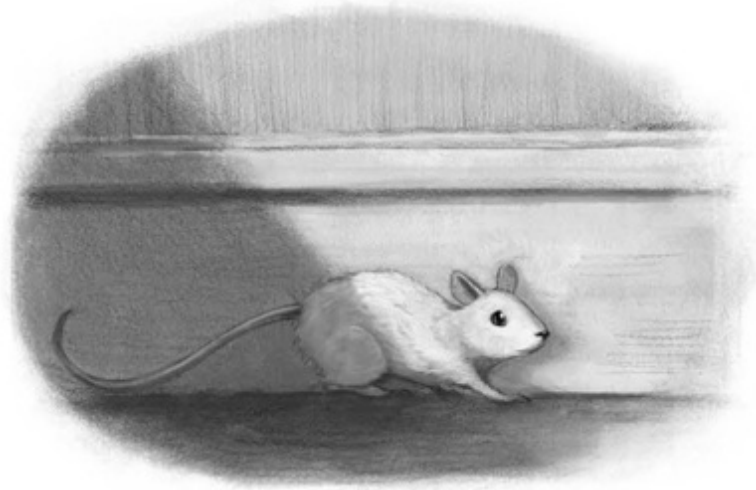
— Acho que faz sentido. — Os dedos do Sr. Butter se contraíram ao ver as rosquinhas com o que pareceu ser aversão — mas poderia ser ainda desejo. — Ok, preciso voltar aos meus convidados. É bom você e sua equipe ficarem aqui para que o Sr. Kerr não os confunda com os culpados por trás do ataque de hoje à noite. Odiaria que ele, acidentalmente, os machucasse.

O Sr. Kerr lançou um olhar ameaçador, então escorregou para trás da direção do carro de golfe. Quando o Sr. Butter subiu a bordo, ao seu lado, Rose observou um grosso molho de chaves pendurado em seu cinto.

No momento em que o Sr. Butter e o Sr. Kerr desapareceram pelo chão, os confeiteiros soltaram um suspiro de alívio.

— Ufa! — disse Gene. — É difícil ficar em pé e ereto por tanto tempo. É um exercício duro!

— Vamos tentar dormir, todos nós — disse Rose à Marge e aos confeiteiros. — Amanhã temos um longo dia pela frente. — Mas tudo o que Rose conseguia pensar era no chaveiro no cinto do Sr. Butter.

A chave do elevador do hotel deve ser uma daquelas, pensou ela. *Se eu consegui-las, posso resgatar meus pais e Balthazar e podemos todos ir embora daqui.*

Capítulo 13
Bolos Nobres de Repulsa

Na manhã seguinte, Rose foi acordada por Sage, que saltou em sua cama, gritando:

— Surpresa! Rose, acorde! Preparamos os Bolos Nobres para você!

— Como assim, vocês prepararam para mim? — perguntou ela, preocupada com a visão do irmão mais novo com os rebeldes cachos ruivos cheios de farinha e os dedos e o rosto cobertos de chocolate.

— Nós preparamos! Ty, eu e a Marge. Pegamos o cartão de receitas da Lily e lemos a receita original nos Apócrifos e a consertamos! — Ele fez uma pausa para lamber um dedo. — Achamos que sim.

Rose respirou fundo e olhou para baixo, por cima da mesa de preparo, cheia de tigelas sujas de farinha, cacau espalhado de latas e uma dúzia de cascas de ovos.

Ty estava ao lado de uma assadeira de barrotes recém-assados cobertos com chocolate. Ele acenou para Rose, parecendo muito orgulhoso. Os confeiteiros limpavam freneticamente a bagunça que os irmãos fizeram.

— Muito obrigada, Sage.

— Não é nada, mana — respondeu o irmão. — Estamos todos juntos nesta, sabe?

— Sei sim — concordou Rose. — E estou realmente agradecida por isso.

Ela sorriu para Sage e o abraçou. Graças a Deus ele e Ty tinham vindo para ficar com ela — não sabia o que teria feito sem eles. Era bom saber que os três estavam juntos nesta. E Leigh também, em espírito.

— Veja o que fizemos — contou Ty, mostrando à Rose a assadeira com os Bolos Nobres assim que ela

desceu, quinze minutos mais tarde.

Havia tomado um banho rápido e vestia um avental novo de *chef* e um chapéu *limpo* de confeiteiro. Vestia ainda seus shorts, os que usava quando foi sequestrada. Sorte que não ficaram sujos.

— Preparamos esses! Pensamos em te mostrar que seus irmãos ainda têm o dom, o conhecimento, a mágica familiar nos dedos!

— Fizeram um ótimo trabalho — elogiou Rose, dando tapinhas nas costas do irmão mais velho. Em cima de uma das mesas de preparo havia uma xícara de chá e alguns *cookies* contrabandeados de Kathy Keegan. Seu café da manhã habitual. Rose deu um golinho no chá e perguntou:

— Qual receita dos Apócrifos a Lily bagunçou desta vez?

— Esta — informou Sage, entregando a Rose um dos cartões de receitas cor creme de Lily e as páginas cinzentas que constituíam o Apócrifo.

ROLINHOS DE REPULSA

Para semear as sementes do ódio e da discórdia

Foi em 1809, no vilarejo árabe de Masulch, que a nefasta descendente de Albatroz Bliss, Madame Gagoosh Taghipoor, assou estes rocamboles recheados de geleia amarga. Ela os deu a todas as crianças da cidade para comerem; depois disso, elas começaram a sentir uma forte aversão pela comida preparada pelos pais em geral. A partir daí, elas comiam apenas na confeitaria da Madame Gagoosh Taghipoor, e, quando a Madame Gagoosh Taghipoor se mudou da cidade, as crianças vagaram em exílio, odiando seus pais até, finalmente, morrerem de fome.

— Nossa mãe! — exclamou Rose. — Esta parece totalmente horrível.

— Seguimos parte da receita, até onde se lê *fruta amarga* — contou Sage. — Veja.

Madame Taghipoor combinou dois punhados de frutas amargas com um punhado de açúcar e uma

bolota de OBJETO DE REPULSA.

— A única diferença que conseguimos encontrar entre a receita original e a de Lily — contou Ty — foi o Objeto de Repulsa. Achamos que talvez o dela não fosse forte o suficiente. Já que, veja bem, ela preparava uma quantidade muito maior, mas não mudou a proporção. Então acrescentamos um pouco mais.

— O que é o Objeto de Repulsa? — quis saber Rose, enrugando o nariz. Com certeza, não parecia muito *atraente*, mas pouca coisa nos Apócrifos parecia atraente.

— Ora, é esta coisa aqui — disse Marge, segurando um frasco vermelho com uma substância preta quebradiça que era como... bem, cocô de coelho. — O Sr. Butter em pessoa o trouxe. Não sei o que há dentro.

Rose abriu o frasco e foi atingida pelo cheiro de flores mortas e queijo velho e tênis sujos e mau hálito e milhares de outras coisas desagradáveis. Ela se apressou em fechar o vidro, seu estômago se revolvendo.

— Puxa vida, este é ruim. Então, o que esses Bolos Nobres fazem? — perguntou Rose. Duvido que sejam comestíveis se acrescentarmos esta coisa horrível na massa.

— Só existe uma maneira de descobrir — sugeriu Marge, e ela passou os barretes cobertos de chocolate para os outros confeiteiros, então deu uma mordiscada ela mesma. — Eca — reagiu, estremecendo só um pouco. — Poderia ser pior.

Ty e Sage bateram as mãos um na do outro, celebrando. — Conseguimos, cara!

— Mas o que isto provoca? — indagou Rose. — Marge, você está se sentindo engraçada?

— Sinto como se tivesse um bom senso de humor, mas minha sagacidade não está tão aguçada quanto a de um comediante profissional — explicou Marge, pensativa. — Minha mãe nunca me encorajou a desenvolver meu talento natural nas artes. Isto é, eu *aprecio* humor... — Ao ver a expressão no rosto de Rose, Marge continuou: — Ah, você perguntou se me sinto engraçada no sentido de *esquista*? Mas não, não, não me sinto nada esquisita.

— E o resto de vocês? — Rose se voltou para os outros confeiteiros. — Algo diferente?

Eles balançaram as cabeças.

— Por que isto não está provocando nada? — lamuriou-se Sage.

— Não sei — declarou Rose. — Veja, não dá para apenas acrescentar alguma coisa de qualquer jeito; pode haver Objeto de Repulsa demais lá dentro. Os Bolos Nobres deveriam ser de chocolate mais claro — estes são tão escuros, parecem... — ela buscou dentro do bolso dos shorts e tirou a carta que recebera há dias. Lá estava, em uma imagem de caixa, na parte inferior da carta. — Parecem com as Cucas de Cacau de Kathy Keegan.

Assim que a Rose disse “Kathy Keegan”, os rostos dos confeiteiros se contorceram, demonstrando repulsa.

— Aquela bruxa sem talento? — criticou Marge. — Aquela *picareta?*

— Suas Cucas de Cacau são tragédias de chocolate — disse Jasmine com raiva.

— Se a visse na rua, cuspiria as Cucas de Cacau em sua cara — acrescentou Ning. — Bem em sua cara escamosa de lagarto.

Sage apontou para o desenho de Kathy Keegan na carta. — Esta pequena senhora desenhada? — confirmou Sage. — Com o cabelo curto? Ela me parece bem.

Com um grito furioso, Melanie e Felanie arrancaram a carta de Sage e rasgaram fora a caricatura de Kathy Keegan.

— Ei! — reclamou Sage, mas Jasmine e Ning já haviam amassado a parte da carta que arrancaram e atirado no triturador de lixo, comemorando enquanto se transformava em polpa.

— Sage, aqui, me devolva — Rose esticou a mão e ele lhe deu o resto da carta. Ela a dobrou da melhor forma possível e pôs de volta no bolso.

— Qual é o problema deles com a Kathy Keegan? — quis saber Sage.

Rose balançou a cabeça.

— São os Bolos Nobres — ele apontou para Jasmine e Ning, que olhavam o ralo e aplaudiam. — Elas os fazem odiar Kathy Keegan!

Os confeiteiros cobriram os ouvidos com as mãos, como se o nome da confeiteira desenhada soasse como arranhar o quadro-negro com as unhas.

— Por que o Sr. Butter iria querer isso? — perguntou Ty. — Pensei que ele quisesse tomar a empresa dela.

Uma imagem do encontro da Sociedade Internacional do Rolo de Massa passou rápido perante os olhos de Rose — o modo como todos desprezavam Kathy Keegan.

— É um plano de apoio, para o caso do outro não funcionar — esclareceu Rose, finalmente entendendo. — Se as pessoas comerem Bolos Nobres e eles fizerem com que odeiem Kathy Keegan, ninguém sairá de casa para comprar uma caixa das Cucas de Cacau de Kathy Keegan, não é?

Os confeiteiros rosnaram, estremeceram e atiraram tigelas de metal, que caíram tinindo no chão.

— E já que agora só duas confeitarias têm permissão de operar no país, isso significa que as Tortas Tontas, as Bolinhas Brilhantes e as Rosquitas da Mostess são as únicas opções que sobraram — concluiu Sage. — Sacanagem!

Rose cheirou o frasco vermelho que continha o Objeto de Repulsa outra vez.

— Só não consigo entender o que é isso.

— De fato, parece Cuca de Cacau de Kathy Keegan — sugeriu Ty, espiando através do vidro vermelho do frasco. — Do tipo que já testemunhou dias melhores.

— É isso! — exclamou Rose. — As próprias Cucas de Cacau são Objetos de Repulsa! Foram putrefeitas, provavelmente com algum tipo de agente mágico que as fez apodrecer. Junte a coisa repulsiva na massa, e as pessoas que a comem começam a odiá-la. Muito.

Marge e os demais confeiteiros abriram cinquenta latas de glacê de baunilha e moldaram a maçaroca branca em algo que parecia ser um boneco de neve.

— O que estão fazendo com o glacê? — perguntou Rose.

— Uma efígie daquela *inútil*, a Kathy Keegan — esclareceu Marge.

— E o que farão com ela? — interrogou Ty.

Os olhos de Marge pareceram se inflamar.

— Queimá-la.

Rose agarrou os Apócrifos e os folheou, procurando um antídoto para os Rolinhos de Repulsa de Gagoosh Taghipoor.

— Ai, que coisa. Precisamos dar um jeito nisso antes que queimem o prédio.

CREME PARA TORTA DOS PAIS

Para esmagar as sementes do ódio e discórdia

A bela Dama Niloufar Bliss acolheu o bando de crianças itinerantes famintas que se afastaram dos pais com tanta violência. Criou uma tortinha de ameixa e embebeu o creme por baixo da fruta de AMOR MATERNO, extraído do pranto das mães rejeitadas do vilarejo de Masuleh. Quando as crianças comeram as tortinhas, choraram e correram de volta para os braços de suas mães em pranto, que lhes beijaram os rostos e se regozijaram.

— Onde conseguiremos Amor Materno? — questionou Rose.

— Puxa — pensou Ty. — Nossa mãe está a cerca de um quilômetro daqui. E ela nos ama. Muito.

— Certo — concordou Rose. — Só que não temos a chave da suíte. Acho que a vi no chaveiro do Sr. Butter, mas não há jeito de tirá-la de seu cinto.

— Deixem comigo — piou Jacques. O camundongo estivera observando os procedimentos de cima de uma das mesas de preparo. — Vejam, eu costumava roubar.

— Verdade?

— *Oui* — confirmou Jacques. — Roubava comida de lojas caras do mercado e as dava para os *pauvres*.

— Como o Robin Hood — analisou Ty.

— Era essa a *idée* — disse Jacques. — Mas fiquei criativo. No início, deixava batatas na soleira das portas. Depois, uma mistura de *légumes* e carnes. Finalmente, montava elaboradas cestas de presente com as coisas que roubava. Ficou um excesso. Os *pauvres* não precisam de latinhas de caviar e ostras defumadas. E as cestas eram tão pesadas, que tinha que juntar muitos camundongos para carregá-las. Então os camundongos começavam a comer o conteúdo das cestas — Ooooh, era uma bagunça!

— Mas a intenção era boa — concluiu Rose.

— *Absolument!* De qualquer modo, sou um ladrão bastante hábil! — Ele moveu as patas pelos bigodes, limpando-os. Hoje, quando o Sr. Butter entrar aqui, aquela chave será minha.

O Sr. Butter e o Sr. Kerr apareceram um pouco mais tarde. O Sr. Kerr vestia um conjunto esportivo aveludado roxo. *Quantos desses ele tem*? Rose se admirou.

Sage e Ty observavam do quarto de Rose, ocultos do olhar dos Srs. Butter e Kerr, enquanto Rose os cumprimentava na Cozinha Experimental.

Marge e os confeiteiros completaram sua estátua em tamanho natural de Kathy Keegan. Ela era muito parecida com a personagem desenhada no cabeçalho. Se os confeiteiros não estivessem motivados por ódio cego, bem que poderiam considerar carreiras como escultores e artistas.

— O que este boneco de neve faz aqui? — estranhou o Sr. Butter.

Em pé atrás de uma mesa de preparo de aço, vestia uma camisa azul-claro abotoada e calça azul-marinho. O mesmo molho de chaves grosso que Rose vira antes pendia de seu cinto e, ao observá-lo, notou uma chave com formato estranho, um bastão de bronze com um minúsculo rolo de massa ressaltado ao final, em ângulo de noventa graus. Ela tentou ver Jacques, mas não conseguiu vê-lo. Já Gus estava totalmente à vista, sentado em cima de uma geladeira. Ela dissera para o gato se esconder — o Sr. Butter, claramente, não gostava dele —, mas ele tinha opinião própria sobre onde deveria ou não estar.

— Esta é uma efígie de Kathy Keegan feita de glacê — esclareceu Rose. — Os confeiteiros estavam impacientes para queimá-la.

— Estão mesmo? — indagou o Sr. Butter aos confeiteiros, visivelmente encantado. — *Por quê?*

— Porque Kathy Keegan é *má* — respondeu Felanie.

— Como a música que toca em elevadores — acrescentou Melanie.

— Ou bolos de fruta de Natal — analisou Gene.

— Tentávamos expurgar esse rosto feio de nossas mentes — continuou Marge. — Queremos apenas pensar na Mostess — e em seus produtos alimentícios paradisíacos, perfeitos.

Teria sido um desempenho empolgante, pensou Rose, se fosse mesmo um desempenho. Diferente das outras vezes em que o Sr. Butter viera para verificar o progresso na Cozinha Experimental, desta vez os confeiteiros não fingiam. O Sr. Butter presenciava, em primeira mão, o verdadeiro poder destrutivo das receitas aperfeiçoadas, e ele estava *adorando.* Seus olhos bem abertos brilhavam e suas bochechas estavam rosadas, assim como o topo de sua careca. Era como um menino de escola. Um idoso e estranho menino de escola.

— Gostaria de fazer várias perguntas — disse ele, usando os dedos para pentear um cabelo inexistente sobre o escalpo lustroso. — Só para ter certeza de que os Bolos Nobres são perfeitos.

— Qualquer coisa pelo senhor, Mestre da Mostess! — declarou Ning, fazendo mesura.

— Veremos se a receita foi mesmo aperfeiçoada — cochichou o Sr. Butter para Rose. Lily Le Fay foi capaz de atingir resultados similares, mas seus Bolos Nobres não eram suficientemente fortes.

Agora, elas são, pensou Rose. *Graças a Ty e Sage.*

O Sr. Butter apontou para Marge.

— Qual é o gosto das Cucas de Cacau de Kathy Keegan?

O rosto de Marge demonstrou repugnância: — Ovos podres e desapontamento!

Ele apontou para Melanie e Felanie:

— Qual é a sua predileção em relação à Kathy Keegan?

— Que podemos acertá-la na cabeça com um rolo de massa — se voluntariou Melanie.

— E esbofeteá-la na cara com uma assadeira — completou Felanie, acenando firme a cabeça.

O Sr. Butter continuou a percorrer a cozinha até parar diretamente diante de Gene.

— Onde acha que Kathy Keegan mora?

— No esgoto — respondeu. — E é onde ela prepara seus produtos.

Finalmente, ele gesticulou para Jasmine e Ning.

— E o que fariam se encontrassem Kathy Keegan na rua?

— Correria! — berrou Ning.

— O mais rápido e longe possível em direção oposta à dela! — respondeu Jasmine.

— Ou construiria uma prisão com Tortas Tontas e Bolinhos Brilhantes e a trancaria dentro — concluiu

Ning.

— Srta. Rosemary Bliss, a senhorita se superou — elogiou o Sr. Butter no momento exato em que Jacques apareceu no canto da mesa.

— Puxa, muito obrigada ao senhor! — agradeceu Rose, ansiosa em atrair sua atenção. *Agora, por favor, nos dê suas chaves para que eu possa ver minha mãe e transformar estes pobres confeiteiros de volta, exatamente do jeito que eram.*

— Em meros quatro *dias* você aperfeiçoou nossas Tortas Tontas, Bolinhos Brilhantes, Rosquitas e agora nossos Bolos Nobres! Até o final do dia de hoje, quando aperfeiçoar a receita original das Bolecas, todas as cinco de nossas novas e melhoradas PCIA's estarão prontas para serem produzidas.

Jacques andou na ponta dos pés ao longo da borda da mesa, colocando com cuidado uma minúscula pata rosada em frente da outra, quase alcançando o molho balançante de chaves no cinto do Sr. Butter.

— Kathy Keegan é, como sabem, o mal encarnado — afirmou o Sr. Butter.

Os confeiteiros vaiaram e aplaudiram enquanto Jacques, oculto aos olhos de todos, menos aos de Rose, esticou-se e tentou desenganchar a chave com o rolo de massa. Mas o Sr. Butter estava em pé poucos centímetros fora do alcance de Jacques.

Rose se aproximou da ponta da mesa de preparo em frente ao Sr. Butter.

— Sr. Butter, o senhor poderia inclinar-se para a frente?

— Por quê?

— Eu... eu estava pensando em raspar meu cabelo e gostaria de saber a aparência que terá, em cima. — Ela ergueu os ombros e sorriu. — É a moda agora.

O Sr. Butter murmurou algo e se inclinou para a frente, então seu molho de chaves tiniu sobre a mesa.

— Não é um corte de cabelo tradicional de garotas — comentou ele —, mas esses jovens de hoje!

Rose chegou à frente e passou os dedos pela superfície como cera da cabeça do Sr. Butter, observando Jacques, que desaparecera por baixo das dobras da camisa abotoada do homem.

— É tão... irregular — comentou Rose.

— É meu crânio por baixo da pele — explicou o Sr. Butter.

Um instante mais tarde, o camundongo emergiu, carregando a chave de formato estranho e Rose afastou a mão da cabeça oleosa do Sr. Butter.

— Obrigada — agradeceu. — Foi muito... informativo.

— De nada — respondeu o Sr. Butter, sorrindo. — Meu objetivo é informar.

Jacques atravessou a mesa galopando nas patas traseiras, carregando a chave do rolo de massa por cima da cabeça, feito um arremessador de dardo.

Ele estava quase do outro lado da mesa, pronto para ser recolhido por Rose e colocado no bolso de seu avental, quando foi avistado pelo Sr. Kerr.

— Rato! — berrou o Sr. Kerr e bateu uma tigela metálica sobre a mesa de aço, prendendo Jacques dentro.

Antes que o Sr. Kerr pudesse enfiar a mão dentro da tigela, Gus saltou de cima do refrigerador e aterrissou no ombro de seu agasalho aveludado.

— Ai! Estou sendo atacado! — gritou o Sr. Kerr, mirando um golpe ascendente em Gus em uma tentativa de derrubar o gato do ombro, mas Gus já saltara no ar, sobre as costas da jaqueta do Sr. Butter, agarrando-se como um bebê.

— Tire ele daqui! — gritou o Sr. Butter, e o Sr. Kerr correu para arrancar o gato das costas do Sr. Butter. Imediatamente, Gus pulou sobre a cabeça do Sr. Kerr e, de lá, sobre a geladeira. Enquanto isto, fazendo com que parecesse acidente, Rose virou uma pilha de tigelas sobre a superfície da mesa de preparo. Algumas caíram com a boca para cima, algumas emborcadas e outras no chão.

Quando o Sr. Kerr se virou de volta para a mesa de preparo, ele viu nada menos que sete vasilhas viradas.

— Em qual delas está o camundongo? — exclamou ele.

— Eu não lembro! — disse Rose. E era verdade — ela tinha esquecido sob qual delas se encolhia Jacques. — Acho que devemos esperar para ver qual delas se move — gritou ela, esperando que Jacques percebesse a dica e cutucasse a parede de sua prisão de metal, então ela saberia qual vasilha proteger.

Impaciente, o Sr. Kerr começou a desvirar as tigelas.

— Não vou ficar esperando por um rato imundo!

A tigela na frente de Rose se moveu um centímetro e ela a ergueu apenas o suficiente para Jacques se esgueirar debaixo dela para dentro de seu bolso do avental. — Nada aqui — gritou ela, levantando a tigela para mostrar aos outros.

O Sr. Kerr lançou a última das tigelas metálicas para o chão, sem camundongo algum à vista. Ele xingou a caminho do carrinho de golfe, tomou o assento do motorista, cruzou os braços e fez beicinho: — Tinha certeza de que o tinha pego! — reclamou.

Gus se soltou das costas do Sr. Butter e correu para longe, para os Alojamentos dos Confeiteiros.

— Se você não estivesse se saindo tão bem, Rosemary Bliss — criticou o Sr. Butter, seco — eu faria com que removessem o gato imediatamente.

— Não! — implorou Rose. — Ele é meu único elo com minha casa.

— Eu entendo que queira ter um vínculo com o local em que cresceu — respondeu o Sr. Butter, se aconchegando no lugar do passageiro do carrinho de golfe. — Garanta apenas que eu jamais volte a vê-lo.

Mantenha aquele animal enjaulado. E comece a mexer nas Bolecas agora. Estamos tão próximos de nosso sonho! Quando tiver acabado, hoje à noite, haverá uma recompensa maravilhosa aguardando você!

Quando o carrinho de golfe desapareceu sob o chão, Jacques esticou a cabeça para fora do bolso de Rose.

— *Merci*, Rose — agradeceu, sério.

— Os agradecimentos vão todos para você — retrucou Rose. — Conseguiu agarrá-la?

O camundongo ergueu o minúsculo rolo de massa entalhado com ranhuras.

— Estou com a chave!

Capítulo 14
O amor está no frasco

Com uma mão na direção, Ty acelerou o carrinho de golfe pelo labirinto de depósitos, afastando-se rápido dos ocasionais caminhões de entrega.

— Isto não é grande coisa para mim, *hermana!* — berrou ele para Rose, acima do barulho do vento. — Basicamente, sou um motorista dublê.

Sage sentou atrás, os braços enlaçados ao redor do engradado com frascos vermelhos vazios, a não ser por um pouco de creme de leite no fundo de cada um. Os vidros tilintavam e chacoalhavam à medida que o carro de golfe disparava.

Rose tomou o assento do passageiro agarrada ao painel do carro com uma mão, segurando firme a chave de rolo de massa com a outra. Lembrou do rosto amoroso da mãe, em forma de coração, com seu cabelo escuro selvagem encaracolado, sempre preso em um coque bagunçado como um ninho de andorinha em um salgueiro.

Sua mãe sempre sabia qual a melhor coisa a fazer. Haveria algum modo de escapar desta bagunça toda da Mostess que só Purdy poderia vislumbrar, se não estivesse trancada como Rapunzel em uma torre? Após terminar o antídoto para os Bolos Nobres, Rose tinha só mais uma receita a aperfeiçoar — as Bolecas —, mas o trabalho verdadeiro de causar a queda da Sociedade Anônima Mostess estava apenas começando. Não sabia como faria tudo sem a ajuda de seus pais.

Sabia, porém, que tinha que tentar.

Se libertasse os pais e escapasse agora, quem impediria o Sr. Butter e a Sociedade Internacional do Rolo de Massa? Ninguém. Tudo dependia dela. Primeiro, tinha que desfazer as receitas malignas que ajudara a

aperfeiçoar. Depois, tinha que achar um modo de derrotar o Sr. Butter. E *então* poderia libertar a si e a sua família, e talvez juntos pudessem reverter a nova lei das confeitarias.

— O que está pensando? — quis saber Sage, cutucando-lhe o ombro.

— Que será bom ver a mamãe — disse Rose.

— E libertá-la — acrescentou Sage. Rose, porém, não respondeu.

Ty encostou o carro em frente ao hotel em forma de torta, que parecia subir direto até as nuvens do final da manhã. Rose, Ty e Sage se esgueiraram pelo saguão vazio, que estava com ar condicionado tão forte, que Rose instantaneamente sentiu os braços arrepiados. O recepcionista adolescente ficou perplexo pelo reaparecimento de Sage e Ty.

— Olá novamente, Srta. Bliss — arriscou ele. — Vejo que os convidados das Crianças com Vozes Esquisitas estão de volta?

Rose limpou a garganta. — Humm, sim. É uma visita de dois dias, na verdade.

— E estão distribuindo frascos como cortesia? — perguntou o recepcionista, referindo-se ao engradado com doze frascos vazios que Sage apertava contra o peito.

— Meus *souveniressss*! — gralhou Sage em sua voz mais estranha, lutando para não derrubar os vidros. Ficou uma combinação esquisita entre uma senhora idosa e um recém-nascido.

O recepcionista acenou apenas, como se contente por sua voz não ser tão estranha.

Quando estavam todos a salvo no elevador, Sage, agradecido, baixou sua carga de vidros vermelhos no chão e Rose encontrou o pequeno entalhe em forma de rolo de massa na placa de bronze ao lado do botão que levava para o 34º andar.

Respirando fundo, inseriu a chave no pequeno orifício e ouviu aquele maravilhosamente satisfatório clique que as chaves sempre fazem quando se ajustam à fechadura. Rose virou a chave à direita, pressionou o botão, fazendo o elevador roncar e começar a subir.

— Assim que os libertarmos, nós vamos para casa? — perguntou Sage, enquanto a caixa de vidro subia mais e mais alto no composto Mostess.

Ty bateu no ombro da Rose.

— *Hermana,* se libertarmos mamãe, papai e Balthazar, aquele cara, o Butter, não descobrirá? E não pensará que você fez isto e não virá atrás de você?

— Nós vamos para casa e vamos libertá-los — respondeu Rose, olhando para fora, acima dos depósitos e da pequena casa onde o Sr. Butter cresceu, todos parecendo muito pequenos à luz matinal. — Mas apenas depois de termos destruído este lugar.

— Não podemos apenas ir para casa? — choramingou Sage. — Amanhã à noite haverá a luta inaugural

de balões de água de verão na praça de Calamity Falls e eu vou perder! Planejei ir o ano inteiro.

— Sage, nossa *hermana* tem razão. Pense bem — continuou Ty. — Se escaparmos, eles zumbificarão aquela senhora desenhada, Kathy Keegan, e então arruinarão o resto do país. Somos os únicos que podem impedi-los. E não poderemos fazer isso deixando mamãe, papai e Balthazar por aqui.

— Mas *precisamos* da mamãe, do papai e do Balthazar para nos ajudar a impedi-los — protestou ele, carrancudo. — Isto é grande demais para fazermos sozinhos.

— Não, não é — discordou Rose, quando o elevador sacudiu e parou no trigésimo quarto andar. — É por isso que trouxemos os frascos.

As portas se abriram e Rose conduziu Ty e Sage pelo corredor forrado de pelúcia, passando pelas portas elegantes de madeira, até o quarto 3405. Para grande alívio de Rose, o buraco da fechadura tinha a forma de um rolo de massa.

— Está pronto, Sage? — Rose perguntou, e o irmão mais novo abriu os doze frascos vermelhos.

— Acho que sim — disse Sage, amuado, desenroscando o último vidro e erguendo o engradado nos braços.

Rose girou a chave e a porta da suíte se abriu.

Purdy, Albert e Balthazar estavam descansando em um sofá de veludo na sala de estar, vendo uma TV de tela plana cujo tamanho rivalizava com os das telas de cinema de Calamity Falls. Estavam rolando de rir com um especial de comédia *stand up* e pareciam muito relaxados.

Ao som do rangido da porta abrindo, surpresos, os três adultos viraram as cabeças. Albert saltou sobre o sofá como se pulasse obstáculos nos Jogos Olímpicos e jogou os braços em volta de Ty e Sage.

— Meus meninos! Como entraram? O que estão fazendo aqui?

— Vim dirigindo! — se gabou Ty. Balthazar, que caminhou do sofá com os braços estendidos, deu um tapinha nas costas de Ty.

— Bom garoto — elogiou ele e Rose notou uma ligeira umidade nos olhos normalmente cinzentos de seu tatara-tatara-tataravô.

Purdy passou os braços ao redor de Rose e beijou suas bochechas inúmeras vezes.

— Vocês estão bem! — exclamou Purdy. — Não consigo acreditar que estão bem! Estávamos tão preocupados! Mas onde está Leigh?

— Ela ainda está com a Sra. Carlson — explicou Sage. Ele se livrou de Albert e começou a tampar os doze vidros abertos.

Quando Purdy abraçou Rose, depois Ty e então Sage, em ordem, o tanto de creme no fundo de cada frasco ficou batido e cresceu, se tornando manteiga cor-de-rosa-pálido, repleto de amor por seus filhos.

— O que você está fazendo, Sage? — perguntou ela.

— Eu te amo, mamãe — respondeu ele, e ela o apertou com mais força. Ele atarraxou a tampa em outro frasco.

— E esses frascos, filho? — perguntou Albert, curioso.

— Precisávamos de Amor Materno — esclareceu Sage, fechando a última tampa do último frasco. — Como antídoto para consertar os confeiteiros na Cozinha Experimental. Eles comeram o Objeto de Repulsa e agora querem queimar Kathy Keegan.

— Ah, o Objeto de Repulsa, hein? — disse Balthazar. — Esse é bem ruim.

— Eles querem queimar alguém? — perguntou Albert, alarmado.

Rose explicou tudo o que tinha acontecido e que não fora capaz de dizer a seus pais antes — sobre o que o Sr. Butter a fez fazer, sobre o envolvimento de Lily, sobre como a Sociedade Internacional do Rolo de Massa pretendia escravizar o país.

— Venho fazendo antídotos a torto e a direito — concluiu ela —, mas preparei também todas essas receitas terríveis! Nada disso teria acontecido se eu tivesse recusado. Mas agora eu os ajudei.

— Você não poderia ter recusado, querida — disse Purdy, apertando as mãos de Rose. — O Sr. Butter não lhe deu alternativa. Ele te sequestrou e disse que nos machucaria se não o ajudasse. Você fez o que tinha que fazer. E você fez *bem*.

Mesmo extremamente chateada, ouvir que sua mãe não estava brava com ela, e parecia até orgulhosa, animou Rose.

— Então eles têm as receitas horrorosas? — indagou Balthazar com uma voz gutural. Os Apócrifos?

— Sim — respondeu Rose — e não. Eles têm algumas receitas em cartões que Lily copiou, mas eles não sabem que os Apócrifos estão aqui. Planejam dar algumas das receitas do mal para Kathy Keegan. Ela é a última concorrente, vão tirá-la fora.

— Eu pensei que Kathy Keegan fosse apenas uma caricatura! — comentou Albert, coçando sua barba ruiva desgrenhada.

— Aparentemente ela é real — respondeu Ty — e está vindo para cá. Então, sofrerá uma lavagem cerebral para se juntar à Mostess e, quando o fizer, não haverá nada que os impeça.

— Oh, meu Deus — lastimou Purdy, esfregando o rosto de Rose com as mãos macias. Então, para surpresa de Rose, a mãe simplesmente a olhou e perguntou: — Então, o que vai fazer a este respeito?

— Eu? — repetiu Rose. — Eu não sei o que fazer a este respeito! Achei que você ia me dizer o que fazer!

Purdy, Albert e Balthazar se entreolharam com as sobrancelhas franzidas.

— Claro que adoraríamos lhe dizer o que fazer, querida — apaziguou Purdy, ajeitando a franja negra da

filha —, mas nós estamos presos aqui. Não podemos ajudá-la com o preparo dos confeitos.

— Eu entendo — murmurou Rose com a cabeça baixa.

— Os guardas do Sr. Butter vêm nos ver duas vezes por dia e você é esperta o suficiente para entender que, se desaparecermos, o Sr. Butter descobrirá.

— Também entendo isso — concordou Rose, o queixo começando a tremer. Sua mãe sabia que Rose não a resgataria e estava em paz com a ideia. — Mas como podemos simplesmente deixá-los aqui?

— Você não tem escolha, querida — afirmou Purdy.

— Eu não sei quanto a esses dois — observou Balthazar —, mas estou aproveitando ter um pouco de tempo livre. Esta é a maior TV que já vi. Embora tenha que dizer que a comida aqui deixa muito a desejar. — Balthazar se jogou de volta no sofá e levantou um prato cheio de Bolecas, Tortas Tontas e os Bolos Nobres. — Não sei por quanto tempo mais conseguiremos sobreviver sem comer. Já faz dois dias, e estamos com muita fome. Então, apresse-se, garota.

— Mas não sei como impedir o Sr. Butter — lamentou Rose.

— Você descobrirá, meu amor — afirmou Purdy. — Sei que conseguirá. E não terá que fazer isso sozinha. Você tem seus irmãos, que fariam qualquer coisa por você.

Rose se afastou e olhou, suplicante, o rosto em forma de coração da mãe. Suas emoções pareciam uma massa de *cookies*, toda misturada, em redemoinho.

— Mas e se eles vencerem, mamãe?

— Tenho a nítida sensação de que isso não acontecerá — disse Purdy. Ela se levantou e trouxe Rose, Ty e Sage junto de si. — Tenho filhos muito especiais. Vocês são bons e espertos e tomam conta um do outro. Ficarão bem.

Rose enxugou as lágrimas com a manga de seu casaco branco de confeiteira. Sua mãe estava certa. Eles ficariam bem.

— Sinto muito que vocês não venham conosco.

— Ora, eu estarei com vocês o tempo todo — alegou Purdy. — Vocês têm o melhor de mim naqueles potes vermelhos. Usem-nos com sabedoria.

De repente, uma luz vermelha sobre a porta começou a piscar.

— Depressa! — exclamou Albert. — Isso significa que um dos guardas está a caminho para recolher nossos pratos! Vocês três têm que correr!

Com isso, Rose e seus irmãos tornaram a reunir os frascos, colocá-los na caixa, e escapuliram para o corredor, fechando a porta da prisão atrás deles.

Quando Rose e os irmãos voltaram para a Cozinha Experimental, encontraram os seis confeiteiros no

chão, amarrados feito trouxas, com barbante de uso culinário. Seus pulsos e tornozelos estavam presos, e as bocas tampadas com guardanapos de pano. Gus e Jacques estavam esticados ao lado deles, ofegantes.

— O que aconteceu? — arfou Rose.

— *C'est horrible*[16]! Começaram a dizer que nós os fazíamos recordar Kathy Keegan — arquejou Jacques. — Como posso ser uma reminiscência de uma mulher desenhada, *je ne sais pas*[17], mas isso é o que diziam.

— Nos perseguiram com facas! — reclamou Gus. — Não tivemos outra escolha senão amarrá-los com barbante de uso culinário.

— Como conseguiram fazer isso? — quis saber Sage, colocando os doze frascos cheios de Amor Materno na mesa de preparo.

— Não quero falar sobre isso — alegou Gus, abanando o rabo. — Digamos apenas que os gatos não costumam correr, e eu corri mais na última meia hora do que corri em toda minha vida, até agora.

Os confeiteiros rosnaram, fazendo sons borbulhantes através das mordaças.

— Por sorte, temos Amor Materno suficiente nestes frascos para curar um exército inteiro — comentou Rose fungando.

— Onde estão a Sra. Purdy e o Mestre Albert? — interrogou Gus. — E Balthazar, aquele pateta velho deformado? Não conseguiram entrar no quarto deles no hotel?

— Conseguimos sim — suspirou Rose. — Mas eles não poderiam vir conosco.

— *Comme c'est bizarre*[18] — exclamou Jacques. — Por que não? Será que não queriam ser resgatados?

— Querer, queriam — explicou Ty —, mas todos sabíamos que isso comprometeria a missão de derrubar a Mostess. Então, eles ficaram. Depois, quando finalmente conseguirmos dar conta do Sr. Butter e daqueles doidos do Rolo de Massa, vamos libertá-los.

— *Se* conseguirmos destruir seu plano — concluiu Rose baixinho.

— "Querer é poder", *hermana* — aconselhou Ty. — Vamos encher estes confeiteiros de Amor Materno antes que derrubem o prédio.

A receita pedia um lote da mesma massa de chocolate usada para os Bolos Nobres de Repulsa, mas, quando chegou a hora de adicionar o Objeto de Repulsa, Rose o trocou por uma colherada do cremoso e rosado Amor Materno de um dos frascos vermelhos. A massa de imediato espalhou aroma de rosas, roupa limpa e *muffins* quentes recém-saídos do forno.

— Tenho um bom pressentimento sobre isso — comentou Rose, aspirando os aromas reconfortantes de casa.

— Sinto saudades de Leigh — confessou Sage com lágrimas nos olhos.

— Eu sinto falta do meu gel de cabelo — disse Ty com a voz grossa, tocando o cabelo agora nada

espetado.

— Vamos, rapazes — pediu Rose. — Vamos fazer isso logo.

Eles assaram os Bolos Nobres à temperatura de seis chamas pelo período de tempo de sete canções e, pela primeira vez desde a chegada na sede da Sociedade Anônima Mostess, Rose e os irmãos realmente cantaram sete músicas. Sage insistiu em cantar *My Way*, *Fly Me to the Moon* e outras cinco canções de Frank Sinatra enquanto dançava em Gangnam Style.

— Assim é que se dança, confeiteiros! — exclamou ele.

Quando os barrotes de chocolate quente ficaram prontos e esfriaram por alguns minutos, Rose, Ty e Sage desamarraram os guardanapos dos rostos dos confeiteiros.

— Esse gato ruim me amarrou! — gritou Marge com raiva. — Esse gato podre da Keegan!

— Tome aqui, um pouco de sobremesa — disse Rose enfiando um Bolinho Nobre quentinho em sua boca. Ty e Sage fizeram o mesmo com os outros confeiteiros.

Ao mastigar o rolinho de chocolate, os olhos castanhos de Marge se suavizaram e as sobrancelhas subiram. Seu queixo enrugou-se e estremeceu.

— Não acredito!

— O quê? — se espantou Rose.

— Há anjos na minha barriga! — respondeu emocionada. — Sinto como se alguém tivesse envolvido meu coração em uma toalha quente! Como se meus membros fossem feitos de amor e mingau de aveia e meu cérebro fosse um ninho onde só as mais belas pombas fizessem seu lar carinhoso!

— Há apenas um minuto — contou Rose — você queria assassinar Kathy Keegan.

— Morda a língua, Rosemary Bliss! — rebateu Marge.

Rindo, Rose desamarrou o barbante que prendia os pés e os tornozelos de Marge.

— Como poderia eu dizer algo indelicado sobre Kathy Keegan? — indagou Marge, incrédula. — Ora, ela é uma das melhores mulheres do mundo!

— Como você sabe? — quis saber Rose. — Pensei que ela fosse apenas uma caricatura.

— Como alguém pode ousar falar algo ruim a respeito de Kathy Keegan, Deusa da Culinária! — exclamou Gene, desamarrando o último barbante dos pulsos.

— É um escândalo! — exclamaram Melanie e Felanie, sacudindo seus cachos loiros que combinavam. — Ela é a perfeição em pessoa!

— A Keegan permite que as pessoas *acreditem* que ela é apenas uma figura decorativa porque é modesta demais para aparecer em público — explicou Marge. — Mas eu sei a verdade. A prima da melhor amiga de minha mãe era sua assistente pessoal. Eu conheço a história toda.

— E qual *é* a história toda? — perguntou Rose acomodando-se em um banquinho perto da mesa de preparo enquanto os irmãos desamarravam o resto dos confeiteiros, a maioria dos quais agora chorava abertamente e queria ir para casa, para o abraço da mãe e um bom cobertor perto da lareira.

Marge marchou ao redor da mesa de preparo.

— A família Keegan vive no mesmo vilarejo em que trabalharam durante gerações em sua confeitaria. Era o final dos anos 1930, no auge da Grande Depressão. Os tempos eram difíceis para a maioria das padarias, mas não para os Keegan. A demanda pelas Cucas de Cacau Keegan era tão grande que não tiveram outra escolha a não ser expandir o negócio.

— Os Keegan jamais sacrificariam a qualidade colocando conservantes, encolhendo e plastificando os produtos — continuou Marge. — Assim, distribuíram suas receitas pelo país inteiro a centenas de pequenos confeiteiros que lutavam para se manter abertos. As confeitarias usavam o nome Keegan e suas receitas perfeitas e graças ao negócio conseguiram sobreviver e prosperar.

— Kathy Keegan está viva desde os anos 1920? — perguntou Sage. — Ela seria realmente idosa. Parece tão mais jovem no desenho.

— Não, não — riu Marge. — O nome *Kathy* é, de fato, um título dado ao confeiteiro mais talentoso em cada geração da família Keegan. Às vezes é um homem, o que é meio estranho, para ser sincera. Mas a pessoa que detém o título agora é uma mulher. *A Kathy.*

— Tipo o Dalai Lama? Perguntou Ty.

— Sim — respondeu Marge —, só que com cabelo e com queda por doces.

— Então Kathy Keegan é só uma mulher normal que adora confeitar? — averiguou Rose. — Não é uma caricatura falsa de propriedade de uma corporação?

— Ela não só *adora fazer doces* — explicou Marge, abanando-se com as mãos. — Ela *é* a atividade confeiteira. Está em seu sangue. Eu a encontrei certa vez. Está mais para baixinha, como eu, com mãos fortes. Sem querer, ela tocou o meu braço, aqui. Eu nunca mais o lavei. — Marge ergueu a manga e mostrou uma mancha preta, do tamanho de uma impressão digital.

— Pensei que fosse uma marca de nascimento — confessou Rose.

— Não — relatou Marge. — É fuligem de uma assadeira de *cookies* que queimei porque meu forno estava quebrado. Kathy o abriu e me ajudou a consertá-lo. Esse é o tipo de pessoa que é. Ela também tem cabelo castanho — não loiro como aparece em todas as imagens.

Houve um momento de silêncio enquanto todos pensavam sobre o tipo de pessoa que não só assa, como também conserta fornos.

— Temos que protegê-la — declarou Sage.

— Anotem o que digo — avisou Marge, erguendo um dedo grosso. — Se a Kathy Keegan vier aqui e comer os bolos aperfeiçoados Mostess, confeiteiros de todos os lugares perderão um tesouro nacional. — Ela fez uma pausa. — *Um tesouro.*

— Não se preocupe, Marge — sustentou Ty, em pé com os punhos nos quadris, como um super-herói. — Isto não acontecerá. Os Bliss resolverão o problema.

Marge olhou para Rose e ergueu uma sobrancelha.

— Isso deveria me tranquilizar, não é?

Capítulo 15
Um bocado de ganância devoradora

— Ok — disse Ty, esfregando as mãos. Era início da tarde e tinham só mais algumas horas para a receita final. — O que temos aqui?

— O PCIA final é o que deu início a tudo: a própria Boleca — disse Marge, tirando uma assadeira de Bolecas da geladeira.

As Bolecas pareciam exatamente com as que Rose vira na cúpula de vidro na sala acima da fábrica de produção: dois discos de substância tipo *cookie* de chocolate com glacê branco no meio.

— Quando assamos aqueles com a antiga Directrice, eles nos fizeram cair no chão. Não conseguíamos parar de chutar, era como se nossas pernas não estivessem sob nosso controle. Foi ruim, mas não parecia ser o tipo certo de mal.

— Vamos verificar o ingrediente mágico que a megera daquela bruxa usou — sugeriu Sage.

Marge procurou no armário da despensa e tirou um frasco vermelho com um velho pedaço de madeira nodosa dentro.

— Ela o trouxe aqui pessoalmente — contou Marge. — Nos fez sermos muito cuidadosos com ele. Disse que era muito antigo e delicado.

Rose espiou dentro do vidro. O fragmento nodoso de madeira parecia tão preto quanto um pedaço de carvão. E era como se estivesse se movendo. Quanto mais Rose observava, mais a madeira parecia pulsar, como se tivesse batimento cardíaco. Como se estivesse *viva*.

— É como se fosse de uma árvore — especulou Sage. — Uma árvore perversa.

Ty acenou com a cabeça.

— Deixe-me ver nos Apócrifos se há algo a respeito de casca de árvore, galho ou madeira.

Com os irmãos espiando sobre o ombro, Rose folheou os Apócrifos até encontrar algo na última página.

— Não é madeira — avisou ela. — É algum tipo de raiz de gengibre.

NO INÍCIO:

A MALDIÇÃO DO THRUMPIN[19]

Foi em 1699, no vilarejo escocês de Tyree, enquanto os irmãos Filbert e Albatroz, da longa linhagem de confeiteiros mágicos chamados Bliss, brincavam na floresta e encontraram um Thrumpin. Era a criatura mais rara e perigosa da floresta, por ser o espírito da morte. Ele cumprimentou os rapazes, que tinham flamejante cabelo ruivo, dizendo: — Aqui está uma raiz de gengibre para irmãos com cabelo da cor da flor de gengibre. — Entregou aos meninos a raiz nodosa de gengibre dizendo: — Não importa o que façam, não ralem a raiz para adicionar a uma leva de biscoitos de gengibre.

Filbert acordou no meio da noite certa semana para encontrar Albatroz na cozinha ralando um pouco da raiz nodosa de gengibre em uma tigela de massa para biscoito de gengibre.

— O Thrumpin avisou para não fazer isto! — exclamou Filbert, agarrando a raiz e a escondendo em um lugar onde Albatroz jamais poderia ir, que era o fundo do lago, pois Albatroz tinha medo de água.

Até o momento destes escritos, a raiz não foi recuperada do lago e a advertência do Thrumpin ainda é

válida.

Dizem que Albatroz comeu o biscoito de gengibre, mas jamais falou de seus efeitos, permanecendo assim desconhecidos até a presente data.

— Parece que pares de irmãos ruivos são uma constante na família — comentou Sage, estufando o peito como um tordo orgulhoso.

— Isto nem é uma receita! — reclamou Ty.

— Estranho — observou Rose, coçando a têmpora. — Ty está correto: *não é*, de fato, uma receita. Parece mais uma advertência. É claro, porém, que este tal de Thrumpin é perigoso.

— O que isso tem a ver com a Boleca, afinal? — perguntou Ty. — É chocolate, não gengibre.

— Tem razão — concordou Rose, encolhendo os ombros. — Não tenho certeza.

— Será que devemos usar a receita de qualquer modo? — sondou Sage.

— Talvez — respondeu Rose. — Mas não sabemos os resultados. Se mamãe e papai estivessem aqui, eles poderiam saber... mas eu... eu não tenho a mínima noção. — Ela parou, sentindo um vazio.

Então, teve uma ideia: talvez pudesse substituir apenas a receita genérica de biscoito de gengibre com chocolate da Confeitaria Siga Seu Deleite pelos *cookies* de chocolate da Boleca. Em relação ao ingrediente Thrumpin, não estava satisfeita em não saber o que provocaria, mas não acreditava ter outra alternativa.

Rose se voltou para os confeiteiros.

— Vocês disseram que quando Lily usou este gengibre, vocês acabaram rolando no chão, dando chutes com os pés?

— Sim — confirmou Gene —, mas não usou muito. Ela parecia nervosa. Polvilhou apenas uma pitada na massa.

— Isto pode ser ruim — estremeceu Rose. — Ruim mesmo. Isto pode ser a coisa que fez Albatroz começar a ser uma semente ruim.

— Nada poderia substituir as boas vibrações que sinto agora — ponderou Marge. — Com certeza, não uma raiz velha nodosa ressequida. O Amor Materno fez com que eu ficasse realmente no céu. — Ela jogou os braços para cima e vibrou. — Ora, Rosemary Bliss! A gente consegue fazer isso!

Gene liderou os confeiteiros batendo o glacê branco para o recheio enquanto Rose abriu o frasco que continha a raiz do Thrumpin.

Assim que desenroscou a tampa, um mau cheiro se espalhou pelo cômodo inteiro; lembrava uma mistura

de biscoito de gengibre com ovos podres. Rose imediatamente tampou o nariz com os dedos.

— Horrível, *hermana* — definiu Ty, se dobrando.

Rose destampou o nariz e, em vez disso, respirou pela boca, enfiou a mão dentro do vidro e tirou a madeira nodosa. Ela saltou em sua mão.

— Rápido — alertou ela os irmãos, lançando o gengibre sobre uma mesa de preparo. — Ralem um pouco antes que... bem, antes que ele faça o que ele faz.

Com os olhos lacrimejando, Ty e Sage ralaram a raiz proibida inteira do Thrumpin em um monte de pó fino de gengibre. O odor ficava cada vez pior até que todos tamparam as narinas enquanto trabalhavam.

Marge e Rose prepararam duas levas de massa de biscoito de gengibre e chocolate: arremessando tijolos de manteiga de tamanho industrial, sacos de cinco quilos de açúcar, cinco caixas de ovos, farinha e cacau em pó suficientes para encher uma caixa de areia e uma garrafa de tamanho de refrigerante de essência de baunilha em duas enormes cubas de aço inoxidável.

Fazia apenas quatro dias que trabalhavam juntos, mas agora Rose e os Confeiteiros da Cozinha Experimental eram uma equipe perfeita. Os sorrisos assustados que costumavam ter devido ao Sr. Butter tinham desaparecido. Também o asseio maníaco tinha desaparecido. Estavam mais bagunceiros agora, mas eram também confeiteiros mais eficientes. Sabiam o que fazer e não atrapalhavam uns aos outros. Estavam relaxados e concentrados em seu trabalho, e, de repente, Rose sentiu que sorria.

— O que é? — indagou Marge e se deteve com uma espátula de borracha na mão.

— Eu só... é que... todos parecem felizes — ponderou Rose, encolhendo os ombros.

— É claro que estão — afirmou Marge. — E é graças a você. Tudo o que nós queríamos era sermos capazes de fazer o que amávamos, e fazê-lo bem. Você é a primeira pessoa que nos permitiu sermos o que queremos ser.

Fazer o que se ama e fazê-lo bem — era tudo o que Rose sempre quis, também. Foi a razão dela se apaixonar pela atividade confeiteira, criar gostosuras que faziam as pessoas felizes em Calamity Falls que *a* fazia se sentir feliz.

Com as cubas batendo e balançando como betoneiras de cimento, Rose notou lágrimas grossas descendo pelas bochechas de Marge.

— Ai, Marge! O que há de errado? — se preocupou Rose.

— É o que está *certo*, Rose — respondeu Marge. — Depois de comer aqueles Bolos Nobres com Amor Materno, me sinto leve feito pluma. Finalmente, algo fez clique em minha cabeça. Primeiro, pensei que fosse uma restauração rachando em um de meus molares. Então percebi que era um clique *mental.*

— E do que se trata este clique mental? — esquadrinhou Rose.

— Eu não quero estar aqui — contou Marge. — De jeito nenhum. Este lugar, este emprego? Não é o meu sonho. *Gosto* do trabalho de confeitar e tudo o mais. Não tenho nada contra confeitar, e você é maravilhosa, mas trabalhando aqui pareço mais ser um peão de fábrica que confeiteira.

Rose sorriu — era verdade: a fábrica Mostess não era exatamente sua ideia de uma cozinha ideal.

— Mas até isto não vem ao caso — continuou Marge. — O caso é que meu coração pertence, agora e sempre, ao céu. — Olhou para cima, para o teto, e fez carranca.

— O céu, Marge? — indagou Rose, desconfiada.

— Deveria ter seguido meu sonho de menina de me tornar piloto de balão. Flutuar acima das árvores. Levar pessoas em lua de mel. Inspirar o ar puro dos céus acima das montanhas. É lá que devo estar. Lá em cima. Não aqui embaixo.

Marge se sentou ao lado de uma das cubas de massa de chocolate e apoiou o queixo com as mãos. Seu chapéu de confeiteira caiu no chão com um *pluft* suave.

— Bem, por que você não tentou ser... piloto de balão? — perguntou Rose, ficando de cócoras perto de Marge.

— Porque não tenho corpo para isso — explicou Marge. — Sou uma garota roliça. Sempre fui. Quando era jovem, meus pais me alimentavam com uma dieta de feijão de corda e peru cozido. Não perdia um quilo sequer. Eu lhes disse que queria me tornar piloto de balão. Eles riram e disseram que as pessoas comigo no balão provavelmente nunca subiriam. Eu tinha seis anos, mas entendi muito bem. Comecei a trabalhar aqui assim que me formei no ensino médio. Entendi que eu era adequada para trabalhar com bolos, pois parecia que eu comia muitos. — Marge fez uma pausa, seus lábios trêmulos. — E eu nem mesmo gosto tanto assim de bolos — confessou ela.

— Por que não se demite e não se torna piloto de balão agora? — sugeriu Rose.

— Não, eu jamais me demitiria! Estou muito velha e tenho muito medo do Sr. Butter — confessou Marge. — Ele me disse que faço parte deste lugar — contou, suspirando fundo. — É provável que esteja certo.

— Acho que você faz parte de qualquer lugar em que queira estar, Marge — corrigiu Rose, beijando a confeiteira na bochecha.

— Sabe de uma coisa, Rose? — concluiu Marge, dando tapinhas tão vigorosos nas costas de Rose que quase a derrubaram. — Você é uma boa amiga. É uma boa pessoa. Tenho muito orgulho em conhecê-la.

— Obrigada, Marge. — Rose considerou como teriam sido estes últimos dias sem Marge, então afastou o pensamento, pois era horrível demais para imaginar. — Tenho orgulho de te conhecer também.

Marge pigarreou e limpou o rosto com a manga.

— Tudo bem. Belo papo. Agora, gente, o tempo está passando e mal temos uma hora e meia para terminar esta receita. Vocês podem passar o gengibre para cá?

Ty e Sage se arrastaram para as cubas de chocolate carregando uma xícara de medida cheia de algo que parecia pó de serragem.

— Quanto será que devemos adicionar? — perguntou Rose. — Deve ser mais que uma pitada, pois foi quanto Lily usou, e não funcionou bem.

— Eu digo que jogamos tudo. *Todo el jengibre* — sugeriu Ty. — Isso significa *todo o gengibre.*

Antes que Rose pudesse protestar, Sage derrubou a xícara inteira de gengibre em uma das cubas com chocolate. A raiz ralada desapareceu em um redemoinho creme conforme a cuba continuava a bater.

— Acho que usamos mais que uma pitada — concluiu Rose. Esperava apenas que fosse essa a diferença que explicava por que a receita da Lily não deu resultados.

Meia dúzia de canções e algum tempo para esfriar mais tarde, a primeira fornada de Bolecas estava pronta para ser confeitada. Ty e Rose espalharam creme branco sobre seis *cookies* e cobriram com mais seis.

— Acho que é agora ou nunca — avaliou Rose. Ela imaginou os seis confeiteiros irrompendo em chamas, se transformando em pó ou simplesmente tombando e morrendo.

— Espere — berrou Sage. — Talvez não devessem *todos* comê-los. Já que não sabemos seu efeito.

— É — concordou Ty. — Talvez apenas um ou dois de vocês devesse comê-lo.

— Me excluam — avisou Marge. — Nunca gostei de gengibre. — Seu estômago fez um barulho audível. — Além disso, estou apavorada.

— Nós comeremos — avisou Gene, dando um passo à frente e puxando Ning com ele.

— Nós comeremos? — arfou Ning, tampando a boca com a mão, amedrontado.

— Sim — afirmou Gene, batendo nas costas de Ning. — É claro que sim. Somos confeiteiros, certo? Vamos agir como tal.

E, antes que Ning pudesse protestar, Gene enfiou um pedaço das nefastas Bolecas de chocolate e biscoito de gengibre de Thrumpin na boca de Ning e outra em sua própria.

Os dois ficaram imóveis um momento, mastigando o bolo. Rose, Ty, Sage e os outros confeiteiros olhavam, estupefatos. Rose não conseguia ouvir outro som na sala exceto a batida forte de seu coração.

Então, assim que Gene proclamou: — Estou bem! — seus joelhos se dobraram e ele começou a se contorcer no chão, em frenesi. Um momento mais e Ning fez o mesmo. Nenhum proferiu palavra, mas seus olhos estavam abertos, os rostos contorcidos em uma careta. Repentinamente, seus braços direitos se ergueram e começaram a chacoalhar. Então, os braços *esquerdos* apontaram para cima, como se estivessem apresentando algum tipo estranho de dança.

Aí, tombaram no chão e começaram a ondular como cobras.

— O que está errado? — perguntou Rose, correndo em direção aos confeiteiros que estavam deitados, presos em agonia.

Gene e Ning ficaram moles.

— Socorro! — gritou Melanie. — Eles parecem com espaguete molhado!

Rose caiu de joelhos e sacudiu os confeiteiros caídos.

É por isso que seus pais deveriam tê-la ajudado, pensou. Nada disso teria acontecido se tivesse trazido os pais de volta.

Após um momento, Gene e Ning se ergueram, olharam um ao outro e se ocuparam de se endireitar e arrumar as roupas.

— Acho que isto não fez nada — disse Gene.

— É, eu me sinto totalmente normal — concordou Ning.

Mas Rose conseguiu ver que seus olhos irradiavam um estranho brilho verde — um tom ameaçador, enfeitiçado.

Gene e Ning observaram a assadeira com as quatro rosquinhas restantes na mesa de preparo.

— Acho que deveríamos apenas... comer o resto — sugeriu Geme e puxou a assadeira para si.

— É uma boa ideia — concordou Ning, puxando a assadeira de volta para si.

Eles puxaram a assadeira para a frente e para trás, como um cabo de guerra, até que, finalmente, Ning enfiou os quatro *cookies* restantes na frente de seu avental.

Gene saltou sobre Ning e o imobilizou no chão buscando, colarinho abaixo, os *cookies.* Os dois continuaram a rolar e a se engalfinhar no chão.

— Passe os *cookies* para cá! — berrava Gene.

— Jamais! — rosnava Ning.

Gene arranhou Ning no rosto, deixando três cortes no rosto. — *Cookies, cookies, cookies!* — rangia Gene. Ning parecia ter sido atacado por uma pantera, mas não pareceu registrar nenhuma dor — ele simplesmente reagia dando cabeçadas em Gene.

— Separem os dois! — pediu Rose. — Eles não conseguem sentir dor! Vão se matar!

Ty agarrou Ning e o empurrou para o Alojamento dos Confeiteiros, trancando a porta. Gene continuou a dar voltas na área principal da Cozinha Experimental, bufando feito touro. Finalmente, investiu contra a porta do Alojamento com o ombro, sem parar, tentando quebrá-la.

— Aquela porta não vai aguentar — gritou Marge. — Precisamos curar estes caras! Já!

Desesperada, Rose releu a receita nos Apócrifos. Por não ser uma receita de fato, parece que ninguém

nunca inventou um antídoto. Concluiu que teria que inventar um na hora, antes que Gene e Ning se destruíssem.

Rose remexeu todos os frascos vermelhos que tinha ali, na Cozinha Experimental, separando frascos com mariposas brilhantes, pedaços de arco-íris e cogumelos falantes.

— Não sei o que fazer! — desesperou-se ela.

— É como se a raiz de gengibre incitasse irmão contra irmão — sugeriu Sage.

Por um breve segundo, Rose se lembrou de seus pais e Balthazar, presos naquele quarto de hotel. Eles acreditavam que ela conseguiria fazer isso. *Pense, Rose, pense...*

Então, teve uma ideia. *Irmãos* — repetiu Rose. Ela pegou um frasco com uma pedra ovalada que brilhava ao centro. O rótulo dizia PEDRA FRATERNA.

— Isto! — exclamou Rose, correndo para a segunda cuba de massa de chocolate. — O que faço com ela?

— Só jogue ela dentro — sugeriu Sage, e Rose a derrubou no poço de chocolate, ligando os batedores.

— E um pouco de gengibre, para dar gosto — disse Marge, adicionando um punhado de gengibre normal em pó.

Quando a pá gigante de metal girou a massa, a superfície se tornou como um espelho brilhante. Rose conseguiu ver dois meninos, ambos ruivos, vestindo camisas e calças antigas, dando um aperto de mão secreto, rindo muito, batendo os pés e girando. Então a visão escureceu, e a massa de chocolate voltou ao normal, exatamente quando Gene conseguiu arrombar a porta para o Alojamento dos Confeiteiros.

— Amarrem-nos — berrou Marge, buscando um pouco de barbante que Gus e Jacques usaram antes. Ela jogou um rolo dele para Jasmine, que começou a correr em círculos ao redor de Gene e Ning até que ficassem amarrados juntos, de costas, incapazes de se mover — como duas lagartas em casulos.

— Ufa — suspirou Jasmine, depois de dar um nó duplo e uma volta ao redor das cinturas. Ning e Gene não diziam nada, só lutavam para se libertar das amarras, acabando caídos no chão, inertes e silenciosos.

— Não tente fazer isto em casa — alertou Marge.

Depois que o cronômetro tocou e os *cookies* esfriaram, Rose enfiou um na boca de cada um dos homens enfurecidos. Eles mastigaram e engoliram, parecendo se acalmar; o brilho verde nos olhos foi se apagando e finalmente desapareceu.

Prendendo a respiração, ela os desamarrou.

Em vez de lutarem, Gene e Ning começaram o mesmo aperto de mão secreto que os dois garotos ruivos deram na visão de Rose na superfície de chocolate. Os confeiteiros riram, saltaram e bateram os punhos, como se tivessem coreografado a atuação inteira há anos e, quando terminaram, deram um grande abraço um no outro.

— Sinto muito, Gene — exclamou Ning, olhando os arranhões no rosto e braços do amigo.

— Eu também sinto! — disse Gene, apontando o enorme galo vermelho na testa de Ning. — Como foi possível lutarmos assim? Somos uma família, cara!

— Família — respondeu Ning e juntou o resto dos confeiteiros em um abraço em grupo.

— Adoro abraços — murmurou Felanie.

Rose colocou as Bolecas feitas com a raiz Thrumpin no carrinho envidraçado. Ela ergueu a redoma em forma de sino e colocou as Bolecas embaixo dela. No carrinho, ao lado deles, havia outras quatro redomas de vidro em forma de sino, sob as quais havia uma Torta Tonta, uma Bolinha Brilhante, uma Boleca e um Bolinho Nobre — amostras que a equipe preparou enquanto ela e os irmãos visitavam os pais.

Rose supervisionou os terríveis despojos de seu trabalho dos últimos dias. Estes cinco bolos de lanche, se reproduzidos, poderiam sozinhos arruinar o mundo.

Então, colocou uma Boleca antídoto na geladeira onde estavam armazenando os antídotos, para o caso de alguém precisar de um.

— E se cada membro da Sociedade Internacional do Rolo de Massa comesse um destes *cookies*? — cochichou Rose aos irmãos.

— É uma boa ideia, *hermana* — respondeu Ty. — Primeiro, porém, precisamos nos preocupar em consertar o Sr. Butter e não acredito que a Pedra Fraterna sozinha consiga fazê-lo. Ele é um doido varrido. Está focado em destruir o mundo sob seu domínio, como eu estou focado em ser adorado pelas mulheres de todos os continentes. E isto é *muito*!

— A coisa mais importante é assegurar que Kathy Keegan não coma qualquer dos bolos merenda mágicos dos Apócrifos — afirmou Rose.

Naquele momento, Gus e Jacques chegaram do quarto com janelas do andar superior, Jacques agarrado ao pelo da cabeça de Gus, como um marajá montando um elefante. Eles tinham tirado uma longa soneca antes, exaustos pelo papéis desempenhados nos eventos do dia. Agora, o gato saltou sobre a mesa de preparo e deixou Marge acariciá-lo.

— A única forma infalível de evitar que *eu* coma um lanche é me fazer ser uma pessoa diferente — raciocinou Marge. — É o que digo sempre.

Rose ponderou sobre isso olhando para o teto.

— É isso! Ninguém sabe como a Kathy Keegan é!

— Eu sei! — alertou Marge. — Eu te contei. Mais para baixinha, com mãos fortes. Cabelo castanho.

— Mas *Butter* não sabe disso! — retrucou Rose. — Pelo que ele saiba, ela parece com o desenho da embalagem: uma senhora alta, com mechas loiras.

— Onde vamos arranjar uma senhora alta com mechas loiras? — especulou Sage. — Quero dizer, Ty é tão bonito que poderia *parecer* com uma senhora alta. Mas ele não tem madeixas loiras.

Houve uma pausa desesperada. Então Melanie avançou, rompendo o abraço em grupo e ergueu os braços bem alto. — Eu tenho!

Felanie seguiu a irmã, segurando o topo da cabeça. — Eu também tenho!

Rose olhou uma e a outra gêmea, então ergueu as sobrancelhas.

— Vocês duas usam… *perucas*?

— Não — respondeu Felanie. E então, baixinho: — Só a Melanie.

— Não somos, de fato, gêmeas idênticas — explicou Melanie, o lábio inferior tremendo. — Somos fraternas. Mas gostamos de ser exatamente iguais, então… — Ela se voltou para que todos pudessem admirar seu cabelo loiro na altura do queixo. Então, ela o afastou da cabeça. Por baixo se via uma sombra de cabelo escuro raspado. — Meu cabelo natural é castanho.

Jasmine arfou. Rose ouviu Jacques cochichar: — *Sacré bleu!*[20]

— Geralmente eu só tinjo o cabelo, mas na semana passada eu estraguei o cabelo ao cortá-lo — confessou Melanie, com o lábio inferior tremendo. — Fiquei sem graça, então o raspei e encomendei esta peruca, para usá-la até que ele torne a crescer.

Rose olhou admirada Melanie recolocar a peruca loira. Então, observou o irmão mais velho, alguns centímetros mais alto que as gêmeas.

— Ty… — começou Rose — se você fingir ser Kathy Keegan, nós a protegeríamos. Ouvimos o que disseram na Sociedade Internacional do Rolo de Massa — ela vem *aqui*, à fábrica da Mostess!

— Nã-nã, nem vem! — respondeu Ty, erguendo os braços em protesto. — E além disso, como vamos evitar que a Kathy Keegan de verdade apareça?

Enquanto os confeiteiros se amontoavam tentando resolver isso, Gus saltou sobre uma das mesas de preparo, a cauda enrolada, e se inclinou para Rose. — Eu posso cuidar disso — cochichou ele. — O Caterwaul. Não deveria ser muito difícil.

Marge se encarregou de tudo.

— Equipe de confeitaria! Sujem esta cozinha para podermos enganar o Sr. Butter. Precisa parecer que criamos a guloseima mais poderosa — a Boleca contaminada com a raiz de Thrumpin.

Gene e Ning imediatamente começaram a espirrar a sobra de massa de chocolate pelas paredes, chão e teto da cozinha.

Marge pousou a mão carinhosa no ombro de Rose e disse: — Rosemary Bliss, você precisa tirar um cochilo. Parece que não dorme há dias!

É verdade, pensou Rose bocejando, embora tivesse acordado há poucas horas. Era só meio-dia, mas os últimos dias tinham sido mais que exaustivos.

Ela se esticou para pegar os cartões de receita e os frascos com Amor Materno, mas Marge tomou-os dela, dizendo:

— Deixe a arrumação conosco. Sei exatamente o que precisa ser feito com estas coisas preciosas. Talvez pela primeira vez na vida.

Aquilo era confuso, mas Rose estava cansada demais para se preocupar. Ao se encaminhar escada acima para uma soneca, ouviu a ordem final de Marge para Ty.

— E você, bonitão, precisa se arrumar para usar um vestido.

Capítulo 16
É barra!

Duas horas depois, quando as sirenes e as luzes vermelhas piscantes sinalizaram a chegada do Sr. Butter, Rose pulou da cama, esquecendo por um momento onde estava.

Em seu sonho, que se desvanecia rapidamente, estivera de volta em Calamity Falls e as luzes eram dos *paparazzi;* tivera um momento para reviver aquela manhã, há mais de um mês, quando desejou que tudo desaparecesse.

Mas então, quando acordou e despertou do sono, viu a cozinha através da janela e lembrou onde estava.

— Como gostaria de estar de volta, em casa — resmungou —, e que tudo voltasse ao normal.

De cima do aparador, o gato comentou:

— Lá vai você com seus desejos de novo! Já não te avisei a esse respeito? — ficando em pé, arqueou as costas, como uma sanfona.

— Desculpe — disse Rose —, eu acabo esquecendo.

— Está bem — observou Gus. — É um bom desejo. — Ele olhou para baixo. — É melhor você ir agora.

Rose agarrou o toque de *chef* e saltou escada abaixo exatamente no momento em que o Sr. Butter emergia sozinho da entrada no piso — sem carrinho de golfe, sem o Sr. Kerr. Vestia um terno azul-acinzentado forte com uma camisa listrada e sapatos pretos lustrosos, e estava tão saltitante quanto uma criança que sabe que está para receber um montão de presentes.

Ele examinou os destroços na cozinha: Gene e Ning deitados no chão, pressionando bolsas de gelo nos enormes vergões vermelhos nas testas. A porta para os Alojamentos dos Confeiteiros, rachada ao meio, no chão. E Melanie, tendo emprestado a peruca a Ty, revelou ser quase tão careca quanto o próprio Sr. Butter. Ty e Sage não estavam à vista.

— Maravilhoso! — celebrou o Sr. Butter, passando o dedo pelos grumos de massa de chocolate que cobriam a mesa de preparo, deixando-a limpa. — Parece que a nova Boleca melhorada mostrou a sua pior faceta, assim como todos vocês. Que bagunça! Mas tudo por uma boa causa!

Ele ergueu as mãos acima da cabeça e bateu palmas devagar.

— Vocês. São. Heróis! — anunciou ele. — A Sociedade Anônima Mostess lhes deve, a todos, um enorme débito de gratidão. — O Sr. Butter caminhou ao lado da fila de confeiteiros, abaixando para os deitados no chão, apertando as mãos de cada um. — Directrice Bliss. Maravilhoso. Marge, soberbo. Jas... mine? Sim. — Ele se aproximou de Gene e Ning. — Ping. Steve. Trabalho excelente.

Chegando perto de Melanie e Felanie, lutou para lembrar de seus nomes.

— Gêmea loira nº 1. Gêmea loira nº 2 — disse ele. — Bom trabalho — por um momento, observou o corte raspado de Melanie. — Gêmea loira nº 2, o seu cabelo não era loiro e comprido hoje de manhã?

— Ela me atrapalhou — respondeu Felanie, sem perder um segundo. — Então eu cortei seu cabelo.

— Muito bem — elogiou o Sr. Butter. Equipe da Cozinha Experimental, todos vocês trabalharam muito, mas ainda temos um pouco de tempo antes de a Kathy Keegan chegar! Ela estará aqui daqui a uma hora! Tratem de se limpar — vocês estão um caco! — E começaremos a comemoração em breve!

Marge conduziu os confeiteiros até os Alojamentos, agora sem porta, enquanto o Sr. Butter e Rose foram até o carrinho com redoma de vidro que continha os cinco sinistros bolinhos merenda.

— Eis aí a sua criação — ponderou o Sr. Butter, perscrutando as pequenas guloseimas.

Rose forçou um sorriso, mas por dentro estava confusa. As guloseimas não pareciam muito *certas*. A Boleca estava mais estreita do que deveria ser e a Bolinha Brilhante tinha um glacê de tom magenta peculiar do qual ela não lembrava antes. A Torta Tonta estava mais gorda no meio, como um disco voador, e o Bolinho Nobre mais longo que as regras especificadas pela Mostess. *Alguém mexeu nestas guloseimas* — percebeu Rose. Ela abriu a boca para dizer: — Estas não são...

— Não são algo que qualquer outro possa levar o crédito por ter criado — completou Marge detrás dela. — Nós, confeiteiros, gostaríamos de dar todos os créditos para nossa *Directrice*, Rosemary Bliss!

— Viva! — gritaram os confeiteiros várias vezes e Rose teria se emocionado se não estivesse tão enojada por saber o quanto esses bolinhos eram nocivos. Ela enxugou uma lágrima.

— Que emocionante — avaliou o Sr. Butter suspirando. — Agora, Senhorita Rosemary Bliss, tenho uma tarefa especial para você. Sua tarefa final como Directrice é entregar estas amostras à nossa convidada de honra: Kathy Keegan. Ela chegará aqui *esta* tarde. Ficará muito impressionada por sua vitória na Gala des Gâteaux Grands, acredito eu — tão impressionada que comerá qualquer coisa que você lhe dê sem perguntar.

— Não sei se consigo fazer isto — disse Rose, hesitante.

— Ainda estou com sua família naquela sala — lembrou-lhe o Sr. Butter, mostrando-lhe um punho. — Eles podem continuar a ser meus convidados, digamos que por um *longo* tempo. Como você!

Rose olhou para o chão.

— E não pense que não saberei a diferença entre Kathy Keegan comer os bolos aperfeiçoados e alguma outra versão anterior de nossos produtos — alertou o Sr. Butter. Até agora você fez um bom trabalho, Senhorita Bliss, e você sabe muito bem o quanto seus confeitos deveriam... *exercer influência*, digamos assim. — Ele respirou fundo. — Se a Keegan não começar a se comportar feito louca no momento em que der a primeira mordida, saberei que me enganou e agirei de acordo. — O rosto do Sr. Butter se contorceu. — Estamos entendidos?

Rose assentiu com a cabeça.

— Agora, vamos preparar um prato especial, está bem? — sugeriu o Sr. Butter. Ele abriu as redomas e pegou cada uma das guloseimas: a Torta Tonta, a Bolinha Brilhante, a Rosquita, o Bolinho Nobre e o Bolo Boleca — e as colocou sobre uma bandeja de prata ornada com volutas esculpidas como caudas ondulantes de aves do paraíso.

— Eu levarei *esta* bandeja — avisou o Sr. Butter. — E você a dará a Kathy Keegan e ela vai adorar!

— Espero que sim — observou Rose.

Ela e Marge tinham um plano, mas não se sentia muito segura em relação a ele. Marge esconderia os lanches-antídoto em sua bolsa e, em algum momento, encontraria uma forma de trocá-los pelos bolos nocivos que o Sr. Butter dispôs na travessa. Desse modo Ty, disfarçado de Kathy Keegan, comeria os antídotos, que não fariam nenhum efeito nele. Mas ele *agiria* como se tivesse se tornado um zumbi assassino, facilmente controlável, para que o Sr. Butter não suspeitasse de nada.

Não era um grande plano, mas era tudo o que podiam fazer.

Enquanto isso, a Kathy Keegan *verdadeira* estaria a salvo em casa, comendo *bagels* sabor pizza em seu sofá, tendo sido alertada pelo Gus e o Caterwaul.

Rose ouviu o som de trombetas distantes.

— O que é esse barulho infernal? — gritou o Sr. Butter, apurando os ouvidos. — Quem está tocando trombeta? Há regras para que não haja música neste complexo!

Marge e os outros confeiteiros olharam o Sr. Butter aturdidos. Ninguém deles estava tocando trombeta.

O Sr. Kerr apareceu pela porta do alçapão no piso. Ele estava em pé na plataforma do elevador apertando o peito.

— Sr. Butter — chamou esbaforido. — Kathy Keegan. Ela está aqui.

— Já? — queixou-se o Sr. Butter, com a mão na cabeça. — Ela deveria chegar daqui a uma hora!

— Ela está adiantada — arfou o Sr. Kerr.

— Está bem! Vamos lá, Rose, Marge, se espremam na traseira do carrinho de golfe. — Os nós dos dedos do Sr. Butter ficaram brancos como osso, de tanto apertar a bandeja de prata de Bolos Merenda Mostess.

Marge piscou em segredo para Rose e afagou sua bolsa.

— Aqui vamos nós — lamentou Rose baixinho.

Ninguém conversou enquanto o Sr. Kerr conduzia o carrinho de golfe até o edifício principal da fábrica, onde Rose recebera instruções ao chegar à Mostess e onde vira o relicário para o Bolo Boleca.

— Rápido — o Sr. Butter apressou Rose e Marge, empurrando-as à frente pelas portas duplas de aço inoxidável. — A imprensa foi notificada! Tudo está para acontecer!

Dentro da fábrica, centenas de robôs em forma de polvo chiavam, batiam e zuniam ao redor, fabricando os PCIA's da Mostess. Moviam-se em perfeitas ondas sincronizadas, injetando o recheio nos bolos, selando os pacotes de celofane ao redor das Tortas Tontas. A fábrica era uma maravilha de coordenação mecânica e deixou Rose sem fôlego.

E então ela viu que os robôs eram controlados por uma equipe de cento e tantos confeiteiros vestindo luvas brancas mecânicas. Quando um confeiteiro fazia um gesto, todos os robôs na fabricação o seguiam.

— Surpreendente — afirmou Rose.

— Sim, é mesmo, não é? — sibilou o Sr. Butter. — Venha comigo. Precisamos estar no lugar antes que ela chegue lá.

O carpete vermelho de pelúcia fora desenrolado na largura completa do chão da fábrica. Os fotógrafos e repórteres foram distribuídos de um lado atrás de uma corda grossa de veludo e uma banda de trombeteiros estava parada do outro lado.

Os fotógrafos bateram fotos de Rose, Marge e do Sr. Butter marchando pelo carpete até uma luxuosa mesa de banquete armada no palco, diretamente abaixo da pequena sala de vidro com o relicário da Boleca. Após um momento, os fotógrafos ergueram as câmeras quando as portas duplas se abriram, as trombetas soaram e o brilho laranja do sol se pondo inundou a sala.

Os olhos de Rose se ajustaram rápido, mas tudo que conseguia ver era a silhueta de uma mulher alta deslizando pelas portas duplas e carpete vermelho. Parecia até que voava. As trombetas tocaram uma fanfarra e canhões de confete explodiram atrás dela em sequência de *bums* altos e coloridos.

As portas se fecharam e, de repente, Rose conseguiu ver melhor a cena toda: um carrinho de golfe se movia devagar pelo carpete vermelho em direção à mesa de banquete.

O motorista do carrinho era um rapaz de calções de smoking preto, uma camiseta, um toque de *chef* e

óculos escuros tão grandes que parecia um louva-a-deus. Sentado ereto, dirigia com uma mão no volante, o cotovelo descansando relaxado na porta do carrinho. Mesmo com o toque e os óculos escuros, Rose reconheceria aquelas bochechas rechonchudas e rosadas em qualquer lugar: o motorista era Sage.

Em pé no carrinho, como se fosse sua carruagem de fogo, estava uma mulher alta e esguia, com batom vermelho e cabelo loiro que sobressaía na altura das orelhas e se alongava até abaixo do queixo. Vestia um terninho de negócios azul-marinho, o tipo que seria usado por uma secretária de estado, e acenava apenas com o pulso, como a Rainha Elizabeth.

— Ela não é resplandecente? — cochichou o Sr. Butter.

Ela não é o meu irmão mais velho? pensou Rose.

A atividade no chão da fábrica estancou, pois os confeiteiros enluvados se perfilaram atrás dos trombeteiros e os robôs se posicionaram atrás dos confeiteiros que os controlavam.

— Senhoras e senhores! — gritou o Sr. Butter em um megafone. — Nossa principal concorrente, Sra. Kathy Keegan! Ela veio aqui hoje para discutir uma parceria entre a Corporação Keegan e a Sociedade Anônima Mostess —, as últimas duas confeitarias dos Estados Unidos. Por favor, se juntem a mim para saudar nossa estimada colega!

Quando os confeiteiros ergueram suas luvas brancas à testa em saudação, os robôs postados atrás também saudaram em uníssono com cada braço de um lado de seus corpos, com uma onda de sons de rangidos e batidas pela sala toda.

Sage parou o carrinho de golfe perto da mesa de banquete.

O Sr. Butter ajudou Ty a descer.

— Que entrada — disse ele. — Sra. Keegan! Minha querida, até parece uma rainha! E tão parecida com o desenho em sua embalagem! Que... estranha semelhança!

— Você é muito gentil — respondeu Ty, alterando sua voz normal. A voz não parecia feminina.

— Que... voz forte! — comentou o Sr. Butter. — E que presença de comando.

— Muito grata! — disse Ty, cruzando as mãos sobre uma pequena bolsa de paetês pendurada no ombro. — Adorei o que fez nesta fábrica. Tão brilhante! Todos os robôs e senhores e senhoras com suas luvas radiantes...

— Muito obrigado — agradeceu o Sr. Butter, olhando para Ty como uma aranha faminta observaria uma mosca. — De fato, aquelas luvas radiantes controlam os robôs. Pequeno sistema eficiente projetado pelos aqui presentes. Equipe, acenem para a Sra. Keegan!

A longa fila de confeiteiros acenou, para a frente e para trás, e os braços dos robôs tiniram, ressoando, ao acenarem para a frente e para trás também em uníssono.

— Que sistema brilhante — avaliou Ty. — É como um... grande videogame!

— Isto nos permite usar menos trabalhadores — explicou o Sr. Butter. — Esta é a nossa equipe líder de confeiteiros, todos os cem. Cada uma das fábricas no complexo emprega centenas de pessoas e essas centenas de pessoas controlam milhares de robôs. Um trabalhador, digamos, coloca glacê em um *cupcake* e ao longo da fila os robôs imitam seus movimentos.

— Fico *arrepiada* só em pensar nisso — declarou Ty, sacudindo as ombreiras.

— Veja — declarou com orgulho o Sr. Butter —, tive essa ideia certa noite quando...

Rose tossiu, temendo que o Sr. Butter continuasse o dia inteiro se ela não o parasse.

— Ah, sim — ponderou o Sr. Butter. — Como pude esquecer. Sra. Keegan, esta é a estimada Directrice de nossa Cozinha Experimental, Senhorita Rosemary Bliss!

Ty lhe lançou um olhar penetrante como se Rose fosse um chiclete no sapato.

— Quem é esta garotinha? — interrogou ele, com voz séria, tentando conjurar a essência de uma imperatriz da confeitaria.

Rose revirou os olhos.

— Rosemary Bliss — repetiu o Sr. Butter. Ela acabou de vencer a Gala des Gâteaux Grands em Paris.

— A mais jovem vencedora de *todos os tempos* — acrescentou Rose.

Ty ergueu os olhos para o teto, como se buscando na memória.

— Ah, sim! Acho que me lembro de ter lido algo a respeito. A garota que foi ajudada por seu irmão mais velho, incrivelmente bonito. Sim, lembro dele. E acredito que a menina também aparecia lá.

Ty apertou a mão de Rose e então o Sr. Butter lhe passou o prato com os bolos merenda sinistros.

— Dê-lhe os bolos — cochichou ameaçadoramente em seu ouvido.

Rose rangeu os dentes e ergueu a bandeja para Ty.

— Estes são para a senhora provar. São as nossas novas receitas.

Rose colocou a travessa na mesa de banquete e Ty apanhou a Torta Tonta.

— Como é perfeitamente... perfeita — avaliou.

Rose lançou um olhar inquieto por cima do ombro para Marge, parada na sombra, atrás do Sr. Butter. Marge acenou com a cabeça, alisou a bolsa enorme e ergueu o polegar em resposta. Rose não sabia como Marge ia conseguir trocar os docinhos de lanche, já que o Sr. Butter segurava a travessa o tempo inteiro, mas neste momento ela não tinha escolha, além de confiar e ter esperança de que tudo acabaria bem.

— Eles parecem maravilhosos — comentou Ty, observando Marge. — Mas, primeiro, deixem-me dizer que eu também trouxe algumas fatias de minha Cuca de Cacau de Kathy Keegan para compartilhar com a *sua* equipe. Podemos experimentar os produtos um do outro. É uma oportunidade e tanto para uma foto!

O que Ty está fazendo? perguntou-se Rose. *Não planejamos isto*.

— Mesmo? — surpreendeu-se o Sr. Butter. — Humm, bem! Acho que tudo bem.

Sage buscou na traseira do carrinho de golfe e tirou um engradado de madeira cheio de dúzias de minúsculas caixinhas, cada uma das quais continha o que parecia a Cuca de Cacau de Kathy Keegan. Todos os confeiteiros imediatamente tiraram as luvas e ficaram em fila ao redor deles.

— Venha, Sr. Butter — convidou Ty. — Vamos ajudar aquele pobre motorista do carro de golfe.

O Sr. Butter resmungou ao ser puxado por Ty em direção ao carrinho de golfe. Parou, a contragosto, com Ty e Sage, entregando a cada confeiteiro uma Cuca de Cacau de Kathy Keegan. Os confeiteiros da fábrica se puseram a comê-la, muitos deles com um doce sorriso após poucas mordidas.

— De onde elas vieram? — cochichou Rose para Marge.

As Cucas de Cacau não pareciam produzir efeito algum nos confeiteiros da fábrica além de deixá-los felizes.

— Nós assamos uma montanha deles enquanto cochilava — contou Marge sorrindo. Você deveria ir ajudar a distribuir as Cucas de Cacau.

Confusa, Rose se juntou ao Sr. Butter, Ty e Sage atrás do carro.

— Ei, posso pegar uma fatia também? — indagou um homem a Sage. — Não sou confeiteiro, apenas um eletricista, mas eu trabalho aqui.

— Claro — respondeu Sage, entregando uma caixa ao homem. — Estas luvas que vestem são maravilhosas. Como os diferentes robôs não ficam confusos com suas luvas diferentes?

— Ora — explicou o homem, com a fatia na mão. — Cada confeiteiro opera seus robôs em uma frequência própria. Com exceção do controle mestre, que o Sr. Butter mantém para si mesmo.

— Legal — avaliou Sage, pensativo. — Muito, muito legal.

Enquanto isso, Ty se ocupava em conversar com os repórteres.

— Quem foi sua maior inspiração, Sra. Keegan? — quis saber um jornalista.

— Ah, minha... avó — atrapalhou-se Ty. — E ainda Katy Perry. Além de Tony Hawk e vários outros atletas profissionais.

Foi aí que, com o canto do olho, Rose percebeu Marge se movendo para a mesa. Como um leopardo silencioso ou agente da CIA, Marge trocou todos os cinco bolinhos envenenados, jogando-os na bolsa de palhaço, pelos cinco confeitos antídoto. O Sr. Butter observava os repórteres, totalmente abstraído do que acabara de acontecer. Rose caiu na risada.

— E o que seria tão *esplêndido,* Rose? — investigou o Sr. Butter, amuado. Mas então sorriu de modo que Rose achou enervante.

— Nada — respondeu ela. — Só contente por quase termos terminado a entrega dos bolos de lanche. Minhas mãos estão se cansando.

Quando o último confeiteiro recebeu uma cuca, Rose seguiu o Sr. Butter até a mesa de banquete, onde ele se postou ao lado de Ty para posar para uma foto. O Sr. Butter segurou uma Cuca de Cacau de Kathy Keegan e Ty pegou uma Torta Tonta antídoto.

Os *flashes* pipocaram quando os dois confeiteiros executivos — um mais velho e calvo, outro mais novo, de peruca, e saia elegante — levaram os bolos à boca.

— Você primeiro — sugeriu o Sr. Butter.

— Ah, claro que não — sorriu Ty. — Por que você não come antes?

— A tradição manda as senhoras começarem, acho eu — observou o Sr. Butter. Ele parecia ansioso e inquieto.

— Em algumas partes do mundo, os homens começam — afirmou Ty. — Só estou contando.

— Vamos, comam já! — gritou Rose.

Mantendo o olhar um no outro, o Sr. Butter e o irmão mais velho de Rose aproximaram os bolos de chocolate mais e mais, até que as guloseimas quase tocaram seus lábios.

No momento em que Ty estava para morder a Torta Tonta, as portas duplas da entrada da fábrica se escancararam e uma mulher cambaleou para dentro, agarrando seu chapéu peludo, que parecia um abafador de chá.

— Quem diabos é essa? — se surpreendeu Rose.

Quando a mulher se aproximou, Rose pode ver que era baixa e atarracada e vestia um terninho de saia muito parecido ao de Ty e que o chapéu que segurava não era um chapéu, mas um gato peludo cinza.

— ALGUÉM TIRE ESTE GATO DE CIMA DE MIM! — berrou ela, curvando-se para a frente, cambaleando pelo carpete vermelho.

O gato, que Rose imediatamente reconheceu como Gus, saltou da cabeça da mulher e desapareceu em um canto escuro atrás de uma profusão de correias transportadoras. O que pareceu um milhão de cliques de câmeras espocou de todos os fotógrafos.

— E quem você acha que é, para interromper esta majestosa cerimônia? — interrogou o Sr. Butter.

A mulher sacudiu a cabeça, endireitou o cabelo, alisou o terninho e marchou em direção ao Sr. Butter.

— Sou Katherine Keegan, é claro!

Capítulo 17
Vamos dar oito mãos ao rapaz

A sala ficou em silêncio — até os repórteres ficaram quietos.

O Sr. Butter olhou fixamente a mulher baixa de cabelo castanho como se tivesse descoberto uma ratazana morta no chão da fábrica.

— Katherine Keegan, com certeza! — gritou o Sr. Butter. — Katherine Keegan está bem aqui! — Ele afagou as costas de Ty. — Todos sabem que Kathy Keegan é uma loira alta e bonita! Então você, quem quer que seja, com seus delírios, pode ir embora deste complexo!

A mulher olhou com calma para o Sr. Butter e colocou as mãos nos quadris. Tinha boca pequena, o nariz bem moldado e sábios olhos castanhos.

— Sabe de uma coisa? Talvez eu tenha delírios, pois a caminho daqui um gato cinza com carocinhos dobrados como orelhas saltou sobre minha limusine e me avisou para virar o carro e voltar para casa. Em inglês! Então talvez eu *esteja* delirando! Mas não se engane: sou Katherine Keegan. *A* Katherine Keegan. E *essa* — ela apontou Ty — é uma impostora.

Ela se aproximou e olhou Ty de cima a baixo e bufou:

— Acho que descobrirá que essa "mulher" é, na verdade, um rapaz adolescente. — Ty arfou.

— Como *ousa*! É óbvio que sou uma senhora quarentona! Você, por outro lado — *você* é um homem de peruca!

— Certamente isto não é verdade! — retrucou a mulher.

O Sr. Kerr se esgueirou atrás da mulher e puxou o cabelo dela, que permaneceu em sua cabeça.

— Ai! — gritou ela. — Isso é meu cabelo, sua besta de calças bufantes de veludo!

— Chefe, o cabelo é real! — exclamou o Sr. Kerr. — Com certeza, é uma mulher!

O Sr. Butter fixou o olhar em Ty e este sustentou o olhar fixo. O Sr. Butter se esticou e agarrou o cabelo de Ty na mão e puxou, tirando-lhe a peruca da cabeça, revelando as pontas amassadas de seu cabelo ruivo.

— Ops! — exclamou Ty baixinho.

A fila de confeiteiros arfou e fixou o olhar em Ty.

— Não comam aquelas Cucas de Cacau! — gritou o Sr. Butter. — Só Deus sabe o que há nelas! Esta não

é Kathy Keegan — deve ser... — olhou para Rose e depois para Ty — o irmão de Rosemary Bliss!

— Acho que sou — disse Ty, encolhendo os ombros.

— Ty! *Fuja!* — berrou Rose.

Ty saltou do palco e galopou pelo carpete vermelho em direção às portas de entrada, com o Sr. Kerr nos calcanhares. Os fotógrafos, atarefados, tiraram fotos a torto e a direito.

O Sr. Kerr estava quase agarrando o irmão mais velho de Rose quando Sage gritou:

— Pare onde está! — ele enfiou as luvas que embolsara do escritório do Sr. Mechanico, aquelas com a inscrição MESTRE.

Ele apertou um botão em um aparelho de som que tirou da parte de trás do carrinho de golfe e os acordes imortais de *"Bad"* de Michael Jackson pulsaram nos alto-falantes. Sage, de shorts pretos de *smoking* e grandes óculos escuros, começou a dançar com tanto estilo, tanto carisma épico, que teria sido um maravilhoso vídeo viral se alguém o estivesse filmando.

Todos pararam e olharam, até mesmo o Sr. Kerr, até mesmo o Sr. Butter.

Mas não era apenas Sage que pulava e girava, fazia os passos de *moonwalk* e batia palma duas vezes. Os milhares de robôs que encheram o piso da fábrica também começaram a dançar, seguindo os gestos erráticos dos braços de Sage, disparando e travando na dança, cruzando as pernas e deslizando de modo elétrico. A sala foi inundada pelos sons metálicos de guinchos e tinidos dos motores dos robôs estalando, enquanto os confeiteiros buscavam abrigo.

Dançando e esticando os braços, Sage chegou a uma cuba gigante de massa de chocolate e todos os robôs o seguiram.

Sage enfiou a mão no chocolate amolecido e arremessou um punhado em direção ao Sr. Butter, e os robôs fizeram o mesmo, um punhado após outro. Quando Sage terminou, o Sr. Butter, Rose, Marge e os robôs estavam todos cobertos com uma fina camada de massa de chocolate. De algum modo, Kathy Keegan conseguiu ficar fora do caminho e totalmente limpa. E Ty não estava à vista, tendo escapado através das portas duplas.

O Sr. Butter limpou os olhos, revoltado, e agarrou Rose pelo colarinho do casaco de *chef*. Rose agarrou-lhe os punhos e tentou soltá-los, mas o magricela Sr. Butter era muito mais forte que aparentava.

— Basta! — berrou o Sr. Butter. — Você ama a sua irmã, rapaz?

Sage ergueu os olhos da cuba de chocolate e congelou.

— Tire essas luvas e as traga para mim.

Sage engoliu em seco, tirando as luvas. Ele se arrastou até o Sr. Butter e curvou a cabeça quando este as arrancou dele.

— E você! — exclamou o Sr. Butter. — O outro irmão!

Ty reapareceu pelas portas duplas. Ainda vestia o conjunto de jaqueta e saia azul-marinho, embora carregasse os sapatos de salto na mão. Ele abaixou a cabeça ao passar pelo amontoado de robôs parados, sem movimento, no carpete vermelho.

Quando o Sr. Kerr agarrou os dois rapazes Bliss pela parte de cima do braço, o Sr. Butter finalmente soltou Rose, que estava asfixiando e massageou o pescoço dolorido.

— Peçam desculpas à sua irmã por arruinar o que, sem dúvida, é o momento mais importante de sua carreira profissional — comandou o Sr. Butter.

— Desculpe, Rose — disse Ty, rangendo os dentes.

— Também peço desculpas — completou Sage. — Desculpe pela bagunça.

— Estavam com inveja da grande fama da irmã, não estavam? — sugeriu o Sr. Butter.

Kathy Keegan observava os procedimentos com os olhos apertados e incrédulos.

— Sim — concordou Ty. — Estávamos com inveja. Desculpe-nos.

— Está bem — disse o Sr. Butter, de repente, parecendo jovial. Ele respirou fundo e se aproximou da Kathy Keegan verdadeira.

— Meu Deus! — declarou, em voz falsa açucarada. — Que confusão horrorosa. É claro que eu sabia que havia algo errado, mas não queria estragar nosso encontro. Espero que me perdoe. Prometo que o resto do evento transcorrerá sem nenhum impedimento.

Ele estendeu a mão para ela apertá-la, mas Kathy Keegan manteve os braços dobrados na altura do peito.

— Deve entender o quanto isto tudo é estranho para mim — explicou ela. Sou convidada para vir aqui comemorar uma lei que não ajudei a criar e que não apoio. A caminho daqui sou atacada por um gato falante, que me avisa para fugir se tiver amor à vida, o que já é bastante bizarro. Mas ainda há mais.

— Ao chegar, encontro um adolescente de peruca me personificando e sou acusada de ser um homem. Então outro jovem perpetua um baile bagunçado de robôs. — Kathy Keegan soltou um suspiro exasperado. — Consegue entender que, neste momento, não estou nada inclinada a seguir a programação deste evento com a imprensa?

O Sr. Butter tomou a mão de Kathy Keegan e tentou beijá-la, mas ela a puxou.

— É claro, Kathy! — assegurou ele. — Posso chamá-la de Kathy?

— Não — negou ela. — Sra. Keegan fica melhor.

— Sra. Keegan — retomou o Sr. Butter. — Estamos *tão* felizes de tê-la aqui hoje, na Mostess, e ficaríamos *tão* encantados se pudéssemos continuar o evento, conforme planejado.

Kathy cruzou os braços.

— O que *é* o evento conforme planejado?

— Para começar, como uma pequena oferta de paz, gostaríamos de lhe oferecer uma bandeja com nossas guloseimas mais refinadas — disse ele. — Nossa *protégé*[21], Rosemary Bliss, vencedora da Gala des Gâteaux Grands...

— Sim, eu a conheço — contou Kathy Keegan. — Eu lhe escrevi uma carta convidando-a para trabalhar comigo, mas ela nunca me respondeu.

Rose queria gritar. É claro, eu teria escrito uma resposta *se soubesse o quanto era boa e o quanto a Mostess é ruim!* Mas se manteve calada.

— Nossa! — ironizou o Sr. Butter, sorrindo alegremente. — Que estranho! Que ruim de minha parte reunir vocês duas! Se eu soubesse que terror esta garotinha é!

— Está tudo bem — disse Kathy Keegan com um sorriso amável. — Tenho certeza de que ela esteve muito ocupada. É claro que ela valoriza seu trabalho aqui, então vocês devem estar fazendo algo certo.

Kathy Keegan piscou para Rose, e esta quis morrer.

— De qualquer forma — retomou o Sr. Butter — Rose vem fazendo um ótimo trabalho aqui. Ela aperfeiçoou as receitas de nossos cinco itens mais vendidos e gostaria de apresentá-los agora.

Quando Rose pegou a bandeja de prata, descobriu que suas mãos tremiam. Ela quase derrubou os confeitos no chão ao se aproximar de Kathy Keegan. Não conseguia olhar a famosa confeiteira nos olhos — estava envergonhada do que tinha feito, aperfeiçoado as receitas sem se esforçar mais para escapar ou encenar uma greve de fome ou *algo* que evitasse as nefastas receitas de virem ao mundo.

— Você está tremendo, querida — comentou Kathy Keegan. — O que está errado?

Fui sequestrada e forçada a participar destes planos malévolos desta organização maligna e queria apenas estar em casa; não posso te contar nada disso, pois este psicopata machucará meus pais! Rose queria berrar. Em vez disso, disse: — Nada, Sra. Keegan.

— Que tal colocar a bandeja na mesa — sugeriu Kathy Keegan, aproximando-se e cochichando em seu ouvido. — Também fico nervosa na frente das câmeras. Está tudo bem. Por que acha que coloco um desenho em minhas embalagens?

Se ao menos isto tivesse algo a ver com o medo do palco, pensou Rose, aliviada por colocar a bandeja de volta na mesa.

Ao menos Marge conseguiu trocar os confeitos, disse Rose a si mesma, quando Kathy Keegan se aproximou da bandeja e a observou. Agora Kathy Keegan estava para comer os bolos merenda antídotos em vez dos envenenados — mas ela não sabia que precisava agir como louca depois de comê-los. O que aconteceria com Rose e sua família após o Sr. Butter perceber que Kathy Keegan não estava ficando maluca?

— Parecem *maravilhosos* — elogiou a Sra. Keegan, radiante. — Parabéns!

— Muito obrigado! — respondeu o Sr. Butter. — Mas aqueles são apenas para amostra! As guloseimas reais estão seguras aqui dentro — ele puxou a bolsa de Marge do braço da confeiteira chocada.

O estômago de Rose se contraiu. O Sr. Butter havia visto Marge trocar os doces!

— Que tal eu comer estas amostras — sugeriu ele, puxando a travessa com os bolos antídoto para si — e você comer os bolos merenda *reais*! Ficará melhor na foto se ambos comermos a mesma coisa.

Rose sentiu os nervos à flor da pele vendo o Sr. Butter tirando os primeiros confeitos, os nocivos, da bolsa de Marge, dispondo-os sobre uma travessa vazia sobre a mesa de banquete.

— Qual é a diferença com estes? — indagou Kathy Keegan, examinando o novo prato de bolos merenda. — E por que estavam guardados em uma bolsa?

— São de melhor qualidade — explicou o Sr. Butter. — Eu emprego Marge aqui para manter a segurança em nossas cozinhas. E uma coisa boa também! De outra forma aquele impostor teria comido todo nosso esforço e estragado seu pequeno mimo. Você não está contente que eu notei esta pequena bagunça, Rosemary?

Rose tentou acenar, mas não conseguia se mover. Sentia como se jamais pudesse inspirar profundamente de novo.

— Venha cá, Sra. Keegan, fique em pé ao meu lado — chamou o Sr. Butter. Ele guiou Kathy Keegan para trás da mesa de banquete, onde ela poderia ver os bolos merenda — a Torta Tonta, a Bolinha Brilhante, a Rosquita, o Bolinho Nobre e o Bolo Boleca, todos preparados de acordo com a receita de Lily, todos aperfeiçoados por Rose.

Rose caminhou de lado até Marge.

— O que faremos, Marge? — cochichou. — O plano falhou. Eu falhei. Kathy Keegan se tornará um fantoche da Mostess.

Marge abraçou Rose e a puxou mais perto.

— Ouça-me, Rosemary Bliss — cochichou ela —, precisa aprender a ter um pouco de fé.

— Vamos começar pela Torta Tonta — sugeriu o Sr. Butter. Mas quando ele olhou para baixo, para a sua Torta Tonta, um minúsculo camundongo cinza estava parado ao lado dela nas patas traseiras, tocando uma música na flauta. Para ser exato, *Clair de Lune*, de Debussy.

O Sr. Butter olhou Jacques com espanto, esbugalhou os olhos e gritou: — Outro rato! — Cambaleou para trás, para os braços do Sr. Kerr, que caiu sobre Rose e a derrubou.

— Ai! — gritou ela.

O Sr. Kerr rolou e Rose se pôs de pé a tempo de ver Jacques fugindo, montado em seu fiel corcel felino,

Gus.

Parecendo aturdido, o Sr. Butter ficou em pé e observou seu prato. — Que coisa! — arfou, ajustando os óculos. — Por favor, ignore os eventos dos últimos três minutos, Sra. Keegan. Ultimamente tenho sido assombrado por aparições de camundongos. Vamos, só por segurança, trocar e começar pela Bolinha Brilhante.

Rose engoliu em seco, o coração disparando, observando o Sr. Butter esticando a mão e pegando sua Bolinha Brilhante antídoto. Kathy Keegan apanhou sua Bolinha Brilhante aperfeiçoada, envenenada.

Eles encostaram as Bolinhas Brilhantes como se brindassem com taças de champanhe em uma festa de Ano-Novo.

— Vira, vira, vira — brincou Kathy Keegan.

Quando os dois puseram as Bolinhas Brilhantes na boca, os *flashes* espocaram e Rose prendeu a respiração para aquilo que seria o pior momento de sua vida inteira.

Capítulo 18
Homens choram, sim

Fez-se silêncio na sala enquanto Kathy Keegan e o Sr. Butter mastigavam seus bolinhos.

Rose lembrou as reações malucas dos confeiteiros quando comeram pela primeira vez suas Bolinhas Brilhantes imbuídas do vácuo uivante da Bruxa da Névoa. Ela aguardou Kathy Keegan começar a rosnar e exigir com rancor mais, *mais*, MAIS Bolinhas Brilhantes.

Mas o som que ouviu foi totalmente diferente. Era um choro profundo, gutural, o som de uma alma dura se abrindo e deixando um pouco de luz entrar.

Rose abriu os olhos. O Sr. Butter estava caído sobre a mesa de banquete, soluçando feito um garotinho perdido.

Kathy Keegan examinou o Sr. Butter, confusa.

— O que aconteceu com ele? — indagou. — Isto é, eles são deliciosos, não me entenda mal, mas não sei se *choraria* por isso.

Rose tinha a impressão de que sua cabeça ia explodir. Por que Kathy Keegan não tinha sido afetada pelas receitas aperfeiçoadas? E por que o Sr. Butter estava chorando depois de saborerar os antídotos?

Rose puxou a manga de Marge.

— Que diabos está acontecendo? Por que a Kathy Keegan não enlouqueceu?

Marge deu um sorriso maroto.

— Eu aprontei um lote diferente de guloseimas lá na Cozinha Experimental — contou. — Enquanto você tirava um cochilo, e enquanto o resto da equipe preparava as Cucas de Cacau.

— Então Kathy Keegan está comendo bolos com antídoto? — quis saber Rose.

Marge fez que não com a cabeça, os olhos alegres.

— Não, ela está comendo a mesma coisa que o Sr. Butter.

— Mas por que o Sr. Butter está reagindo dessa forma? Por que ele está chorando em vez de correr e pedir mais Bolinhas Brilhantes? — interrogou Rose.

Marge observou, sorrindo, o Sr. Butter procurar, soluçando, um abraço do Sr. Kerr.

— Quero um abraço! — fungou o Sr. Butter. — Alguém poderia, por favor, me abraçar?

— Marge — pediu Rose. — Explique-se!

Marge pigarreou.

— Eu não poderia permitir que alguém comesse aqueles bolos Mostess nocivos. E a única forma de ter certeza era destruindo os bolos e as receitas por completo. Assim, enquanto você tirava um cochilo, me ocupei assando alguns bolos extras dos antídotos e coloquei uma porção cheia de creme de Amor Materno em cada um. Aqueles eram os bolos no mostruário e também em minha bolsa. Joguei fora todos os bolos e coisas daquelas receitas maléficas. Mas, como pode ver, os antídotos não afetam todos do mesmo modo. — Ela deu um leve sorriso. — Aprendi aquilo naquele livreto Apócrifo que deixou por aí.

Rose se jogou no pescoço da Confeiteira Chefe e chorou.

— Você é a maior, Marge! A maior!

— Dizem que o creme de Amor Materno preenche as lacunas onde falta à pessoa o amor de sua mãe — explicou Marge, dando um abraço gostoso em Rose. — Fica claro que Katherine Keegan foi amada a vida inteira. Já o Sr. Butter, bem, ele é um caso à parte.

— Você é um gênio — elogiou Rose. — Você salvou todos nós.

— Foi *você*, Rosemary Bliss — contestou Marge. — Bem, você e o Amor Materno com o qual você nos alimentou.

O Sr. Butter rolava para lá e para cá pelo chão, com os braços esticados.

— Eu sinto tanto! — soluçava. — Eu preciso me desculpar! Preciso enviar uma carta pessoal de desculpas para todos nos Estados Unidos por *cogitar* prejudicá-los.

O Sr. Kerr se ajoelhou ao lado do chefe e sacudiu forte o Sr. Butter pelos ombros.

— Jameson Butter! Pare com disso! Que diabos há de errado com você? Está morrendo?

— Morro de júbilo! De... amor! — gritou o Sr. Butter. — Coma um Bolinho Nobre!

O Sr. Butter entregou ao Sr. Kerr um dos barrotes de chocolate.

— Não estou com fome — respondeu o Sr. Kerr.

— Você tem que comê-lo! — berrou o Sr. Butter e enfiou o barrote inteiro na boca do Sr. Kerr.

— Veja só! — cochichou Marge para Rose. — Deverá ser uma visão diferente de tudo o que já vimos na

vida.

Ao mastigar o Bolinho Nobre, as sobrancelhas franzidas do Sr. Kerr derreteram em aparência de terno amor e ele tateou em torno buscando a coisa mais próxima que lembrasse remotamente uma mãe, que acabou sendo Kathy Keegan. Ele escorregou debaixo da mesa de banquete e se enrolou aos seus pés.

— Mamãe!

Enquanto os fotógrafos trabalhavam freneticamente e os repórteres esticavam os microfones, Kathy Keegan implorou:

— Alguém se importaria de me explicar o *que* está acontecendo? — perguntou, se livrando do abraço agarrado do Sr. Kerr. — Por que esses homens estão chorando? Por que há um gato falante e um camundongo que toca flauta? Por que este jovem fingiu que era eu? — Quando Ty recuou, ela sorriu. — Está tudo bem, honestamente, você fica bem de saia!

— Obrigado! — exclamou Ty.

— É uma longa história — disse Rose.

Kathy Keegan sentou na ponta do palco e puxou o prato com os bolos em sua direção.

— Não há nada que eu goste mais do que uma história enquanto faço um lanchinho.

Muito mais tarde, depois que os repórteres tiraram todas as fotos que queriam e foram para casa, após os trabalhadores terem sido dispensados e a equipe de confeiteiros voltar para as cozinhas para um descanso bem merecido, a Sra. Keegan sentou com Marge, Rose e seus irmãos à mesa de banquete na fábrica.

— Então não faria diferença quais bolos comeríamos — resumiu a Sra. Keegan.

No chão, diante deles, o Sr. Butter e o Sr. Kerr haviam caído em um sono agitado, nos braços um do outro.

— Era a única forma de ficarmos seguros — contou Marge a Rose. — Eu não conseguiria suportar a ideia de algo dar errado com o plano.

— Talvez não tivesse sido o melhor dos planos — comentou Rose.

— Foi muito engenhoso de sua parte, Marge, trocar *todos* os bolos — elogiou a Sra. Keegan.

Marge enrubesceu.

— Nossa! Não posso acreditar que Kathy Keegan disse que eu era *engenhosa.* Preciso de um minuto. — Ela respirou fundo e se abanou com o prato vazio.

— Ela é uma grande fã sua — explicou Rose à mulher.

— Parece que ela me salvou a vida — exclamou a Sr. Keegan —, então acho que eu também sou fã dela!

— Não fui eu apenas! — explicou Marge, hiperventilando dentro de sua bolsa. — Foi a Rose! Ela me deu a coragem para lutar por aquilo que considero correto!

Ao seu lado, Sage estava sentado com as luvas de mestre, os braços estendidos e cruzados na altura dos pulsos, as mãos balançando para a frente e para trás, como se montando um cavalo invisível. De algum lugar detrás dele vinha o som de vários membros segmentados repetindo os mesmos movimentos que ele.

— E o gato? Ele fala mesmo? — perguntou Kathy Keegan. — Ou eu já tinha sido envenenada por essas pessoas do Rolo de Massa?

Gus saltou sobre a mesa de banquete e se esfregou no braço de Kathy Keegan.

— Comi um biscoito mágico quando era jovem. E foi assim. Desculpe pelo susto.

— Está... tudo bem — respondeu Kathy Keegan, observando com cautela o gato cinza. — Simplesmente não é algo que se encontre todo dia.

— Espero que não — brincou Gus. — Tenho orgulho de ser diferente.

Jacques subiu e sentou sobre a cabeça de Gus.

— E você — disse Kathy Keegan, olhando Jacques com suspeita. — Você realmente toca flauta?

— Você gostou? — indagou o camundongo ansiosamente. — Pratico *Claire de lune* há anos!

— Foi bonito — elogiou Kathy Keegan, levando a mão ao coração. — Agora este grupo do Rolo de Massa, eles estão por trás do Ato da Grande Discriminação de Confeitaria?

— Sim — confirmou Rose. — Trabalharam todos juntos para que a lei passasse pelo Congresso. Pensamos que você fizesse parte também, já que beneficiou sua confeitaria.

— Eu não fiz nada disso — negou, horrorizada. — Não há discriminação contra grandes confeitarias! É a coisa mais boba que já ouvi. Vim aqui hoje para tentar convencer o Sr. Butter a ir comigo e pedir ao Congresso para derrubar a lei. É ridícula.

— Mesmo que tivesse convencido o Sr. Butter — advertiu Sage —, teria que lidar com os outros membros da Sociedade Internacional do Rolo de Massa.

Kathy Keegan se ergueu e deu alguns passos ao redor da mesa de banquete, depois pelo carpete vermelho, evitando os robôs dançando Gangnam Style.

— Sage — chiou Rose —, pare com isso!

— Se estas pessoas da Sociedade Internacional do Rolo de Massa usam mágica — considerou, por fim, Kathy Keegan —, então precisamos lutar contra elas *com mágica*. Tenho os recursos para lançar uma campanha nacional. Já fiz isso antes e posso fazer de novo. O que não tenho é habilidade mágica. Não uso mágica ao confeitar, apenas receitas que são muito, muito, muito boas.

Parecia com o apelo que o Sr. Butter tinha feito a Rose no início, ao trazê-la ao complexo Mostess e pedir que aperfeiçoasse as receitas — só que desta vez Rose tinha um sentimento de leveza e calma em seu coração. Sabia que Kathy Keegan tinha boas intenções.

— Se nos associarmos, poderemos derrubar o Ato de Discriminação da Grande Confeitaria e trazer a sua Confeitaria de volta ao funcionamento — raciocinou Kathy Keegan. — E então poderemos criar uma linha de produtos que tenha como alvo essas pessoas do Rolo de Massa, quem quer que sejam, e os cure de seu tormento e ganância.

Rose sorriu. Pensou que parecia ser uma ótima ideia.

— Você chegou a receber a minha carta? — quis saber Kathy.

— Sim — respondeu Rose. — De fato, ela até está aqui! — Ela puxou a carta amassada e rasgada do bolso de trás de seus shorts. Faltava a parte de cima e estava dobrada e manchada, mas ainda legível. — Tenho que avisá-la, não me dou muito bem com câmeras.

— Ah, não tem importância — riu Kathy Keegan. Sou terrível com câmeras também. — Você leu o outro lado?

— Outro lado? — perguntou Rose, balançando a cabeça e virando a carta que, como os Apócrifos, tinha seu próprio antídoto suave para o que fora digitado na frente. Havia um parágrafo escrito à mão, pela própria Kathy Keegan:

Querida Rose

Você é uma jovem notável e sua paixão pela

confeitaria é óbvia. Sei que é uma parte

insubstituível da Confeitaria de sua família, em

Calamity Falls, mas adoraria que viesse e criasse

alguma receita nova para nós. Apenas por uma

semana, se puder. Adoraria trabalhar com você,

Tchau,

Kathy Keegan.

— Uau — riu Rose. — Teria sido muito mais divertido que essa semana que passei aqui.

— A oferta ainda está de pé — avisou Kathy Keegan.

— Acho que preciso pedir aos meus pais e ao Balthazar antes — alertou Rose. — Gostaria de conhecê-los também?

— Eles estão aqui? — surpreendeu-se Kathy Keegan.

— Sim — respondeu Rose. — Temos apenas que resgatá-los.

— Se fizermos isso bem rápido — lembrou Sage —, poderei chegar em casa ainda a tempo da luta com balões de água.

Epílogo
Lady Rosemary Bliss

A gloriosa luz matinal de Calamity Falls se infiltrava pela janela do quarto quando Rose bocejou, acordando. Não sentiu nada diferente, mas *sabia* que estava diferente.

Olhando ao redor, viu Leigh roncando na cama, chupando o polegar e segurando um cobertor xadrez na outra mão, algo que a Sra. Carlson lhe havia dado durante o tempo lamentável em que ela viveu longe de sua família, na casa dos Carlson.

— Acorde, pequena. — Rose chamou a irmãzinha.

— Humm? — balbuciou Leigh da cama, os olhos ainda fechados. — Estou com sono.

Rose vestiu uma regata vermelha e *shorts* limpos, pegou Leigh no colo, ainda de pijama, e a carregou para baixo. Hoje seria um dia especial e estava ansiosa em comemorá-lo com a família.

A cozinha dos Bliss estava vazia. Havia uma pilha de cartas sobre a mesa, ao lado de uma cópia da *Gazeta de Calamity Falls*.

Rose depositou Leigh em uma cadeira da cozinha.

— Bom dia, Rosie — disse Leigh, a voz pesada de sono.

— Bom dia, Leigh — respondeu Rose, feliz por estar de novo com a irmã e de volta em casa.

Rose folheou o jornal. Uma manchete estava em destaque na primeira página, em letras gordas: ATO DE CONFEITARIA REVOGADO! Rose sorriu, sabendo que era questão de dias até a grande reabertura da Confeitaria Familiar dos Bliss. Rose acabara de voltar após uma semana passada com Kathy Keegan, quando discutiram planos importantes para o futuro e sabia que sobraram poucos dias de liberdade de verão antes do reinício das aulas. Ela pretendia aproveitá-los.

Rose deixou o jornal sobre a mesa, mas apanhou um punhado de cartões-postais com sua irmãzinha e saiu para o quintal, onde Gus e Jacques tomavam banho de sol em espreguiçadeiras em miniatura.

— Você já *experimentou* peixe? — perguntou Gus. — Como pode afirmar que despreza algo que jamais sequer provou?

— *Non mais jê revê*[22]*!* — rebateu Jacques. — Não acredito! Poderia dizer o mesmo sobre você e sobre

queijo!

— Como pode adorar algo que tem cheiro de pé? — não acreditou Gus.

— Como pode adorar algo que cheira como peixe? — contorceu-se Jacques.

Rose riu ao dar um passo por cima da dupla peluda.

— Rose! — chamou Gus. — Olhe! Fiquei bronzeado! — Ele deu uns tapinhas nos pelos da barriga cinza, revelando mais cor cinza por baixo. — Não dá para ver bem, mas estou mais moreno.

— Muito bom, rapazes — sorriu ela. — Vocês são realmente loucos por praia.

Rose continuou até o barracão e a árvore com o balanço de pneu, onde Ty e Sage lutavam — virtualmente, é claro.

Ty usava luvas brancas de controle de robôs e Sage outras. Ambos estavam em pé em lados opostos do pula-pula gigante e socavam o ar, enquanto dois robôs do complexo Mostess saltavam para cima e para baixo sobre o vinil preto, oscilando um em direção ao outro com braços acolchoados.

Pelo que Rose sabia, todo o complexo Mostess fora desmontado, os frascos vermelhos levados e destruídos sob a supervisão de seu tatara-tatara-tataravô.

O Sr. Butter e o Sr. Kerr, transformados pelo Amor Materno que Marge lhe dera, agora trabalhavam para Kathy Keegan, detalhando tudo o que sabiam sobre a Sociedade Internacional do Rolo de Massa. A Sociedade Anônima Mostess não existia mais, suas fábricas foram fechadas e os trabalhadores finalmente foram para casa.

Os robôs, entretanto, vieram para Calamity Falls com os irmãos de Rose.

O robô de Ty deu um soco no robô de Sage. Sage esquivou-se do golpe e seu robô caiu de lado do pula-pula, aterrissando em um amontoado na grama. Ele zumbiu, chiou e ficou inerte.

— Bom — comentou Sage, saltando em direção ao barracão. — Hora de pegar um robô novo. — Ele deslizou a porta para abri-la, revelando uma coleção de uns cinquenta robôs idênticos, feitos de metal. Arrastou outro para fora e o içou para o pula-pula.

— Sabe, você precisa ser mais cuidadoso — aconselhou Ty. — Um dia, ficaremos sem estas coisas.

Rose desviou o olhar para os cartões-postais. Um em particular lhe chamou a atenção. Era uma fotografia de uma mulher acenando de um balão. O balão estava tão longe que mal dava para ver seu rosto, mas Rose sabia exatamente quem ela era.

— Gente! Recebemos um cartão-postal da Marge!

Ty e Sage continuaram a trocar socos enquanto Rose lia o cartão em voz alta.

Queridos Rose, Ty e Sage,

Adivinhem qual é o meu novo emprego? Piloto

de balão! Ninguém nunca mais vai me segurar!

Se tentarem, simplesmente voarei para longe.

Beijos,

Marge

Rose apertou o cartão contra o peito.

— Vou emoldurar este — avisou aos irmãos.

— Ninguém conseguia segurá-la antes, tampouco — avaliou Ty, dando uma série de golpes que fizeram o robô de Sage aterrissar de novo em um monte de metal fumegante sobre a grama. — Ela só não sabia disso.

— Puxa vida! — reclamou Sage. — Preciso de umas lições de boxe.

Rose continuou a folhear os cartões-postais e parou em um sem nada escrito, de cor creme, com gravação em relevo de um rolo de massa prateado radiante.

Sentindo o sangue gelar, virou o cartão e leu a caligrafia inconfundível de sua tia Lily.

Só por ter feito o Sr. Butter ficar de bem com a

vida e destruído a Sociedade Anônima Mostess, não

significa que você derrotou a Sociedade do Rolo de

Massa. Até breve; beijos, L.

— Ty! Sage! — gritou Rose. — Vejam isto!

Ty e Sage largaram as luvas e se aproximaram. Passaram o cartão um para o outro.

— Cheira a flores — comentou Sage, levando o cartão ao nariz. — É dela mesmo.

— Melhor mostrar para mamãe, papai e para o Balthazar — sugeriu Ty.

Naquele instante, Albert e Balthazar chegaram na perua da família Bliss. A porta de trás se abriu e Purdy e Kathy Keegan saíram na entrada da garagem.

— E que tal se fabricássemos Não seja abelhudo? — perguntou Kathy Keegan. Seria uma ótima inclusão na linha de sobremesas Kathy Keegan. Atrapalhariam até os tabloides e os colunistas de fofocas.

— Porque o Enxame Pavoroso de Tubertine leva tempo para se regenerar — explicou Purdy com

paciência. — Estes ingredientes mágicos não podem ser obtidos em massa. É necessário usá-los com responsabilidade.

— Entendo — ponderou Kathy Keegan pensativa, coçando o queixo. — Desculpe-me, esta coisa toda de mágica é novidade para mim.

Rose entregou o cartão-postal à mãe.

— É de Lily — contou ela.

Purdy olhou o cartão e o enfiou no bolso.

— Não se preocupe com ela. Temos uma surpresa para você, Rose.

Purdy e Kathy puxaram Rose para a cozinha, onde Albert fechara as persianas, como da primeira vez em que ele mostrara o lugar secreto onde escondiam o Tomo de Culinária Bliss. Ty, Sage e Leigh as seguiram.

— O que está acontecendo? — quis saber Ty.

— Psiu! — cochichou Purdy.

A cozinha estava escura, com exceção de alguns raios de luz brilhando através das persianas. Balthazar entrou vindo da sala da frente e carregando um bolo cor-de-rosa com treze minúsculas velas fincadas no topo. Quando ele estava para colocar o bolo diante de Rose, ela conseguiu ver que elas eram, na verdade, treze Besouros Ofuscantes pairando acima do glacê, cintilando em cores diferentes.

— Feliz aniversário de treze anos, Rosie! — exclamou ele.

Ela havia esquecido que dia era. *Como pude esquecer?* Imaginou, já sabendo a resposta. Às vezes a vida se mostra tão agitada, que simplesmente perdemos a noção das coisas.

— Eu... esqueci — confessou ela.

— Hora de soprar os Besouros Ofuscantes! E não se esqueça de fazer um pedido!

Rose sorriu e soprou, e os Besouros Ofuscantes se espalharam em uma nuvem de faíscas coloridas que iluminaram o cômodo, enquanto todos bateram palmas e vibraram.

— Oba! — exclamou Leigh.

— Fez um pedido? — perguntou Gus lá de baixo, perto dos pés dela.

— Fiz dois — contou Rose, olhando para o gato lá embaixo. — Mas não posso contar o que são. Mas pode apostar que tive cuidado ao desejar.

Gus não respondeu nada, apenas ronronou e apertou o focinho contra sua canela.

Em uma de suas mãos, Albert colocou a chave em forma de batedor que abria a despensa secreta atrás da câmara fria; na outra, a brochura cinza das receitas questionáveis e seus antídotos: os Apócrifos de Albatroz.

— Por favor, Rosie, coloque-os de volta no lugar onde devem ficar.

Rose inspirou fundo e abriu a câmara fria. Os Besouros Ofuscantes a seguiram para iluminar o caminho,

como pequenas fadas, passando pela parede de ovos, leite, açúcar e chocolate. Ela puxou a tapeçaria verde na parede oposta e inseriu a chave em forma de batedor no buraco na porta de madeira. Abriu a porta e os Besouros Ofuscantes a seguiram para clarear os séculos de retratos da família Bliss que revestiam as paredes da sala secreta.

Rose encontrou a reentrância vazia na espessa contracapa do Tomo de Culinária Bliss, onde os Apócrifos eram guardados. Ela notou que uma nova receita fora adicionada na página final, em escrita cuidadosa:

BISCOITO DE GENGIBRE E CHOCOLATE DA FRATERNIDADE:

Para cessar a Maldição do Thrumpin

Foi no ano de 2014, no estado americano da Pensilvânia, que a Senhorita Rosemary Bliss, sob forte coação, criou um antídoto para o biscoito de gengibre preparado com o gengibre ralado ofertado de início a Albatroz Bliss pelo perverso Thrumpin.

Ela preparou uma massa de biscoito de gengibre e chocolate e adicionou a PEDRA FRATERNA, e em seguida os confeiteiros acometidos voltaram a experimentar um sentimento de fraternidade.

Rose quase soluçou ao ver seu nome impresso no Tomo Bliss de Culinária: *Senhorita Rosemary Bliss*.

Ela fora acolhida em uma tradição antiquíssima. Inventara seu próprio antídoto e era uma verdadeira confeiteira da família Bliss. A aparência de seu nome impresso naquela caligrafia antiga foi a visão mais linda de sua vida.

Rose fechou o livro e tornou a entrar na cozinha escurecida, onde sua família e Kathy a esperavam.

— Agora você é uma verdadeira Confeiteira Bliss! — exclamou Purdy. — Faz parte dos livros de história, querida.

Rose se jogou nos braços da mãe.

— Este era um dos meus desejos — cochichou ela, dominada pela emoção.

— Você nasceu para isso, querida — elogiou Purdy. — E o outro desejo?

Naquele instante exato, a porta da cozinha se abriu com um rangido. Rose espreitou do abraço da mãe e viu Devin Stetson espiando dentro da cozinha.

— Ora, desculpem. Não sabia que havia uma cerimônia ocorrendo aqui — disse ele. — Só queria saber se a Rose queria vir num passeio de bicicleta de aniversário.

Rose se voltou para a mãe. *Este era o segundo desejo*, queria dizer. Mas pensou melhor e resolveu manter isso só para si.

— Bom, Rose tem muita coisa para preparar — começou Balthazar. — Já que ela é uma confeiteira oficial da família Bliss.

— De fato — respondeu Rose —, acho que o mundo pode esperar um pouquinho.

Sua mãe beijou-lhe a cabeça e a soltou.

— Divirta-se, querida. Você merece.

E assim, na manhã de seu décimo terceiro aniversário, Lady Rosemary Bliss pedalou rumo à ofuscante luz do entardecer com os Besouros Ofuscantes soltando centelhas de luzes laranja, verdes e roxas atrás dela.

E ela não se sentia mais exatamente uma menina.

Em vez disso, ela se sentia quase como uma lady.

Notas

1 NBA é a liga de basquete americana. (N.E.)

2 Warren Edward Buffett, investidor norte-americano, é um dos (ou talvez o) homens mais ricos do mundo. (N.E.)

3 Instrumento musical que acrescenta um timbre de zumbido à voz da pessoa que o toca. (N.T.)

4 Agência do governo norte-americano que regulamenta a prática da ética nos negócios. (N.T.)

5 Nos Estados Unidos, aos 16 anos já se pode tirar carta de motorista. (N.E.)

6 "Nossa Senhora!" (N.T.)

7 *Site* de compras *on-line*. (N.E.)

8 Um tipo de torta de frutas. (N.E.)

9 "Tombadilho" é a parte mais externa e elevada de um navio. (N.E.)

10 O "Baile Sadie Hawkins" é uma festa que ocorre no final da High School. Nele, ao contrário do costume norte-americano, são as meninas que convidam os meninos para serem seus acompanhantes. (N.E.)

11 Data em que se comemora o Dia da Independência dos EUA. (N.E.)

12 Os jogadores de futebol americano costumam pintar uma faixa preta sob os olhos. Eles fazem isso para que o sol ou as luzes do estádio não os ofusque, mas também porque essa faixa lhes dá um aspecto assustador, como se fossem guerreiros indo para uma batalha. (N.E.)

13 "Exatamente." (N.T.)

14 Título de um conto tradicional em que um flautista tem o poder, com o som de sua flauta, de atrair os ratos de uma cidade. (N.E.)

15 *Gangnam Style* é o nome de uma música do *rapper* coreano Psy, um sucesso na Internet que é acompanhado de uma dança própria. (N.E.)

16 "Isto é horrível!" (N.T.)

17 "Eu não sei" (N.T.)

18 "Que estranho!" (N.T.)

19 Espírito guardião que, segundo alguns creem, todos possuímos e que tem o poder de nos tirar a vida. (N.T.)

20 "Nossa Senhora!" (N.T.)

21 "Protegida" (N.T.).

22 "– Não, mas imagino!" (N.T.)

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe por criar um refúgio seguro no qual escrevi este livro, pelas maratonas de filmes tarde da noite e por todas as verduras que você me comprou. Você me resgatou muitas vezes do Complexo Mostess.

Agradeço a Katherine Tegen, Katie Bignell, Amy Ryan e todos os *chefs* de livros na Katherine Tegen Books e da Harper Collins Children's Books, por acreditarem na família Bliss e colocá-la nas mãos dos leitores.

Este livro — e, na verdade, a série inteira — não teria existido sem a orientação paciente e a criatividade maluca de Ted Malawer e Michael Stearns da The Inkhouse. Sou muito grata por permitirem que eu contasse a história da família Bliss. Não há guloseimas suficientes no mundo para compensá-los.

Para Katherine Tegen,
que faz magia com livros.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Littlewood, Kathryn
Bliss [livro eletrônico] : um bocado de magia / Kathryn Littlewood ; ilustrações de Erin McGuire ; tradução de Marina Petroff Garcia. -- São Paulo : Moderna, 2014. -- (Série bliss)
13 Mb ; ePUB.

Título original: Bite-sized magic.
ISBN 978-85-16-09646-5

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
I. McGuire, Erin . II. Título. III. Série.

14-12377 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5